

YASMIM MAHMUD KADER
AUTORA DE 'TODAS AS NOSSAS PERFEITAS IMPERFEIÇÕES'

Nem todos os beijos



têm
gosto
de
inverno



Nem
todos
os
beijos têm
gosto
de
inverno

YASMIM MAHMUD KADER

*Para Gabriela,
que me pegou pelos dedos para
dançar enquanto o sol demora.
E que sei que vai estar aqui até a
luz do sol se acabar.*

NOTAS DA AUTORA

Nem todos os beijos têm gosto de inverno é uma história doce e delicada sobre depressão e em como alguns encontros podem não ser passageiros. O romance é ambientado na Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul, em uma cidade fictícia chamada Santa Conceição do Sul, que se passa no inverno de 2010.

Por ter uma personagem gaúcha, e ser ambientada em uma cidadezinha do interior, muitas expressões e termos veem do que chamam *gauchês*, bem como as narrações da Ana Júlia apresentam o *tu* ao invés do *você*.

Há no livro também assuntos sensíveis como menção à suicídio, menção à automutilação, lesbofobia, pensamentos suicidas, relacionamento abusivo e homossexualidade compulsória.

Leia com cautela.

Agora pega o teu chimarrão e tenha uma boa leitura.

*Quando você não espera vai doer.
E eu sei que vai doer.
E vai passar, como passou por mim.*

(Milonga – Fresno)

PRÓLOGO

para a garota dos meus sonhos

*Pois eu sei que você quer viver comigo.
Que você quer viver ao lado meu.
Até a luz do sol se apagar.*

Essa até pode ser a letra de *Eu sei* da Fresno, mas também é como eu me sinto quando penso em ti. Porque, como diz a canção: eu sei, eu sei como nunca imaginei saber. Que eu quero viver contigo.

E eu sei que tu quer viver comigo.

Como essa mesma letra diz, eu sou *sim* exagerada em minhas palavras. *Mas nos meus versos eu só encontro você...* (leia isso como se eu estivesse cantando para ti, como naquele dia em que só havia nós e o violão. Tu se escorou em mim porque queria esconder o quanto ficou sem jeito quando eu cantei para ti).

É verdade: como nos versos, em meus pensamentos só há tua presença, Catharina. Então, por favor, se estiver lendo isso agora, não vá. O inverno pode estar terminando. Mas nós não precisamos terminar. Não precisamos dizer adeus. Porque, como tu me ensinou que os beijos não têm gosto de inverno, quero te mostrar que a vida pode ser muito mais que dias passageiros, que o que vivemos não é passageiro.

Tu ficou comigo no inverno. Mas eu te quero também no verão.

Na primavera. No outono.

Não vá.

E para terminar, eu quero *sentir todos os sentimentos que ainda não senti*.

Porque *eu sei*, isso não pode ser o fim.

**de a garota que
nunca vai mudar**

CAPÍTULO 1

É clichê? É, mas quando Reação em Cadeia canta: “encontrei o inferno ao descobrir o céu” resume como foi beijar aquela garota.

Ana Júlia

Eu nunca desejei tanto algo como estava desejando que aquela garrafa parasse entre as pessoas certas.

Lara e eu.

Já era de madrugada e as coisas vinham ficando cada vez mais diretas entre a gente; e não era por pouco. Com todos nos empurrando uma à outra, não tinha como não perceber que eu estava afim dela. Já era coisa de meses: eu estava apaixonada por ela desde que a vi parar em frente à fazenda de Dona Catharina, me perguntar se aquele era o caminho da Serra Gaúcha e se estava em direção à Santa Conceição do Sul

Desde que ela se mudou para cá e que a encontrei em uma sexta à noite na Praça da Pedra, um dos pontos de encontro de quem queria beber e começar o final de semana, minha vida passou a inventar pretextos para colocar no caminho dela — que era só uma desculpa para esconder as minhas tentativas falhas de aproximação. Às vezes, eu a via no mercado principal da cidade; em outros momentos, no restaurante de seus pais ou até mesmo na minha antiga escola em que ela era voluntária como professora de matemática.

Mas a Lara-amiga não era o que eu queria. Para mim, o *amiga* precisava se tornar algo a mais.

Curte a vida primeiro, Anaju.

Não acelera as coisas, tu tá trocando os pés pelas mãos.

Tu não pode ficar planejando casamento com qualquer pessoa que tu beija.

Tudo que vem rápido, vai rápido.

A ideia era que eu não gostava de coisas passageiras... não conseguia me conectar e sentir qualquer interesse se não houvesse, de fato, um real interesse.

Por isso...

Essa porra de garrafa tinha que...

Ela parou de girar.

Não foi na gente.

Mas Lara simplesmente pegou a garrafa e colocou entre nós, um sorriso discreto e meio

ousado em seus lábios pintados de batom vermelho. Uma troca de olhar ligeira entre nós e a euforia dos demais. Do meu lado, Domenica me deu um cotovelo que me fez olhar feio para ela enquanto Lorenzo e Eduardo, amigos dela, me instigavam a pedir desafio.

— Verdade não vale porque a gente já sabe a verdade. — Domenica cutucou, e revirei os olhos. Só queria fingir que não estava nervosa e que minhas mãos não paravam de tremer.

Só para deixar claro: eu não era *BV* e havia beijado outras garotas.

Um assustador total de três garotas.

Três porque eu estava contando que beijaria Lara hoje.

— Na verdade, esse vai ser uma exceção nesse jogo. Eu vou desafiar a Anaju a ir lá fora comigo. — Lara comentou e provocou uma reação de *uuuuuuuuu* de todos. Eu não conhecia a maioria. Na verdade, conhecia de nome, mas não era próxima de nenhum. Eu costumava ter *amigos* na escola. Amigos entre aspas, bem grandes. Todos simplesmente sumiram quando me assumi.

Não era fácil sair do armário em uma cidade pequena.

Santa Conceição do Sul era um ovo: todo mundo conhecia todo mundo e todo mundo sabia que Ana Júlia Ribeiro beijava garotas por aí. E havia comentários não muito agradáveis de se ouvir. Minha única amiga era Domenica, apesar de todas as nossas diferenças.

— Vai logo, *emuxinha*. Sem falar de Fresno ou de músicas tristes, hein? — Domenica me empurrou enquanto Lara se levantava e me chamava. — E não esquece: não seja apressada. Tu não vai se casar agora. — Ela cochichou.

— *Cara*, cala boca...

Lá fora, o sereno caía e embaçava o vidro dos carros estacionados. Era a casa de Lorenzo, próxima à saída da cidade e no caminho para os outros municípios da serra. Era o final de junho e a temperatura estava começando a cair, o que prometia um inverno nada agradável. Nunca gostei da estação. Nada que fosse relacionado a frio, nariz entupido e garganta inflamada. E aqui, o frio não dava trégua. Eu já estava sentindo falta do verão.

Lara caminhou à frente. Ela estava com o cabelo loiro preso em um rabo de cavalo e usava uma tiara por cima dos fios. Eu me lembro que a primeira coisa que notei nela quando a conheci foi o formato de seu rosto e a cor de seus olhos. Ela não era daqui, não era gaúcha e muito menos brasileira, mas falava um português tão bem que era difícil acreditar que ela havia nascido em outro país. Tínhamos cinco anos de diferença, Lara era mais velha, mas menor, diferente de mim que era alta, desproporcional e magrela. Éramos como dois extremos: ela era extrovertida e direta; eu, atrapalhada e enrolada. Eu não sabia conversar enquanto Lara dizia sempre o que queríamos ouvir. Acho que me apaixonei primeiro por suas palavras. Ou talvez tenha sido uma soma de tudo. Da forma que ria baixinho do meu nervosismo. Do modo que me olhava de canto e passava a língua pelos lábios.

Coloquei a mão nos bolsos da minha calça de moletom e a segui pelo pátio, a lama sujando meus coturnos recém lavados. Um cachorro latia em algum lugar e a iluminação não ajudava muito — eu só esperava não pisar em nenhum animal no caminho. Santa Conceição era famosa por pequenos e sorrateiros invasores da mata ao redor.

Lara parou ao lado do carro dela, coberto de barro com um *me lave* e o desenho de um pênis de terra no vidro traseiro. Claramente feito por um homem. Ela se escorou no automóvel e abraçou o corpo como se tentasse espantar a brisa gelada.

Era quase três horas da madrugada.

Fiquei ao lado, fingindo olhar para os meus coturnos desgastados. Se há uma coisa evidente sobre mim: sou lenta e não sei dar investidas. Quando me descobri lésbica e me apaixonei por uma colega da escola, levei dois anos para fazer as coisas acontecerem; e se não fosse o empurrãozinho de Domenica, Isabella nunca teria sido a primeira garota que beijei e namorei. A primeira que me decepcionei também — a primeira de muitas coisas na verdade. De coração partido. De traição. De manipulação. De *tu-apressa-demais-as-coisas*, Anaju.

Mas superei.

Lara era o que importava agora.

— Não vai perguntar qual o desafio, Anaju? — Perguntou e meu coração disparou. Eu me virei e a vi me observando, um sorriso discreto no canto dos lábios vermelhos. Há meses eu queria saber como era beijar a boca dela, meses sem saber como investir ou expressar o que eu sentia.

— Eu aceito tudo com exceção de calcular logaritmos.

É claro que ela riu: Lara era uma ótima mentora de matemática. Os alunos e os professores na escola que estudei sempre a elogiavam. Levava jeito com os números. Com tudo. Era daquelas pessoas que levantava com os galos para correr (diariamente!) e estava de bom humor logo cedo. Era admirável, mas eu preferia manter o meu mau humor matinal.

— Ah, é fácil! Tenho que te ensinar... — Ela se ajeitou e ficou um pouco mais perto de mim. Um poste de luz estava sobre nós e eu conseguia ver com clareza o seu rosto corado. — Em troca você poderia tocar para mim.

Dei um risinho sem graça.

Eu adorava tocar violão — mas adorava tocar para as paredes, para o vazio. Ninguém me olhando. Ninguém me ouvindo. Só eu, as cordas e os acordes. Se alguém estivesse presente, simplesmente travava.

Domenica dizia que era tudo uma invenção e que eu tinha um violão só porque fazia parte do meu estilo.

— Hmm, talvez. — Sussurrei e passei a língua pelos lábios.

A garota observou a ação, os olhos em minha boca. Lara sabia como me deixar nervosa.

— Voltando ao assunto... aceita qualquer desafio?

Percebi uma intenção por trás da pergunta.

— Depende. O que tu tem em mente?

Lara cutucou a terra com os tênis.

— Tá frio, Anaju. O que é bom para o frio?

— Não ficar no sereno?

Eu não esperava ouvir um suspiro como se ela tivesse ficado frustrada.

Ótimo, Ana Júlia, sedutora como um pé de bergamota.

— Ai, Anaju... só você, sabia?

Eu o quê?, eu diria se ela não tivesse me puxado para um beijo. Um beijo, *sim*. Retribuí e deixei que a garota colocasse os braços ao entorno do meu pescoço enquanto descia minhas mãos até sua cintura. Lara ficou na pontinha dos pés, a diferença entre nós era significativa. Meu

um metro e oitenta quatro não era a média entre as pessoas daqui. Então, ficamos lá; madrugada adentro, no sereno, experimentando um beijo que já deveria ter acontecido e que eu antecipava há quase cinco meses.

Só que... sei lá?

Foi um beijo e só — e quando nossas bocas se separaram, eu não senti como se estivesse vitoriosa. Ela beijava bem, é claro (embora eu não fosse uma profissional, já que não foram muitas bocas que experimentei. Três com a dela). Mas tinha gosto de inverno... gelado. Se eu contasse a Domenica, ela provavelmente diria que eu estava tentando encontrar Isabella, minha ex-namorada, no beijo da Lara, como se eu não houvesse superado o nosso término. O que não era verdade.

Isabella e eu terminamos há quase oito meses.

Se eu ainda gostasse dela, não estaria beijando outra garota.

Estaria?

— Acho que esse é o seu charme... — Lara sussurrou com o rosto próximo do meu. Eu sorri, esperando que continuasse. — Ser um pouco *lentinha*.

Apertei os braços ao redor dela e a senti contra mim.

Lara tinha um cheiro suave de morango e baunilha.

— Se isso ajudou a gente a chegar aqui, então não me importo.

Ela fez um biquinho.

— Talvez? — E se inclinou em minha direção. — Me diga você mesma: vai continuar assim ou vai me dar outro beijo?

A resposta era um tanto óbvia.

Outro beijo, quantos fossem possíveis.

Sem pensar que era *um beijo e só*, sem lembrar do inverno no toque. Foram longos meses para chegar até aquele ponto e eu esperava que não fosse um ponto final.



— Toma todo o seu Nescau, Vi. Para de dar torrada para o gato, Vê!

Um resumo típico do início das minhas manhãs: arrumar minhas três irmãs para a escola. Verônica e Vitória eram gêmeas de dez anos que tinham tanta energia que se não as levasse em rédeas curtas, estariam penduradas no teto ou colocando fogo em alguma coisa. Já tentaram, de verdade. Diferente de Melissa, de treze anos, que estava naquela fase adolescente de se achar adulta demais para *coisas de menina*. As três tinham poucos traços do meu pai e lembravam mais a nossa mãe — se era possível chamar a mulher que nos abandonou quando Vi e Vê eram recém-nascidas de mãe. Infelizmente, eu era a cara dela, cuspida e escarrada. Desde o rosto mais alongado aos olhos grandes e castanhos. A única parte que eu gostava era o nariz; tão bem desenhadinho que, às vezes, me perguntavam se havia feito rinoplastia. A genética me fez economizar pelo menos dez mil reais.

— Para, Verônica! Anaju, olha essa guria! — Mel berrou e empurrou a Vê que ficava tentando misturar o resto do achocolatado com o café com leite dela.

Se não cuidasse, as duas terminariam se estapeando. Que era tão comum que eu não mais me irritava. Com três irmãs pequenas em uma casa de dois quartos, aprendemos que paciência era uma característica que precisa ser inata. Se não, era possível ter um infarto antes dos trinta.

— Meninas, apurem! Já tão atrasadas. — Respirei fundo, me certificando do horário no relógio de parede da cozinha. Que também era a sala. Que também era o maior cômodo dessa casa. Privacidade era uma palavra difícil de ser definida por aqui. Eu mesma não tinha nenhuma. Minha cama era o sofá da sala. As meninas ficavam no maior quarto enquanto meu pai dormia no menor, um espaço minúsculo com pouco mais de 2m².

Antigamente, eu dividia o quarto com minhas irmãs e dormia em um colchão no chão, mas com elas crescendo, acabou ficando pequeno demais para nós quatro. E sabe... preferia assim. As madrugadas na sala eram os únicos momentos que eu conseguia ter o mínimo de privacidade.

— Bom dia, minhas meninas. — Meu pai cumprimentou ao entrar pela porta da frente. Ele se levantava primeiro e ia até uma padaria no fim da rua para buscar o sanduíche de mortadela que comia toda manhã. Há quase quinze anos. Cresci vendo ele fazer isso e fui aprendendo a entender como tudo funcionava e percebi também o porquê da minha mãe ter ido embora.

João Miguel ainda falava de Luiza como se ela não houvesse o deixado com quatro filhas sem qualquer amparo. Às vezes, durante o jantar, ele se lembrava de um episódio passado e contava com tanto entusiasmo que fingíamos que aquela não era a vigésima ou trigésima vez que a repetia.

— Elas já tão prontas. — Eu comentei e peguei uma bolacha *cream cracker* entupida de margarina e enfiei na boca. Era como eu tomava o café da manhã: as pressas e cuidando das meninas. — Eu vou deixar elas na escola e depois volto pro trabalho. Dona Catharina pediu ajuda com as galinhas. Disse que o pato anda por lá e não deixa ninguém chegar perto dos ovos.

Ele assentiu e tirou o sanduíche da sacola, ocupando um lugar à mesa de quatro lugares. Eu peguei o meu café e me escorei na pia.

A casa era pequena, com paredes de madeira com tinta desgastada e móveis de doação, mas era nossa, sem aquela pressão de ter que pagar um aluguel absurdo. Santa Conceição do Sul poderia ser uma cidade minúscula nos confins da serra, mas que lugarzinho caro. O salário do meu pai, às vezes, não era o suficiente e comecei a trabalhar cedo para poder ajudar nas despesas. Eu me dividia entre o trabalho na fazenda de Dona Catharina e os bicos de fotógrafa de animais ou festas infantis. Não era muita coisa, mas dava para viver.

Eu estava conformada que passaria a vida aqui.

Embora sonhasse com uma vida um pouco diferente. Estudando algo ou me especializando em uma área. Um sonho bobo, impossível. Porque no fundo eu não me via longe das minhas irmãs e do meu pai. Gostava de cuidar deles.

Por isso eu estava sempre aqui. Não podia deixar a minha família.

Precisavam de mim e eu não me perdoaria se os abandonasse como minha mãe fez.

Dei o último gole no café.

— Já viram as mochilas? Colocaram os livros certos? — Olhei para Verônica que estava brincando com o gato. Ele era uma bola preta de pelos arrepiados. Tão ranzinza que preferia manter distância. Já fui atacada e não foi legal. — Vê, não esquece da tua lancheira. Tu também,

Mel.

— Não preciso mais de lancheira, Anaju. Ninguém mais leva na minha turma. Tem o bar da escola. — Ela torceu os lábios e terminou de passar uma camada grossa de *gloss* transparente. Sete horas da manhã e a garota com mais maquiagem do que eu já usei em vinte e um anos de existência. Mas se a deixava bem, tudo bem.

— Ah, sim, tu vai comprar com que dinheiro no bar da escola?

— Papai me deu duas notas de dois reais.

Olhei para ele e franzi o cenho.

João não se importou. Estava comendo o sanduíche e fazendo as palavras-cruzadas do jornal como se não houvesse um caos propagado por Verônica, Vitória e o gato mal-humorado delas.

Quando fiz menção de sair, meu pai chamou.

— Ana Júlia. — Ele e Dona Catharina deveriam ser as únicas pessoas que me chamavam assim. E eu sempre associava a algo ruim, pelo menos quando usado por meus amigos. — A Dona Catharina comentou hoje cedo se eu conhecia alguém que falava e entendia o mínimo de inglês. Ela tá precisando o quanto antes e falei de ti.

Eu amarrei o meu cabelo castanho enquanto ouvia. Era curto, acima dos ombros, e gostava de deixar os fios meio presos, apenas a parte superior, de modo que os fios ficavam caídos.

— Sabe o que é?

— O Vicente disse que tem relação com a filha que mora no Canadá. Sabia que eles falam inglês e francês no Canadá? — Papai largou a xícara e trocou um olhar comigo como se aquela informação fosse algo realmente desconhecido para mim. — Será que a filha de Dona Catharina não entende português? Mas se não entendesse, Dona Catharina falaria inglês e não estaria procurando alguém que...

Eu parei de prestar atenção nesse ponto. Peguei a mochila de Verônica, que havia corrido para o pátio, e chamei Vitória para me acompanhar. Melissa esperava na porta, braços cruzados e a cara emburrada. Se eu ficasse ouvindo as reflexões de João Miguel, perderíamos o horário e não seria a primeira vez que as meninas chegariam atrasadas porque meu pai ficou tagarelando.

O tempo para ele passava diferente.

Com um *tchau, pai, te amo*, peguei as meninas e as acompanhei até o caminho da escola.

No fundo, uma ansiedade desejada.

Era segunda-feira.

Dia de reforço de matemática.

Dia de ver Lara depois do nosso encontro de sábado à noite.



Para o conhecimento e espanto de todos: eu não tinha celular em pleno 2010.

Ou seja: sem mensagens instantâneas, sem conversas na madrugada, sem qualquer contato que não fosse o telefone fixo de casa. Bem como faziam os astecas e os dinossauros. Não porque era contra tecnologia ou precisasse me esconder do mundo. A verdade era que meu celular antigo caiu dentro do vaso — não recomendava colocar o bolso de trás da calça jeans. E não comprei outro para conseguir juntar dinheiro para minha câmera e o meu violão. Que custavam mais do que a minha vida.

Ah, por que tu precisa de instrumentos tão caros?

Razões bobas, mas ainda razões.

Música e fotografia eram as únicas coisas que eu realmente gostava de fazer. Passava horas com as letras das minhas bandas favoritas quando me isolava nos confins da fazenda. Além disso, em Santa Conceição não era comum ter eventos como casamentos ou formaturas com frequência; e o dinheiro que conseguia era de criadores de animais que anunciavam e vendiam para outras cidades e estados. Sim, eu tirava foto de cavalos, vacas e até ovelhas. O dinheiro era bom e ajudava a comprar o que era necessário para viver.

E no fundo, eu realmente gostava de tirar fotos e tocar violão. Era uma parte mais íntima minha; e, às vezes, depois do trabalho, eu caminhava pelas terras de Dona Catharina para pegar o meu horário favorito de luz: quando não se sabe se era dia ou noite.

Mas isso ainda não era um motivo para não ter um celular.

Pelo menos era o que Domenica e os outros diziam.

Depois de deixar minhas irmãs na escola, com Melissa reclamando que poderia ir sozinha, caminhei pelo pátio e fui até a secretária cumprimentar a Dona Inês, uma senhorinha que estava lá desde o meu ensino fundamental. Era baixinha, encolhida, mas com um olhar simpático e afetuoso.

— Bom dia, Juju. O que tu tá fazendo por aqui hoje? Não me diga que a Melissa aprontou de novo? — Ela ajeitou os óculos de armação moderna que usava. Dei um meio sorriso e coloquei as mãos no bolso.

— Bom dia, senhora. Não, não, eu vim fazer uma visita... a alguém. — Cocei a cabeça como se isso amenizasse o nervosismo. — A menina que dá as aulas de matemática para os alunos com dificuldade tá aqui ainda?

Ela ergueu uma sobrancelha, desconfiada.

Meu rosto queimou.

— Ela já saiu, Juju. Já faz uns dez minutos.

Pisquei confusa algumas vezes. *Já saiu?*, perguntei em silêncio. Estranhei e acreditei que houvesse um engano. Até porque Lara e eu havíamos marcado de nos encontrar na segunda, a única manhã que eu tinha livre do trabalho. Depois que nos beijamos e conversamos, ela me convidou para ir até seu apartamento, no centro da cidade. A garota morava sozinha e tivemos um pouco de privacidade. Não passamos de beijos, no entanto. Ela chegou a tentar, colocou a mão debaixo da minha camiseta, mas não aconteceu nada. Não consegui. *Não assim*. Expliquei que não sentia atração sexual como os outros e que raramente tinha essa necessidade. Ela entendeu (eu acho que entendeu?) e ficamos deitadas até pegarmos no sono. Na manhã de domingo, me despedi com um beijo e marcamos um encontro na escola após o estágio.

Parecia tudo certo demais para ela esquecer.

E foi ontem.

— Se quiser posso te passar o contato dela, Juju. — Dona Inês futricou nos papéis em sua mesa. — Não sabia que as duas se conheciam.

— Ah, não precisa não. Eu não tenho como ligar. — Se eu falasse *eu não tenho celular*, ela iria rir e dizer algo como: *esses adolescentes acham que nos enganam*. Adolescentes.

— Entendo. O que tu tem com ela, Juju?

— Nada. — Fiquei sem jeito. Bem coisa de avó que te questiona sobre as namoradinhas. — A gente só tá conversando.

— Sim, sim. — Dona Inês deu um meio sorriso. — Mas cuidado, tudo bem? As pessoas são maldosas, tu sabe.

Eu entendia o que ela queria dizer.

Sobre os comentários da parte mais conservadora da cidade sobre a minha sexualidade. Muitos achavam *horrível*, como se eu estivesse cometendo um crime que me levaria direto para o inferno.

— Obrigada, Dona Inês. Até mais!

Ela se despediu com um sorriso afetuoso e tomei o meu caminho.

A única razão que me vinha em mente para a ausência de Lara era de algum imprevisto que ela não teve como me avisar. *Ah, mas poderia ter deixado até um bilhetinho na direção*, pensei e fui até à saída da escola.

Não, Anaju, sem neura.

Minha bicicleta estava no estacionamento, era o meu meio de transporte pela cidade. Santa Conceição era pequena, pouco movimentada. As ruas eram tão pacíficas que muitos preferiam uma *bici* a um carro. Pelo menos quando não estava chovendo. E a gasolina estava aumentando, 2,50 o litro. Imagina se um dia chegasse a, sei lá, uns 7 reais? Não teriam mais carros por aqui, o que duvidava muito acontecer. O Brasil não se afundaria tanto assim.

Ajeitei a minha mochila nas costas e pedalei pela avenida principal — o *centrinho* como chamavam. Não apenas o centro de compras como também o endereço da única praça na cidade, a Praça da Pedra, onde se reuniam em sábados e domingos de sol, conversando e bebendo chimarrão. De noite, os mais jovens se juntavam para beber. Os mais jovens, vulgo, eu. Não que gostasse muito — ia mais pela companhia ou porque, dizia Domenica, queria achar *a garota dos meus sonhos*. Que eu me apaixonaria. Que eu me casaria. Que eu viveria em um apê com cinco gatos. Não era ruim se pensasse bem, mas quais eram as chances? Todas as minhas tentativas de relacionamento (falava como se fossem muitas!) começaram com *a garota dos meus sonhos* e terminaram com um chute na minha bunda e com um *Anaju, tu corre demais com tudo*.

Paciência.

Dobrei em uma esquina que dava para a rua do centro comercial que muitos chamavam descaradamente de *shopping* — um shopping sem cinema e com lojas pequenas que eram frequentadas apenas pela terceira idade. Mas tinha a praça de alimentação com uma pastelaria que lotava no fim do dia e algumas lancherias que lutavam para sobreviver com a concorrência. Poucas conseguiam. A maioria fechava em dois ou três meses após a inauguração. O restaurante dos pais de Lara estava entre os quais conseguiram criar uma clientela fiel para se manter. Vendiam macarrão caseiro, que parecia como qualquer outro macarrão, com a invenção de que era uma receita *supersecreta* que existia só na Itália. Óbvio que a população acreditava. 70% dos habitantes eram senhorinhas aposentadas e senhores que se sentavam no centro da cidade para

conversar, beber café e apostar no jogo do bicho enquanto seguravam o jornal do dia.

Isso quando não estavam dizendo algo que ofendia pelo menos vinte minorias porque “no tempo deles era diferente”, com aspas bem grandes.

Lara trabalharia com eles até o fim do ano. A intenção era se mudar para a capital e começar o mestrado. Não a julgava — todos os jovens saíam assim que era possível. A maioria ia para Porto Alegre, estudar ou encontrar um emprego por lá, desejando a agitação que não existia aqui. Muitos com que estudei na escola já estavam lá, mas eu ficaria por aqui. Joguei o pensamento para longe, não era hora e eu não precisava de uma frustração no começo da manhã.

Então, deixei minha bicicleta em uma área destinada a ela e caminhei pelo centro comercial até a praça de alimentação. Algumas pessoas perambulavam por lá, o movimento era fraco, mas recebi olhares de rostos conhecidos. A maioria não era bom. Poucos até sorriam discretamente. Mas no geral, eu sabia que fofocavam por aí sobre mim. Principalmente porque trabalhar na fazenda de Dona Catharina, um dos principais nomes aqui, era algo de se notar.

O restaurante, que também era lancheria, dos pais de Lara já atendia os seus primeiros clientes. Era um espaço pequeno com um balcão na frente e uma portinha lateral que dava para a cozinha. De cores que lembravam a bandeira italiana, uma originalidade absurda. Eu avistei Lara no caixa e um alívio preencheu meu peito. Era óbvio que tinha acontecido um imprevisto.

Pelo menos, foi o que pensei.

Quando me aproximei, acenei para ela, que dava o troco para um cliente. Lara franziu o cenho com a cara de quem não esperava a visita. Sabe quando é domingo de tarde e batem à tua porta no momento em que tu pensa em descansar? E recebe todos com um sorriso forçado e com aquele pensamento de *que-porra-eles-estão-fazendo-aqui-nesse-horário?* Era o mesmo. A diferença era que não era domingo, e sim segunda, e não era de tarde, mas de manhã. Nove e quinze, para ser mais específica.

Lara se virou e chamou alguém pela janelinha que colocavam os pedidos e desatou o avental de sua cintura, resmungando alguma coisa em italiano para a mulher que veio da cozinha. Ela não parecia contente.

Eu estava começando a ficar desconfortável.

— O que você está fazendo aqui, Ana Júlia? — O meu nome parecia um xingamento na boca dela. Era estranho de ouvir. Cocei a minha cabeça para disfarçar o meu nervosismo.

— A gente não tinha tipo um encontro?

— Encontro? — Ela estava com o cabelo em um coque preso por uma telinha. Estava arrumada como se estivesse planejado estar aqui desde o começo da manhã.

— Sim. A gente combinou no domingo de manhã, lembra? No seu quarto.

— Ah.

Sabe o *ah* de surpresa que pronunciamos quando esquecemos de algo importante ou excitante? Quase um gritinho fofo. Domenica era profissional neles. Lara não usou esse. Foi mais um *ah* de *putz, tu acreditou nisso mesmo?*, o que conseguiu triplicar o meu desconforto. Principalmente quando ela me puxou entre as mesas da praça e me levou até um canto em que a mulher que a substituiu não tinha visão.

— Sobre aquilo, não falei de verdade.

Ah.

E esse foi um *ah* de quem não está entendendo nada e que provavelmente vai quebrar a cara.

Essa pessoa sou eu.

— Sabe, foi uma noite legal lá na casa do Lô. Bebi e me diverti, foi bom. O que rolou entre nós. Poderia ter rolado um pouco mais na minha casa, né, mas você ficou de papinho. Tudo bem. — Foi como levar um coice dos cavalos da fazenda. Eu tinha experiência nisso, mas não imaginei que as palavras doessem mais. — Mas foi só isso. Você entende, né? Eu gosto muito de você, Ana Júlia, mas é só isso.

Mas.

Mas...

Eu devo ter uma coleção de *mas* em minhas memórias.

Tu é incrível e muito divertida, Anaju, mas...

Anaju, você entende que a gente tem uma conexão incrível, mas...

Foi ótimo ontem, mas...

Você é tudo que eu preciso, Anaju, mas...

Estava acostumada, na verdade.

Sempre ouvi desculpas desde que beijei uma garota pela primeira vez. Minha vida tem sido um aglomerado de motivos frágeis disfarçados de rejeição. O único relacionamento que tive durou dois anos e vivi mais como amiga da minha namorada. Sem beijos. Sem afeto. Duas pessoas que faziam as coisas juntas e pronto. Até eu descobrir que ela ficava com garotos sem me contar.

Eu não sabia como terminar contigo, tinha pena!, foi o que Isabela disse. E aparentemente, eu era a única que não sabia do meu par de chifres.

Desde então, todas as garotas que gostei encontravam uma desculpa para me dispensar.

Sempre pelo mesmo motivo.

Querer um relacionamento sério quando as pessoas queriam apenas aproveitar a vida.

Por que tu não aproveita também? Tu só tem vinte e um anos, me disseram uma vez. Todo mundo aproveitava e eu também devia. Mas a típica frase de mãe, ‘mas tu não é todo mundo’, se encaixava para mim.

Eu não era todo mundo.

Eu não conseguia me aproximar de alguém só para experimentar.

Engoli o peso em minha garganta e forcei o meu melhor sorriso para Lara, que pareceu respirar com alívio.

Mas na verdade, eu só queria chorar.

— Entendi. — Murmurei com a resistência que fingia ter.

Lara não notou a mentira.

— Que bom que você entende, Anaju. — E era engraçado como ela agora estava usando o meu apelido. É óbvio, tudo estava bem na visão dela.

Mas não estava e eu me sentia na obrigação de perguntar.

— Só me diz por que tu sugeriu esse encontro no domingo de manhã?

Ela passou a língua pela boca.

— Acho que bebi demais. — E riu. Ela realmente riu. Como se aquilo fosse engraçado. Como se os meus sentimentos fossem um pedaço de merda. Falei na madrugada passada, enquanto nos beijávamos, que gostava dela. Que sempre quis saber como era o seu beijo. Talvez ela não tenha levado realmente a sério como ninguém parecia levar. — Quem sabe a gente não pode se encontrar em uma próxima saideira? Algo só para descontrair, sabe? Sem nada sério. Só não vale papinho de não estar com vontade de transar, hein.

Eu queria muito chorar.

— É que eu quero algo sério. Eu comentei contigo ontem. — Pisquei depressa para tentar disfarçar algumas lágrimas. Ela não notou. — Tu não lembra? Não gosto de descontrair.

— Não lembro. — Lara riu sem graça. — Você é incrível e muito divertida, Anaju, mas não estou interessada em relacionamento sério.

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa — que eu provavelmente não teria coragem se não estivesse segurando o choro —, o celular dela tocou.

— Preciso voltar para o trabalho. — Ajeitou o avental no corpo. — Fica bem, Anaju. A gente se vê por aí.

Ficar bem era uma ironia amarga.

É claro que eu não ficaria bem, mas não iria chorar no meio de uma praça de alimentação ainda que essa fosse a minha vontade.

Pensam que a gente se acostuma a ter o coração partido.

Não é verdade.

Sempre machuca e, cada vez que acontece, tu perde uma parte tua. As minhas já estavam todas em pedaços.

E era assim que aparentemente ficariam.



— Era óbvio que isso ia acontecer! — Domenica ergueu os braços para o alto como se o gesto enfatizasse sua indignação.

Depois que deixei o centro comercial da cidade, engoli o choro, peguei a minha bicicleta e pedalei até a casa da minha melhor amiga. Domenica morava nas proximidades da fazenda de Dona Catharina, nas partes mais isoladas de Santa Conceição. Era bom ter ela por perto — principalmente quando precisava de alguém para lamentar as decepções amorosas. Como agora. Quando ela me recebeu, deixei escapar o choro. Não foi tão ruim: as lágrimas me renderam uma panela de brigadeiro. Nada como uma dose pesada de açúcar no começo da manhã: a parte boa de se tornar adulta. Ela morava com a mãe e o padrasto em uma chácara pequena com uma criação de galinhas, e eles as tratavam como membros da família. Tinham até nome. Por isso, não era estranho ver uma das aves pela casa, passeando como se estivessem no galinheiro.

Eu funguei e enchi a boca de brigadeiro enquanto a minha amiga andava de um lado ao outro no quarto. Era maior que sala e a cozinha lá de casa, mas não como um quarto de uma adolescente de dezoito anos. Nica tinha o espírito de velha: gostava de decoração com paninhos de crochê e móveis que deveriam ter sido de sua bisavó. Ela era uma senhorinha ambulante em um corpo jovem — adorava saias compridas e tinha um cabelo tão longo quanto o da Rapunzel; usava sempre preso em uma trança apertada. Pelo menos perto da sua família *superhipermega* conservadora. Daquelas que diziam *eu escolhi esperar, amém*. E para os pais, Domenica era uma encarnação da virgem maria.

Mal sabiam o que escondia por trás do rostinho *nerd* e das roupas de avó.

— Eu bem que desconfiei dela. — Domenica se sentou ao meu lado, cansada de bater perna no quarto. Estávamos sobre um tapete felpudo com cheiro de naftalina. — Tu chegou a ver alguma rede social dela? Ela provavelmente tenha Orkut. Ou Facebook, os gringos usam mais esse. Ah, Twitter! Todo mundo tem Twitter.

— Não tenho nem celular, Nica. — Murmurei com a boca cheia de chocolate.

Meu nariz estava começando a coçar.

— Sim, sua neandertal. — Ela revirou os olhos e pegou uma colher com brigadeiro. — Como tu consegue ficar incomunicável com todo mundo? Se tiver uma emergência ou sei lá? Mas esquece, essa não é a questão. Mas Lara! Ou melhor, a italianinha com síndrome de machinho escroto.

— Machinho escroto?

— Vou chamar do quê? Femêazinha escrota? Não tem o mesmo peso. Prefiro machinho porque tudo relacionado a homem é um xingamento. — Uma informação sobre Domenica: ela é hétero, mas odeia homens. Era um pouco irônico, mas... quem sou eu para julgar? — A questão aqui, Anaju, é que tu quebrou a cara de novo e isso tem se tornado frequente.

Eu suspirei com desânimo.

— Nossa, obrigada por avisar, não tinha percebido.

— Tá, cala boca, deixa eu terminar o meu raciocínio. — Ela raspou o resto do brigadeiro da panela enquanto falava. — Tu tá procurando algo sério com pessoas que recém começou a se envolver e tá tudo bem, sério. Mas tu não acha que depois disso tudo seria melhor ir devagar? Tipo, só aproveitar, amiga. Por experiência própria, nada que vem rápido dura. Não dá pra conhecer alguém em um dia e na semana seguinte achar que essa pessoa é a tua alma gêmea.

Domenica não entendia: não era sobre alma gêmea ou encontrar a minha outra metade da laranja em um dia. Eu não me apaixonava fácil — e consequentemente eu não tinha interesse em *aproveitar essa fase da vida*. Eu queria algo tranquilo, uma companhia que fosse muito mais que beijos e sexo. Até porque esse segundo era tão indiferente em uma relação que o grande problema era não entenderem que eu não conseguia transar com alguém que conheci na noite anterior ou que não conhecia o suficiente para me sentir confortável.

Isabella não entendeu isso em dois anos de namoro.

Lara muito menos.

Cheguei a me perguntar se eu era algum bicho de sete cabeças. Mas não havia nada errado em mim... errado era colocar o sexo em um pedestal como se só ele fosse capaz de sustentar uma relação.

— Anaju! Tá me ouvindo, criatura?! — Domenica chacoalhou meus ombros. Eu não

prestei mais atenção do que saiu de sua boca depois de *alma gêmea*. Não era importante, não sobre esse assunto. A gente tinha visões muito distintas sobre relacionamentos.

— Domenica, tu já me falou isso tantas vezes que decorei o roteiro.

— Sim, mas ainda não parece ter entrado em tua cabeça, amiga. — Ela suspirou alto, se dando por vencida. — Tudo bem, não estamos aqui pra discutir isso. Quero saber como tá esse coraçãozinho?

— *Pudera eu viver sem coração...* — Cantarolei baixinho a letra de uma das minhas músicas favoritas. Acho que a letra de *Cada Poça dessa Rua tem um pouco de Minhas Lágrimas* da Fresno descreve bem a minha situação. Não ter a quem amar. O silêncio da solidão. Seria bom viver sem o meu coração.

— Ah, não, de novo não, sua emo depressiva. — Nica deu um peteleco no meu nariz. Enruguei o cenho, emburrada. Ela tinha essa mania. — 2010 e tu não saiu dessa fase ainda. Daqui a pouco tá aí usando calças coloridas e óculos sem lente.

Ah, não.

— Para, mulher! Tu tá me confundindo com fã de *Restart*! — Meus gostos estavam muito mais relacionados ao *emcore* e *grunge* do que ao estilo megacolorido e feliz deles. — Eu tô sofrendo, mereço um pouco de consideração, por favor. — Bufe e deixei o corpo cair sobre o tapete. As notas da música ainda soavam em minha cabeça. Daria tudo para tocar agora... quem sabe me fizesse um pouco melhor.

— Tento ter consideração, mas o que tu quer que eu diga? Que a garota emo-depressiva dos seus sonhos caia do céu nessa cidadezinha minúscula abarrotada pela terceira idade?

O celular dela tocou um segundo depois.

Claro que não era a garota dos meus sonhos ou um sinal de que ela estava chegando. Era só o meu pai ligando para minha amiga. Quando eu não estava na fazenda ou em casa, estava com Domenica, o que o fez criar essa mania de ligar e perguntar sobre mim. Eu não podia reclamar dele: a culpa era inteiramente minha por não ter um celular.

— Oi, pai. — Atendi quando Nica me passou o aparelho. Ela se sentou ao meu lado, tentando ouvir a conversa.

Ana Júlia, filha, sei que segunda de manhã é o seu turno de folga aqui na fazenda, mas a Dona Catharina pediu que eu te ligasse para que viesse mais cedo ao trabalho.

Nos dois anos que eu estava lá como empregada, isso nunca havia acontecido. Franzi o cenho, preocupada.

— Aconteceu alguma coisa? Tu tá bem?

— O que ele disse? — Nica cochichou ao meu lado, se inclinando para ouvir melhor. Fiz um *shiiiiii* e olhei feio para ela.

Estou perfeitamente bem, Ana Júlia. A Dona Catharina que precisa de ti aqui o quanto antes. Lembra sobre o que te comentei hoje cedo?

— Ah, sobre ela precisar de alguém que fale e entenda inglês?

Sim, é porque a neta dela tá chegando de viagem logo, logo e ela não é daqui. Dona Catharina disse que a moça é de Vancouver no Canadá. Ela me mostrou uma foto da neta no computador, filha, uma moça muito bonita. Deve ter a tua idade.

— Uma garota?! — Domenica quase arrancou o celular da minha mão. Tive que puxar

com força para que ela soltasse.

— Para, Domenica, bah cara, que curiosidade da porra!

Ana Júlia?

— Desculpa, pai, não é nada. — Eu desconversei depressa e me afastei de minha amiga para tentar entender a situação. Mas eu precisava confessar: meu coração ficou estranhamente acelerado.

Não era coincidência... era?

Então... se não puder vir, eu digo para Dona Catharina encontrar outra...

— Eu vou, eu vou! — Quase mordi a língua para responder, e meu desespero rendeu uma risada em Domenica. — Chego aí em uns dez minutos.

Desliguei a chamada em seguida e fiquei um segundo olhando para o aparelho. Sinceramente? Eu não sabia o que dizer. Quais são as chances de tu estar falando de garota dos sonhos e *do nada* o telefone tocar com uma notícia dessa? Parecia até um conto de fadas em uma versão lésbica.

Lésbica.

Eu era idiota demais.

Porque eu estava inferindo que a garota era lésbica e que se interessaria por mim.

Talvez agora eu entenda por que dizem que apresso demais as coisas... porque realmente apresso.

Eu preferi não esperar minha amiga começar a prostrar. Primeiro porque eu não queria me atrasar — Dona Catharina era muito rígida com horários —; e segundo porque ela não iria mais parar de falar.

Domenica era muito fissurada nessas coisas de *coincidência*.

E eu não queria mais quebrar a minha cara.

Porque ela já estava *bem* quebrada.

CAPÍTULO 2

Caderno da Catharina

Você me disse que a vida era passageira e que iríamos morrer antes de realizar todos os nossos sonhos. Eu lembro de ter chorado muito no dia. Era pequena demais para entender a ironia das suas palavras e a verdade por trás delas. Sonhos podem nunca se realizar, irmão, mas eles não envelhecem. Apenas deixam de ser importante com o passar do tempo. Eu que tinha tantos... perdi todos quando você se foi. e, hoje, acredito no que disse.

A vida é sim passageira.

Catharina

Ei, garota, o telefone.

Não havia sequer delicadeza na voz, eu não esperava que houvesse. Não é comum uma pessoa te tratar bem quando você a desrespeita... e bem: quem sou eu para estar certa contra um policial? Desacato as autoridades, segundo eles, e lá estava eu: algemada em um banco na delegacia enquanto esperava eles ligarem para os meus pais. O homem que me estendeu o telefone era baixinho, tinha um cenho carrancudo — o que era de se esperar às três e vinte e cinco da manhã — e uma expressão de desgosto em seu rosto ao ver o que eu vestia, murmurando algo que não consegui entender. Minha cabeça estava explodindo e era difícil discernir as incontáveis luzes do ambiente. Peguei o aparelho e atendi, ouvindo a voz preocupada do meu pai no outro lado da linha.

— *Catherine*, você está bem? Não está ferida? — Era aflição pura, sufocada; e eu não o culpava por tê-la e achava não merecer o quanto ele se importava comigo.

— Tô bem... e ainda bem viva, não é? — Dei uma risada debochada, uma marca em mim para esconder o que sentia de verdade, o vazio que me consumia a cada dia.

— Meu amor... não se brinca com isso, estou indo aí agora com sua mãe, tudo bem? Fique aí, estamos a caminho.

— Eu tô praticamente algemada... não tem para onde ir. — Ri de novo, o que fez um *meu Deus do céu* soar do outro lado do telefone. Antes que pudesse continuar, o policial puxou o telefone de mim e grunhiu que o tempo havia acabado. Estalei a língua em resposta e ele me olhou torto, o que não me incomodou nem um pouco. Nada que eu não estivesse acostumada em meu dia a dia. Ajeitei minha jaqueta de jeans escuro, cheia de estampas de bandas *emocore* costuradas, e cruzei as pernas, a meia arrastão rasgada e meus tênis sujos com vômito. De canto, vi que o policial se aproximou de outro companheiro que estava ocupado com papéis e uma

bagunça de documentos. Eles me observaram de canto, e abri um sorriso em resposta, fazendo com que desviassem a atenção de mim.

— Aí depois uma vagabunda dessa é encontrada morta e dizem que a criminalidade só cresce. — O que havia me tirado o telefone murmurou, talvez alto o suficiente para que eu ouvisse. — Filha minha não sai vestida desse jeito no meio da madrugada.

O outro policial observou o computador antes de responder.

— Ela não é a filha daquele ator famoso? Que já ganhou vários prêmios internacionais.

— É? Não pode ser... — Eu o vi se esticar na direção do computador, provavelmente pesquisando na internet. Após instantes de procura, ambos olharam na minha direção. — Catharina Delmore... é ela sim... filha do ator Andrew Delmore, um dos astros mais bem pagos atualmente.

— Não foi ela que teve aquele caso com...

Meu coração quase parou.

Baixei a cabeça e decidi que não valia a pena ouvir, principalmente quando as palavras estavam carregadas de crueldade. Sempre tentei ignorar isso. Era um meio de defesa, de me fazer esquecer o que havia passado. Foi por isso que abandonei o uso do celular e o meu perfil no *twitter* — onde, acredito eu, até hoje tenha ofensas dirigidas a mim e algumas fotos que eu não dei permissão que compartilhassem.

Respirei fundo e descansei as mãos em meu colo, as unhas pretas descascando.

Não demorou muito para que meu pai chegasse na delegacia e resolvesse a minha situação, correndo ao meu encontro junto de minha mãe. Fui liberada e recebida pelos braços do meu pai, um sussurro dele preso no ar. *Graças a Deus*, dissera; e não havia nenhum olhar de reprovação. Apenas um alívio incomum de me ver bem e viva... pelo menos eu estava viva.

O que era diferente para o meu irmão.

Estava sendo diferente desde que ele se foi.

Meus pais agiam como se eu também estivesse para partir, como se não fossem me encontrar no dia seguinte.

Mas eles demoraram tempo demais para ter essa percepção.

Saímos da delegacia e fomos até o carro em silêncio. Minha mãe estava com olheiras sob os olhos inchados, abraçada ao próprio corpo como se estivesse segurando palavras que tinha medo de dizer. Entramos no carro e me sentei no banco traseiro, ouvindo um longo suspiro quando ambos fecharam a porta. Houve um momento de quietude, de uma atmosfera pesada. Era fria, diferente da temperatura abafada que se instaurava na cidade.

— Acho que devíamos levá-la ao hospital... — Laura quebrou o silêncio com sua voz arrastada. Éramos muito diferentes, eu e ela. Enquanto seus cabelos eram lisos e dourados, os meus eram volumosos e ruivos, tingidos precariamente de um rosa manchado. Minha mãe tinha um rosto mais redondo, olhos mais destacados, escuros; enquanto os meus eram pequenos e verdes, iguais aos do meu pai. Eu e ele compartilhávamos uma constelação de sardas, pontinhos que meu irmão Francisco dizia ser parte do nosso charme. Diferente dele, pálido e com os cabelos como os da minha mãe, lisos e bagunçados, caídos na altura de seus ombros. Brincava e dizia que ele era como o Kurt Cobain. Eu só não imaginava que meu irmão faria o mesmo que o músico para acabar com a própria vida.

Houve barulho alto.

Francisco disparou contra a própria cabeça.

E olhando pela janela do carro parado, eu me perguntava: *teria sido diferente se meus pais tivessem se importado antes? Teria sido diferente se Francisco tivesse pedido ajuda?*

Instintivamente, me manifestei:

— Eu não quero ir para o hospital de novo. — Interrompi a conversa de meus pais. Laura olhou para trás e meu pai me fitou de relance pelo espelho retrovisor. — Eu estou cansada do hospital. Quero ir para casa.

— Para você sair de novo sozinha? Olhe para você, Catharina! Está fedendo a bebida e vômito! — Minha mãe esbravejou, mas não porque estava apenas zangada, mas angustiada, preocupada, infinitas aflições que haviam se afluído nela desde que meu irmão morreu, desde que, afogada em depressão, fugi deles e me envolvi com tudo o que não deveria.

Desde que eu não mais transparecia querer viver.

— Eu não bebi...

Eu queria ter bebido, mas não consegui, os fantasmas me encontraram e me privaram dos meus desejos e dos meus vícios. Dentro da casa noturna, entre infinitas pessoas, comecei a passar mal e corri, fugi, não olhei para trás. Só parei quando caí na rua e um policial veio me atender. Então, tudo aconteceu: um desacato e eu fui levada para a delegacia, um telefonema e meu pai me socorreu.

Então, estávamos no carro parado de novo.

— Querida... — Meu pai começou com a voz adocicada que só ele tinha; e talvez esse fosse o motivo do sucesso em filmes românticos. Além de sua aparência. Andrew era o sonho de muitas mulheres, estampava revistas e era sempre lembrado quando o assunto era *astros famosos de Hollywood*. Bastava seu olhar, de um verde intenso; o cabelo bem cortado, ruivo, como a barba aparada, seu rosto quadrado, esculpido; e um corpo malhado, cuja fama rendeu ensaios um tanto quanto sugestivos. Apesar de tudo, Andrew era reservado, não costumava compartilhar sua vida e, desde a morte do meu irmão, desde algumas acusações abafadas pela mídia, ele se fechou ainda mais para as redes sociais. — É a segunda vez na mesma semana... — Ele murmurou e suspirou. — Você sai e precisamos te buscar em algum lugar...

— Melhor do que voltar sozinha, não é? — Eu brinquei e pisquei na direção dele, ocasionando um bufar na minha mãe.

— *Catherine*... — Essa era uma parte engraçada do meu pai: ele não conseguia dizer Catharina e sempre trocava por *Catherine*, do inglês. *QuétRin*. Eu nunca me importei. Usei isso como uma armadura. Porque Catherine era a minha máscara e Catharina era só alguém que enterrei dentro de mim para que ninguém visse ou suspeitasse quem eu era de verdade. Tinha medo de mostrar.

Catharina também era o nome da minha vó materna que morava no Brasil, apesar de não ter contato com ela há mais de dez anos. Tudo por um desentendimento entre minha mãe e ela. A última vez que vovó ligou foi após o enterro do meu irmão.

— Eu não fiz nada de errado... — Decidi falar. — Só tentei sair um pouco, pegar um ar e quem sabe conhecer gente nova? Vocês sempre dizem que preciso fazer isso, pronto. Estou fazendo o que vocês querem.

Eu estava enganando a mim mesma.

Eu não conseguia.

Porque as memórias do que aconteceu — do que eu vivi — vinham e transformavam uma festa qualquer em um trauma passado, um sufocamento que eu não aguentava e precisava fugir, correr. Foi o que aconteceu hoje... o que aconteceu há dois dias.

O que provavelmente aconteceria nos próximos se eu tentasse ir a uma festa de novo.

Por mais que eu tentasse viver... aproveitar...

Uma outra parte minha me privava.

— Nos leve para o hospital, Andrew. — Minha mãe pediu.

A dor de cabeça aumentou de súbito.

— Eu já disse que estou bem, não vou para o hospital de novo. — Por reflexo, coloquei a mão no rosto, sobre minha constelação imprecisa de sardas.

— Você vai *sim*, Catharina, não é uma opção. — Minha mãe insistiu e vi meu pai nos observar de relance, preocupado. — Você passou mal e não está se alimentando. Sabe o que...

Sabe quando estamos em ponto de ebulição?

Quando você vem guardando tanto por muito tempo e quer tirar tudo como uma avalanche? Era o meu estado. Senti meu coração acelerar e segurei firme o banco sob mim, expulsando o que estava preso.

— Quem sabe se vocês tivessem se importado antes, eu não estaria assim e meu irmão não estaria morto?! — Não chorei, apenas senti um aperto no peito e uma súbita necessidade de fugir, de desaparecer da vida deles como eu havia feito ano passado até ser encontrada.

A minha explosão fez um silêncio crescer no carro.

Ambos me encararam, um misto de sentimento estampando suas expressões.

Mordi o lábio e precisei sair, o mundo começando a rodar, a se contorcer, ficar nublado.

Ouvi meu pai chamar em seu sotaque, mas não olhei para trás, não lembro de ter olhado. Porque, de repente, uma fraqueza me abateu e arfei, não aguentando minhas pernas, meu corpo, minha vida.

Desmaiei e não vi mais nada.



A luz baixa do meu quarto me iluminava quando abri os olhos.

Sentia o latejar insistente em minha cabeça e mordi os lábios como se fosse possível amenizar a dor. Estava deitada, entre as infinitas almofadas e as cobertas do caos que era a minha cama. De repente, uma mão gentil tocou o meu rosto e senti a presença de meu pai, sentado à beirada, sua expressão convertida em tantos sentimentos. Ele não merecia senti-los, eu não merecia sequer ser chamada de filha por ele. Como se pudesse ler os meus pensamentos, Andrew sussurrou um *ei, filhota* e afagou os meus cabelos volumosos, bagunçados entre os travesseiros.

Forcei um sorriso em resposta. Ao lado da minha cômoda, o relógio marcava sete e meia da manhã e me perguntei se ele havia ficado todo o tempo lá de olho em mim. Algo me

tranquilizava, no entanto. Eles não me levaram para o hospital, respeitaram o meu pedido mesmo que fosse um tanto rebelde de minha parte.

— Melhorou?

Eu pisquei para afastar a dor de cabeça ou tentar me acostumar a ela. O meu coração estava acelerado, o reflexo de uma antiga abstinência que eu acreditava ter vencido e que, às vezes, parecia que não era verdade.

— Uhum... o que aconteceu?

— Você desmaiou, kitcat. Sua pressão estava baixa, mas sua mãe aceitou te trazer para casa. Ela pode ser dura às vezes, mas ela te ama e se preocupa com você. — Ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha enquanto falava, a voz sempre cautelosa, tão cuidadosa, tão parecida com a do meu irmão. Ouvir o meu pai criava um buraco maior em mim. No começo, chorava, não aguentava, mas isso sempre o deixava triste, afetado; então, decidi que era melhor sofrer em silêncio para não o carregar ainda mais com a minha dor. — Mas está tudo bem agora, sua pressão estabilizou, só que você precisa se alimentar ou daqui a pouco sua mãe vai surtar de verdade.

O que não era difícil de acontecer. Mamãe sempre foi muito expressiva, exagerada também. Ela costumava ser enfermeira antes de se casar com Andrew, abandonou a profissão para acompanhá-lo em viagens e eventos. Mas eu sentia que ela carecia de algo, de uma motivação maior e talvez estivesse fazendo desse cuidado forçado uma falsa razão para a ausência interna dela.

— Eu não tenho fome... pai.

— Você não tem fome frequentemente. Olha o quanto você emagreceu, não é saudável. — Não podia argumentar porque eu havia perdido mais de dez quilos desde que comecei os meus tratamentos. Eu tinha um metro e sessenta de altura e preocupantes quarenta e nove quilos. Mas a comida simplesmente não parava no meu estômago. Eu me sentia péssima e precisava por tudo para fora. — Promete que vai se alimentar melhor hoje? Tentar pelo menos.

Eu puxei as cobertas e me virei na direção dele.

— Uma pizza?

Ele franziu as sobrancelhas ruivas.

— Pizza, Catherine?

Dei risada, uma tentativa de suavizar a atmosfera.

— Certo, vou tentar, mas não posso dar garantias, senhor Delmore. — Bocejei, me ajeitando na cama. Devido à ausência de nutrientes e de outros sintomas crônicos, meu corpo não aguentava muito tempo acordado. Dormia duas vezes mais que o necessário abusando das minhas medicações. Eles nunca percebiam. — Não é melhor você dormir agora? Eu vou ficar bem.

— Tem certeza? — Ele tocou a ponta do meu nariz, arrebitado como o dele.

— Você é um astro, pai. — Eu ri e fiz o mesmo, tocando o nariz dele com meu indicador. — Precisa cumprir com a sua agenda cheia de galã de cinema.

Ele sorriu em resposta, como eu queria vê-lo. Eu não queria que se preocupasse com algo que não valia a pena.

Eu não valia a pena.

Eles haviam deixado isso claro no passado e se preocupar agora, depois de tudo, não faria diferença.

— Na verdade, tenho uma escalação, filha. Uma nova série. Talvez eu seja selecionado para o papel principal.

Ele era sempre tão requisitado que não me surpreendia mais.

— O papel já é seu, pai.

— Obrigada, filhota. — Ele disse de repente e me beijou na testa, o que provocou um entorpecimento no meu coração. — Vai dar tudo certo no fim, kitcat, okay? Não se preocupa. Eu e sua mãe estamos aqui por você, sempre. Qualquer coisa, só pedir ou me chamar.

Para qualquer coisa, eu sabia.

E apesar desse cuidado deles, eu me perguntava...

Por que não havia sido antes?

Por que eles demoraram tanto tempo para se importar?

Se preocupar agora não traria o meu irmão de volta.

Meu pai se despediu e fiquei sozinha, encarando o teto, tentando esquecer os meus fantasmas. Mas estavam sempre lá, por toda a parte; e o problema de viver com a depressão, com os fragmentos do passado, era esse.

O abismo sempre estava à minha frente.

Eu me virei na cama e observei o relógio da cabeceira. 7:54 da manhã. Entre as cortinas, o sol já se destacava, mas a vontade de se levantar morria em mim. Estava sonolenta, exausta; e, abraçando uma almofada de pelúcia, eu fechei os olhos e tentei dormir.

Quando estamos deprimidos, tentamos nos distrair com alguém ou buscar um ombro amigo; uma conversa que pode salvar o seu dia — e também a sua vida. Não funcionava comigo: porque não tinha amigos e não tinha quem me escutasse desabafar que não fosse os meus pais.

Eu sequer tinha celular.

Desde aquelas infinitas mensagens, eu preferi me isolar.

Sem internet. Sem celular. Sem vida. Sem eu.

Então, com um último suspiro, deixei o cansaço me vencer e adormeci.



Um cheiro familiar me fez despertar por volta do meio-dia.

Minha cabeça latejava, mas eu me sentia mais leve. As cortinas continuavam fechadas. No interior do quarto, espaçoso e bagunçado, a luz de um pisca-pisca cor-de-rosa e a do meu abajur, do mesmo tom, eram os únicos a iluminar o ambiente em seu atrapalhado caos. Olhei para o teto e respirei fundo, um frio repentino arrefecendo meu corpo. Eu ainda vestia as roupas da noite passada, a meia arrastão rasgada e suja, a saia com resquícios do meu próprio vômito. Afastei as cobertas e caminhei até o meu banheiro, passando pela bagunça no chão, de roupas e sapatos, de

pacotes de comida e pratos que não encontravam o caminho da pia há semanas.

Meus pais costumavam brigar pela falta de organização, pararam desde que meu irmão se foi e que eu desapareci da vida deles. Havia uma empregada em casa, mas ela sequer entrava aqui ou no quarto de Francisco, ainda intacto.

No banheiro, uma passagem em anexo se interligava ao meu *closet*, um espaço pequeno, mas abarrotado. O lugar não era diferente do quarto, muitas roupas estavam emboladas nas prateleiras, cabides vazios e gavetas cheias de peças que eu enfiava lá de qualquer forma. Houve um tempo que era diferente. Eu gostava de escolher as roupas, de compor estilos. *Não mais*. Entre os armários, um espelho ia do chão ao teto. Me peguei observando o meu próprio reflexo: as olheiras pesadas, os cabelos bagunçados, o rosto borrado de maquiagem. Devagar, tirei a roupa e detalhes ficaram expostos: as marcas de cortes em meus braços, em minha barriga, os ossos salientes da minha rápida perda de peso.

Você pode ter tudo que quiser, Catharina, por que fica se lamuriando por aí como se não fosse uma garota rica e problemática?

As palavras vieram a mim como um soco.

Mordi os lábios e toquei o espelho, toquei o meu corpo através do reflexo.

Não era mentira.

Eu era uma garota rica e problemática como todas as outras. Uma garota que se colocava em perigo para poder sentir todo o turbilhão de sentimentos que sentia. Uma garota sem qualquer perspectiva de futuro.

Depois uma vagabunda dessa morre e culpam a criminalidade.

Vagabunda, dei uma risada amarga.

— Você é uma vagabunda, *Cat*, as mensagens que você recebeu só falavam a verdade.

Tomei o meu banho depois disso, não permitindo que as lágrimas saíssem. Fiquei quieta, pensativa; e, então, coloquei um vestido preto com alças de renda e um casaco de mangas compridas para cobrir as marcas. Fui até a cozinha, o cheiro que havia sentido pouco antes ainda presente. O apartamento em que vivíamos era enorme, com dois andares, e uma piscina só para nós — sem uso há tanto tempo que era como um enfeite que precisava de manutenção semanalmente. A sala tinha uma vista perfeita da cidade, do verão que começaria em breve. Vivíamos no centro de Vancouver, no Canadá, em um condomínio de luxo. Era um exagero: meus pais mal ficavam em casa, sempre ocupados com viagens.

O fato de encontrar Laura na cozinha me causou surpresa.

Não só porque ela estava lá, acompanhada de Andrew, mas porque cozinhava. Eu não a via pegar uma panela desde que tinha dez anos.

— O que estamos comemorando? — Perguntei e ganhei a atenção de ambos, meu pai se levantando para me receber com um abraço. Andrew tinha quase trinta centímetros a mais que eu.

— Kitcat. — Ele beijou meu cabelo antes de se afastar. — Melhorou? — Pelo canto dos olhos, vi minha mãe me observar, o olhar castanho carregando uma mágoa antiga, uma preocupação cansada.

— Acho que não porque vocês estão em casa e... Laura está cozinhando. Então, não estou bem. — Brinquei e sorri, sentando-me nas banquetas que se ajustavam a um balcão central na cozinha. Meu pai sorriu e se sentou ao meu lado. — O cheiro está bom, o que é mais estranho

ainda.

— Decidimos almoçar em casa. — Meu pai respondeu e tocou a minha bochecha em uma carícia brincalhona. — Caso você não se lembre, a sua mãe é uma ótima cozinheira.

Eu olhei para ela de relance. O clima estava estranho entre nós.

Antes que pudesse responder, o celular dela tocou. Estava sobre a bancada e meu pai o pegou, franzindo o cenho.

Ele não atendeu.

— Quem é? — Laura perguntou ao se virar, limpando as mãos no avental preto que usava por cima de seu vestido.

— É a sua mãe.

A resposta a fez piscar diversas vezes, um misto de nervosismo e descrença. Ela e minha vó materna não se falavam desde que meu irmão morreu. Estavam afastadas. Receber uma ligação como aquela era inusitado. Minha mãe desligou o fogo e pegou o celular, pedindo licença para atendê-lo.

Eu e meu pai ficamos sem entender o que havia acontecido.

Ele coçou a cabeça e suspirou antes de falar.

— É... está sendo um dia bem atípico.

— O que será que ela quer?

— Eu não faço ideia, filha. — Meu pai se levantou e caminhou até a geladeira de duas portas, retirando uma garrafa de água. — É inusitado. Faz tempo que não ouço falar da senhora Sant'Anna... sua mãe sequer toca no nome, mas conheço bem a Laura, ela sente falta da mãe. — Ele me estendeu o copo de água e aceitei, mas não bebi.

— Senhora Sant'Anna... — Repeti debochada e balancei o copo sobre o balcão. — Até parece que você é um adolescente quando fala da sogra, pai.

Ele riu, acentuando as covinhas que tinha no rosto e que, conseqüentemente, eu herdei.

— Sua avó é uma senhora muito séria e rígida. Lembro-me da primeira vez que a visitei no Brasil, cheguei e ela disse que não iria aprender inglês só por minha causa. Falou português o tempo todo, se Laura não traduzisse, eu teria ficado completamente perdido. Não sabia uma palavra na época.

Eu precisei rir ao imaginar a situação. Meu pai, um legítimo lorde galanteador, sendo intimado por uma senhora baixinha. Não me lembrava muito dela, mas sabia que era uma mulher com um metro e cinquenta, redonda e muito disposta. Estava sempre inventando algo, uma mudança ou um trabalho. Gostava de levantar-se cedo, de cuidar da fazenda e da vinícola da família. Era uma atividade que ela compartilhava com meu avô, mas ele faleceu cedo, antes de eu nascer, então tudo o que tinha dele era um nome. Francisco, o mesmo nome do meu irmão.

Francisco...

Meu peito doeu e tentei afastar a lembrança, a dor que ela sempre trazia.

Senti o toque do meu pai em meu ombro.

Ele sorriu, um afago silencioso como se houvesse percebido a tristeza que florescia em mim, um sentimento que eu sempre tentava esconder para não o preocupar. Eu não queria atrapalhar a carreira dele, a vida que ele construiu, mas eu não conseguia não me sentir um estorvo sem rumo.

Vinte anos e incapaz de cuidar da própria vida.

Vinte anos e nenhuma perspectiva para o futuro.

Eu tentei antes, cursei enfermagem como a minha mãe, mas abandonei o curso ainda no primeiro semestre. Foi quando minha vida estava de cabeça para baixo e achei que fugir dos meus pais seria uma forma de fugir da minha dor, dos meus problemas.

Mas eu me afundei em outros.

Drogas. Vícios. Relacionamentos abusivos.

Tudo para deixar de ser Catharina Delmore.

E ser apenas Cat ou Catherine, a garota de um milhão de sorrisos falsos.

Tive sorte de não ter pulado no abismo, meus pais me encontraram antes, mas as consequências ainda ardiam em mim.

Bebi um pouco da água e respirei fundo, me esforçando para devolver o sorriso ao meu pai. Andrew fez menção de falar, mas minha mãe o interrompeu, lágrimas nos olhos, uma expressão que raramente via nela, que vi apenas no enterro do meu irmão. Ela encarou meu pai e tocou o próprio peito. No gesto, percebi que seus dedos tremiam.

— O que houve, amor? — Meu pai se levantou para encontrá-la, segurando seu rosto entre as mãos.

— Podemos conversar a sós?

— Aconteceu algo com a vovó? — Decidi perguntar. Laura me ignorou. Uma característica dela que não gostava: minha mãe era fechada demais.

Eu só não a culpava porque seria hipocrisia minha. Afinal, eu escondia os meus sentimentos, mascarando-os com sorrisos e gestos animados. Era a minha forma de não preocupar ninguém, de não ser um incômodo...

Então, *tudo bem* que Laura se fechasse.

Escondíamos a dor da nossa forma.

— Não. — Ela respondeu. — Nós vamos só conversar.

Andrew olhou para mim de relance, diferente de mamãe que sequer me dirigiu o olhar, e piscou como se dissesse que tudo ficaria bem.

Tudo tem que ficar bem...

Sozinha, sabendo que ninguém me veria, deixei as lágrimas trancadas caírem enfim.



Putá.

Se mata, sua vagabunda.

Vou te encontrar e te fazer virar mulher a força.

Vadia.

Morre.

Aproveita e faz igual ao seu irmão, não vai fazer falta a ninguém.

As mensagens se repetiam, soavam como um gatilho, uma ameaça silenciosa que eu ouvia sempre que fechava os olhos. Nomes desconhecidos, rostos sem forma, manchados de um ódio que nunca entendi. Nunca entendemos — porque o mundo era estranho e as pessoas seguiam uma lógica igualmente estranha. Eram movidas por um grupo e, então, se tornavam um todo que apenas repetia uns aos outros, sem ao menos se questionar o que estavam fazendo e por que o faziam.

Quando menos espera, muitos odeiam você sem ao menos te conhecer.

Você precisa desaparecer.

Eu desapareci.

E pensei que tudo ficaria para trás, os meus erros, as pessoas que me odiavam sem eu sequer conhecê-las, o passado que eu não queria mais me lembrar.

Mas ele estava lá, sempre me assombrando.

Encolhida na cama, eu segurei firme uma almofada pequena e azulada que pertencera ao meu irmão. Às vezes, eu me apegava a ideia de que o cheiro dele ainda estava lá, de que quanto mais a abraçasse, mais próximo ele ficaria. Era uma ilusão agri-doce — porque eu sabia que o cheiro de Francisco há muito tempo se fora, mas preferia acreditar que era ele e que, quando menos esperasse, ele iria chegar em casa e piscar para mim, acentuando as covinhas em seu sorriso.

— Idiota... — Eu murmurei entre as cobertas, secando uma lágrima que ousou crescer.

Eu estava no meu quarto desde que Laura e Andrew saíram para conversar. Não entendi a necessidade da privacidade, mas não reclamei quando eles disseram que voltariam em breve. Na cozinha, o almoço que preparavam ficou intocado como tudo que tentavam para afastar o luto interminável. Éramos prisioneiros dele, não importava o tempo, as circunstâncias. Porque vivíamos andando em círculo, eu principalmente, e era impossível sair dele, daquela inércia que, a cada dia, me consumia mais e mais.

Quando meus pais retornaram, perto das duas horas da tarde, fingi que estava dormindo e fiquei no quarto. Às sete horas da noite, ouvi alguém abrir a porta, mas continuei imóvel na cama em um fingimento forçado. Quem quer que fosse, não entrou. Na casa, o silêncio era um hóspede, abafando a presença dos meus pais. Por volta das onze horas da noite, enfim, meu pai entrou e se sentou na beirada da cama. Fiquei de olhos fechados, tentando imaginar qual seria a sua expressão ao me ver dormir. Se era pena, preocupação ou decepção, cansaço.

— Filha... está acordada? — Ouvi meu pai chamar baixinho, afastando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. — Kitcat?

Continuei de olhos fechados, quieta e imóvel.

Ele esperou um pouco mais. Quando ciente do meu sono, ou talvez da minha necessidade de solidão, depositou um beijo em meu rosto e murmurou antes de se levantar.

— Dorme bem, minha garotinha.

A porta se fechou devagar na saída dele e, sozinha, o meu rosto queimou no desespero de desejar que houvesse sido diferente.

Apaguei em algum momento. Lembro-me de ter me rendido ao sono e mergulhado em uma tentativa de descanso. A depressão era traiçoeira, arrancava muito de você. Seu sono. Seu ânimo. Seu descanso. Por isso, me senti estranhamente bem quando acordei por volta das sete horas da manhã.

Faria um ano que estava tratando a minha depressão e os meus antigos vícios, enfrentando a abstinência que no começo me tornava outra pessoa. Eu não gostava de lembrar daquela parte minha...

Queria tanto que ficasse no passado.

— Se lamente menos, Catharina... menos... — Levantei-me, seguindo até o banheiro para lavar o rosto e tentar encontrar um fragmento de ânimo para encarar o dia.

Não ouvi barulhos em casa e suspeitei que meus pais houvessem saído. Deixei o quarto, o longo corredor que levaria à sala de entrada ainda estava com a luz acesa como meu pai costumava deixar caso eu saísse de madrugada para ir até a cozinha. Ele tinha essas manias, esses cuidados silenciosos.

Por que então eu não conseguia me sentir satisfeita com isso?

Por que era sempre esse vazio?

Engoli o sufocamento e segui até a sala para ter certeza de que eles não estavam.

Me assustei ao vê-los sentados em silêncio no sofá, as cortinas abertas para a visão da cidade. Estavam em lugares afastados, Laura com os braços cruzados como se estivesse abraçando o próprio corpo, defendendo-se de algo que não conseguia ver; e Andrew com uma mão na cabeça, o rosto reflexivo.

— Mãe? Pai? — Eu que não era de transparecer o nervosismo, senti minha voz estremecer. — Aconteceu alguma coisa? Tá tudo bem?

Papai foi o primeiro a me encarar.

Mamãe me evitava.

— Vem cá, kitcat. Não tem nada de errado, só queremos conversar, tudo bem? — Andrew gesticulou para o espaço ao lado dele para que eu me aproximasse e me sentasse. Aceitei o pedido. Quando me sentei, ele segurou as minhas mãos. — Eu tenho uma viagem de trabalho para fazer em breve. Já adiei demais e pretendo embarcar semana que vem. É em Londres... acredito que eu vá ficar lá com sua mãe por um ou dois meses no máximo.

Umedeci os lábios devagar.

Desde que comecei o tratamento, vi meu pai adiar planos e projetos para que pudesse ficar comigo, cuidando de mim. No começo, eu não me importei; depois, a indiferença se transformou em incompreensão. Eu me perguntava se era apenas porque eles perderam o meu irmão e estavam com medo de me perder também. Então, aquela tortuosa indagação: por que eles não se importaram antes e não quando era tarde demais?

Nunca disse isso a eles...

Porque aquela incompreensão se tornou, por fim, um fardo.

Eu era um fardo na vida deles. Estava os atrasando com os meus problemas, com a minha falta de interesse por tudo.

E aí eu me perguntava: quando eu tive interesse de verdade?

Nunca.

— Vocês querem que eu fique aqui? — Perguntei quando o silêncio pareceu pesado entre nós.

— Não é a melhor opção dado ao fato que você foi quase presa anteontem...

Forcei um sorriso.

— Querem que eu vá com vocês? — Não faria diferença afinal. Eu não estava fazendo nada em minha vida além de ficar naquele quarto e visitar as sessões de terapia.

— Sua avó ligou. — Foi Laura que respondeu de repente. Eu a encarei e percebi que ela segurava o próprio choro. — Eu e ela conversamos... estamos tentando nos entender e ela perguntou sobre você.

Ela limpou uma lágrima antes de continuar.

— Eu não consegui ser forte e acabei desabando e desabafando tudo o que tem acontecido, o que passamos com você quando decidiu desaparecer por aí e... o quanto está sendo difícil para mim ver você assim... se destruindo aos poucos. — A voz dela se arrastou e logo se tornou um choro baixinho, depressivo, como se ela houvesse guardado aquelas palavras por muito tempo. — Lidar com tudo isso... — Ela não continuou, fechou-se, cobrindo o rosto com um suspiro.

Meu pai tomou a palavra.

— O que sua mãe está querendo dizer, kitcat, é que queremos que você melhore e por isso pensamos que talvez seja bom ficar esse tempo da minha viagem com a sua avó, no Brasil...

Eu absorvi as palavras em silêncio, sequer expressei reação. No fundo, uma dura percepção me corrompeu.

Não deixei que ela saísse.

— Sei que faz muito tempo que você não vê a sua avó, mas eu e sua mãe acreditamos que será uma experiência boa. É um lugar bonito e é melhor do que ficar dentro de casa o dia todo.

Baixei o olhar e encarei meus dedos.

Era difícil dizer o que estava sentindo, mas se me perguntassem, eu diria que era medo.

Medo de que eles estivessem tentando se livrar de mim.

Que haviam se cansado.

E eu entendia, não os culpava por isso.

Muitas vezes, eu mesma tentei fazer o mesmo, nunca consegui porque o medo, como agora, também me impossibilitava.

— Talvez seja uma boa hora para praticar o meu português. — Comentei ao erguer os olhos e sorrir, um sorriso tão falso quanto a tranquilidade que expressava. Mas o que diria a eles? Que não queria ir? Que queria ficar em meu quarto se ir com eles fosse impossível? Não disse nada do que eu queria, apenas o que queriam ouvir de mim.

Andrew sorriu e olhou de relance para a minha mãe, que se fechou completamente.

— Você é ótima em português. Eu tenho certeza de que ficará bem. Sua avó ficará feliz em te receber.

Eu sequer me lembrava dela direito... era meu irmão que costumava vê-la com frequência. Francisco a visitava várias vezes por ano.

Vovó e eu nunca conversamos nem por telefone.

— Tudo bem.

— Tudo bem mesmo?

Não estou bem, eu estou com medo de que vocês desistam de mim por ser uma péssima filha.

— Perfeitamente bem. Fica tranquilo e faz sucesso no seu papel, pai. — Sorri e pisquei para ele.

Andrew relaxou os ombros.

Longe de nós, minha mãe se levantou e pediu licença. Se conseguisse, eu teria pedido desculpas por ser *assim*, mas do que adiantaria se eu, cedo ou tarde, cometeria os mesmos erros de novo?

Ela estava certa em me odiar.

Mas eles que causaram isso — tiveram uma escolha e a fizeram tarde demais.

— Ela está sensível. — Meu pai sussurrou e beijou minha testa antes de se erguer. — Sua mãe te ama, Catherine... eu vou conversar com ela e depois falamos melhor sobre sua viagem, tudo bem?

Com o meu melhor e mais encenado sorriso, eu assenti.

No fundo, eu era um milhão de pedaços.

Sem conserto.

Caderno da Catharina

Eu queria dormir para sempre.

Será que há um remédio capaz de fazer isso?

Só dormir, não morrer.

Porque tenho medo de morrer.

Você teve medo, Francisco?

CAPÍTULO 3

Cada poça dessa rua tem um pouco de minhas lágrimas é o maior nome de música que eu conheço e, também, a melhor música para ouvir quando seu coração está em pedaços. Como o meu.

Ana Júlia

Eu cheguei ofegante à fazenda e quase caí da bicicleta.

Larguei ela em casa — que era em uma estradinha nas terras do lugar — e corri até a residência de Dona Catharina. Alguns funcionários estavam perambulando pelos arredores, carregando os alimentos dos animais e as ferramentas que levariam para a vinícola, na cidade ao lado. Entre eles, estava meu pai e Vicente, um senhor que João Miguel tinha como seu melhor amigo, o que me deixava feliz desde que descobri. As pessoas em Santa Conceição eram fechadas para o *diferente*, e poucos estavam dispostos a se solidarizar com os que não se encaixavam nos padrões. Meu pai me cumprimentou de longe e acenei, esperando que se aproximasse.

— Que bom que veio, filha. Tava muito longe? Tá suada.

Dei uma risadinha sem graça.

Não, pai, eu só corri porque ouvi a palavra garota e sou muito emocionada.

— Ah, não, é só calor... Eu tava na Nica. — Menti e tentei desconversar. — Tu sabe onde a Dona Catharina tá?

— Na casa. — Ele apontou para o lugar como se eu não soubesse a direção. — Ela pediu que tu só desse uma olhada no galinheiro. Acho que o pato tá lá de novo.

Ah, não... não.

O pato.

A porra do pato que foi forjado no fogo do inferno. Se tu pesquisasse no *Google* imagens dessa ave, pensaria *ah, que coisinha bonitinha, deve ser tão manso...* mas a realidade era outra. Patos eram agressivos. Patos corriam atrás de ti. E a bicada deles doía, tinha experiência nisso.

— Tá... — Escondi o meu desânimo e sorri. — Obrigada, pai. Bom trabalho pro senhor. Não esquece que a gente tem que fazer as compras do mês hoje.

— Ah, sim, sim. — Ele puxou um papel meticulosamente dobrado do bolso da calça. — A lista tá comigo. Coloquei em ordem de prioridade. — E me entregou as anotações. Dei uma olhada por cima e esbocei um sorriso discreto ao ver alguns itens que estavam no topo.

Bolachinha recheada de goiaba que a Vivi gosta.

Flan de chocolate e caramelo (o favorito da Mel).

Miojinho da Vê.

Café (extra forte que a Juju quer).

Não eram produtos realmente necessários para a casa. Faltavam itens como óleo, ovos e leite na lista, mas João Miguel sempre encontrava uma forma de pensar nas filhas. Sabia os detalhes que para muitos passavam despercebidos — e embora não entendesse com clareza quando estávamos chateadas ou tristes, sabia o que nos animaria.

Eu agradei e me despedi.

Então, criei coragem para encarar o pato.

Por ironia do destino ou não, ele era o único que restava na fazenda. Todos os outros haviam sido vendidos ou foram para a panela. Meu pai comentou que um dia Dona Catharina estava convicta em matar o infeliz, mas desistiu sabe-se lá o porquê, argumentando que *tudo bem deixar apenas um*.

O problema era que esse *um* era o pior.

Ele me odiava.

E parecia odiar todos na fazenda. Menos as galinhas — o que constantemente explicava a razão de encontrar o bicho enfiado no galinheiro como se fosse um rei em seu harém particular.

Marchei irritada para o galpão, localizado dentro de um cercado em que as aves costumavam ficar soltas. Meus pés se enfiaram na lama que cobria o chão desde a chuva da noite passada. Ouvi o piar insistente das galinhas no interior como se estivessem reclamando de um intruso em seu espaço. Óbvio que tinha — e me certifiquei disto quando entrei e vi o pato em um dos ninhos. Estava sobre os ovos como se pertencessem a ele. Quando me viu, ergueu o pescoço e inclinou a cabeça na minha direção. Uma ameaça silenciosa, eu sabia. Tinha experiência com ele desde que comecei a trabalhar aqui.

As galinhas fizeram o seu *có-có-có* como se estivessem me implorando para tirar o invasor de lá.

— Tá, certo, vamos que aí não é o teu lugar. — Puxei as mangas da minha camiseta, tentando não parecer nervosa. Um segredo sobre esse filho de *cruzcredo*: ele sentia teu medo. Se esse bicho não fosse algum ser de outro mundo em corpo de pato, eu não sabia o que era. — Vem. Passa pra lá. — Abri a portinhola do galinheiro.

O pato não tirou os olhos de mim.

Só ignorou a porta.

Cara.

— Que merda. — A única alternativa era pegar o bicho no colo e tirar a força. Fiz menção de me aproximar e...

Foi como abrir as portas do inferno.

Porque o pato se levantou e abriu as asas. Ele se ouriçou, movimentando o pescoço para frente e para trás.

Ergui os braços.

— Não, não é pra atacar, é só pra sair! — Repreendi, elevando o tom da minha voz, mas não foi eficiente.

Se aquele pato gordo pulasse em mim, *de novo*, eu não ia sair viva.

Da última vez quase perdi um olho.

Deslizei o pé no chão e tentei ser o mais sorrateira possível. Qualquer movimento brusco faria o bicho saltar em mim. Ao redor, como uma multidão enlouquecida, as galinhas mantinham os seus *có-có-có*. Elas mais atrapalhavam do que ajudavam; e eu estava começando a suar gelado.

Principalmente porque o meu inimigo moveu uma pata no ninho.

— Que mer... — E não cuidei o pé quando dei o segundo passo para trás. Uma galinha estava no caminho e tropecei nela. Não perder o equilíbrio foi impossível: eu soltei um palavrão e tentei não cair, ocasionando um susto que fez as galinhas correrem como se fosse o fim do mundo.

O pior não foi ouvir os cacarejares frenéticos.

Foi ver o pato pular na minha direção depois de um *quack* muito agudo.

Se eu não tivesse me abaixado na hora, ele teria me acertado na cabeça. Sério. Passou perto. Bem perto. Senti até o *vush* no meu cabelo. Não esperei um contraataque ou dei sorte para o azar dele: corri em direção à porta, sentindo o coração saltar pela garganta, e fechei antes que o bicho saísse atrás de mim.

Porque pato era um animal que corria.

Corria muito e não se cansava — principalmente aquele.

Eu me escorei na porta, ofegante. Um arrepio de adrenalina atravessou o meu corpo e suspirei alto, cansada.

Pato 3. Anaju 0.

— Tudo bem, Ana Júlia?

Eu precisei de muita, mas muita, contenção para não transparecer o meu susto com a aparição repentina. Adiante, Dona Catharina estava, uma sobranceira erguida e um olhar confuso ao me ver ofegante. Pato infeliz. Qualquer hora, eu perderia o emprego por causa dele. Ou a vida, nunca se sabe. Eu precisava me lembrar de pesquisar se já houve mortes causadas por essa criatura enviada do inferno.

— Tudo... eu... só tava... ahm, vendo as galinhas, senhora. — Dona Catharina continuou me encarando, tão carrancuda que quase acreditei que perderia o emprego. Pela décima vez na semana. Ela nunca expressava simpatia, era como se sempre estivesse irritada com algo ou alguém, principalmente comigo. Mas nunca chegou a me dar uma bronca. Só o olhar bastava... — Precisa de algo, senhora? Meu pai comentou que queria conversar... comigo. — Decidi que era melhor perguntar. O silêncio iria me comer viva. Era a segunda vez no dia que eu corria risco de vida. Primeiro com o pato. Agora com uma senhorinha de um metro e meio.

Dona Catharina limpou as mãos no avental sobre o corpo redondo.

— Quer lanchar, Ana Júlia? Arrecém passei o café.

Lanchar?

Eu trabalhava aqui há dois anos e nunca fui convidada a nada por ela. Estranhei, óbvio, mas o que eu poderia fazer?

— Pode vir comigo. — Ela não esperou a minha resposta: se virou e se dirigiu até a casa.

Tudo bem?, pensei e engoli em seco. Se ela queria conversar, era certo que quisesse fazer ao seu modo. E eu não podia negar: queria muito saber o motivo do chamado. Ao redor, os resquícios da manhã se acentuavam. Eu me permiti observar a paisagem da fazenda durante o percurso. Sempre que tinha tempo, caminhava por aí e fotografava para me lembrar depois. Tudo em Santa Conceição era digno de um retrato, e a fazenda da Dona Catharina era um dos meus lugares favoritos. Não porque trabalhava lá, mas pela sensação que o lugar me passava. Conforto. Aquele sentimento de que tu conhece o lugar a vida toda e que, ainda assim, ele parece totalmente novo.

A fazenda se estendia por vários hectares dentro de uma mata fechada que, aqui no alto da serra, escondia um vale tão bonito que parecia ter saído de um livro de fantasia. Por muito tempo, foi o cartão de visita da cidade, almejado por muitos viajantes que pagavam para entrar na fazenda e fazer trilhas. Uma atividade que foi encerrada depois que um acidente por causa das chuvas matou três pessoas. Agora, apenas uma solidão incomum passeava pela mata; e, às vezes, durante o meu expediente, ou no fim dele, eu pegava minha câmera ou o meu violão e ia até lá, sempre sozinha, para ficar em paz com os meus pensamentos.

Quando me aproximei da casa, um lugar grande de arquitetura antiga com paredes de tijolo cinzento e grandes janelas de vidro, hesitei em entrar. A residência lembrava muito as residências de filmes de época, com flores crescendo na estrutura e um espaço bem decorado. Caminhei até os fundos da casa, por onde uma estradinha de tijolinhos, ladeados por rosas brancas, seguia até uma estufa, onde Dona Catharina passava a maior parte de seu tempo.

Respirando fundo, entrei pela porta dos fundos dava para um espaço interligado à cozinha, grande e com um cheiro de nostalgia. De visitar a casa dos avós no final de semana. De comer bolos quentinhos no lanche da tarde. De um sentimento que nunca tive, mas sentia como se o conhecesse como ninguém: de ter uma avó. Nunca conheci a materna, e a paterna morreu cedo demais para que eu pudesse me lembrar dela. E não poderia negar que, muitas vezes, sentia inveja dos meus colegas por terem uma avó presente. Mas em muitas situações em minha vida, eu aprendi apenas a aceitar.

E tudo bem assim.

Desviei o olhar e encontrei a mesa de jantar com a toalha posta na ponta, duas canecas e um bolo recém assado. Milho, pelo cheiro. Dona Catharina não estava no ambiente; então, esperei de pé, desconfortável por estar sozinha. Com a amanhecer cinzenta, as luzes dos abajures estavam acesas e davam uma sensação aconchegante às paredes escuras e aos móveis de tom semelhante. Observei a passagem para o corredor à minha direita, lugar em que um relógio antigo estava, próximo ao lance de escadas. O objeto era como aqueles que tu só via em filmes de época e que apitava a cada hora completa. Fantasmagórico, combinava com a casa. Perdi a atenção no relógio ao ver a pequena vela acesa em uma bancada no canto do corredor. Recente porque a cera recém começava a derreter. Junto dela, dois retratos: a de um homem e um jovem, ambos parecidos.

Eu os conhecia apenas pelo que ouvi dizer por aí.

Era o marido de Dona Catharina que faleceu há quase dez anos; e o neto dela, há um ano.

Ambos tinham o mesmo nome.

Francisco.

Nunca conheci nenhum dos dois, mas soube que Dona Catharina não gostava de falar

sobre eles ou sobre nada que estivesse relacionado à sua vida pessoal.

— Pode se sentar, Ana Júlia. — Eu precisei engolir o grito na minha garganta quando a voz de Dona Catharina soou na passagem para o corredor. Eu estava dispersa e não vi ela chegar. A senhora era silenciosa como um gato selvagem. Fingi um sorriso totalmente sem jeito e assenti, vendo que trazia um bule com cheiro de café passado.

Ela se aproximou e serviu a minha caneca sem perguntar se eu queria ou não. Depois, serviu a dela. Eu fiquei sentada, as mãos suando sobre meu colo, esperando o porquê do chamado.

— Aceita bolo? — Ela ofereceu e se sentou à minha frente.

— Muito obrigada, senhora, mas não tô com fome. — O que era mentira já que minha barriga roncava e meu estômago se revirava. Mas eu estava nervosa demais para aceitar.

Dona Catharina não insistiu e bebeu um gole do café.

Se não fosse os cachorros latindo lá fora, o silêncio entre nós me deixaria mais desconfortável do que eu já estava.

— Não quero tomar o seu tempo. — Dona Catharina disse quando fiz menção de tocar o meu café. Parei nesse instante e ergui meus olhos para ela. — Seu pai me disse que tu sabes inglês e que estava com disponibilidade.

Pisquei confusa.

— Aham. — Respondi nervosa. Eu tentava engolir a minha ansiedade, mas era ela que me engolia. Meu contato com ela era tão escasso que se não fosse o meu pai, eu nunca teria encontrado esse emprego.

— Sabes falar e entender bem?

Assenti.

— Sei sim. — Não consegui dar continuidade. Queria dizer que aprendi sozinha e que eu gostava muito de estudar idiomas, mas que não tinha com quem praticar. Deixei isso de lado, o nervosismo me privava de qualquer ação que não fosse responder às perguntas.

— Minha neta chega sexta pela manhã. — Dona Catharina foi direto ao ponto. — É uma garota da sua idade e... — Ela engoliu em seco como se estivesse pensando no que dizer. Ou não soubesse o que dizer. — Ficaré aqui por um mês ou dois. Ela está em recuperação.

— Recuperação?

— O nome dela é Catharina. — Fui ignorada completamente, o que me impulsionou a um nervosismo catastrófico. Era visível que a senhora estava desconfortável com o assunto. — Quero que a ajude a se adaptar aqui. Vou lhe providenciar um aumento para cuidar deste trabalho.

— Tudo bem, Dona Catharina. — Decidi não perguntar mais nada. Só a escutaria e tentaria esconder o tremor dos meus dedos.

Eu não havia sequer experimentado o café.

— Catharina tem pouco contato com o Rio Grande do Sul e acredito que, por terem idade semelhante, podem se dar bem. Quero que fique principalmente de olho nela. A maior parte do tempo.

A pergunta do porquê coçou em minha boca.

Não parecia que ela estava me pedindo para ajudar a neta dela, mas para vigiar. Estava

escondendo alguma coisa.

Mas não era problema meu... era? Eu só precisava fazer o meu trabalho e, principalmente, juntar dinheiro.

— Esteja aqui às 6 da manhã na sexta. — Ela se levantou de repente e cortou um pedaço generoso do bolo; depois, colocou em um pratinho. — Leve para o teu pai, diga que mandei.

— Ah, mas...

— Já pode se retirar, Ana Júlia. Foi um prazer.

Eu não consegui tocar no café, um mísero gole que fosse. Dona Catharina simplesmente me mandou sair e eu obedeci com o rabo entre as pernas, tentando não ouvir meu estômago protestar. Como em muitas questões em minha vida, não questionei e apenas aceitei. E não era nada ruim — receberia um dinheiro extra, quem era eu para reclamar? Quem sabe pudesse comprar um par de tênis e substituísse os meus coturnos que já tinham o formato do meu pé.

Respirei fundo.

— Vai ser bom, Anaju, vai ser bom.

Eu precisava me ouvir dizer, precisava confiar e... me distrair.

Quem sabe isso não me ajudasse a esquecer o meu coração ferido?

Eu só não esperava que fosse possível me ferir ainda mais.



— Ficaram realmente muito boas, senhorita Ribeiro. — O homem comentou enquanto analisava as fotos que eu havia entregado. Era a tarde de quinta-feira. Aproveitei que meu expediente terminou mais cedo e corri até a residência de um cliente que me pediu para fotografar o aniversário de sua neta de cinco anos. Era um valor pequeno, mas dinheiro era sempre bem-vindo quando tu cuidava de três irmãs menores. — Já pensou em fazer disto uma profissão?

Eu cocei a cabeça e dei um sorriso sem jeito.

— É só um hobby. — Eu não tinha a intenção de seguir isso como carreira. Na verdade, eu não tinha nenhuma especialização em mente. Porque, até minhas irmãs crescerem, era responsável por elas e não havia a possibilidade de estudar ou me mudar tão cedo.

Enterrei todos os meus sonhos e os esqueci para não me frustrar.

Vivia assim e *tudo bem*.

— Entendo, um amigo tava procurando alguém para fotografar alguns animais que vão para a EXPOINTER em Esteio, perto de Porto Alegre. Tu faz isso, não é? Aí já passo o teu contato.

— Ah, sim... Eu vou te passar o número do meu pai. — A merda de não ter um celular sempre me perseguia. Mas sem condições de comprar um: a geladeira de casa era uma bomba-

relógio e estava com os dias contados até parar de funcionar. — Eu agradeço muito a oportunidade, senhor Viccenzi.

O velho sorriu e ajeitou a boina que usava.

Estávamos na sala de sua residência — um lugar espaçoso e com móveis que deveriam custar mais que a minha casa inteira. Um detalhe importante sobre esta cidadezinha era a quantidade de empresários e fazendeiros que a escolheram como morada. A localização era abençoada. No meio da serra, com ótimos campos para criação de animais e um clima favorável para a agricultura. Sem falar da proximidade com cidades como Caxias do Sul e Gramado, dois polos turísticos do estado gaúcho.

Ele me pagou e me despedi, deixando uma trilha de pegadas pelo chão lustrado. Havia chovido e como era possível não ter um tapetinho na porta para limpar os pés? Meus coturnos estavam um lixo por causa do barro. Lá fora, escapei das poças de lama e encontrei minha irmã em frente à residência. Mel estava emburrada e de braços cruzados porque não a deixei entrar comigo. Já bastava os meus pés sujando o chão de porcelanato.

— Vai ficar emburrada comigo até quando? — Perguntei assim que retomamos o caminho para casa.

Ela fez uma linha reta com os lábios e não disse nada. Eu não me incomodava. Melissa tinha um temperamento difícil desde pequena — principalmente pela ausência materna. As companhias na escola impulsionaram o comportamento. Conviver com pessoas que tinham uma família perfeita e não ter uma era complicado; eu passei pelo mesmo quando pequena. Eu só sabia esconder melhor os meus sentimentos para não preocupar o meu pai.

— Amanhã chega a neta de Dona Catharina. — Eu comentei tentando puxar assunto. Melissa continuou emburrada. — É um extra, sabe? Ajudar a garota com o idioma e com a cidade. Com o que consegui hoje e com o que eu vou receber no fim do mês, acho que dá pra comprar o celular que tu queria.

Foi como mágica: Mel esboçou um sorriso ansioso e colocou os dois braços magricelos em frente ao peito. Só faltou dar pulinhos de alegria. Se não fosse toda a lama, e a promessa de um tombo vergonhoso, ela teria o feito.

— Mesmo? Mesmo?

— Aham. — Mas na verdade eu teria que parcelar o celular em 10 vezes para conseguir pagar; o que também significava: adeus aos tênis novos. Mas tudo bem. Elas eram ainda garotas que estavam crescendo e que não entendiam sobre a nossa situação, e eu me sentia bem em saber que elas estavam bem. Eram minhas irmãs e, conseqüentemente, eu era tudo que elas tinham além do nosso pai, que não conseguia entender as garotas como eu entendia. — Aquele rosa, não é?

— Isso, Ana! — Mel conteve uma risadinha. — Eu mal posso esperar. A Andressa e a Rosana vão morrer de inveja!

— Ah, é? — Eu ergui as sobrancelhas. — Só por isso?

Ela torceu os lábios.

— Óbvio que não, mana. Vou ficar trocando mensagens com as minhas amigas, vai ser muito divertido. Acredita que só eu não tenho um ainda? Não aguento mais trocar mensagens com papelzinho.

— Era como eu fazia. Tinha uma boa sensação, sabe? Aquela tensão de não ser descoberta

e a ansiedade de saber o que a pessoa tava escrevendo. — Eu só trocava papelzinhos com a Domenica e a Isabella na época. Éramos um trioquinho inseparável, mas aí aconteceu o de sempre. Comecei a namorar a Isa, deu tudo errado e hoje cortamos relações. A Nica a odeia pelo que fez comigo.

— Ai, mana, isso é passado. A gente não faz mais assim. — Mel empinou o nariz como se fosse *muito* sabida das novas tendências. — Eu e as meninas só conversamos para os garotos.

Quase tropecei em uma pedra que estava no caminho.

No horizonte, o céu resmungou. Choveria de novo e essa estrada ficaria inacessível.

— Garotos? — Pisquei um pouco desnorreada. Na idade dela, eu ainda comia terra. Quando não estava brigando com Isa e Nica para decidir quem seria a Mandy em *Três Espiões Demais*. Eu acabava sempre ficando com a Alex porque preferia não discutir com as duas.

Garotos?

Eu sequer gostava deles.

A aura lésbica já fazia parte de mim.

— Tu fica de papinho com garotos?

— Óbvio, mana, dâ. — Ela fez uma expressão de deboche e encenou uma batida na testa. — Eu não sou mais *bv*.

— Ah.

Ela disse aquilo como se fosse algo incrível e de se orgulhar.

Na real, eu não a julgava. A gente tende a cometer algumas bobagens só para se inserir no meio. Comigo não foi diferente.

— Tá certo, só cuidado, viu? Tu sabe o que eu sempre...

— Ai, Ana Júlia, é claro que eu sei. Não sou atirada como a Andressa não, eu me dou valor, tá bom? Sei me cuidar.

Não era o que eu queria dizer. Mas... deixei para lá. Eu não me lembrava de ter inimizade com outras garotas na época da escola, Isabella que tinha as suas desavenças, o que fazia eu e a Nica automaticamente odiar quem ela odiava porque era isso que amigas faziam.

— Tudo bem, tudo bem. Agora apura, vai cair um toró e essa é a minha única calça limpa.

A gente chegou à fazenda cinco minutos depois, descendo pela estradinha que levava até a nossa casa. Dona Catharina já vivia aqui quando meu pai comprou o imóvel. Na verdade, foi uma troca de serviço e favor. Eu era bem pequena quando aconteceu... minha mãe foi embora e deixou a gente sem um teto. Meu pai estava desempregado e tinha três filhas para criar. Ele não tinha como pagar aluguel e não tinha um parente disposto a ajudar. Foi Dona Catharina que estendeu a mão para ele e o ajudou a se adaptar ao trabalho e a vida do jeito dele.

Nunca mais ouvi falar de minha mãe. Sequer sabíamos onde ela estava.

Eu não gostava de pensar nela.

Não gostava do quanto isso me magoava. E precisava ser forte — por minhas irmãs e pelo meu pai.

Quando entramos em casa, o mundo desabou lá fora. Vi e Vê nos receberam saltitando, o gato demoníaco delas resmungando em cima da geladeira. Era um dos lugares favoritos dele: longe do alcance das gêmeas. Eu abracei as duas e ouvi o chamado de João Miguel da cozinha

— que também era a sala. Ele estava em frente à pia, terminando de preparar massa para o que acreditei ser panquecas. Era o que justificava a panela de guisado pronto no fogão. As meninas estavam se preparando para fazer o suco de limão.

Esbocei um sorriso em meio as vozes das minhas irmãs, o miado do gato e a televisão em um volume pouco aconselhável.

Era, sim, um caos.

Era simples e pequeno...

Tinha dificuldades.

Mas era o meu lar e era sempre reconfortante voltar para lá. Poderíamos ter a ausência materna, mas, apesar de todas as trapalhadas do meu pai, estávamos bem e sempre ficaríamos bem.

Tirei meus coturnos e dobrei a manga da camiseta.

Esquecendo que, no dia seguinte, receberia a neta de Dona Catharina.

CAPÍTULO 4

Caderno da Catharina

Todos os dias eu quero escrever aqui para me lembrar de você e de que eu tenho medo de morrer. Tenho medo de deixar de existir e, mais ainda, tenho medo que me esqueçam.

Você diria que ninguém me esqueceria.

Mas sou diferente de ti, Francisco.

As pessoas gostavam e ainda gostam de você.

Eu sou apenas um fardo.

E tenho certeza de que mamãe acha isso.

Sou um fardo.

Um fardo. Fardo.

Fardo. Fardo. Fardo. Fardo.

Far

Catharina

Eu não queria ter me despedido dos meus pais no aeroporto de Vancouver.

Mascarei minha dor em um sorriso travesso, fingindo antecipação pela viagem de mais de vinte e quatro horas. Não havia um voo que era direto para o Brasil: eu precisaria uma conexão nos Estados Unidos para, então, ir chegar aos país. De São Paulo, onde eu posaria, pegaria outro voo até a capital do Rio Grande do Sul. Depois desse trajeto, finalmente seguiria de carro para a cidade da minha vó. Nunca fiz uma viagem tão longa — quando meus pais partiam para outro país, eu costumava ficar com meu irmão, recorrente em nossas rotinas. Foram mais anos com a ausência de deles do que com a presença. Tudo mudou quando Francisco se foi.

Foi preciso perder os meus irmãos para que Laura e Andrew percebessem que deveriam estar presentes. Era tarde demais — e mais uma vez estava acontecendo. Estavam se afastando — me afastando — porque já estavam cansados de lidar com os meus problemas.

Eu merecia isso.

Você merece isso, Catharina.

— Filha. Kitcat. — Papai chamou e me arrancou do meu mundo particular e sombrio. Estávamos no aeroporto e anunciavam o embarque do meu voo. Eu fingi um sorriso quando ele me abraçou apertado. — Vai dar tudo certo, está bem?

Me afastei e assenti com falso entusiasmo.

— Uhum. — Segurei com força a alça da minha bolsa preta com o formato de coração. Era engraçado como eu me diferenciava deles... Andrew estava bem-vestido com sua calça caqui justa, a camiseta branca e uma jaqueta marrom de *suede*. Parecia ter recém-saído de um ensaio fotográfico, a barba bem aparada e um sorriso que arrancava suspiros ao nosso redor. Fomos parados algumas vezes com pedidos de autógrafo. Era comum acontecer. Já Laura esbanjava graça e elegância com o seu conjunto de calça e terno azul, as joias douradas e os saltos que disfarçava a estatura baixa. Eram perfeitos um para o outro.

Diferente de mim em uma meia-calça rasgada, os tênis riscados, a saia curta e o blusão de brechó com duas vezes o meu tamanho. O cabelo era uma confusão de fios embaraçados e as pontas rosas estavam tão apagadas que me davam um aspecto desleixado. Houve uma época que minha mãe reclamava das roupas que eu usava, da maquiagem sempre borrada e da minha falta de *senso estético*, como ela dizia. Então com tudo o que aconteceu — quando desapareci por meses depois da morte do meu irmão — ela mudou. Nunca mais falou.

Mas eu sentia...

Sentia como ela me olhava de longe.

Como estava me olhando agora.

Eu sei que sou uma decepção, mãe, não precisa me lembrar todos os dias.

— Ei, filhota. — Andrew tocou o meu rosto. — Sabe que vou te ligar todos os dias? Você vai gostar, Catherine. Seu irmão amava a sua avó, e eu tenho certeza de que deve amar você também.

Minha vó e meu irmão eram próximos — ele sempre viajava para o Brasil para visitá-la, diferente de mim. Eu não sabia o porquê não ia ou porque nunca recebia suas ligações. Francisco me disse uma vez que era por causa do papai, que ela não gostava dele e, conseqüentemente, por sermos muito parecidos, também não gostava de mim. Se era verdade ou não, nunca soube; e a minha distância talvez tenha intensificado a nossa distância.

— Vai ligar mesmo? — Perguntei com um milhão de pensamentos me corroendo por dentro. — Promete?

— Vou tentar.

Ele não ligaria.

Eu já estava acostumada.

— Tudo bem, pai. — Pelo canto dos olhos, vi Laura se aproximar. Estava nervosa, apreensiva, como se quisesse ir embora o quanto antes.

O celular de Andrew tocou.

— É o meu agente, vou atender antes do embarque. Um instante. — Anunciou e nos deixou a sós. Um pesadelo para mim e para ela. Laura pegou o celular e rolou os olhos pela tela, lendo o que quer fosse para se distrair. Desviei o rosto e encarei meus pés, desejando que a atmosfera entre nós fosse diferente. Queria poder conversar com ela. Queria conseguir ser a filha que ela se orgulhasse. Que não lhe desse tantos problemas.

Passamos quase cinco minutos em completo silêncio.

Se o anúncio do meu voo não houvesse soado, teria se somado dez.

Mamãe olhou depressa ao redor em busca de meu pai e respirou fundo quando não o

encontrou.

— Acho que preciso ir... — comentei e firmei mais os dedos na alça da bolsa. — Será que o papai vai demorar na ligação?

— Não sei. — Foi uma resposta seca.

Sorri mesmo assim e me endireitei, tentando passar uma tranquilidade que não existia.

— Tudo bem. Diz para ele que mandei um beijo! — Ela assentiu e eu esperei *muito* que Laura viesse e me abraçasse.

Eu queria muito um abraço dela.

Eu precisava muito ter certeza de que minha mãe não me odiava.

Mas nada veio. Apenas uma fria e dura sentença:

— Boa viagem, Catharina.

Sem dizer nada — e controlando as lágrimas que estavam trancadas em minha garganta —, me virei e caminhei em direção ao embarque.

Parti com duas certezas. De que minha mãe me odiava. De que uma ligação importava mais do que se despedir de mim.

Francisco também deve ter tido essas certezas antes de partir.



Dormi a maior parte das viagens.

Fazia as conexões entre as cidades e, então, tomava o remédio para dormir e esquecer que eu estava a milhares de quilômetros da terra. Foi o comissário de bordo que me acordou quando o avião pousou na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Agradei, ainda sonolenta. O homem me ajudou no desembarque, conversando comigo em inglês. Eu não poderia mentir: estava nervosa e minhas mãos não paravam de tremer. Era a minha primeira viagem sozinha e se meu pai não houvesse cuidado de tudo, eu não saberia aonde ir. Uma moça estava esperando por mim no desembarque, segurava uma plaquinha com o meu nome; e foi simpática fazendo o *check-out*. Ela me informou que seriam mais três horas de viagem até o destino e que a última parte da viagem seria com alguém chamado Vicente — um dos empregados de confiança da minha vó.

Era quatro horas da manhã e, apesar do horário, o lugar estava cheio, tantas pessoas indo e vindo, tantos encontros e desencontros. Me perguntei se alguém ali era como eu: sozinha em um lugar que eu mal tinha recordações.

Vicente estava nos esperando na entrada do aeroporto. Era um homem em seus quarenta, quase cinquenta anos. Ele me cumprimentou com um aceno e um sorriso, pegando minhas malas e levando até o carro. A moça se despediu de mim e me desejou uma boa estadia no Brasil. Ela chegou a comentar sobre lugares que eu poderia visitar na Serra Gaúcha, mas eu não prestei atenção e não tive nenhum interesse. Se dependesse de mim, eu passaria o dia todo no meu quarto, no escuro.

Sentei-me no banco traseiro do carro e esperei que Vicente dissesse algo, mas ele dirigiu em silêncio pelas horas seguintes. Imaginei que não soubesse que eu falava e entendia português — e eu duvidava que minha vó também tivesse esse conhecimento. Peguei os meus fones de ouvido e o meu *iPod* e naveguei pelas músicas, escolhendo o álbum *Three Cheers for Sweet Revenge* do My Chemical Romance para tocar.

Deixei que repetisse. Lá fora, a cidade grande desaparecia na medida em que seguíamos pela estrada até nada mais compor a paisagem além árvores, campos e morros distantes. Estava chovendo e nenhum sol se apresentou com o passar do tempo. Era tudo cinza, tudo apagado. E estava frio, mais do que imaginei que estaria. Era o fim da Primavera e o começo do Verão em Vancouver, estava quente por lá; ao contrário daqui.

Pensei em tomar a minha medicação para dormir — era mais fácil quando a vida passava comigo de olhos fechados —, mas fiquei com medo de não acordar quando chegássemos na cidade. Tentei me concentrar na música, rabisquei algumas palavras perdidas em meu caderno e deixei que as horas passassem e a ansiedade me devorasse aos poucos.

A chuva diminuiu quando nos aproximamos de uma placa que dizia *Santa Conceição do Sul, pegue a pista à esquerda*. A paisagem era fechada, densa e minha cabeça parecia pesada. Um barulhinho irritante incomodou meu ouvido e, como se estivesse falando consigo mesmo, Vicente sussurrou:

— Nunca me acostumo com essa mudança de altitude. Meus ouvidos tão zunindo... — Um forte sotaque marcava a voz na sílaba que terminava em *de*. Achei fofo e me perguntei se minha vó também o tinha.

Atravessamos uma estrutura que lembrava muito o formato de um castelo, que estava sobre a estrada de mãos opostas. Na edificação, com janelinhas de pedra e flores nas paredes, estava escrito: *Bem-vindos à Santa Conceição do Sul, a terra dos vales verdes*. Passava um ar interiorano com a paisagem cinzenta, melancólica. A estrada seguiu até ser substituída por uma pista de paralelepípedos, cercada por árvores robustas e arbustos floridos. Consegui ver as primeiras composições da cidade. Pequena, como meu pai comentou. Não seguimos pela rua principal, Vicente pegou um desvio e se dirigiu por uma estrada escondida entre casinhas, algumas pessoas já estavam de pé; e observei um casal de velhinhos sentados na varanda enquanto galinhas pipocavam ao redor. Eles desapareceram quando avançamos e, então, campos nos cercaram, separados da estrada por cercados desgastados pelo tempo.

Tudo parecia um tanto abandonado.

Havia vida, é claro, mas tinha cheiro de solidão, do que eu sentia todos os dias quando abria os olhos. Não levou muito tempo para que outras residências surgissem, perdidas entre os terrenos abarrotados de plantações. Papai comentou que a cidade tinha muitos agricultores. Os maiores nomes eram os que criavam e vendiam animais — e minha vó costumava estar entre eles. Ela parou com a criação com a morte do meu avô para dar atenção ao negócio da família, mais famoso e lucrativo: a vinícola na cidade de Bento Gonçalves. Apesar disso, Dona Catharina continuava na fazenda; e não havia um porquê aparentemente. Pensei que fosse pelo que ela significava, pelas memórias que o lugar guardava.

Meu irmão nasceu aqui, diferente de mim que nasci em outro país.

Era o lugar favorito de Francisco, dos dois Franciscos.

Era tudo o que eu sabia até então — e não parecia o suficiente quando Vicente atravessou o portão de tijolos cinzas e desceu a estrada de pedrinhas até a grande residência. Sob a proteção

da varanda em frente à casa, entrelaçada por flores, visivelmente inquieta, estava minha vó. Eu não me lembrava de suas feições, mas não imaginava que esboçasse um olhar tão sério. Era pequena, não deveria ter mais que um metro e cinquenta, mas sua expressão rígida fazia parecer maior. Duas outras pessoas esperavam em sua companhia: um homem e uma garota que não parava de mexer no cabelo.

Ela olhava nervosa para o carro e se aproximou quando Vicente estacionou.

— Chegamos. Seja bem-vinda. — Vicente comentou depois de uma viagem toda em silêncio.

Esbocei um sorriso.

— Obrigada. — Respondi com doçura e percebi como ele ficou surpreso ao me encarar pelo espelho retrovisor. Não esperei para sair, eu não aguentava mais carros e aviões, e abri a porta sem nenhuma cerimônia.

Uma fina garoa caía sobre o lugar.

Meu tênis pisou na terra lamacenta com um murmúrio desconfortável dos meus lábios. Estava tudo coberto por barro e água. Tentei não me importar, tentei parecer o mais tranquila possível para que não percebessem a tempestade de ansiedade que havia dentro de mim. Eu não queria explicações ou olhares de pena. Eu só queria desaparecer.

Mas foi impossível — foi pior do que eu imaginava.

Porque o meu pé resvalou na lama e puxou todo o meu corpo para baixo. Caí sentada e senti o barro molhar minha meia calça e minhas pernas. Eu não queria nem imaginar o estrago. Não sei o que ouvi — se foi o meu nome ou o da minha vó —, fechei os olhos e comecei a contar, contar, contar. Até tudo passar. Até a minha ansiedade diminuir.

— Jesus! Tu tá bem?! — Mas abri os olhos quando alguém tocou o meu braço. A garota. — Não, digo... ahm... *you fine?* — E enrolou-se com um inglês tremido. Eu aceitei a ajuda para me levantar, mas não respondi. Logo atrás, Vicente e o outro homem se aproximaram.

Minha vó continuou parada no mesmo lugar.

Uma calorosa recepção.

A lama havia manchado meus tênis, minhas meias e toda a parte traseira da saia. Cair sentada era vergonhoso. Cair de *bunda* na terra úmida era pior; e mesmo acostumada a tombos por aí — quando o álcool estava pesado em meu sangue — eu nunca sabia como reagir. Se ria junto dos outros ou se agia como se nada tivesse acontecido. No passado, eram risadas que eu ouvia. Xingamentos que eu preferia não lembrar. Agora, apenas uma garota alta e nervosa demais perguntando se eu havia me machucado.

Balancei a cabeça em negação.

Ela insistiu.

— *Hello. I my job here. My name Ana Júlia and I can will help.*

Depois de um momento de tensão, era bom rir e esquecer. Era bom sentir que você não era a única pessoa nervosa. Se a minha ansiedade era grande, a da garota chamada Ana Júlia era ainda maior.

Ela literalmente tremia. Comecei a rir.

Não só pela minha tragédia de cair sentada em frente à minha vó, mas porque a tentativa de inglês foi cômica. Ela piscou confusa.

— Você quis dizer *I work here and my name is Ana Júlia*? — Dei um sorrisinho, tentando me esquecer da lama em minha roupa. — Ah, o certo seria: *I will help you*. Mas eu daria um 5 pela tentativa.

A garota franziu o cenho.

Surpresa e irritação ocuparam o lugar da preocupação que antes tinha.

— Espera. — Ela murmurou e formou uma linha reta com os lábios. — Tu sabe e entende português?

Mantive o sorriso.

— E francês, *mademoiselle*. — Pisquei.

Se tinha algo que sabia fazer bem era esconder os meus sentimentos atrás de palavras debochadas e expressões provocativas. Ninguém desconfiava de pessoas que tinham a língua afiada. Ninguém desconfiava de mim. E mentir sobre o que eu sentia passou a ser rotineiro. Eu sorria quando queria chorar, ria quando queria desaparecer e mentia quando perguntavam se estava tudo bem.

— Não foi o que me disseram. — Ana Júlia revirou os olhos e soltou um suspiro entre os lábios. O nervosismo havia diminuído e a garota não parecia muito feliz com as minhas respostas. — Mas de nada por ter te ajudado, sabe. Tentado pelo menos.

— Eu não pedi ajuda. — A minha resposta fez o rosto dela esquentar. A culpa de ter caído era minha. E *bem*, eu estava cansada de receber ajuda o tempo todo. Era como se olhassem para mim e vissem uma pessoa necessitada. — Estou bem: não preciso de ajuda com o idioma e entendo perfeitamente o que me dizem, *dear*. Está apenas perdendo o seu tempo.

Ana Júlia estalou a língua. Logo atrás, vi minha vó finalmente se aproximar e tentei controlar a ansiedade que me consumia.

— Era só o que me faltava agora ter que tomar conta de alguém pior que o pato. — Eu não esperava vê-la resmungar com seu sotaque marcado. Olhei-a de relance, curiosa e um pouco incomodada. Ela soou até grosseira do jeito que falava, claramente querendo que eu a ouvisse. — Mais uma garota da cidade grande... — Ana Júlia fez menção de se afastar.

Eu a interrompi com minha resposta.

— Você não me conhece. — Senti minha garganta apertar.

Não importava o lugar — os julgamentos eram sempre iguais.

Ignorei o olhar que ela me devolveu e fixei minha atenção em minha vó, ouvindo Vicente tentar conversar com Ana Júlia, que resmungou de novo e se ocupou com a bagagem. Respirei fundo e esbocei o meu melhor — pior — sorriso. Dona Catharina não sorriu de volta. Carregava a mesma expressão rígida, o seu cabelo branco preso no alto de sua cabeça.

— Pensei que não falasse português. — Ela comentou. Sem um *bem-vinda Catharina, como você cresceu ou que tombo, hein, está toda suja, se machucou?* Me senti péssima com a indiferença.

Fingi um sorriso.

— Laura sempre falou com a gente em português e meu pai em inglês. Eu e o Francisco sem...

— Ana Júlia vai levar a tua bagagem pro teu quarto. — Minha vó me interrompeu tão afiada como uma navalha. Bastou ouvir o nome do meu irmão. Ela indicou com a cabeça a

entrada da casa. — Tire os calçados quando entrar e tome um banho. Vou pedir para que preparem o café da manhã.

Ela não esperou uma afirmação ou uma pergunta.

Deu as costas para mim e pediu algo para Vicente e o outro homem que estava próximo, me deixando como se eu não houvesse viajado mais de vinte e quatro horas. Como se não a visse há mais de dez anos. Eu firmei os dedos na alça da minha bolsa e tentei ignorar a ardência no peito. Queria chorar. Estava longe do meu quarto. Longe dos meus pais. Cercada por pessoas que não pareciam felizes com a minha presença.

Segui até a casa, cuidando para não cair de novo, e tirei os tênis na entrada. A porta entreaberta deixava escapar um cheiro de hortelã do interior. Estava escuro, as cortinas fechadas não deixavam que a manhã cinzenta entrasse no ambiente de móveis antigos e uma coleção de plantas e enfeites que lembravam um antiquário.

— É por aqui. — Ana Júlia me chamou através de um corredor que se abria em uma saleta. As escadas estavam lá, cercadas de tijolos a vista e um relógio de parede barulhento. O cheiro de hortelã foi substituído por um atípico, de lugar fechado, abandonado. Subi as escadas logo atrás da garota, observando-a com cuidado.

Apesar da expressão carrancuda, notei as suas orelhas cheias de *piercings*. Conteí seis de cada lado. Não deixei de sentir inveja. Eu tinha alergia e todas as minhas tentativas me ocasionaram infecções. Ana Júlia também tinha um cabelo bonito — desparelho e com mechas mais compridas na frente. E suas roupas eram um tanto apagadas com cores neutras. Mesmo com o frio lá fora, o jeans era rasgado e bem colado às suas pernas, e uma corrente caía na lateral; conectada ao cinto de tachinhas. Esbocei uma risadinha silenciosa. Tinha estilo, mas era irritadinha demais para o meu gosto. Bastava ver como ela largou as malas em frente à porta que deveria ser a do quarto.

— Está irritada, Ana Júlia?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Por que importa?

— Porque imagino que minha vó tenha contratado você para ser no mínimo profissional. — Respondi e me aproximei dela. Eu precisava inclinar sutilmente a cabeça para encará-la. Não lembro de ter conhecido outra garota tão alta. As bochechas dela ficaram vermelha e foi engraçado como torceu os lábios, odiando ser provocada e contrariada.

— Não trabalho aqui pra ti. — Resmungou e deu um passo para trás. — Eu cuido dos animais.

Ri e coloquei os dedos em frente os lábios.

— Agora faz todo o sentido. Os animais. Esse seu temperamento. — E abri a porta do quarto enquanto falava. Estava escuro e com cheiro de mofo. — Talvez tenha passado tempo demais com os cavalos.

— Que?

Ela não havia entendido.

E não era uma mentira — Ana Júlia piscou como se realmente estivesse se esforçando para entender o que eu havia dito.

Ingênua, pelo visto.

Ingênua e, de uma forma irritante, fofa.
— Pergunte aos cavalos, Ana Júlia. Eles podem te dizer. — Entrei no quarto com a bagagem e fechei a porta.
Escorei-me na entrada e não liguei o interruptor.
Fiquei no escuro. Respirando devagar.
Devagar.
E deixei meu corpo deslizar pela superfície até o chão, encolhendo-me e abraçando minhas pernas.
Sozinha e no escuro, consegui chorar enfim.

Caderno da Catharina

Para Francisco.

Não é estranho como às vezes queremos ser o que os outros esperam de nós?
Você me perguntou isso uma vez e, pouco tempo depois, para a surpresa da mamãe e do papai, você entrou no curso de Design. Eu fiquei muito feliz na época, feliz porque você estava seguindo um sonho seu. Seus desenhos eram ótimos e eu ainda os tenho guardados comigo. Parecia tudo perfeito, não é? A sua página de arte ainda está lá na internet. Às vezes, entro e leio os comentários que deixaram desde que você se foi. São palavras bonitas. De admiradores. De pessoas que se inspiram em você até hoje.
Ainda parece que você está aqui.
Ainda escuto você.
Enquanto eu vinha para este país, havia um garoto sentado ao meu lado no avião ouvindo Bullet for my Valentine que era a sua banda favorita.
Parecia você.
Ouvindo e cantarolando.
Queria que fosse você.
Porque, quem sabe, se você estivesse aqui, você não só teria me abraçado na despedida do aeroporto, como teria vindo junto comigo nessa viagem.

CAPÍTULO 5

Eu queria xingar muito no twitter sobre as minhas frustrações, mas não tenho celular. E internet. E faltaria caracteres.

Ana Júlia

Era óbvio que ela não seria a minha garota dos sonhos.

Quando Domenica veio me perguntar no sábado à tarde, cheia de expectativas, eu contei o que aconteceu com a chegada de Catharina. Foi irritante, frustrante e o que eu estava esperando? Que vivesse um conto de fadas moderno? Não com a sorte invertida que eu tinha; e ainda se houvesse sido diferente, nada adiantaria: ela ficaria apenas o inverno e eu já quebrei a cara demais com amores passageiros. Eu não precisava disso. Não precisava de mais uma fissura no meu coração. Lara foi o suficiente — para não mencionar Isabella porque aí eu só me sabotaria mais com meus pensamentos autodepreciativos.

Eu havia terminado o meu expediente à tarde e fui para a casa da minha amiga encontrar um pouco de conforto. E silêncio. Sábado eram dias barulhentos com as meninas em casa. Meu pai trabalhava até as dez horas da noite e, sem ele, as garotas competiam para saber quem era a mais barulhenta. Melissa brigando com as pequenas, Vê correndo gritando pela casa com o gato endiabrado dela e Vi assistindo desenhos na sala com o volume quase no máximo. Às vezes, ficava na fazenda com os animais e caminhava pelas trilhas na mata. Era reconfortante. Eu também ficava na casa de Domenica para assistirmos algo enquanto ela me contava sobre um novo ficante. Era engraçado como tudo parecia mais fácil com minha amiga. Relacionar-se. Esquecer-se. Pular para o próximo. Beijar alguém em uma noite não significava o início de um relacionamento. Muito menos que se beijariam ou se encontrariam de novo no dia seguinte. *Tô aproveitando o melhor de mim*, ela dizia; e eu me perguntava por um momento se valeria a pena tentar e só aproveitar.

Mas não era para mim e... eu não precisava ser como ela.

Não funcionava assim.

— Ana Juuuuulia! — Domenica me chamou e eu pisquei para retornar à realidade. Perdi a linha da conversa e não me lembrava do que estávamos conversando. Fingi um sorriso, mas não foi efetivo. Nica franziu o cenho e cruzou os braços. — Será que dá pra parar de sair do ar? Eu tô tentando falar do Vitor! — Era cômico ver minha amiga frustrada em seu pijama de anjinhos. Não passava credibilidade nenhuma.

— Vitor... qual Vitor?

Domenica revirou os olhos.

— Barbaridade! Eu aqui falando pras paredes! — ela bufou e se sentou ao meu lado sobre o tapete felpudo. — Esquece, vamos falar de ti. Tu tá com essa cara de cachorro abandonado desde que chegou. Decepcionada com a gringa?

— Nada a ver, tchê. — Eu desviei o olhar e peguei uma almofada para deitar no chão e encarar o teto. — É um pouco de tudo, na real. Tô só desanimada, parece que o meu futuro é ficar sozinha cuidando das minhas irmãs e do meu pai.

Nica puxou a almofada que eu segurava e me acertou com ela.

— Dramática demais, meu Deus! Claro que não! Vamos fazer assim, hoje tem uma festa lá na Macondo. Não te preocupa, é o estilo de música que tu gosta, tá bom? — Ela se defendeu antes que eu pudesse argumentar. Nós tínhamos um gosto musical muito diferente. Nica ficava no pop, das músicas da Katy Perry, Lady Gaga e Beyoncé. Quando não estava cantando Bruno e Marrone ou outras bandas sertanejo por aí. Nada contra, claro, mas preferia minhas bandas *emocore* e até alguns *grunges* e *punk rock*. E era a única, o que me fazia ganhar apelidos como *emo* ou, pior, *rockeirinha*. Eu odiava esse.

Ergui uma sobrancelha.

— Macondo é um lugar de música alternativa, o que a princesinha do pop vai fazer lá?

— A Absinto não vai abrir hoje! — Domenica ergueu os braços como se fosse o fim do mundo. Absinto e Macondo eram as únicas casas noturnas de Santa Conceição. Era como se dividisse a cidade entre os mais alternativos e os padrõeszinhos, pelo menos era assim que Lara comparava. Senti um embrulho no estômago. Meses gostando de alguém para no fim durar menos que vinte e quatro horas. Era melhor não pensar e dar ouvidos a Nica. — Sei lá, rolou um negócio com alvará e tal, não importa, aí o pessoal tá combinando de ir no Macondo.

— *Bah*. — Eu tive que rir. — Tu tá ligada que o Macondo é minúsculo? Se realmente irem, não vai ter espaço pra respirar lá dentro.

— Tão dizendo que vai um recorde, *arrecém* vi um *tweet* que os donos tão animados com a possibilidade de superlotação. — Ela comentou enquanto se levantava e abria a gaveta da penteadeira de madeira. Pegou a chapinha de lá. — Vai ser iiiincrível!

— E *superseguro*. — Continuei no chão, desanimada. Sexta à noite e eu só queria um pouco de sossego; e quando me referia a isso, queria dizer: alguém para me fazer companhia. Alguém que pudesse ser Lara. Eu até cheguei a pensar se deveria falar com ela de novo. Tentar, sabe. Não comentei com Nica sobre isso porque eu não queria opiniões externas sobre as minhas intenções. *Porra*, o que eu ia fazer se eu gostava da garota mesmo depois do fora?

— E nós vamos, tá mais que combinado, reinenta.

— Ah, claro, Nica, eu vou sim, beber e beijar bocas alheias, o que adoro fazer. — Ironizei e suspirei alto. Eu não bebia. Eu não gostava de lugares tumultuados. E estava mais do que óbvio que não ia sair beijando qualquer garota. Era fácil para minha amiga falar quando ela não entendia a minha orientação.

— Vamos, Juju, dar umas bandinhas, conhecer gente nova. Isso vai te ajudar a esquecer esse coraçãozinho ferido. Pelo menos uma vez, uma só, tenta sair um pouco dessa tua zona de conforto.

— Pra quebrar a cara de novo?

— Tenta. — Ela insistiu enquanto alisava o cabelo. O cheiro de algo queimado subia no ambiente. — Só tenta, entendeu? Eu vou tá lá contigo, o Dudu também. O Lô também vai. Vai

ser bom. A gente se arruma, espera meus pais dormirem e saímos de fininho.

Tentar.

Só tentar.

Eram palavras curtas, mas pareciam tão, tão difíceis. Longe da minha realidade e do que me confortava. Às vezes, falavam que eu estava perdendo muitas oportunidades de conhecer alguém por viver a espera da pessoa perfeita. Que leva tempo e que nada acontecia rápido. Que eu precisava parar de pensar que conheceria alguém um dia e me apaixonaria no outro.

Que devia tentar.

Respirei fundo.

Talvez?

Teria como piorar a minha situação amorosa que já era um desastre?

Eu acreditava que não.

— Tá bom.

Nica deu um gritinho e praticamente pulou em cima de mim. Se ela não fosse pequena e leve, eu teria quebrado um osso. Ou talvez eu fosse dramática como minha amiga dizia.

— Por isso que eu te amo, sua emuxinha linda! — Revirei os olhos para a felicidade exagerada. Domenica me abraçou e me senti mais... tranquila. As nossas inúmeras diferenças era o que nos aproximava, e não mudaria nada nela. Mesmo que, às vezes, tivesse vontade de agarrar o seu pescoço por causa de suas ideias de jerico. — Vem! Vamos se arrumar! Tô doida pra fazer um delineado bem goticazinha em ti.

— Definitivamente não.



Ela fez o delineado.

Eu não tinha o costume de me maquiar. Afinal, eu cuidava de animais em uma fazenda e minhas roupas estavam sempre sujas de barro. Ou fezes. As galinhas frequentemente faziam coco por aí. Me maquiar para quê? Eu pelo menos não via necessidade. E era caro. Um luxo que eu não poderia me dar. Mas Nica ficou animada em fazer o delineado e gostei do resultado. Nossos estilos se divergiam em frente ao espelho. Ela gostava de blusas mais soltinhas e um número assustador de acessórios que a fazia parecer uma árvore de Natal. Eu tinha apenas os meus *piercings* de argola na orelha. Era o suficiente. Eu estava com a minha calça rasgada, uma camisa de flanela e uma camiseta preta que era o que sempre vestia. Com os coturnos. E a barra da calça dobrada. Fazia parte da estileira lésbica, como gostava de dizer.

Domenica sempre revirava os olhos com isso.

Ela usava uma saia de tubinho e uma camisa jeans amarrada na barriga. Linda e brega. O salto não era o suficiente para fazer os seus um metro e cinquenta e dois alcançarem os quase um e oitenta e cinco que eu tinha. Iríamos de carona com alguém chamado Vinicius, ou era Vitor,

que ela estava saindo nesta semana. Se duraria até a próxima era outra história. Esperamos por volta das dez para escapar. Os pais de Domenica dormiam cedo e acreditavam que a filha fazia o mesmo, sem nem imaginar que estávamos pulando a janela. Eles gostavam de mim — porque não sabiam que eu beijava garotas. Para os dois, eu era apenas a Juju, uma garota responsável que cuidava das irmãs e do pai. Não que isso não fosse verdade, só escondia o primeiro detalhe.

A parte boa de Domenica morar perto da fazenda de Dona Catharina era que não tinha vizinhos por perto. Era uma área mais afastada do centro da cidade e com os arredores de campos e plantações. A parte ruim era a estrada de terra; e com a época de chuvas, a região virava um piscinão de lama.

Vitor, ou Vinicius — eu vou chamar de Vi —, já estava nos esperando em uma picape *jeep* que deveria ser o preço da minha casa. Ou mais. Não era incomum em uma região com empresários no ramo da agronomia. Pelo que ela me contou, Vi era filho de um agrônomo e estudava Administração de Empresas na PUCRS em Porto Alegre. Eu me sentia até desconfortável em pôr os meus pés embarrados no automóvel, mas Nica entrou no banco do passageiro como se já estivesse acostumada àquilo. Ela ainda futricou no som e escolheu a música enquanto Vi dizia que ela estava linda.

— Os guris tão pensando em beber depois na Praça da Pedra. — Vi comentou durante o trajeto. Eu estava encolhida no banco de trás, tentando não existir enquanto conversavam. Era só nervosismo... na verdade. Talvez eu encontrasse Lara no Macondo e, quem sabe, as coisas se acertassem entre a gente.

Domenica disse para desistir e deixar tudo de lado. Mas não era fácil deixar de gostar de alguém que morou nos seus pensamentos nos últimos cinco meses. Se conversássemos melhor... se eu dissesse com mais clareza os meus sentimentos — tentando não ser tão emocionada —, as coisas poderiam se acertar.

Deixei o nervosismo me consumir no caminho e respondi às perguntas de Domenica com respostas curtas. Ela não percebeu a minha apreensão, estava animada demais com o rapaz para olhar para trás. Vi nos deixou próximas ao estabelecimento e saiu para procurar um lugar para estacionar — a rua estava lotada e muitas pessoas bebiam e conversavam nos arredores. Fiquei pensando em quem morava nas redondezas, se estavam habituados à barulheira ou se todos os finais de semana precisavam aturar um bando de jovens bêbados gritando.

Eduardo e Lorenzo acenaram para nós na fila do Macondo, que se estendia assustadoramente ao longo da calçada.

Como todo mundo ia caber lá dentro era um mistério.

— Tu conseguiu fazer a rockeirinha sair da caverna dela? — Eduardo foi o primeiro a se manifestar quando nos aproximamos. Revirei os olhos e coloquei uma mecha de cabelo para trás da orelha, disfarçando o meu olhar entre as pessoas ao redor. Nenhum sinal de Lara.

— Ela precisa beijar a boca de mulher bonita hoje pra se sentir melhor. — Domenica respondeu.

Eu estava tão apreensiva e ansiosa que não consegui nem me irritar.

— Cadê o Vitor? — Lorenzo perguntou. Nica havia comentado que ambos eram melhores amigos e seria complicado quando eles terminassem.

— Foi estacionar.

Eles continuaram conversando e fiquei dispersa com o olhar na aglomeração.

Meu coração estava acelerado. Eu só esperava não morrer de ansiedade antes de encontrar Lara. Era o meu principal objetivo da noite; se não desse certo, colocaria na minha cabeça que era melhor desistir. Domenica poderia estar comentando sobre beijar outras mulheres para esquecer a garota e aproveitar a noite. Mas não funcionava para mim.

A primeira vez já havia sido um desastre com direito a uma Anaju surtada se escondendo entre as pessoas.

Eu fui o assunto da noite.

A lésbica que tem medo de beijar outras mulheres.

Lésbica mesmo?

Como se eu precisasse *beijar beijar e beijar* outras garotas para comprovar a minha sexualidade.

Assexualidade? Coisa da internet.

E diziam isso sem ironia.

Quando entramos, o frio da noite foi substituído por um vapor abafado, consequência do número de pessoas enfiadas em um lugar tão pequeno. A luz piscava em algumas partes e o cheiro de álcool preenchia o ambiente. A risadas de pessoas bêbadas se misturava ao som da música — alguma banda alternativa brasileira que sempre tocava por lá. Eu não conseguia imaginar o pessoal *hetero-padrão* que ia na Absinto ouvindo esse estilo de som. Não era o lugar para eles, mas com a casa de festa fechada, só restava essa e, em uma cidade como Santa Conceição, tu precisava aproveitar o que tinha.

Domenica segurou a minha mão e me puxou até o balcão de bebida. Ela pediu confiante um *drink* com vodka e morango, mas não esperava que as bebidas fossem menos sofisticadas. Era cerveja e pronto. Minha amiga esboçou um biquinho com os lábios pintados de vermelho e cochichou no ouvido de Vitor (ou Vinicius, sei lá). Eduardo e Lorenzo já estavam fora de vista e a maioria dos presentes eram ou ex-colegas da escola ou pessoas que eu ouvia Domenica comentar alguma fofoca. A diferença entre socialização entre nós era absurda: ela era o sol e eu era plutão, esquecido e desclassificado como planeta.

— Ele vai buscar vodka pra nós e vamos nos sentar lá fora, alguns amigos dele também tão lá. — Domenica se inclinou no meu ouvido para falar. Torci os lábios, desaprovando, mas assenti. Era óbvio que não iam gostar daqui, tentei dizer isso, mas quem disse que me ouviram?

— Eu só vou no banheiro. — Menti.

— Quer que eu vá contigo?

— Não, não. — A gente estava praticamente gritando uma no ouvido da outra. — Vai lá com eles que eu vou em seguida, tá?

Ela assentiu e beijou a minha bochecha. Fiquei sozinha enfim... e foi difícil respirar tranquila. Não quando o meu próximo passo seria encontrar Lara. Ajeitei o cabelo e, com resquícios ilusórios de confiança, me enfiar entre as pessoas. Não seria difícil encontrá-la, garotas de cabelo colorido tendem a ser chamativas — para mim pelo menos — e Lara tinha uma presença que era impossível de ignorar. Procurei primeiro nos lugares mais improváveis: na pista de dança e nas mesas para fumantes que ficava no segundo andar. Ela não era de dançar e tinha nojo do cheiro de cigarro, mas era para ter certeza que não estaria por lá. Depois, fui de fato até o banheiro. Era precário, espelhos quebrados e marcados com mensagens comuns em lugares como esse: números de telefone, xingamentos a alguém específico e assinaturas com data e ano.

Duas garotas estavam cochichando perto de uma cabine e eu quis morrer quando reconheci uma delas.

Isabella.

Minha *ex* primeira e única namorada.

Ela me encarou pelo canto dos olhos, a típica observação que ia dos pés a cabeça. Depois, deu um meio sorriso para a amiga — Giovana, a filha do prefeito de Santa Conceição e hétero até o último fio de cabelo rosa. Ela e Isabella eram meio que melhores amigas agora, idênticas uma à outra. O estereótipo de garota alternativa com roupas pretas, meia calça arrastão e acessórios coloridos. O *meu* tipo, não podia negar.

— Juju... — Ela sussurrou como se meu nome fosse um doce em sua boca. Era para provocar. Isabella era menor que eu e a amiga, com mechas brancas entre os cabelos pretos, e tinha uma pintinha debaixo do olho esquerdo que por anos e anos me encantaram. Sempre disse isso a ela. Pelo menos até pisar no meu coração com tanta vontade que eu ainda sentia a dor dos cacos. Mas estava no passado e ficaria por lá. — Que milagre te ver por aqui, decidi sair do teu estábulo?

Giovana riu por trás da mão coberta por uma luva de renda.

— Só tô procurando alguém, cara. Não tenho nada pra falar com tu.

— Alguém? — Isabella mostrou os dentes com aparelho ao dar um sorriso surpreso. — Uma namoradinha, é?

Revirei os olhos.

— Ah, não enche o meu saco, tá bom. Com licença. — Fiz menção de sair e esquecer que tinha encontrado as duas.

— Bem que tu queria ter um saco, né, porque os chifres tu já tem.

Era esperado que Giovana falasse algo. Como o prefeito da cidade, e muitos habitantes por aqui, ela tinha a mesma homofobia enrustida. Aquelas que falam: “homofóbica, eu? tenho até amigos que são gays!”. Tentei ignorar. Meu tempo era escasso e realmente precisava encontrar Lara, mas não podia dizer que palavras como as dela não me afetavam. Porque afetavam. Doíam. De duas formas: porque fui traída por Isabella — o que me fazia ter fama de corna — e que eu queria ter um *saco* porque gostava de mulheres.

Será que daqui a dez anos as pessoas vão ter o mesmo pensamento?

Provavelmente, e infelizmente, sim.

Isabella riu com ela e sussurrou um *ai, amiga, que maldade*, mas a outra não esboçou arrependimento.

— Se tu tá procurando a gringa, Juju, ela tá na sacada do segundo andar.

Eu gelei com o comentário da minha *ex*, mas não me surpreendi. Essa era a parte ruim de viver em uma cidade pequena. Todo mundo sabia — sobre mim, sobre meus chifres, sobre tudo basicamente.

— Ah, obrigada. — Respondi com ironia porque, apesar dos deboches, não sabia revidar sem começar a chorar. Então, me virei e caminhei em direção à porta. Um dia queria conseguir fazer algo. Tipo dar um soco na cara de homofóbicos.

Antes de sair, ouvi o último sussurro de Giovana.

Não aguentava mais o cheiro de porco dessa machorrinha feia.

Mordi os lábios, respirei fundo — muito fundo — e fui até o lugar indicado por Isabella.

Poderia ter sido tudo uma merda e a vontade de chorar poderia estar engasgada em minha garganta. Mas melhoraria. Eu estava confiante quando subi a escada e desviei de um casal que descia entre risadas e beijos.

Quem sabe não fosse assim comigo em breve?

A sacada, eu mentalizei; e fui passando e pedindo licença às pessoas. Eu não queria perder a oportunidade e, se demorasse, Lara poderia ir para casa ou se esconder em algum outro lugar.

O que eu diria a ela?

Como ela reagiria?

Sorriria com as covinhas e diria que gostava de mim também?

Eu só me perguntava em que mundo eu estava quando idealizei esse cenário ou quando tive a ideia de tentar conversar. Porque quando coloquei o pé na área exterior, com algumas pessoas conversando e bebendo, me deparei com um contexto totalmente diferente.

Lara estava lá como Isabella falou.

Mas não sozinha. Com um homem. Aos beijos.

Foi como um soco — pior que isso, bem pior. Foi como pisar no que eu tinha tentado consertar e ainda estava frágil. E era... tão óbvio. Como eu poderia ser tão ingênua de pensar que, por algum motivo, Lara estaria também pensando em mim? *Quebrou a cara de novo, Ana Júlia.*

Que novidade.

Para piorar tudo, o olhar de Lara encontrou o meu quando o beijo foi interrompido. Doeu a indiferença. Porque ela o beijou novamente e ignorou a minha presença.

Meu peito doeu e eu senti uma vontade absurda de chorar.

De sair correndo.

De desaparecer.

Me virei depressa, sem pensar e quase sem respirar. Estava tão desnorteada e entorpecida que não vi o garoto entrar com um copo em mãos.

Sabe os filmes adolescentes em que quando uma coisa dá errado para a protagonista *tudo* começa a dar errado?

Acontece na realidade também.

Porque eu recebi um banho de cerveja.

Foi tudo na minha camisa — a melhor camisa que eu tinha. Ele pediu desculpas depressa, disse algo que não dei ouvidos, eu só ignorei.

Juntei os restos de força e corri para a saída do estabelecimento para encontrar minha amiga e, quem sabe, ter alguém para juntas os pedacinhos que restavam do meu coração.

Não foi o que recebi. Quando cheguei lá fora e me deparei com Domenica, seu ficante e amigos, fui recebida por olhares que já me causaram desconforto.

— O que aconteceu? Parece que viu um fantasma! — Minha amiga riu, afetada pela bebida, e os demais fizeram o mesmo. Senti a garganta queimar.

— Acho que uma garota beijou ela e ela se assustou. — Um dos conhecidos comentou.

Eu estava a um passo de chorar.

— A gente pode conversar, Nica? — Eu me esforcei para perguntar com os fragmentos de contenção que me restavam.

Ela quer te beijar, hein.

Ouvi alguém dizer. Risadas. Domenica sussurrou um *para com isso* em uma encenação horrível de que estava braba.

— O que aconteceu, amiga? — Ela se aproximou de mim.

— A Lara... — Comecei com todo o esforço do mundo para não chorar. Ou explodir. Estava magoada e envergonhada, e as pessoas ao redor me deixavam mais desconfortável.

Domenica me interrompeu antes.

— Ah, não, Anaju, tu tá ainda atrás dessa garota? Meu Deus, a Lara te deu um fora... deixa ela. Parece os caras que eu dou o fora e ficam igual cachorrinho na minha perna.

Outra risada. Risadas, porque os outros riram com ela.

Foi um gatilho em mim.

— Não acredito que tu tá me comparando com os caras que tu fica quando tu é muito pior que eles. — Disparei, impulsionada pela coleção de sentimentos que me passavam pela cabeça.

A expressão de Domenica se fechou.

— Tu tá falando de mim e não se enxerga, né? — O pessoal ao redor começou a falar *briga briga briga* como se ainda frequentassem o ensino médio. — Deixa de ser imatura pelo menos uma vez na vida. A garota te usou e tudo bem. A vida continua. Vê se encontra outra pessoa que realmente aceite esse teu jeito infantil.

Aquilo foi como um tapa na minha cara.

Minha amiga basicamente me humilhou na frente de todo mundo.

Não consegui argumentar. Não consegui nem reagir. Meus olhos se encheram de lágrimas que só aumentaram quando ouvi as palavras que se espalhavam entre as vozes ao nosso redor.

Como assim tu ficou com a Lara, guria?

Ela é mais hétero que o Lorenzo.

Acho que tem até um namorado a distância.

Desculpa falar mas ela te usou amiga, tirar um gostinho da lésbica emo e ver como é beijar mulher emocionada igual tu.

E pela segunda vez em público, terminando de manchar a minha reputação, que nada valia, eu saí correndo.

Saí para o único lugar que poderia ser o meu refúgio.



Era de se esperar que isso acontecesse.

Era de se esperar que meu coração fosse pisoteado.

O que eu estava esperando?

Que a garota que me deu um fora em menos de 24 horas fosse estar pensando em mim, arrependida por ter terminado o que nunca começou? Era óbvio que não. Eles tinham razão quando falavam de mim; eu não passava de uma garota emocionada que, consequentemente, acabava afastando as pessoas. Era o que explicava o meu círculo de amigos. Domenica e ninguém mais. Todos se afastaram — os amigos que ontem faziam planos e pensavam no futuro hoje não olhavam na minha cara.

Talvez eu nunca houvesse tido realmente amigos.

Tá tudo bem, Anaju, eles não entendem.

Foi o que meu pai disse um dia que ousei pedir um conselho dele. Eu estava desesperada por alguém que me ouvisse, alguém que pudesse me dar uma luz do que fazer. Isso foi pouco tempo depois de eu me assumir e, em um passe de mágica, perder todos os amigos e conhecidos.

Eles não entendem, repeti com um gosto amargo na boca.

Mas o que tinha para ser entendido?

Que não era como eles e que os relacionamentos funcionavam diferente para mim?

Sempre aceitei o jeito de todos ao meu redor. Mas não aceitavam como eu era. Tentavam mudar, questionar, criticar.

Quando cheguei aonde queria — a área mais afastada da fazenda após a mata — encolhi meus ombros e sentei no chão coberto com o sereno da madrugada. Diante de mim, o Vale da Mata, se abria para um luar preguiçoso. Acho que choveria... e talvez eu ficasse por ali, amargurando os meus sentimentos quebrados. Amargurando a minha tremenda má sorte em relacionamentos e essa coisa que chamam de amor.

As palavras dos amigos de Domenica voltaram por um instante.

Como assim tu ficou com a Lara, guria?

Ela é mais hétero que o Lorenzo.

Acho que tem até um namorado a distância.

Desculpa falar mas ela te usou amiga, tirar um gostinho da lésbica emo e ver como é beijar mulher emocionada igual tu.

Risadas. Eu sufoquei as lágrimas na hora. Eram estranhos, não me conheciam direito. O pior veio em seguida. Minha amiga. Minha única e melhor amiga.

Deixa de ser imatura uma vez na vida.

A garota te usou e tudo bem.

A vida continua.

Vê se encontra outra pessoa que realmente aceite esse teu jeito infantil.

Aquilo doeu demais. As lágrimas foram involuntárias. Tanto agora quanto nos momentos anteriores. Sair correndo como fiz foi pior — as risadas foram piores e maldosas. Encolhi minhas pernas e as abracei, engolindo um soluço. Não queria chorar. Não queria me sentir mal quando não tinha culpa. Não era errado. Era?

Era?

Minha voz saiu como um suspiro.

Eu não esperava um retorno — eu não esperava principalmente estar com companhia.

Mas um *está tudo bem?* soou na escuridão.

Olhei para trás e meu coração saltou pela boca. Escorada em uma árvore, a fumaça do cigarro deixando os seus lábios, vi a neta de Dona Catharina. Seu corpo estava encolhido, usava um blusão desgastado maior que ela e uma saia xadrez com meia-calça rasgada. Os tênis estavam sujos de barro, o que significava que ela já estava ali, quem sabe muito antes de eu chegar.

Eu me levantei depressa.

— O que tu tá fazendo aqui? — Perguntei e tentei esconder a minha voz embargada de choro.

— O que você está fazendo aqui? — Ela repetiu em um sotaque ríspido, quase debochado. Ela era debochada. O nosso encontro desagradável no dia de sua chegada foi o suficiente para que eu entendesse isso.

Revirei os olhos.

Catharina deu uma última tragada no cigarro antes de jogar o toco no chão. Aquilo me incomodou, imaginei que fosse assim que esses gringos fizessem, eles não importavam com a sujeira que faziam. Mas eu não estava em condições de sequer questionar. Era difícil conter até mesmo as lágrimas. Ela parou ao meu lado — cheiro de cigarro, maçã com canela e orvalho — e olhou para o vale com as mãos às costas.

Respirou fundo e fechou os olhos antes de falar.

— Eu queria ficar sozinha e esse lugar é bom para isso, não é? Parece que foi por isso que você veio também... — Ela se virou para mim. Seu delineado estava borrado como houvesse esquecido e coçado o olho. — Além de chorar.

— Não estou chorando! — Limpei as lágrimas depressa.

Não que ajudasse muito.

Quando estamos chorando e somos forçados a dizer que não estamos, era impossível não chorar em seguida. Foi o que aconteceu: meus olhos se encheram de lágrimas e eu virei o rosto para me esconder. Um palavrão pulando da minha boca. Catharina inclinou o corpo na minha direção.

— A maioria das crianças contam essa mentira.

— Tu tá me chamando de imatura? — Eu a encarei com o rosto vermelho e as bochechas pelando.

— Estou? — Ela esboçou um sorriso discreto. — Porque não aponte o nome de ninguém.

— Tu tá tirando com a minha cara desde que chegou aqui... e o que eu menos preciso agora é isso!

— Tirando com a sua cara...? — Ela piscou os olhos algumas vezes e levou um dedo a boca, o batom roxo borrado e descascando. — Eu não quero tirar a cara de ninguém.

Só podia ser brincadeira.

Pensei em responder e ser tão desaforada quanto ela. Mas não consegui — e eu dificilmente conseguiria na situação em que me encontrava. Eu só queria ser engolida pela minha insignificância e chorar até minhas lágrimas secarem. Então, dei meia volta para desaparecer.

Foi só dar as costas para que ela me alfinetasse de novo.

— Talvez você seja imatura.

Eu que estava a um passo de chorar e vinha segurando tudo na garganta, não aguentei. Olhei para ela novamente e esbravejei:

— Por que tu tá tentando me deixar pior?! — Não queria ter elevado a voz, foi impossível. — Eu já tô pior, se tu quer saber, já tô um lixo... — Funguei e soluzei. As lágrimas estavam voltando aos meus olhos. — Não adianta falar porque eu sei que sou imatura e ridícula!

Catharina pareceu assustada com minha reação: ela colocou uma mão frente ao peito como se eu fosse uma criança que acabou de perder o seu brinquedo favorito. Mas era pior. Não perdi o meu brinquedo favorito e, sim, vi pessoas que gostava pisarem nele e depois o quebrarem na minha frente.

A garota entreabriu os lábios pequenos para falar algo, qualquer palavra que não pertencesse a ela. Mas não disse nada: olhou para baixo e brincou despretensiosa com os pés. Usou um para tirar a lama do outro — o que não era tão eficiente quanto ela imaginava.

Mordi os lábios com gosto de lágrimas.

Quis ir embora.

De novo, ela me interrompeu:

— Não acho que seja verdade... — Sussurrou sem erguer a cabeça. — Não acho que seja imatura.

Limpei o rosto com a manga da minha camisa.

— Tu nem me conhece. — Respondi com implicância, mas a carga de choro não me ajudava.

Eu só parecia uma criança emburrada e birrenta.

— Não conheço mesmo. — Catharina enrolou uma mecha do cabelo ruivo com o dedo. Parecia sem graça. — Mas é fácil de ver isso... e está chorando não porque é imatura, mas porque alguém foi imaturo e insensível com você. Acho que talvez essa pessoa seja um lixo e não você.

Fiquei um momento tentando entender o que ela queria dizer.

E o porquê chegou àquela conclusão.

— Mas tu me chamou de imatura...

— Em nenhum momento, Ana Júlia. — Ela deu um meio sorriso e continuou cutucando a terra com o pé.

Senti mais vontade de chorar. Funguei e sufoquei um soluço; e a reação trouxe o olhar dela até mim. Desviei o rosto depressa, não querendo que visse a minha expressão deprimente.

— Eu digo isso com convicção. Vou te contar um segredo: eu entendo muito bem de pessoas que são um lixo. — Vi um sorriso pequeno nos lábios dela pelo canto dos olhos.

Senti vontade de falar — de contar tudo o que aconteceu... Eu queria muito desabafar. Precisava de alguém para me escutar. De alguém que me olhasse e dissesse: tá tudo bem, Anaju, tu não fez nada de errado.

Mas esperar isso de alguém que eu mal conhecia? Idealizar algo de novo para me decepcionar depois? Precisava era aprender que ninguém estava disposto a entender quando tu queria que as coisas acontecessem rápido demais.

Catharina tinha razão.

Eu era imatura e seria sempre imatura se continuasse vivendo de ilusões de que alguém um dia entenderia o meu lado emocionado e ainda assim me amaria.

Era melhor não mais me apaixonar.

Deixar para trás e viver como eu vinha vivendo desde então: sozinha. Não a respondi e me afastei.

Catharina não me chamou de novo.

CAPÍTULO 6

Caderno da Catharina

Como reagir a um lugar que você não é desejada?

Queria me sentir menos um fardo do que já sinto, mas estar aqui parece que piorou. Não sou amada e minha vó não parece estar disposta a me amar.

Afinal, quem me amaria?

Eu mesma

não NÃO

me amo.

Nasci para ser odiada

Eu mesma

me

odeio.

Catharina

É hora de acordar.

O chamado veio acompanhado do movimento abrupto das cortinas e da janela sendo aberta. A claridade invadiu o quarto em um rompante; e eu precisei cobrir a cabeça para não ser cegada pela luz.

— O café tá servido, Catharina. Levanta e lava o rosto, a Ana vai te mostrar como alimentar as galinhas.

Espiei pelas cobertas. Minha vó estava já vestida, o cabelo preso em um coque recém feito e com tanta energia que parecia estar acordada há horas. Ela entrou no quarto como um furacão, e não demorou para puxar as cobertas que eu estava usando. Sem nem um *bom dia*.

— Meu deus. — Eu murmurei e me encolhi na cama. — *Bom dia*. — Mas fui ignorada. Minha vó não perguntou nem se dormi bem ou se havia descansado o suficiente. Eu estou bem, obrigada, vó, pela calorosa recepção. Me perguntei o que aconteceria se eu ficasse na cama. Ela retornaria e insistiria ou simplesmente me ignoraria como vinha fazendo desde que cheguei? Não recebi conselhos de como lidar com ela de minha mãe, muito menos de meu pai — quem Dona Catharina tinha um nível de aversão exorbitante. Nunca entendi direito: se era a fama do meu pai, o fato de ter levado sua filha para longe ou o descaso que levou à morte do meu irmão.

Meu irmão que sempre falou da avó com muita afeição.

A Dona Catharina das palavras dele era muito diferente da Dona Catharina da realidade. Era mais dura, mais séria... menos viva.

Respirei fundo e me levantei, puxando as mangas do meu pijama. A peça era enorme, de modo que os meus braços ficavam ocultos no tecido; e essa era a parte importante. Eu precisava escondê-los e esquecê-los.

Esqueça, Catharina.

Esqueça.

Não havia um banheiro no meu quarto e eu espiei pela porta o corredor escuro para tentar localizá-lo. O ambiente era um tanto assustador e os móveis antigos tornavam tudo um cenário de filme de terror. O banheiro estava no final do corredor, cuja parede trazia um espelho oval com uma moldura horrível. Todos os ornamentos e enfeites pareciam terem sido comprados de um antiquário. Fui até lá e fiz o máximo para não me olhar no espelho. Prendi o cabelo e não tirei a maquiagem borrada: troquei apenas a calça de pijama por uma saia preta. Uma meia listrada e meus tênis sujos de barro da noite passada e eu estava pronta.

A noite passada.

Pensei nisso enquanto descia as escadas e ignorava as fotos na parede — meu irmão estava entre elas. Lá embaixo, o cheiro de café passado me guiou até a cozinha vazia. A mesa, no entanto, estava posta apenas para uma pessoa, e a louça na pia me fez concluir que minha vó já havia se alimentado. Eu não estava com fome e não me interessei pelo bolo com cobertura de chocolate ou pelas frutas recém cortadas que estavam separadas. Servi um copo de água para tomar o meu remédio de dormir.

— As galinhas têm uma rotina e tu já tá atrasada. — Dei um pulo quando ouvi Dona Catharina soar às minhas costas. Eu não a ouvi se aproximar. Ela olhou para os alimentos de relance antes de continuar. — Ana tá esperando lá fora.

Senti um certo alívio quando ela não insistiu no café da manhã. Meus pais basicamente me forçavam e eu tinha sempre que encontrar uma forma de despistá-los sem precisar ouvir os sermões intermináveis de Laura.

Passei a língua pelos lábios e segurei firme a barra da manga da minha camiseta.

— Eu vim para trabalhar? — Decidi perguntar.

Não eram sequer sete horas da manhã.

Dona Catharina ergueu uma sobrancelha cinzenta e me observou dos pés a cabeça... como se só houvesse percebido minhas roupas agora.

— Veio pra se mexer e não ficar o dia todo no quarto como teus pais deixam. — Finalmente uma resposta. Pensei que ela me ignoraria pelo resto dos dias.

— Acho que sou mais útil no quarto.

Ela franziu o cenho.

— As galinhas precisam ser alimentadas.

Era o fim da nossa conversa pelo visto. Murmurei um *certo, eu vou* espichado e segui até a porta dos fundos. Uma brisa gelada veio de lá e encolhi o corpo para o frio que eu não esperava — mas eu não estava disposta a entrar na cozinha de novo e ver a minha vó. Lá fora, o dia acordava preguiçoso; e na grama, a geada da madrugada desaparecia devagar com o sol.

Ana Júlia estava um pouco à frente, de costas, observando a extensão da fazenda em silêncio. Era grande, próxima aos morros que cobriam o horizonte. Pareciam tão próximos que eu me perguntava como era observar as terras da minha vó de lá. *Como fazia para chegar lá...?* Eu tentei na noite passada, saí escondida do quarto e desisti quando encontrei o caminho para o que chamavam de Vale Verde. Pensei que ficaria sozinha como precisava — ou pelo menos achava que precisasse.

Até ela aparecer.

Chorando. Despedaçada.

De quem teve o coração quebrado e pisoteado.

Não era um sentimento que eu conhecia — nunca me apaixonei porque vivi o que eu não queria, mas achava que precisava para ser aceita.

Esqueça, Catharina.

Você está bem longe dele.

Deles.

— Bom dia, Ana Júlia. — Comentei alto o bastante para que me ouvisse e me distraísse dos pensamentos intrusivos. — Está melhor hoje? Porque alguém precisa estar bem por aqui.

Ela se virou com um sobressalto, ofegante pelo chamado repentino.

— Bom dia. — A garota sussurrou com resquícios de timidez. Imaginei que se envergonhasse pelo que aconteceu na noite passada.

— As galinhas estão esperando, não é mesmo? Devem estar *famiintas* com a minha demora.

Ana Júlia arqueou uma sobrancelha.

— Elas comem mais cedo, então devem tá com fome mesmo. — A resposta foi coberta de uma ingenuidade verídica. Ela não havia percebido a ironia em minhas palavras e, apesar de surpresa, não deixei de achar fofo. E sentir pena. Ser ingênua possivelmente era um dos motivos do coração em pedaços na noite passada. Sei como é. Quando as pessoas percebem a sua inocência, usam você e destroem qualquer esperança que tenha.

Uma pena que tenham quebrado você, Ana Júlia.

E estava na expressão dela — ela não disfarçava bem e seu rosto trazia as lembranças de lágrimas incansáveis. Tentava esconder: desviou o olhar e colocou uma mecha castanha para trás da orelha repleta de brincos. Depois disso, a acompanhei pelo percurso até o galinheiro. Observei melhor as redondezas e avistei dois casebres afastados, com cercas de arame e hortas pequenas. Era comum por aqui e, pelo que ouvi do meu pai, minha vó tinha pessoas de confiança que moravam na fazenda. Vicente deveria ser um deles. De modo geral, o lugar era *cheio*. Vi vacas de longe, ouvi os porcos e alguém comentou sobre um pato que fiquei curiosa em conhecer.

O galinheiro era enorme: com uma cerca alta e com casinhas lado a lado, separadas por arames. Todas as aves estavam soltas no espaço fechado, muitas delas. Devia ser a primeira vez que eu via tantas de perto. Na verdade, era a primeira vez que eu tinha contato com uma galinha de fato. Abracei o meu corpo enquanto observava, a brisa do amanhecer me arrepiando. Não imaginei que estaria aqui agora. Vendo galinhas. Sete horas da manhã. Tentando esquecer o porquê de tudo em minha vida.

— Vai ficar aí parada? — a voz de Ana Júlia me trouxe de volta ao mundo. Ela estava

entrando no galinheiro com um saco branco em mãos.

Inclinei uma sobrancelha.

— Você quer que eu entre?

— Ué, tu tá com medo das galinhas? — Largou a ração no chão e uma multidão de aves correu em direção à garota como se já soubessem o que significava.

Franzi o cenho e mordi o lábio.

Eu não chamaria de medo, mas cautela — deveria ter mais de cinquenta correndo para lá e para cá.

— Os galos que são os problemas... e o pato. — Ana murmurou e tentou pegar uma que estava bicando o saco. A galinha fugiu com um som assustado, provocando alarde entre as outras. Ouvi a garota praguejar e espantar as aves que pareciam desesperadas pela ração. — Vem logo, gurial! Elas têm mais medo de ti do que tu tem delas, sabe.

Eu me aproximei devagar da entrada, o coração disparando. Galinhas parecem animais inofensivos em fotos — e alguns dizem que são também animais com pouca inteligência. Tentei materializar esse pensamento para espantar o meu medo mascarado de cautela para longe. Quando entrei, Ana Júlia abriu o saco e tirou um medidor de metal do interior, enchendo-o de grãos. Fez um zumbido com os lábios para afastar as que não sabiam esperar e olhou para mim, que dava passos tímidos até ela. Eu só imaginava um contexto em que aqueles animais perdiam o controle e corriam atrás de mim.

— Tem sessenta e sete galinhas aqui. — Ana Júlia comentou e me mostrou os grãos no medidor. — A medida é cem gramas pra cada uma. — E me entregou o alimento. Eu o segurei sem confiança e certeza do que fazer. — Não tem mistério, tu acaba se acostumando.

— Por que eu preciso saber disso?

Ana Júlia colocou uma mecha atrás da orelha. Percebi que era uma mania, seu corte de cabelo era retinho acima dos ombros e ela tinha uma franja parelha sobre as sobrancelhas. Perguntei-me se acordava com o cabelo sempre assim: tão liso e bem arrumadinho.

— Só tô fazendo o que me pedi—*ai*, porra! — Ela xingou quando uma galinha pulou e bicou sua mão. Estavam realmente famintas, pelo visto. — Bah, mas dá a comida logo e para de perguntar, tchê!

Não sei se era o sotaque dela ou se era o seu jeito, mas soou como se estivesse realmente irritada. E soou grosseira, o suficiente para me deixar nervosa.

— Ah, sim, onde? Não tem nenhuma...

A galinha que pulou em Ana Júlia decidiu que era minha vez de ser atacada. Quase atacada: porque ela pulou no medidor que eu segurava e o derrubou de minhas mãos, despejando todo o milho pelos nossos pés.

Foi involuntário o grito que dei.

Foi instintivo o modo que minha mão segurou o braço de Ana Júlia.

E deve ter sido no susto que ela me segurou.

E foi pura e genuína má sorte, se não uma completa falta de equilíbrio, que a fez tropeçar no saco de ração.

Nós duas caímos entre uma cacofonia de galinhas desesperadas — e eu só cai junto porque ela caiu antes e me puxou como se tentasse em vão evitar a queda. O problema foi que eu tinha

muito menos equilíbrio que Ana Júlia; e, com medo, qualquer estalo seria o suficiente para me fazer desabar junto. As aves saltaram pela gente, em uma sinfonia atropelada, e atacaram a ração, penas e asas por todos os lados.

Elas provavelmente comeriam mais do que cem gramas.

Mas não sei o que se sucedeu em seguida. Eu fechei os olhos e me encolhi, realmente com medo de que alguma me atacasse. O que poderia também ser uma justificativa... mas na verdade, eu só estava frustrada. Porque era mais um erro meu, mais uma tarefa que eu era incapaz.

Um *merda, meu deus do céu, eu não acredito*, foi o que me fez erguer a cabeça devagar.

Foi o que me fez perceber que eu não estava sobre o chão do galinheiro.

E que tinha uma mão em minha cintura.

Eu caí sobre Ana Júlia.

Nossos olhos se encontraram por um segundo — um segundo que eu pensei ter esquecido das galinhas — e se separaram quando ela desviou o rosto, as bochechas vermelhas como a sua camisa xadrez. Eu me afastei, mas ela o fez mais rápido, tão depressa que eu pensei que pudesse tê-la machucado. Não foi o que aconteceu. Ana Júlia se levantou e correu até o saco em pedaços, tentando afastar as galinhas esfomeadas.

Não foi eficiente.

Tudo já estava espalhado no chão.

— A Dona Catharina vai me matar, meu Deus do céu! — Ela estava realmente preocupada com os grãos. Ou era uma tentativa de ignorar o tombo vergonhoso de segundos atrás?

Eu me sentei no chão, limpando a terra do meu tênis, e olhei para a bagunça. Até... minhas bochechas pareciam quentes.

Se era a adrenalina ou a troca de olhar, não saberia dizer.

— Pelo menos elas não estão mais com fome. — Comentei despreocupada, buscando a sincronia da minha respiração. Minhas palavras não foram bem recebidas, porém. Ana Júlia olhou para mim com o cenho franzido, os lábios em uma linha reta. Mas eu precisava confessar: a garota é péssima em fazer cara de braba. Parecia mais disposta a chorar do que brigar.

— Satisfeita? Esse saco era para durar três dias!

— Uau, três dias. — Eu revirei os olhos. — Fomos atacadas e você está preocupada com os grãos.

— Sim! — Ela abriu os braços ao lado do corpo. A voz que deveria soar braba, engasgou. — É o meu trabalho e isso é descontado do meu salário!

— Quanto?

Eu não perguntei com a intenção de ser esnobe ou arrogante. O meu *quanto* foi para que eu arcasse com o prejuízo caso minha vó realmente a cobrasse pela ração perdida. Ana Júlia não entendeu assim — e eu não poderia culpá-la. Talvez eu tenha soado prepotente. É normal, os pré-julgamentos são mais fáceis de serem feitos. E, *bem*, ela não me conhecia.

Era melhor que não me conhecesse.

— É fácil pra ti, né? Falar isso quando tá acostumada com um monte de mordomias e a ter tudo o que tu quer. — Ela resmungou e foi tragicômico: Ana a um passo de chorar e as galinhas enchendo o papo ao redor dela como se estivessem no melhor banquete de suas vidas.

Não tive reação.

Continuei sentada no chão e arranquei uma lasca de esmalte preto da minha unha. Mas eu queria ter dito que era mentira. Que ter tudo o que queria não significava ter tudo de fato.

Deixei que continuasse.

Foi pior — a voz de Ana Júlia soou mais afetada.

— Nem todos são assim, tá bom?! Nem todos! — E se dirigiu à saída do galinheiro, os pés batendo pesado na terra.

— Vai aonde? — Tentei perguntar.

Ela olhou para trás com um beijo.

— Ora, aonde! Vou falar com Dona Catharina do que eu fiz! — Apesar de me sentir culpada, de desejar ter conversado e me desculpado, achei graça em como Ana Júlia reagia. Ela era uma garota... curiosa. Alta, de expressão emburrada, de traços mais rebeldes e *piercings* demais. Mas sua personalidade era como a de um cachorrinho brabo que só late, não morde; e quando você o assusta, ele sai correndo.

Esbocei um sorriso discreto quando ela se afastou e abracei minhas pernas para observar as galinhas agitadas.

O medo havia partido; o momento, esquecido.

Pensei em me levantar e ir para o quarto — quem sabe eu pudesse entrar de fininho sem que minha vó me visse —, mas um *quack* próximo chamou a minha atenção.

Olhei para trás e um pato branco e gordo vinha em minha direção, a cabeça erguida e os olhos atentos. Era como se estivesse me analisando. Achei fofo, e me perguntei se estava no galinheiro por engano.

Não senti medo dessa vez.

Um pato era diferente do que mais de cinquenta galinhas vindo em sua direção.

Estendi a mão na direção dele e sorri.

Era também a primeira vez que eu via um pato de verdade.

— Olá, patinho.

Como resposta, ele grasnou e se aconchegou ao meu lado.

CAPÍTULO 7

*Tem aquela música do CPM 22 que diz “de olhos fechados eu tento enganar o meu coração”.
Penso se eu começar a fazer assim, as coisas vão ser melhores.*

Ana Júlia

Dona Catharina não descontou o saco de ração do meu salário.

Quando comentei o que aconteceu — com uma dúzia de coragem e outra de nervosismo —, ela balançou a cabeça em uma estranha concordância e sussurrou um ‘tudo bem’. O assunto morreu ali; depois, com uma caneca de café em mãos, olhou para a paisagem além da janela da cozinha e comentou que precisava de fotos para hoje. Eu não sabia *como* reagir à minha incapacidade de entender o que ela expressava. Dona Catharina era sempre silenciosa: uma senhorinha que se ocupava demais com o trabalho como se isso a fizesse evitar o contato com os demais. Eu perguntei ao meu pai se ela sempre foi assim, dura; ele, no entanto, não concordou comigo. Disse que ela era muito gentil e amorosa. Estava apenas triste com a ausência do neto.

Mas isso já fazia um ano.

O luto de Dona Catharina parecia interminável.

Nunca perdi ninguém, não sabia como era sentir esse peso, mas a neta dela expressava uma naturalidade — e arrogância — que me fazia acreditar que a perda do irmão não a afetava tanto.

Ou...

Afetava?

Eu não sabia, e encontrar a resposta não era do meu interesse. Eu não queria relações com ela. Não depois de hoje. De ontem. Era o segundo dia da garota na fazenda e eu já não conseguia suportar como ela agia, como se soubesse de tudo e entendesse a minha dor.

A noite passada foi o suficiente para mim.

E estava evitando pensar em tudo — no que aconteceu na Macondo, no que meus amigos me disseram e em Lara.

Lara.

O nome dela era o suficiente para que um gatilho disparasse dentro de mim. O gatilho que dizia: *tu nasceu para se apaixonar, mas as pessoas não vão se apaixonar por ti.*

— Tem um fazendeiro interessado na Gris. Quero que tu tire boas fotos dela. Já pedi pro teu pai tirar ela da baía. — Dona Catharina comentou enquanto bebia o café gelado. Eu estava parada no batente da porta dos fundos da cozinha. Nervosa já. Ela fazia longas pausas e nunca olhava para mim. — Não tenho interesse em vender os cavalos, não é um mercado que gosto,

mas ele tem insistido muito desde que foi até a vinícola e a viu.

Gris era a única égua da raça Andaluz da fazenda — foi a última a nascer da Canela, que morreu no começo do ano de velhice. Ela havia pertencido ao próprio Francisco, marido de Dona Catharina. Se desfazer da égua talvez fosse uma tentativa de afastar antigos fantasmas.

— Sim, senhora. Agora ou depois que eu limpar o galinheiro?

— Agora.

Assenti e me esforcei para sorrir. Conversar com ela sempre me deixava com níveis de ansiedade absurdos.

— Eu vou pegar a minha câmera em casa e faço isso. Tem mais alguma coisa, senhora?

Dona Catharina colocou a caneca na pia e ajeitou o coque do cabelo. Em nenhum momento ela desviou o olhar para mim.

— Catharina?

— Ahm, a sua neta? — Eu me arrependi da pergunta um segundo depois. Era óbvio que era a neta dela. *Anaju, tu é muito estúpida*. Ela não me respondeu e eu precisei continuar. — Ficou lá... não sei, senhora. Quer que eu procure ela?

— Quero as fotos. Pode ir agora.

Eu queria enfiar minha cabeça na privada.

— Sim, senhora. — Eu respondi com a voz aos tropeços. Como eu tinha o emprego ainda era um mistério. Pena provavelmente. Porque a minha estupidez era como uma segunda parte minha. Talvez eu pudesse dar um nome a ela. Saí às pressas, gelada como o vento lá fora, e corri em direção à minha casa.

Vi e Vê estavam brincando próximas a horta com o gato delas, que com os pelos arrepiados e os miados rabugentos mais parecia ter saído direto dos portões do inferno. Era o que elas mais gostavam nele. O que era irônico. Até esse bicho com todas as esquisitices dele era amado. E eu aqui: sendo enganada e chamada de exagerada pelos outros. As gêmeas acenaram para mim quando entrei em casa. Lá dentro, Melissa pintava a unha na mesa da cozinha; e, no rádio ao lado, *Oops! I did it again* da Britney Spears tocava. Ela me observou com ansiedade e eu soube o que significava sem precisar pensar muito.

— Semana que vem, Mel, a gente compra, tudo bem? — Ela estava ansiosa pelo celular novo que eu havia prometido. E tu não pode prometer para uma adolescente emocionada e simplesmente esquecer. Porque ela não vai.

— Obrigada, mana! — Mel saltou em minha direção e me abraçou, cuidando a unha rosa neon. — Vou contar os dias! Sabia que eu tirei a nota máxima ontem em matemática? As aulas de reforço tão ajudando bastante.

Lara estava ajudando.

Fingi um sorriso ao me afastar do abraço.

— Que bom, Mel. — E me virei para pegar a câmera, guardada em um estojo no armário da sala. O mesmo lugar que minhas roupas estavam. E tudo o que eu tinha. Roupeiro só meu? Era luxo demais para alguém que não tinha celular e que ouvia as músicas baixadas da internet em seu mp3 com fone estragado. — Fica de olho nas tuas irmãs, tá? Tô indo lá.

Ela sussurrou um *uhum* e se sentou novamente enquanto eu saía. De lá, me esforçando para tirar Lara dos pensamentos, caminhei até o estábulo em que os cinco cavalos da fazenda ficavam.

Meu pai estava me esperando e me cumprimentou perguntando sobre a manhã com a *senhorita Catharina*, como ele chamava. Não entrei em detalhes: disse que foi normal e desconversei ao afagar o focinho de Gris. Ela era linda — dócil e muito simpática, de crinas branquinhas com algumas mechas cinzentas.

— De todos os animais que restam, ela é a última que o senhor Francisco teve contato. Tu sabias, Ana Júlia, que a raça da Gris é uma das mais antigas do mundo? Muitos impérios e monarquias se ergueram e sucumbiram com essa raça. E sabia que chamam de Puro-Sangue Lusitano em outros países? Eles... — Parei de prestar atenção e coloquei a alça da câmera em torno do meu pescoço por segurança. Testei antes a posição e a luz. Ainda era o começo da manhã e, apesar de tímido, o sol ajudava a preparar a paisagem que já era bela. O galinheiro estava adiante; e observei despreocupada os arredores.

A garota não estava mais lá...

Respirei fundo enquanto meu pai pegava as rédeas da Gris e a levava pelo pasto, acompanhando os meus comandos para encontrar um fundo bom para a foto, o que não era muito difícil. A fazenda em si era toda feita de paisagens de tirar o fôlego no horizonte por causa dos vales.

— Aí, pai, tá ótimo. Fica aí. — Eu pedi. Lá atrás, a visão do galpão em que armazenavam a comida dos animais e alguns utensílios completavam o cenário. Era uma construção bonita, de tijolinhos com flores que cresciam na estrutura das paredes.

Eu me posicionei para encontrar o melhor ângulo. A parte mais interessante de tirar fotos era a posição em que tu ficava. Geralmente vergonhosa. Sentada no chão. Encolhida como se estivesse na privada. Busquei a luz do sol e ajeitei a câmera em minhas mãos, concentrada na imagem do visor digital.

Gris foi o meu foco.

Por um segundo.

Porque um pouco adiante estava Catharina: próxima ao galpão, encolhida na sombra de uma árvore. Eu poderia ter simplesmente ignorado e continuado com as fotos, mas algo me impediu. Algo na forma que o corpo dela parecia frágil. E por instinto, ou curiosidade, dei o zoom máximo na câmera.

A imagem poderia ter perdido a qualidade.

Poderia estar até um pouco quadriculada.

Mas eu percebi: Catharina não estava aproveitando a sombra antes do meio-dia ou concentrada em algum passatempo.

Ela estava chorando.

E me perguntei o porquê apertei o botão de tirar foto ao constatar isso.



— Tem certeza que não quer ir, Ana Júlia? — Meu pai perguntou pela décima vez. E pela

décima vez eu dei a mesma resposta. Ele e as meninas iriam jantar na casa de Vicente. Era um hábito comum nas noites de sábado. Ou jantavam aqui ou na residência dele, o que acontecia na maioria das vezes porque a casa era minúscula e nossa mesa tinha apenas quatro lugares.

— Tá tudo bem, pai, quero me deitar cedo, hoje o dia foi puxado. — Comentei sentada no sofá. Melissa e as gêmeas esperavam na porta, ansiosas.

— É carreteiro de charque, filha.

— Então aproveitem. — Dei um meio sorriso e fiquei esparramada no sofá. Ele não insistiu e se despediu, saindo com as meninas eufóricas. Elas adoravam sábados à noite e eu gostava de ficar com elas. Mas hoje... eu só precisava de um momento de solidão. Peguei o rádio e coloquei o meu *usb* para tocar: uma seleção perfeita de músicas do cenário emo nacional. Algumas da época que eu estava na escola. Deixei tocando *Quem já perdeu um sonho aqui?* do Hateen e fui até a geladeira enquanto cantarolava no ritmo da música. Eu havia passado no mercado um pouco antes para pegar uma latinha de refrigerante e um pacote de bolachinha *waffer* de limão. Não era para todos os gostos, mas ela tinha um sabor industrializado que eu era viciada. Esperava não estar diabética antes dos 30.

Peguei o meu violão e me sentei no sofá novamente.

Momentos como esse — de pura e completa quietude — eram raros e eu aproveitava para tocar. E me expressar por música só me era possível quando ninguém estava olhando. Quando eu mesma esquecia da minha própria existência. Era como se houvesse um bloqueio que me impossibilitava de dedilhar os acordes. Não foram poucas as tentativas. Domenica sempre me pedia e...

Senti um aperto no peito.

O que ela me disse na sexta à noite ainda machucava. Eu poderia aceitar os comentários dos outros, não fazia diferença porque eles não me conheciam, mas ela cresceu junto comigo. Era a minha melhor e única amiga e... *cara*, eu não esperava ouvir aquilo.

Dramática. Emocionada. Imatura.

Como se o que ela fizesse fosse um traço de maturidade.

Bufei — magoada e irritada — e comi uma das *waffer* enquanto verificava a afinação do violão. Toquei umas notas apenas para aquecer os dedos e depois tentei repetir o refrão da música que tocava, sussurrando a letra.

Quem já perdeu um sonho aqui, sabe o que é decepção... só quem já perdeu tudo que tinha, pode entender.

Uma letra que era um resumo dos meus dias.

Sobre perder sonhos. Sobre saber o que é decepção.

Fiquei emburrada e me inclinei em direção ao rádio para trocar de música.

Antes que apertasse o botão, coloquei os olhos em minha câmera ao lado e a lembrança das fotos se acendeu de repente. Não de Gris, mas de Catharina. Durante a tarde, enquanto ajudava o meu pai, não encontrei a garota em lugar nenhum. Vicente chegou a comentar sobre ela em um momento, dizendo que Dona Catharina parecia inquieta mais cedo. E perguntou se jovens costumavam dormir demais porque a neta dela não queria sair do quarto.

Não comentei nada sobre o incidente no galinheiro e tentei não pensar nela.

Só que uma culpa passou a me corroer.

Ok, eu havia sido um pouco surtada com a situação da ração, um dos meus defeitos é reagir com desespero a tudo e ter um *mini* ataque cardíaco — ou uma demonstração de como era um. Eu ficava nervosa e, talvez por um traço herdado de minha mãe, começava a falar alto e rápido. Quase grosseira.

Mas não porque eu era grossa.

E sim porque minha voz já era alta e grave naturalmente.

Resmunguei e peguei a câmera, largando o violão de lado. As fotos que tirei de Gris ainda estavam lá, mas não me atentei a elas e avancei até a que tirei por puro instinto. Na imagem, Catharina estava encolhida, abraçando as pernas e com a cabeça apoiada nos joelhos. Seu rosto, no entanto, expressava algo que fez meus dedos formigarem.

Nossos encontros poderiam ter sido um desastre, mas...

Eu não me sentia bem ao pensar que pudesse ter sido o gatilho dela, de suas lágrimas.

Desliguei a câmera para que eu não me sentisse pior e deixei que a próxima música tocasse no rádio antes pausado. Para esquecer isso. Esquecer as lágrimas, esquecer Catharina, Lara, Domenica e tudo que havia acontecido nas últimas vinte e quatro horas. Mas o que tocou em seguida não ajudou em nada.

Eu sei da Fresno.

Ótima e perfeita como uma paulada na minha cara.

Às vezes fico com saudade

De momentos que eu ainda não vivi

Às vezes peço na vontade

De sentimentos que eu ainda não senti

De momentos que não vivi — não fora da minha cabeça, de forma unilateral. De sentimentos que não senti. Sem o “ainda” — porque ao que tudo indicava, eu seria a pessoa que teria que se contentar com a solidão ou com o mínimo: ser usada como um teste para alguém.

Sem ser amada e sem ter alguém que, como diz a letra, *quer viver ao lado meu*.

Até a luz do sol se acabar.



Domingo era o meu dia de folga.

Deveria ser... até Dona Catharina pedir que eu mostrasse a cidade para a neta.

Meu pai me avisou sobre isso quando eu terminava de lavar a louça do café da manhã. Verônica e Vitória estavam assistindo TV e Melissa ainda estava dormindo no quarto. *Como?*, foi a minha primeira pergunta. Eu ia o quê? Mostrar a cidade a ela de ônibus ou a cavalo? Mas o

comentário do meu pai sobre eu usar o carro de serviço da fazenda me deixou nervosa. E aí veio o quê? O que mostrar para uma garota da cidade grande que não fosse entediante e sem graça?

Ah, lá é uma fazenda, ali é mato e adiante tu pode perceber uns morros que são muito interessantes. Também tem um número absurdo de vacas e ovelhas por aí, uma das principais atrações por aqui.

Ela ia me odiar e me associar de novo a imagem dos dias anteriores: uma Ana Júlia que só sabia ser estressada e surtada. Mas aceitei. Eu seria paga por essas programações de Dona Catharina e não podia recusar um dinheiro extra no começo do mês — ainda mais com o frio aumentando na estação. Eu precisava muito de roupas novas; as minhas já estavam começando a ter o formato do meu corpo de tanto tempo de uso. Então, com o banho tomado, me vesti e ajeitei o meu cabelo. Estava mais gelado naquela manhã e deixei a minha camiseta xadrez de lado para usar um moletom mais quentinho. Preto, claro. Com minhas calças escuras rasgadas no joelho e meus coturnos desbotados.

Respirando fundo, deixei a minha casa em direção à de Dona Catharina.

Eu não podia mentir dizendo que não estava nervosa — nervosa surtada desesperada desanimada —, mas tentei ver a oportunidade como uma tentativa de reconciliação pelo menos. Eu não queria me sentir culpada pelas lágrimas de alguém... mas muitas pessoas que eu convivi não se importavam ou se culpavam pelas causadas em mim. O que era irônico. Seria muito mais fácil ser como eles, simplesmente deixar de lado e seguir com a vida. Mas eu não era, nunca seria. Levei um pé na bunda, vi a garota que eu gostava beijar um cara e descobri ser um experimento para ela. E tudo o que aconteceu não me fazia sentir *raiva* dela. Apenas frustração — comigo principalmente por não ter percebido antes.

Às vezes, eu chegava a imaginar como seria a versão da Ana Júlia sem essa capacidade estúpida de não sentir raiva de quem fez mal a ela. Quem sabe, diferente de mim, ela conseguisse odiar a mãe que a abandonou, a namorada que a usou e todos os “amigos” que a desprezaram.

Bati à porta dos fundos da casa de Dona Catharina após um percurso lento e reflexivo. O sol estava escondido entre uma massa de nuvens cinzentas, um anúncio comum para a chuva que viria. Sobressaltei quando a porta se abriu e revelou o semblante carrancudo da mais velha.

— Bom dia... senhora. Meu pai comentou que...

— Catharina. — Ela me ignorou e olhou para trás para chamar a neta. Meu rosto ardeu como se fosse verão e eu estivesse debaixo do sol de quarenta graus. — Venha logo.

Um resmungo soou do outro lado do ambiente, mas não tive tempo de observar. Dona Catharina se dirigiu a mim logo em seguida:

— Aqui tá a chave. E aqui tem dinheiro. — Ela me entregou o item e duas notas de cem. — Leva ela pra almoçar também. Faz alguma coisa, o que os jovens de hoje fazem.

Não foi como uma ordem. Foi um pedido de ajuda.

Ela não sabia como agir ou o que fazer com a neta de vinte ou sei lá quantos anos. E era para eu descobrir — logo eu, a garota mais sem sorte e sem graça do sul do Brasil. Forcei um sorriso, que saiu como uma expressão de desespero, e peguei as chaves e o dinheiro. Catharina apareceu logo em seguida, cheia de sorrisos, de um jeito que me causou certa timidez.

Eu não poderia dizer que ela não era linda ou que não se vestia como... garotas que eu costumava me interessar. De meia 7/8 preta, de saia xadrez vermelha e tênis *allstar* com quadriculados feitos à caneta. A jaqueta jeans escura tinha algumas estampas de banda que foram

costuradas a mão e era três vezes o tamanho dela. Algumas bandas eu reconhecia: My Chemical Romance, Bullet for my Valentine e até mesmo Metallica. Dona Catharina olhou para a peça com o cenho franzido, pouca aprovação em seu rosto, mas a garota não pareceu notar. Ela se despediu da avó, que murmurou algo em resposta, e veio em minha direção. A porta da casa se fechou em seguida, deixando nós duas a sós.

Minha barriga formigou.

— Bom dia, Ana Júlia, está mais calma hoje? — Ela me cumprimentou, inclinando a cabeça para o lado. Os cachos ruivos, de pontas rosadas, acompanharam o movimento, menos embolados do que no dia anterior.

Mordi os lábios e enruguei a testa.

Domenica dizia que eu fazia tanto isso que estaria com marcas de expressão antes dos 30.

— E-eu sou calma! — *Calma, Ana Júlia disse gaguejando e quase gritando.* Que vontade de enfiar a minha cabeça na parede. Catharina deu uma risadinha por trás das mãos e meu rosto esquentou. A dúvida também me corroeu. Não havia nenhum resquício do dia anterior, das lágrimas que vi. Se eu realmente fosse a culpada... ela estaria tão tranquila assim?

— Clarooooo que é. — Ela debochou e colocou as duas mãos na cintura. — Então, você é minha guia turística, Ana Júlia? Me diga o nosso roteiro.

— Anaju. — Murmurei e me senti soar emburrada. Era ridículo como eu não conseguia ser normal e me pergunto se agia assim perto das garotas que tentei me relacionar. Não que quisesse me relacionar com Catharina, era só uma divagação idiota minha. — Me chama assim. Só usam Ana Júlia quando tão meio de cara comigo.

Ela piscou várias vezes — usava um lápis preto na parte inferior do olho e na pálpebra.

— De cara? Você fala engraçado. De um jeito fofo.

Eu estava pronta para me irritar quando ela falou *engraçado*, mas aí veio o *fofo* e perdi toda a minha postura carrancuda.

De um jeito fofo, ela disse.

Ata bom.

— Sim, de cara, frustrada, braba, sei lá, só de cara. Enfim, vou pegar o carro pra te mostrar a cidade. Vai se impressionar com o tamanho.

— Não tenho dúvidas, Anaju. — E foi diferente quando ela pronunciou o meu apelido. Sua voz saiu suave, mais confortável; o que era uma ironia porque eu estava completamente desconfortável. Mas não de um jeito ruim. Era só... o tipo de garota que te intimida apenas com o olhar.

O carro estava estacionado um pouco à frente: uma picape preta com um manto marrom de lama e sujeira. Não era de uso pessoal de Dona Catharina, mas de serviço. Eu só havia dirigido a trabalho e nunca com companhia, não de uma garota que não conhecia nada por aqui. De nenhuma garota. Quando entrei, Catharina fez o mesmo. Ela cantarolava baixinho e se sentou no banco do carona como se estivesse acostumada a passear por aí. Liguei o motor, nervosa na hora de colocar a chave. A garota percebeu e ouvi uma risadinha escapar. Queria parecer menos estúpida. E nervosa.

Mas foi inevitável sobressaltar quando ela se inclinou de repente em direção ao som. Se percebeu, fingiu ignorar. Apenas desenhou um sorriso nos lábios pintados de um batom roxo.

— Pelo visto é *USB*... que pena. Gosto de andar com música, é mais leve. — Catharina se virou para mim. — Você tem algo? Ou se souber uma estação de rádio para nós ouvirmos.

— Do que tu gosta? — Eu não queria ter perguntado. Porque talvez fosse óbvio, estava na jaqueta.

Catharina riu e ergueu um pouco os braços para olhar a própria roupa.

— O que será que eu gosto, hein?

Revirei os olhos.

— Vai que a jaqueta não é tua e tu não conheça as bandas que tão aí.

— Era do meu irmão. — Catharina sussurrou e perdeu o brilho que antes tinha. Ela baixou o olhar e observou a peça enquanto deslizava os dedos pelo tecido. — Ele gostava muito dessas. Eu mesma costurei para ele.

Passei a língua pelos lábios. Não quis questionar ou continuar e senti que precisava me distanciar do assunto. A situação entre a gente já não havia começado bem, e eu não queria manter o clima pesado. Não quando eu precisaria lidar com a garota até o fim de sua estadia aqui.

— Também gosto... — Murmurei com os olhos na estrada de terra. Para chegar até o centro de Santa Conceição, eu precisaria avançar quase cinco quilômetros para alcançar a estrada da serra; de lá, tinha dois caminhos: um desvio para seguir aos municípios vizinhos e outro para a parte mais central da cidade. Dona Catharina vivia na fronteira. Longe de tudo e todos.

Catharina desviou a atenção para mim.

— Tem cara mesmo. — E senti seus olhos me analisarem. Lá estavam minhas bochechas queimando de novo. — O seu jeito... Do que mais você gosta, Anaju?

— Depende. Gosto do estilo dessas bandas, — eu tentei falar devagar para não gaguejar ou deixar a garota assustada. — mas prefiro mais o cenário nacional desse gênero.

— Gostaria de conhecer.

— Não conhece nenhuma? — Peguei o desvio para a cidade. Catharina acompanhou a paisagem e fiquei me perguntando como era a cidade em que a garota morava. Tudo que eu sabia era a sua origem: nascida no Canadá, a segunda filha de uma brasileira que se casou com um ator de lá. E que havia um suposto problema. A avó dela não explicou nada. — Se quiser, posso colocar.

— Então você tinha música com você o tempo todo, Ana Júlia? — Ela deu ênfase, sorrindo de canto ao sussurrar o meu nome. — É assim que soam as pessoas... como era mesmo? De cara?

Senti as mãos suadas.

— É... — Mordi os lábios e não tirei os olhos da rua. Entrávamos na avenida principal da cidade, com pequenos prédios e estabelecimentos fechados. A cidade era morta no domingo. — É que é mais nacional e eu não sabia se tu ia gostar.

— Por qual você vai começar, Anaju?

Ela precisava sempre usar o meu nome?

Estava me dando calafrios de nervosismo, de ansiedade, de meu-Deus-ela-está-provocando-por-gosto.

Eu me inclinei para pôr o *USB* no carro e passei algumas músicas enquanto esperávamos o sinal abrir. Eu tinha decorado a *playlist*, encontrar algo não era um problema. Mas o quê?, era

difícil escolher sob pressão e os olhos de Catharina em mim me deixavam a beira de um colapso.

Eu poderia mostrar algo de NX Zero, de Forfun ou até de Hateen. Eram músicas boas para alguém que não tinha noção das músicas brasileiras. Mas seria exagero meu começar com a música favorita da minha banda favorita? Eu estava preparada para alguém não gostar do que eu gostava? Poderia ser apenas um *bom* ou um *tem algo melhor*...

Ah, o que tinha a perder depois de tanta coisa perdida?

Tudo o que tu queria quando não tinha com quem compartilhar era uma oportunidade.

Por isso, escolhi a minha favorita: *Milonga* da Fresno.

Um arrepio percorreu o meu corpo quando a primeira frase soou no carro.

Vamos falar de solidão.

Na sua casa nunca mais entrei.

Mas decorei com exatidão todas as coisas como eu deixei.

As palavras quase saltaram da minha boca.

Queria cantarolar. Acompanhar a letra enquanto meus dedos batiam no volante. Não o fiz: deixei que a música preenchesse o silêncio e tentei, pelo canto dos olhos, observar a reação de Catharina. Ela se escorou no banco do carro e respirou fundo, pousando as mãos no colo. Engoli em seco e segui dirigindo. Ouvindo. Sentindo. A letra era tão íntima para mim como as notas do meu violão. Nunca compartilhei com ninguém — nunca tive ninguém com quem compartilhar. Domenica dizia que as músicas que eu gostava eram emo demais para ela. Lara preferia *pop internacional* e Isabella dizia odiar todas as músicas brasileiras.

Sempre gostei sozinha, ouvi sozinha.

E talvez fosse por isso que eu só conseguia tocar sozinha.

A música avançou como o carro nas ruas — e nesse tempo todo, nós nos mantivemos quietas.

E cada dobra conta histórias. De muitas delas sinto medo. São muitos enredos, enrolados e embriagados como nós... tão a sós, como nós, tão a sós.

Era a minha parte favorita.

Foi impossível não sussurrar: *por que você insiste em dizer que ainda existe vida sem você?* Eu esperava não ter sido notada, mas quando virei o rosto, Catharina me observava com um sorriso de canto. Expressou uma risadinha — a terceira ou quarta daquela manhã — e desviou o olhar.

Eu ia morrer de tanta vergonha.

Sorte a minha que o estacionamento estava próximo. Por que tu foi inventar uma bobageira dessa, Ana Júlia, se não sabe nem agir como uma pessoa normal? Eu ia entrar em surto se ela não falasse nada em...

— Por que você a escolheu? — Catharina interrompeu o meu fluxo de pensamentos desesperados e eu desejei que não houvesse perguntado. Sim, eu era contraditória e surtada. Como adivinhou? Passei a língua pelos lábios enquanto estacionava o carro em uma das vagas

que cercavam a Praça da Pedra.

— Tu só pediu pra conhecer. — Murmurei, defensiva.

— Sim, mas você passou as músicas como se soubesse o que estava procurando. Parou exatamente nesta. Por isso a minha curiosidade, Anaju. O que te levou a escolher essa música?

— É só uma música. — Eu preferia colocar a minha mão no fogo a dizer a verdade. Eu fazia besteiras assim quando estava nervosa e era duas vezes pior em situações como essa. O nervosismo era uma extensão de mim, praticamente.

Desliguei o carro e saí antes que pudesse ser questionada.

What a grumpy girl, eu a ouvi dizer enquanto fazia o mesmo.

Eu não era uma garota emburrada, não. Só as vezes. 90% do meu tempo.

A praça estava vazia com o horário. Era quase meio-dia de domingo e a população de Santa Conceição não tinha o costume de passear por aí nesse horário. Mas eu precisava mostrar a cidade e a praça era um dos poucos pontos turísticos daqui. Catharina olhou ao redor com curiosidade e notei um detalhe nela. Nenhum celular. Nenhuma bolsa. Apenas ela e nada mais. Não lembro de ter visto ela usar um aparelho no dia anterior ou quando chegou. Não era comum que uma jovem, em pleno 2010, não tivesse um desses. Principalmente quando provinha de uma família com condições para comprar sempre o melhor.

— E então? — Catharina colocou as duas mãos atrás das costas e se inclinou na minha direção. — Para onde vamos, Anaju?

Engoli em seco.

— Achei que fosse interessante tu conhecer a principal praça da cidade. — Comentei e a garota levou um dedo aos lábios, pronunciando um *hmm* alongado.

Pior guia turística do mundo: Ana Júlia Ribeiro.

— O que tem aqui?

— Por aqui, ó. — Eu gesticulei e caminhei pelos paralelepípedos tortos. Catharina me seguiu; e tentei observar em segredo o que chamava sua atenção. Se algo na cidade, na praça ou até mesmo no número escasso de pessoas que perambulava nas proximidades. Mas nada pareceu interessar a garota.

Caminhei até o centro da praça, lugar em que a famosa pedra estava. Sim, uma pedra. Santa Conceição do Sul era nacionalmente (sendo bem modesta!) conhecida por um pedaço velho e bolorento que acreditavam pertencer ao fundador da cidade... Ninguém realmente sabia ou se importava. Estavam mais preocupados em ter um lugar para se sentar no fim da tarde, beber chimarrão e fofocar sobre a vida alheia.

Mas que outro lugar eu levaria Catharina se não fosse esse?

A vinícola de Dona Catharina? Entediante demais. O centro comercial? Fechado. O centrinho? Também fechado. Teria sido melhor ter ficado na fazenda e mostrado os porcos. Quem sabe ela tivesse medo também? Esbocei um resquício de risada ao lembrar do desespero dela com as galinhas. Poderia ter sido estressante na hora, mas foi bom, engraçado. Uma memória que ficaria por aí, em mim, quem sabe nela, não sei.

Não sei nem o porquê estava pensando nisso.

— Anaju! — Eu sobressaltei com o chamado repentino: Catharina brotou como uma assombração ao meu lado e riu com a minha reação. — O que você está pensando aí, toda

quietinha?

Franzi o cenho e torci os lábios, mas tentei não parecer emburrada ou ela continuaria com aquele *grumpygirl* em seu sotaque ridículo.

Mas quem era eu para falar de sotaque?

Cresci ouvindo o mesmo pedido: *Anaju, fala leite quente*.

Ridículos.

— Sei lá, só achei que fosse interessante tu conhecer isso da cidade.

— Interessante. — Ela olhou para a pedra, cercada por uma fonte de água esverdeada de tanto musgo. — *Interessante*, — repetiu e fez um biquinho com os lábios. Desviei o olhar. — Muito interessante.

— Sério? — Perguntei nervosa.

— Sim! — A resposta foi um tanto exagerada: como uma criança que recebeu o presente que tanto queria de aniversário. — Não está vendo toda essa textura e essa singularidade? Olha a cor! Os detalhes do mofo! Realmente, Ana Júlia, é muito interessante conhecer.

Fechei a cara — era óbvio que ela estava sendo irônica. Não apenas: Catharina estava *debochando* de mim.

— Cara... — Eu comecei e tentei respirar fundo.

— Cara! — Mas ela me cortou e ergueu um dedo, encenando uma posição autoritária. Não combinava nada com ela. — Você tem quantos anos, Anaju? Tenho certeza de que temos quase a mesma idade. Realmente não consegue pensar em algo menos terceira idade?

— Desculpa se essa não é como uma cidade desenvolvida de primeiro mundo igual a tua. Não tenho muito o que mostrar. Se esperava se impressionar, tenho más notícias. — Respondi sem paciência. Ser legal estava fora de questão quando a pessoa só testava os teus limites. Eu não tinha muitos.

— Calma, *grumpygirl*. — Catharina quase pareceu ronronar. — Como eu posso dizer isso aqui? Emburradinha? Esquentadinha? Birrentinha?

Se eu revirasse os olhos mais uma vez eles iam saltar das órbitas.

— Guria, olha só, tu...

— Anaju. — Ela me interrompeu de novo. — Eu não quero que me leve a lugares que os outros acham importante.

— O que tu quer?

Catharina desceu as mãos pela cintura e girou o corpo como se fizesse uma varredura na área.

Parou quando encontrou o meu olhar.

Não consegui manter o contato por muito tempo.

— A vida é passageira, Anaju, mas ela precisa de significado; e embora eu não tenha nenhum, talvez você possa me mostrar algo com significado para você, não?

Eu não entendi nada do que ela quis dizer — e fiquei até preocupada com o que aquelas palavras poderiam significar.

Se as lágrimas do dia anterior estavam relacionadas.

Precisei perguntar.

— O que tu tá querendo dizer?

Catharina sorriu de canto antes de responder.

— O que acha de começarmos pelo seu lugar favorito?

CAPÍTULO 8

Caderno da Catharina

*Meu irmão tinha amigos que amava.
Tinha uma namorada que gostava.
Tinha o amor da minha vó.
Tinha tudo.
E não foi o suficiente.
O que resta para mim que não tenho nada?
Não tenho amigos. Não tenho o amor da minha vó.
E passei grande parte da minha vida sendo alguém que eu não era para ter a aprovação dos
outros.
Foi o suficiente?
Me machucar assim?

Foi sim.
Sinto medo.
Estou com muito medo de mim.*

Catharina

Sei fingir bem.

Sempre precisei fingir por medo de não ser aceita e de não me encaixar. As consequências disso, no entanto, fizeram com que eu só soubesse fingir e nunca conseguisse mostrar meus sentimentos de verdade. Quando fugi de casa, após a morte do meu irmão, criei a Catherine, conhecida como Cat, e afoguei a Catharina em um lugar que nem eu poderia encontrá-la. Fiquei meses presa em uma persona, sofrendo em silêncio os abusos que eu mesma me submetia: as drogas, a bebida e o relacionamento abusivo.

Por muito, muito pouco, Cat não matou a Catharina.

Um estranho me salvou antes. Meus pais me encontraram. E aceitei me tratar para, quem sabe, não mais fingir.

Nunca havia dado certo.

Até hoje.

Até o momento em que aquela estranha, e admirável, garota com sotaque peculiar e voz grave me mostrasse uma música.

Uma música qualquer, ela disse.

Não foi o que pareceu — sua voz tremeu ao falar, percebi os dedos inquietos no volante e o quanto, no percorrer da letra, ela tentava cantarolar baixinho como se fosse impossível apenas ouvi-la.

Se soubesse que a observei em segredo o tempo todo, não teria mentido. Mas teria ficado duas vezes mais nervosa do que já estava. E eu ri, não como um fingimento. Ri porque ela conseguia deixar tudo mais leve.

Talvez tenha sido isso que me influenciou ao pedido.

Me leve até o seu lugar favorito.

No começo, com o rosto vermelho, ela não entendeu o que eu queria dizer. Piscou várias vezes e colocou a mecha atrás da orelha com tanta frequência que não mais conseguia esconder o próprio nervosismo.

Ficaria mais calma se eu contasse que também sentia isso?

— Será que é o lugar que nos encontramos aquela noite? — Insisti e coloquei as mãos na cintura, balançando o meu corpo para frente e para trás. Anaju mordeu os lábios e desviou o olhar.

— Não tem muito o que fazer lá.

— Mas tem significado, não tem?

Ela bufou e fazia isso com uma frequência assustadora.

— Sua avó disse que tu precisa almoçar, deu dinheiro pra ir em algum lugar e...

— Anaju. — Ela me encarou como se pronunciar o nome dela tão deliberadamente não acontecesse com frequência. — Você sempre faz o que os mais velhos dizem? Nunca quebrou uma regrinha?

Ela olhou para os lados como se tentasse encontrar um ponto que fosse confortável e que não fosse eu. Pelo tempo que demorou para responder, imaginei o que diria.

Dei um passo em sua direção para falar mais baixo.

— Não é tão ruim quanto você pensa.

— Mas o meu trabalho... ela não vai gostar de saber que a gente saiu por aí quando devia tá conhecendo a cidade.

— Quem disse que ela precisa saber?

Fiquei me perguntando se Ana Júlia já havia contado uma mentira em sua vida. Provavelmente não. Sendo uma especialista em pequenas mentiras, poderia ajudá-la; e, esboçando um sorriso mais meu do que nenhum outro desde que cheguei aqui, me pronunciei:

— Vamos contar uma mentira, Anaju, e vivê-la enquanto há tempo.



Eu realmente não acreditava que ela iria aceitar. Ana Júlia era uma garota interessante afinal: vestia-se como uma garota rebelde, sempre de preto e cheia de *piercing*s, mas se portava como uma senhorinha de setenta anos. Ela realmente ficou nervosa quando passamos perto da fazenda para pegar um desvio. Não fomos em um restaurante, mas paramos em um posto para abastecer e escolhi alguns salgados e doces na loja de conveniência. O olhar de desaprovação dela foi eminente, mas não se impôs para negar a escolha e colocou uma garrafinha de refrigerante de uva na compra. A atendente do estabelecimento a cumprimentou cheia de sorrisos e perguntou sobre o pai e as irmãs dela. Anaju respondeu desconfortável e pagou o mais rápido possível para poder voltar ao carro. Não perguntei o porquê, mas a mulher — de quarenta anos ou menos — pareceu conhecê-la há um bom tempo.

Quando partimos, nenhuma música tocou no rádio: ela havia retirado o *USB* e não sugeriu colocá-lo novamente. Deixei e tentei me concentrar na paisagem que ia crescendo à nossa frente. A estrada de terra levantava poeira no caminho e um vento gelado soprava. O sol estava no alto, mas não aquecia a região. Eu deveria ter trazido um blusão, mas como imaginaria que a temperatura nesse estado fosse tão diferente do que esperava?

— A gente vai caminhar bastante depois que parar porque eu peguei o caminho mais longe. Não quero que Dona Catharina nos veja... — Anaju comentou em um momento e eu desviei a atenção para ela.

— Tem tanto medo de ser pega assim?

— É o meu emprego em jogo, sabe.

— Você gosta tanto assim desse emprego?

— Gosto. — Anaju foi seca a princípio, mas continuou após a pausa. — Não é como se eu tivesse outra escolha de emprego, né. E eu preciso trabalhar.

Senti as farpas em sua voz. Era engraçado como sempre estava na defensiva.

— Você ajuda seu pai e mãe?

— Meu pai. — Sua voz saiu baixinha e amarga. — Eu cuido das minhas três irmãs mais novas.

Achei melhor não entrar no assunto. Ela não parecia confortável e eu também me senti pesada. Falar sobre família, sobre irmãos, era como abrir feridas antigas que ainda não haviam cicatrizado. A conversa morreu e ela parou o carro poucos minutos depois. A estrada de chão continuava além da vista e, ao lado, os campos se erguiam até uma cadeia de morros agarrados ao horizonte.

Anaju pegou as sacolas de compras.

— A partir daqui a gente vai andando.

— *Hmmmm*. — Fiz um biquinho e inclinei a cabeça para encará-la. — Vai demorar? Não estou acostumada a caminhar muito.

Ela franziu o cenho.

— Tu não queria ver o meu lugar favorito?

— Sim! — Expressei com uma encenada animação. — Desde aquela noite, fiquei com vontade de voltar.

As bochechas de Anaju estavam ficando coradas de novo.

— Prefiro não me lembrar disso.

Abri a porta do carro e saltei, sentindo um arrepio com o vento.

— Eu já fui?! — Brinquei e coloquei as mãos na cintura. Eu precisei segurar minha saia para que a corrente de vento repentina não a levantasse. — Não lembro disso não, Ana Júlia! E estou muito curiosa para conhecer Santa Conceição do Sul pelo seu ponto de vista. — Encenei com intuito de irritá-la. Deu certo: a garota revirou os olhos e bufou alto, batendo a porta do carro. Deve ter se esquecido por um instante e, quando percebeu que se tratava de trabalho, soltou um palavrão emburrado.

Foi difícil não rir.

Foi mais difícil ainda não me sentir bem.

O que era perigoso.

Porque tudo neste país seria passageiro, e eu não poderia me apegar a nada. Muito menos a Ana Júlia.



O lugar era lindo à tarde — com o sol se esgueirando entre as árvores e com os pássaros cantando. Tivemos que caminhar bastante por causa do desvio tomado por Anaju, mas eu não reclamei. Estava até satisfeita. E eu tinha medo de que realmente surtasse, mas o gostinho de provocá-la era tão bom...

Acostumada a um mar de prédios de incontáveis andares, aos jardins artificiais e a turbulência de Vancouver, Toronto e outras cidades grandes em que morei, imaginei que estranharia este lugar e o detestaria tanto quanto detestava os outros. Porque não fazia diferença: não importava o lugar, os fantasmas estavam sempre lá, a um passo de distância. Mas aqui eu quase conseguia esquecê-los. Quase me permitia pensar que Cat e Catherine não existiam.

Era bom, mas frustrante.

Anaju caminhou à frente com as sacolas e não falou durante o percurso. Alimentei o silêncio dela e, enquanto a seguia, tentava absorver os cheiros e sons que nos cercavam. Que me fizessem mais leve. Que continuassem empurrando para longe tudo que eu queria afastar.

Mas que não se afastavam de mim.

Que permaneciam lá — à espreita e nas sombras, esperando o momento certo para me atacar.

Eles não estão aqui, Catharina, eu precisava me lembrar.

Eles se foram.

É passado.

Mas por que eu parecia ter mais passado do que futuro a viver?^[1]

Paramos quando enfim o vale se estendeu à nossa frente. Anaju disse que se pegássemos o caminho adiante, chegaríamos à fazenda. Mas eu não pensava nisso. Pensava, na verdade, nesse lugar que encontrei durante uma crise em só pensava em fugir... Também o mesmo lugar que vi a garota chorar de madrugada. Um encontro não muito amigável, eu não estava bem e ela parecia pior.

Naquela noite, antes de ela chegar, não ousei me aproximar da beirada do precipício. Fiquei com medo — do que poderia despertar em mim e do que eu poderia fazer com isso.

Agora, uma necessidade repentina me fez avançar.

Passos lentos, pensamentos rápidos.

Caminhei até a beirada e olhei para baixo — para a queda em um abismo de galhos e folhas e o que quer que tinha lá. Era estranho como nosso cérebro tendia a nos puxar para a escuridão... como pensamentos surgiam de repente.

Quanto tempo leva a queda? Se eu cair, vou senti-la? Se eu pular, vou sobreviver? Se eu...

— Catharina. — A voz de Anaju fez meu coração saltar e eu recuei um passo, tremendo. Foi impossível esconder a reação em minhas mãos: elas tremiam, pesadas, geladas. Eu as escondi atrás do corpo e forcei um sorriso para a garota. — Tá tudo bem?

— Como não estaria? — Me aproximei e rodopiei o corpo, tentando também enganar a mim mesma. — Era disso que eu falava, Anaju. Está vendo a diferença?

Eu me sentei na grama e ela ficou me encarando, sem entender o que tentava dizer.

— Liberdade. — Sorri e gesticulei ao lado. — Me dá as sacolas, tem algo que preciso.

— Salgadinho? Refrigerante? O qu... — Ela se sentou enquanto mexia nas sacolas. Parou de falar de repente, olhando para o interior em pura confusão. Não consegui esconder a vontade de rir: eu sabia do que se tratava. — Não lembro de ter passado um cigarro na nota... acho que a moça do caixa se enganou.

Tão bobinha...

— Ou será que ela não viu quando o cigarro foi posto na sacola?

— Pera, tu pegou um cigarro e esqueceu de passar no caixa?

Bobinha demais.

— Eu roubei o cigarro, Ana Júlia.

Foi como se eu houvesse cometido um homicídio. Um pecado sem perdão: Anaju arregalou os olhos e soltou um *mas tu tá de brincadeira comigo* com o sotaque acentuado. Eu me inclinei na direção dela para pegar o cigarro, contendo a risada, mas ela afastou a carteira e me encarou com tanta decepção no olhar que quase se pareceu com minha mãe.

— Tu roubou!

— Sim? — Respondi mesmo que não houvesse sido uma pergunta. — Você nunca roubou nem um docinho de uma loja, Anaju?

Eu estava começando a achar que as bochechas vermelhas dela eram naturais. Não porque estava irritada ou com vergonha.

— Claro que não. Meu Deus... — Grunhiu e olhou para o cigarro por um segundo. — Meu Deus do céu! A guria roubou o cigarro! Por que tu não simplesmente pediu pra comprar?!

Ergui a sobrancelha em descrença.

— Compraria se eu pedisse?

— Claro que não! — Ela falou alto como se eu estivesse à metros de distância e não praticamente à sua frente. — Meu Deus, senhor, Jesus... a Dona Catharina vai me demitir! — E soou assustada. De verdade. Seria engraçado se não fosse trágico: porque a garota estava desesperada. — Não basta ter aceitado essa tua ideia maluca de andar no meio do mato e comprar porcaria, tu ainda ROUBOU, rou-bou, um cigarro! A tua avó vai achar que eu sou....

Não a deixei terminar. Reagi.

Eu me inclinei na direção de Ana Júlia e segurei o seu rosto entre as mãos, aproximando nosso olhar. A garota se calou imediatamente: ficou estática, a boca entreaberta e com a atenção em mim.

— Ei, calma, Anaju, calma. — Sussurrei com cuidado. — Não vai acontecer nada, ninguém vai achar nada. Vai ficar tudo bem. — O silêncio seguinte foi... constrangedor.

Porque os olhos de Ana Júlia nos meus e a proximidade de nossos rostos me fizeram perceber que eu estava tão sem graça quanto ela.

Soltei o seu rosto e me afastei depressa.

Disfarçar era difícil: meu coração acelerou e desviei a atenção para as sacolas antes esquecidas. Ficou tudo quieto demais — e pela primeira vez não encontrei uma encenação que pudesse aliviar a atmosfera.

— Tu n-não devia ter roubado.

Eu não queria ter me sentido mal.

— Desculpa. — Foi o que consegui dizer. Era de se esperar que causasse algo como sempre fazia. Decepcionar as pessoas era meio que a minha especialidade. Meus pais estavam acostumados. Minha vó e Anaju eram as próximas pessoas que também se decepcionariam comigo.

Encolhi o corpo com o vento frio que abraçou a região.

Não deveria ter roubado.

Você não deveria ter se drogado.

Você não deveria ter tentado ser quem não era, Catharina.

Você não deveria sequer tentar.

Você nunca...

— Tudo bem. — O pensamento intrusivo se desfez com o sussurro da garota. Levantei o olhar a tempo de ver ela me estender o cigarro. — Só não faça de novo... quando estiver comigo.

Peguei o cigarro e não senti vontade de acendê-lo.

Senti ele pesar em minha mão.

— Uhum.

— Quer comer alguma coisa ou só vai...

Balancei a cabeça em negação.

— Não quero nada. — Abracei minhas pernas para tentar afastar o frio. — Mas... obrigada, Anaju.

— Obrigada pelo quê? — Ela colocou os alimentos de lado.

— Por me trazer até aqui e por ficar comigo.

— Tu sabe que tô sendo paga, né?

— Eu sei. — Mesmo paga, a companhia de Ana Júlia devia ser a primeira em um ano que não me fazia ter vontade de desaparecer. Meus pais tentaram pagar uma pessoa para que eu não ficasse sozinha em casa, mas não deu certo. Fiquei sufocada e isso agravou a minha condição. Era diferente: enquanto a estranha tentava de tudo para parecer agradável e interessada, Ana Júlia, *Anaju*, não escondia as aversões e as discordâncias.

Vê-la revirar os olhos, reclamar ou ficar emburrada estava começando a ser divertido de verdade.

Mas não podia continuar.

Não podia.

— Não fica assim. — Ela murmurou com traços de timidez. Brincava com a grama sob seus dedos. — Se não eu vou ficar mal por falar a verdade.

— A verdade?

— Que tu pisou na bola ao roubar.

— Eu pisei onde...? — Um resquício de sorriso surgiu em meus lábios.

— Vacilou, não... — Anaju colocou uma mecha de cabelo para trás, atrapalhada. — Quer dizer que tu fez uma chinelag... não! Que inferno, hein, tu errou, pronto. Tá entendido?

A risada que me encontrou foi sincera, suave e leve.

Cobri a boca com as mãos e me deixei senti-la, afastando o peso que se acomodou em meus ombros. Percebi que ela também sorria, sem graça, mas aliviada pela tensão ter desaparecido.

Quem dera eu pudesse sempre rir assim.

Olhei na direção dela.

E me perguntei se ela continuaria a sorrir se soubesse quem eu era de verdade. Ou se faria como todos os outros.

Queria não ter pensado nisso.

Mas o passado estava sempre lá.

Não importava onde eu estivesse, a quantos quilômetros de distância eu me escondesse, eu nunca me sentiria livre dele.

Não ficamos por muito tempo e não conversamos muito.

Apesar da leveza da minha risada, as palavras voaram com o vento e não nos encontraram. Ficamos até o começo do entardecer, quando Ana Júlia decidiu que precisávamos voltar. Quando chegamos, ela estacionou o carro e ficou quieta com as mãos no volante como se refletisse todas as escolhas que havia tomado. Disse que estava tudo bem para que a tensão em seus ombros se dissipasse. Ela assentiu, não respondeu e saiu do carro. Fiquei um pouco mais, escorando meu corpo ao banco. Respirei fundo e peguei o remédio para dormir que eu deveria tomar à noite. Usei o que restou do refrigerante para beber e só então deixei o carro.

Quando entrei pela porta dos fundos, não havia sinal de Ana Júlia ou de minha vó: a casa estava silenciosa e fria.

Melhor assim.

Subi para o quarto para fazer tudo o que me restava.

Dormir.

Por que você não dorme para sempre, Catharina?

Quem me dera.



O prato de sopa fumegava à minha frente.

Eu ainda estava sonolenta e meu corpo respondia devagar aos movimentos. Fui acordada por minha vó: ela bateu à porta e me chamou para o jantar. Pensei em ignorar e continuar enfiada no quarto, mas na segunda vez ela abriu a porta, sem cerimônias, e acendeu as luzes. ‘Tu não ouviu eu chamar?’, e sua voz saiu autoritária. Tive que me levantar. Fiquei com meu pijama e coloquei um blusão, arrastando meus pés até a cozinha. A mesa estava posta com dois lugares e os pratos já estavam servidos. Sentei-me e deixei as mãos no colo, olhando de canto para minha vó que se ocupava com a louça. Só toquei na colher quando ela se virou e se aproximou, trazendo uma travessa com pão recém cortado.

Ela se sentou na ponta da mesa e tirou o avental florido que usava, unindo as mãos em seguida para sussurrar um agradecimento. Tentei não observar demais, mas era difícil me manter tranquila com toda a atmosfera de desconforto que nos envolvia. Não sabia como interpretá-la. Não sabia sequer se estava contente comigo. Se me detestava ou se eu a decepcionava.

E era apenas o segundo dia.

Um mês inteiro me esperava à frente — e não sabia por quanto tempo aguentaria o silêncio e a distância dela.

Mexi na sopa. Encolhi os ombros.

— Sabe se meus pais ligaram? — Foi um passo imenso perguntar. O ambiente não ajudava: estava escuro e um abajur de chão próximo à mesa era o único a providenciar um pouco de luz. A casa inteira estava silenciosa e, lá fora, as lufadas de vento soavam fantasmagóricas. Devia ser o motivo de Francisco ser apaixonado por esse lugar. Ele amava filmes de terror e de fantasmas, e falava o tempo todo de como seria interessante ambientar uma série ou um documentário aqui.

Ele era o criativo.

— Ninguém ligou. — Minha vó respondeu com a voz baixa, seus olhos permaneceram na sopa.

— Imaginei...

Dei um fraco sorriso em minha resposta — tão falso que até ela perceberia a encenação. Viajei para outro país, milhares de quilômetros de distância e eles não se incomodaram com uma

ligação.

Olá, filha, você está bem?

Ei, Kitcat, espero que esteja se adaptando com a sua avó.

Catharina, que bom que você está longe.

Não aguentávamos mais você atrapalhando a nossa vida.

Respirei fundo, fundo; devagar, devagar.

Eu não queria chorar, eu estava cansada de chorar.

No escuro. Sem ninguém ver e ouvir.

— Não vai comer? — A pergunta me fez erguer o olhar. Minha vó estava concentrada em mim, o rosto cansado. Não era um cansaço de trabalho ou da idade. Era mais interno, uma exaustão trancafiada.

— Não estou com muita fome.

Ela assentiu devagar e desviou o olhar para o alimento.

— Se alimentou bem à tarde?

Dependia do que considerava uma *alimentação boa*. Porque um cigarro e refrigerante não eram um exemplo disso.

— Claro. — Respondi e não ousei encará-la.

— Se divertiu?

— Sim. — Era a primeira verdade que saía da minha boca. Brinquei com a colher enquanto as imagens das horas anteriores se repetiam. Anaju desesperada por causa do cigarro. Anaju ranzinza enquanto dirigia. Anaju envergonhada com a música que compartilhara. E no fim, Anaju sorrindo de canto depois de tentar me explicar o que *pisar na bola* significava.

— Vejo que tá sendo sincera. — As palavras me pegaram desprevenida. Não percebi por quanto tempo ficamos em silêncio após o meu *sim*, tempo demais possivelmente. O bastante para que percebesse a verdade em mim. — Se quiser voltar pro teu quarto, tudo bem. — Terminou com um sussurro.

Encarei a sopa.

Ainda estava quente e intocada. Parecia boa. Mas eu não encontrava nenhuma vontade em mim.

Minha vó prosseguiu com o meu silêncio.

— Era a favorita do teu irmão.

Senti que deveria ter ficado feliz com isso.

Feliz por minha vó estar compartilhando algo sobre Francisco.

Mas não fiquei: as palavras foram um gatilho. Mordi os lábios e precisei firmar meus dedos à mesa para aguentar a dor que explodiu em meu peito.

— Ele deve estar feliz que você *ainda* se lembra dele.

— Todos os dias. — Dona Catharina respondeu.

Fingir um sorriso foi difícil.

Eu esperava que ela não enxergasse bem — porque assim não veria as lágrimas que se formavam em meu rosto.

— Bem, — respirei devagar para controlar a minha voz e não transparecer o choramingar contido. — Vou para o meu quarto.

Não recebi uma resposta; e foi melhor não a ter recebido. Porque aí eu não conseguiria mais aguentar. Eu não conseguiria mais esconder. *Que talvez eu estivesse começando a odiar o meu irmão.*

Caderno da Catharina

Para Francisco,

Não odeio você, eu só estava com raiva.

E triste.

Porque é sempre você e nunca eu.

Vovó não gosta de mim e tudo o que faz é porque se lembra de você; e sinto inveja. Inveja porque todos ainda amam você e não sobrou espaço para mim. Não sou criativa como você. Só conto mentiras e não sei mais falar a verdade sem que ela me machuque.

Eu realmente sinto muito, mano.

Mas eu só queria que se lembrassem de mim também.

Que fizessem a minha comida favorita.

Que me ligassem para dizer que estão com saudade.

Que me dissessem que eu não sou tão horrível e egoísta como acredito ser.

Estou insegura, Francisco, mas quero que saiba, que falar que não o odeio é uma das únicas verdades que consigo dizer.

Não odeio você mesmo.

Prometo não pensar mais assim.

Mas não prometo que não vou continuar me odiando.

CAPÍTULO 9

Agora aquela música da Fresno me representa: tudo o que eu posso fazer é de longe observar você.

Ana Júlia

Se eu não comprasse o celular hoje, Melissa cavaria a minha própria cova.

Pelo menos foi o que estava subentendido em seu olhar ao me perguntar pela manhã. Eu terminava de tomar a minha xícara de café amargo e não tive como adiar minha promessa. Era dia não-letivo na escola e não teria muita paz na manhã livre com as três em casa. Tive que aceitar e combinei de irmos ao centro da cidade para comprar o objeto de adoração da minha irmã. Mel fazia parecer questão de vida ou morte e eu me perguntava a necessidade. Eu estava bem sem um celular. Bem. Sem gatilhos do que leria por aí — sem *stalkear* a rede social de Lara, de Isabella ou Catharina. Um pensamento me veio de repente: ela aparentemente não tinha um aparelho. Eu já havia desconfiado e depois do dia anterior, poderia confirmar. Intrigante, mas quem era eu para questionar?

Tentei esquecer o que rolou no domingo.

Tentei não pensar nas escolhas que fiz e nos caminhos que tomei. Tudo por uma garota de um metro e sessenta, cabelos ruivos e uma constelação de sardas que não parecia ter noção das próprias ações.

Roubar um cigarro.

Aquilo ainda me deixava irritada.

— Toma logo esse café, mana! A gente vai perder o horário do ônibus! — Melissa resmungou. Ela estava de pé ao lado da porta, de braços cruzados e cenho emburrado. Era de família essa impaciência. — Combinei de tomar sorvete com as meninas para mostrar o meu celular novo.

— Calma, guria. Credo. — Bebi o último gole de café e enfiei uma bolacha de água e sal na boca. — *Coroio*. — Respondi e ela enrugou a testa. Não negava ser minha irmã. Peguei o meu moletom preto e uma jaqueta jeans para usar por cima. O frio estava começando a se intensificar e eu não estava pronta para o alto inverno. Dormir na sala em uma casa gelada e de paredes que deixavam lufadas de vento entrar não era confortável. Nunca consegui me acostumar. Mas que opção eu tinha? Se minhas irmãs e meu pai estavam dormindo bem, era o suficiente.

João Miguel entrou em seguida com a embalagem matinal do sanduíche com mortadela. Mel o cumprimentou e desviou os olhos para mim como se dissesse: *Vamos logo!*

— Levantaram cedo. — Ele fechou a porta da entrada e tirou o casaco, pendurando em um cabideiro na entrada. — Tão de saída, minhas meninas? — E perguntou ao se sentar. Servi café para ele e recebi um sorriso como agradecimento.

— A Anaju vai comprar o meu presente, pai. Ela prometeu.

— Oh. — João Miguel ergueu as sobrancelhas. — Que bom. Penso se devo comprar também, mas não é o seu aniversário, filha. Inclusive... — colocou um dedo sobre a boca e refletiu antes de continuar. — Teu aniversário já passou, Melissa. Já se passaram 115 dias.

— Não, pai! É um presente de bom comportamento. — Mel se aproximou e se sentou ao lado dele. — Anaju vai me dar um presente por eu ter sido a melhor aluna da minha turma, sabia?

Meu pai pareceu realmente surpreso — de uma forma boa, orgulhosa. Colocou a mão sobre a de Melissa e sorriu, afetivo. João Miguel não era um pai de demonstrar muito afeição física, ele tinha o jeito dele, mas não poderia dizer que ele não fazia o melhor para nós.

— Vou comprar um presente também.

Melissa explodiu em alegria: ela saltou da mesa e abraçou o nosso pai. Ele não retribuiu, ficou estático, não era fã de toques como aquele, mas permaneceu com o sorriso em seu rosto. Mel se afastou e bateu palmas antes de se pronunciar.

— Pode comprar aquele batom rosa que tá todo mundo usando?

— Rosa. Um batom rosa. — Ele sussurrou como se tentasse assimilar o pedido.

— Eu sei qual é pai, te ajudo. Agora deixa eu ir com ela ou vou morrer cedo demais. — Comentei enquanto terminava de colocar os meus tênis suados. Eu devia estar no fundamental quando ganhei de Natal. Costumava ser preto, hoje era um cinza apagado.

— Ah, Ana Júlia, antes que me esqueça. — João Miguel ergueu a mão para ganhar a minha atenção. — Dona Catharina pediu que levasse a neta hoje pela manhã no centro. Comprar algo que não entendi muito bem.

— Mas ela vai sair comigo, pai! — Melissa protestou, fechando a cara. Dei tapinhas nas costas dela.

— É o meu trabalho, mana, o celular vai ser pago assim. A gente pode ir mais tarde e...

— Mas combinei com as meninas!

Ai, jovens — e eu parecia uma idosa de noventa anos pensando assim. Melissa não era apenas *jovem*, era uma adolescente na flor da idade, tentando se encaixar e ganhar a atenção dos outros. Dificilmente cederia.

— Por que não vão todas juntas? — Meu pai se manifestou e deu um gole em seu café. As palavras fizeram os olhos de Melissa brilharem. Era óbvio: ela faria tudo para ter o celular hoje.

— Perfeito! Vamos todas juntas, a gente pode ir até de carro. Imagina se as garotas da escola me vêm nele. Vão morrer de inveja. — Mel encenou uma risadinha debochada, um tanto caricata. Revirei os olhos. Era melhor ignorar do que tentar convencer minha irmã que estava errado. Uma dor de cabeça a menos. Minha enxaqueca agradeceria.

E para falar a verdade, eu estava mais preocupada com a ideia mirabolante que era... sair com Catharina e minha irmã no centro da cidade. *No centro*. Com um povo sedento por fofoca.

Era meu trabalho e eu só poderia aceitar.

Aceitar.

Escondi um suspiro.

Eu preferia queimar e arrancar minha própria língua do que confessar que, no fundo, eu havia gostado da ideia do meu pai.



— Espero não ter problema levar a minha irmã... — Eu comentei quando encontrei Dona Catharina na varanda de sua casa. O tempo não estava favorável: ventava forte e uma fina garoa caía sobre a região. Cada dia mais frio. A senhora mexeu os lábios e nos observou em silêncio. Ela havia me entregado mais dinheiro para gastar com a neta e era impossível não me sentir desconfortável.

Por que ela simplesmente não dava a Catharina?

Não quis perguntar e só aceitei as condições que me eram passadas.

— Não. — Ela pigarreou e alisou o casaco pesado que usava. — Tenho compromisso na vinícola. Só volto a noite... — Sua voz diminuiu, um sussurro praticamente. — Tome conta dela.

Passei a língua pelos lábios e tentei não parecer desconfortável.

— As minhas funções na...

— Teu pai e Vicente vão ficar encarregados disso.

Quem era eu para protestar quando ela me interrompido como um facão de churrasco?

— Sim, senhora. Eu...

— Prontinha! — Catharina surgiu de repente através da porta de entrada. A mais velha a encarou dos pés à cabeça; e, então, tornou a se concentrar em mim. Seu cenho estava mais fechado que antes. Eu queria sumir do campo de visão dela. Cada olhar era um arrepio.

— Se cuidem. — Foram as últimas palavras antes de entrar na casa e fechar a porta com um baque.

Catharina não deu importância e sorriu, se aproximando com suas roupas pouco aconselháveis para a temperatura atual. Estava de saia e meia 7/8 novamente, um camiseta e o casaco do irmão. Queria ver o que ela usaria quando o inverno estivesse em seu ápice na região e a geada, com ameaça de neve, congelassem a cidade. Apenas um detalhe estava diferente: Catharina usava uma touca com orelhinhas de... gatinho.

Não, Ana Júlia Ribeiro, não é fofo e tu não achou fofo.

— Bom dia, Anaju. Está mais calma hoje? — A pergunta me causou um arrepio involuntário. Por causa dela. Da ousadia, não por causa da touca. Não era a primeira vez que questionava isso.

Franzi o cenho antes de responder:

— Tu vai me perguntar isso todos os dias que eu te ver?

Ela assentiu com um sorriso animado.

— É, não está não. — Ela pendeu a cabeça para o lado e olhou além de mim. — Quem é

ela? — E apontou para a minha irmã que esperava na garoa. Ela não quis esperar na marquise porque estava com vergonha.

— É minha irmã, a Melissa e...

Ela não me esperou terminar: saiu saltitando em direção à minha irmã que se surpreendeu com o cumprimento animado. Eu me aproximei depressa de ambas, sentindo minha mão tremer. Seria hoje o dia que meu coração não aguentaria e me presentearia com um belo ataque cardíaco?

— Ai, prazer em te conhecer, Catharina. Tu pode me chamar de Mel, é como me chamam na escola e em casa. — Ela tagarelou, admirada com a garota estrangeira. Catharina tinha um estereótipo que as meninas como minha irmã idolatravam na internet. *Tumblr girls*, chamavam.

Era de se esperar que gostasse dela.

— Mel. — Catharina sorriu e balançou o corpo de um lado ao outro. O vento balançava os cachos que escapavam de sua touca, fios cor-de-rosa perdidos entre os alaranjados. Era bonito de ver... diferente. *Mas não era para mim*. — Eu não tenho um apelido bonito assim.

— Cat! — Melissa sugeriu depressa, visivelmente feliz com a ideia.

Cat, eu pensei enquanto me aproximava.

Era bom, mas...

Não para ela.

Catharina se encolheu e o sorriso de antes, animado e quase sincero, murchou, ofuscado por um sentimento que escondia. Ela não respondeu, ficou em sua falsa animação.

Cat.

O que tinha de errado?

— Mana! — Melissa ergueu os braços em exagerada decepção. — Como assim tu não me falou que a Cat era linda assim! — De novo a garota se afetou, mas não teve coragem de dizer. Escondeu tudo atrás de um sorriso. — Que sapat...

Eu ia matar a minha irmã.

Eu berrei para cortar o *sapatão*.

Primeiro porque não gostava da palavra. Segundo porque, meu Deus, eu não queria que a garota soubesse.

Implicaria muita coisa que eu preferia evitar.

— ENTREM NO CARRO LOGO.

As duas se assustaram. O problema de falar alto e ter uma voz grave, impulsionada por dez níveis diferentes de ansiedade. E nervosismo. E desespero. E o que mais que pudesse ser inserido na minha lista de: meu-Deus-eu-vou-morrer. O importante era que entraram no carro, e me apressei em ocupar o volante. Mel se sentou no banco traseiro; Catharina, ao meu lado. E antes que eu desse a partida, enxerguei o olhar da minha irmã através do espelho retrovisor.

A expressão de quem está planejando algo.

Ignorei e, tentando não prestar atenção na conversa que as duas iniciavam, acelerei.

Eu só queria chegar inteira e tranquila no centro da cidade.



As parcelas do celular novo de Melissa iriam me assombrar até o fim do ano.

Mas a expressão da minha irmã com o presente foi o suficiente para me deixar satisfeita com a compra. Faria tudo pelas três e não me importava se isso as deixasse feliz no fim do dia. Estávamos em uma loja de departamento do Centro Comercial, passamos horas pesquisando os modelos e procurando a cor que Mel queria. Ela era exigente, mas sabia o que poderia comprar sem passar do limite. Quando a compra foi finalizada, minha irmã não esperou chegar para em casa: tirou o aparelho da caixa e o iniciou enquanto o vendedor explicava as funções.

Eu deixei que ela tomasse o tempo que precisasse. Catharina nos acompanhou durante o processo, mas não falou nada. Perambulou pelos corredores da loja e se distanciou do meu campo de visão. O *tome conta dela* de Dona Catharina me fez ir atrás da garota, tentando não ficar emburrada ou desconfiada. Não era normal... e o pedido criava uma pulga atrás da minha orelha. Somando a tudo, Catharina era uma caixinha de perguntas sem respostas.

Primeiro a foto, de lágrimas escondidas.

Depois, os sorrisos forçados, os sentimentos de mentira.

Por fim, o Cat.

Por que o desconforto?

Eu a encontrei na parte de aparelhos eletrônicos, de frente para um som que reproduzia uma música internacional conhecida: *Wake me up when september ends* do Green Day. Estava hipnotizada pela música como quando eu mostrei *Milonga* a ela. Ainda me perguntava o que a garota havia achado.

— Conhece? — Catharina perguntou quando me aproximei.

— Claro. 2010 e não conhecer Green Day?

Ela não riu como costumava — a risadinha baixa e zombeteira. Apenas assentiu, séria e distante.

— Por quê? — Eu decidi continuar ou a conversa morreria antes mesmo de começar.

— Setembro é um mês que eu gostaria de dormir o tempo todo. — Ela se virou em minha direção. A mudança da expressão foi repentina: desmanchou a seriedade anterior e colocou uma máscara de animação. — Então? Compraram o celular?

Era melhor não perguntar mais sobre a música.

— Sim.

— Muito bonito da tua parte, você realmente ama as suas irmãs, não é? — um fraquejar. A voz de Catharina parecia trêmula.

— Ela são tudo pra mim, então é meio que óbvio. Incomodam? Muito. Mas são minhas irmãs e... Mel realmente queria o celular.

Ela baixou o olhar para sorrir, de um jeito delicado e...

Fofa.

Pigarrei e coloquei uma mecha para trás da orelha.

— O que é uma... u-ma ironia. — Continuei para acabar com o silêncio. — Comprei um celular pra minha irmã e eu não tenho, me comunico por cartas e bilhetinhos como faziam nossos ancestrais.

A risada de Catharina preencheu meus ouvidos.

— Também não tenho, se isso consola você, Anaju.

Como imaginei.

— Por que não? — Perguntei como se fosse um questionamento qualquer. No fundo, queria muito saber o motivo. Catharina era a única jovem, além de mim, que não tinha um. E não parecia disposta a ter.

Ela se afastou com passos ensaiados, quase saltitando.

— É melhor assim. — Sussurrou e seguiu entre os corredores, o olhar despretenso nas mercadorias. Fui atrás dela e decidi que minha curiosidade deveria morrer ali.

Deixamos Melissa na loja e pedimos que nos encontrasse em trinta minutos na praça de alimentação. Não perguntei onde a garota gostaria de ir e deixei que escolhesse o caminho entre as poucas lojas. Paramos em frente a uma das únicas livrarias da cidade. A vitrine tinha alguns livros expostos, alguns que eu conhecia da escola, outros que eram fenômeno internacional, de vampiros e relacionamentos heteronormativos que não caíam no meu gosto. Talvez ela gostasse... e por um momento desejei muito saber do que Catharina gostava.

Em pessoas.

É difícil saber a orientação sexual de alguém sem perguntar.

E nem morta que perguntaria a ela.

Por que tu tá pensando nisso, Ana Júlia? Tu não vai se apaixonar, nem tente se apaixonar.

Para de olhar as orelhinhas dela.

— Você gosta de ler? — Foi preciso muito, muito, autocontrole para não me assustar com a pergunta repentina. Catharina encarava os livros, as mãos às costas.

— Não muito. Não tenho paciência. E tu?

— Já li alguns... — Ela mordeu a ponta do dedo, estava com as unhas recém pintadas de preto. Curtinhas. Unhas cortas e...

Meu Deus, Ana Júlia.

Meu Deus.

— Você sempre fica vermelha assim? — A garota riu antes de perguntar. Enruguei o cenho, desviando o olhar.

— Óbvio que não! — As palavras pularam da minha boca e soei um pouco grosseira. Fiquei aliviada quando ela riu.

— Boba.

Eu não conseguiria descrever como me senti após o sussurro ronronado de Catharina. Boba, ela expressou e se inclinou na direção da vitrine, firmando os dedos pequenos no vidro.

Boba.

Queria saber o que dizer e como reagir sem parecer uma garota do interior, exagerada e emocionada. Queria ter respondido, continuado. Eu ficava nervosa com facilidade, me irritava

também, mas... era bom. Quando se irritar com alguém foi considerado assim? Nunca para mim. Eu teria divagado mais, teria deixado que o silêncio crescesse enquanto esperávamos minha irmã, mas não consegui. Quem conseguiria quando se deparava com a ex vindo em sua direção?

Meu coração quase parou.

Teria sido melhor se tivesse parado porque aí eu não teria que lidar com ela: estaria morta enterrada e a caminho do hospital. Não exatamente nessa ordem.

O olhar de Isabella caiu em mim e, então, com uma sobrancelha erguida, encarou Catharina. Desejei que nos ignorasse e seguisse caminho. A garota nem a perceberia, estava atenta à vitrine e não fazia ideia de quem era minha ex-namorada.

Mas era Isabella e bastava.

Eu a conhecia como a palma da minha mão: ciumenta e manipuladora. Eu fui compreensível demais na época em que estávamos juntas; e não gostava de me lembrar do que passei ao lado dela. De me sentir sempre insuficiente, de esperar migalhas, de atenção não recebida.

— Ana Júlia, que coincidência. — O tom fedia à ironia. Ao ouvir meu nome, Catharina se virou e as duas trocaram olhares. Não demorou muito. Isabella se concentrou em mim e cruzou os braços. — Não te via desde sexta à noite. Falaram que tu saiu correndo da Macondo, como se tivesse visto uma assombração. Não encontrou a tua gringa?

Lá estava eu ficando vermelha de novo.

Mas de irritação.

— Não, — tentei parecer educada: não queria brigar no meio das pessoas, muito menos na companhia de Catharina. — Já desisti. — Olhei para a garota que nos observava em silêncio. Queria imaginar o que estava passando na cabeça dela e só pensava em desaparecer. — V-vamos logo, minha irmã deve tá esperando a gente.

— Tô vendo. — Isabella continuou, o tom em deboche. — Não conheço ela, é nova por aqui, é?

— *Cara.*

Por que tu continua me atormentando depois de tudo?

Era o que eu queria ter dito. Não sei se conseguiria. Não cheguei a tentar, pelo menos. Não quando, para a minha surpresa-desespero-pânico-socorro, Catharina me envolveu em um abraço, se inclinando em minha direção. Ficou na ponta dos pés, grudada em mim. Sabe quando tu trava? Trava-travadíssimo? Eu travei. Se pedissem para que soletrasse o meu nome, eu não conseguiria fazer. E meu nome era o mesmo de traz para frente. Fiquei congelada em minha posição enquanto, para uma Isabella de cenho enrugado, Catharina se pronunciava:

— Não sou nova, não! — A animação forçada teria me irritado se eu não tivesse morta. — Sou a namorada da Anaju, pensei que soubesse!

Não.

Ela não disse isso.

Ela não...

— Não falou para as suas amigas de mim, *amori*? — Catharina desviou o olhar para mim. Eu deveria estar roxa, violeta, uma paleta de cores inteira. Não conseguia nem encarar a garota.

— A-a.. eu...

— Namorada? — Isabella repetiu com um murmúrio, a voz incomodada, a expressão fechada.

Catharina sorriu.

— Uhum. Você é quem? Eu não te conheço. — Devolveu o mesmo deboche em um sorriso afiado. — Mas vamos dar um jeito nisso, eu sou Catharina Delmore, você provavelmente deve ter ouvido falar de mim por aí. Se não ouviu, estamos apresentadas.

Eu conhecia o tom — o mesmo que ela usou comigo quando nos conhecemos, dizendo que não precisava de mim para entender Português. Estava pronta para odiar Catharina no dia até perceber que era uma máscara. E havia outras que me faziam perguntar quem ela era de verdade.

Se um de seus sorrisos foi sincero até então.

— É melhor que não fique sabendo. — Isabella bufou e revirou os olhos. — Aproveite, Ana Júlia. Combina contigo. — E deu meia volta, seguindo por entre as pessoas.

O minuto que passou em silêncio pareceu uma hora inteira.

E eu só notei quando Catharina se afastou de mim e suspirou, arrancando um sentimento invisível de seus ombros.

A realidade me caiu como uma bomba.

— Por que tu fez isso?! — Tentei não falar alto para não chamar a atenção, mas foi impossível. Minha voz não ajudava e minha ansiedade era um gatilho.

Catharina ergueu uma sobrancelha.

— Você estava desconfortável com a garota, eu só fiz com que ela fosse embora rapidinho. Por quê? Aliás. — Ela levou um dedo à boca para morder a unha. — Uma *crushzinha* sua?

— Não! Cara... mano. — Não sabia o que falar, na verdade. Eu só queria ir para casa e desaparecer da frente de todo mundo por uma semana. Namorada! Isabella espalharia aquilo e não demoraria para que até Dona Catharina ficasse sabendo. Meu Deus.

Todo dia um motivo diferente para ser demitida.

— Não gostou? — Catharina encenou um tom frustrado, me encarando como se estivesse preocupada de verdade com a minha opinião. — Nunca teria uma namorada? Ah, que pena. Eu não sabia que você era...

— Sapatona.

Eu dei um pulo no pós-vida e ressuscitei em seguida após o susto com a voz de Melissa. Ela se aproximava, abrindo um pacote de bala de goma. Nunca senti tanta vontade de cometer um delito em minha vida.

Na verdade, já.

Mas eu nunca cometia. Sou como um cachorro chihuahua. Lato, lato, mas morder? Jamais.

— Eu vi tudo e adorei, Cat, tu devia ter feito mais. Aquela era a ex da Anaju, uma tremenda de uma vaca. Encheu a minha irmã de chifre com um colega.

Melissa estava praticamente jogando minha vida privada para os sete ventos.

— Chega, meu Deus, Mel! — Eu ergui os braços em desespero e sinal de misericórdia. Não deu certo: elas me ignoraram.

— Sério?! — Catharina uniu as mãos. Estava sendo cúmplice apenas para me provocar. Não tinha outra explicação. — Juro que eu não sabia, mas senti vontade de fazer algo pelo jeito

que ela falou.

— Uma vaca, né?

— Você não gosta dela mesmo...

Melissa enrugou a testa.

— Se soubesse o quanto minha irmã sofreu e chorou pelos cantos por causa dela, também não gostaria. Sabia que...

— Pelo amor de Deus! — Dessa vez eu berrei e assustei as duas. De novo. — Chega! Melissa! Deus, acabou, fim. Que coisa séria! O que deu em ti pra ficar falando da minha vida assim?

Minha irmã empinou o nariz. Algumas pessoas passavam olhando para nós, comentários que eu não queria ouvir.

— Eu só comentei, tá? Tava tentando ajudar, mas tudo bem, não vou falar mais nada. Só vim avisar que vou comer sorvete com minhas amigas.

Respirei fundo.

— Vai voltar pra casa como?

— A mãe da Duda vai nos levar. — Ela mexeu no celular novo como se já conhecesse todos os detalhes. Deu uma risadinha com a mensagem que recebeu e guardou o aparelho na bolsinha de mão. — A propósito, mana, tu e a Cat formam um ótimo casal. Bem emo as duas. Tchau!

Não tive direito à resposta.

Melissa deu as costas e seguiu em direção à praça de alimentação, me deixando ali, sem o que dizer, sem reagir, sem quase respirar. Se Catharina não houvesse se manifestado, o silêncio teria me devorado viva.

— Sua irmã é um amor. — Eu ousei desviar o olhar para ela. Evitava contato desde que o abraço encenado foi interrompido e, *cara*, teria sido melhor continuar evitando. Porque eu não teria visto que ela também estava sem graça e... corada. As bochechas estavam vermelhas, realçando as sardas que se multiplicavam ao redor do nariz pequeno.

Seja normal, Ana Júlia, pelo uma vez na vida.

Engoli seco.

— A Mel é... ah, desculpa, pelo que ela... disse e... — Mas não adiantava tentar ser normal quando eu não conseguia formular uma frase.

— Calma, Anaju. — Ela riu baixinho e se escorou na vitrine. — Tá tudo bem. Achou ruim o que eu fiz? Quando sua ex estava aqui.

Ruim não era como descreveria.

Eu só não gostava do que aquilo poderia significar ou o que poderia causar. Em mim, principalmente. Para ela, quem sabe. Esperava que Isabella não saísse contando para Deus e o mundo que eu estava me envolvendo com outra gringa, como ela tinha a mania de dizer.

— Tá de boa. — Suspirei e senti a minha cabeça pesar. — Só não... queria que tu se incomodasse. Imagina o que tua avó vai...

— Que estou namorando alguém que ela conhece?

Meu rosto queimou.

— Não! — Bufei e olhei para baixo. Uma ótima, mas pouco eficiente, forma de tentar espantar o meu nervosismo. — Não foi isso que quis dizer. É só que... não é legal, entende? Brincar assim. Às vezes... as pessoas falam, ainda mais numa cidade pequena. Já tô acostumada, mas não acho que tu saiba o que é isso, pessoas hétero não passam por...

— O que te faz pensar que sou hétero, Anaju?

Não esperava a pergunta. Muito menos o que ela implicava.

— Não?

Catharina sorriu forçada e se afastou da vitrine. Ela ajeitou as roupas, a touca e respirou fundo.

Era a primeira vez que a via frustrada.

— Vou olhar os livros daqui, tudo bem? Não demoro, se quiser me esperar no carro.

Foi um aviso de: eu quero ficar sozinha.

Entendi e assenti, deixando que um *tudo bem* deixasse os meus lábios. Catharina não disse nada ao se afastar e entrar na livraria, desaparecendo entre as prateleiras apertadas. Pensei em seguir a garota, fazer como a avó dela pediu, mas não me pareceu certo. Deixei que lá ficasse, sozinha; e, revivendo os momentos anteriores, segui para a praça de alimentação, onde me sentei o mais longe possível do restaurante dos pais de Lara.

Fiquei lá sozinha enquanto pessoas e mais pessoas preenchiam o lugar com a chegada do horário de almoço.

No fundo, no entanto, um fiapo de arrependimento crescia.

O que eu falei que a deixou frustrada?

CAPÍTULO 10

Caderno da Catharina

Bom dia, Francisco.

Hoje faz seis dias que estou aqui.

Seis dias em que mal converso com minha vó.

Seis dias que não escuto a voz dos meus pais.

Poderia ser pior: eu poderia estar afogada em remédios para dormir e sozinha em meu quarto. Não tem sido assim. Na verdade, às vezes eu até me esqueço como vim parar aqui. Esqueço de Catherine. De Cat. Das palavras e das imagens que por tanto tempo me assombraram.

Tenho sido mais Catharina.

Você um dia me perguntou o porquê eu a escondia tanto. Eu nunca respondia, tinha medo do que minhas palavras poderiam desencadear. Do que nossos pais poderiam pensar.

Mas hoje, Francisco... hoje talvez Catharina tenha se sobressaído mais do que nunca se sobressaiu.

E foi bom...

Mesmo que tivesse gosto de mentira.

Combina comigo.

Não acha?

Catharina

Interrompi a escrita com batidas à porta.

Minha vó estava lá: era fim do dia e eu havia chegado horas antes depois do passeio com Ana Júlia e a irmã. Não havia terminado bem. Fiquei na livraria até cansar e não levei nada. Não tive interesse nos títulos que eu conhecia — de autores estadunidenses, canadenses, ingleses e outros —; e os nacionais me eram tão desconhecidos como o Estado em que minha mãe nascera. Perguntei ao atendente por uma recomendação, mas ignorei cada palavra quando senti que ele tocava os meus ombros e o meu braço enquanto explicava, como se houvesse a necessidade de se aproximar. Falou mais do que eu queria. Expressei o meu mais falso sorriso ao me despedir e prometi a mim mesma nunca mais voltar.

No passado chamavam o meu desconforto de *vitimização*.

As pessoas só estão querendo se aproximar de você, Catherine. Dá uma oportunidade. Tente ser mais interessante.

Tudo bem, eu dizia.

Cada tudo bem era uma cicatriz a mais em Catharina sem imaginar que no futuro ela dificilmente se recuperaria delas.

Fechei o meu caderninho e forcei um sorriso para a minha vó, parada no batente da porta. O quarto estava escuro, a única iluminação vinha do corredor e do abajur ao meu lado. Eu estava sobre a cama, uma bagunça de cobertas e travesseiros com cheiro de amaciante. Era trocado todos os dias. Se por ela, eu não sabia; mas uma empregada era encarregada de fazer a limpeza de alguns cômodos e acreditava que este estava incluído. Apesar dos móveis antigos, o quarto tinha um ar de conforto. Eu havia colocado luzinhas na guarda da cama e as acendia antes de me deitar para não ficar no escuro. Pendurei dois pôsteres próximas, um de My Chemical Romance que estava no quarto de Francisco em Vancouver, e outro de Green Day, um presente após o primeiro show que ele me levou. Não era muito, mas me ajudavam a dormir, a descansar.

A me sentir menos sozinha.

— Tu não vai jantar? — Minha vó perguntou sem entrar.

Neguei.

— Não estou com fome... — Sussurrei, o vento lá fora soprou junto comigo. Estava frio e, sem meias, meus pés eram blocos de gelo. Não havia um aquecimento interno nas casas por aqui, não era comum; o que me fazia cogitar me enrolar nas cobertas e não sair mais.

— Tu comeu algo antes?

— Uhum. — Assenti e mantive o sorriso para dar credibilidade a minha mentira. Minha vó olhou ao redor como se estivesse buscando alguma prova. Não pareceu convencida.

— Tá bem. — E ela apenas aceitou, não questionou ou se preocupou. Senti o peito doer, as lágrimas pesarem. Eu estava há incontáveis quilômetros de casa e continuava me sentindo tão mal e sozinha como se nada pudesse mudar a minha realidade.

Uma garota quebrada e com medo.

De olhar para trás.

De dar um passo à frente.

De falar.

Por que eu vim?

Por que você quis que eu viesse?

Por que você me trata com tanta indiferença assim?

— Vó. — Eu a chamei antes que ela me desse as costas e fechasse a porta. Dona Catharina se virou com o olhar de quem não esperava o chamado, de quem há tempos não ouvia aquele simples vó.

Minha garganta queimou com as palavras que eu queria dizer.

Que eu daria tudo para perguntar e não somente escrever.

Tudo que eu queria sentir e não sonhar.

Um abraço. A sensação de pertencer a um lugar e ser importante, ser alguém que iriam

lembrar e pensar: que saudade dela.

Um abraço, meus pensamentos voaram para longe.

Para o começo do dia.

Para um abraço forçado, mas caloroso, ainda que não retribuído, que me deixou tão confortável como eu dificilmente me sentia. Foi impulso — abraçar Ana Júlia e provocar a ex namorada dela. Mas uma parte minha gostava de pensar que o impulso talvez houvesse sido um desejo interno, e escondido, meu. Meu e só meu: da Catharina, não da Cat, não de Catherine.

— Sim? — Minha vó interrompeu o meu monólogo interior e a encarei, nervosa.

Você se importa comigo?

Mas hesitei temerosa: hesitei porque fiquei com medo da resposta. Medo de confirmar que não faria diferença. Estando em casa ou aqui, seria sempre o mesmo: a solidão de nunca ser algo além de um peso.

— Boa noite. — Disfarcei e sorri, me esforçando para não transparecer o meu choro trancado.

— Boa noite. — Foi o único pronunciamento dela.

Então, fechou a porta e me abandonou aos meus fantasmas.



Eu acordei antes que minha vó batesse à porta. 5:45 da manhã. Em outros tempos, esse seria o meu horário de dormir para, lá pelas quinze horas da tarde, acordar. Muitas vezes apenas para tomar algo e enganar o meu estômago; e, então, dormir de novo, de novo, de novo. Me sentei na beirada da cama e fui acordando aos poucos, esfregando os olhos e ajeitando o caos dos meus cachos. Ficar na cama e dormir por mais umas horas era tentador, mas com Dona Catharina batendo a porta e abrindo as janelas, eu não tinha escolha. O quarto estava gelado e me vesti depressa para tentar esquentar o corpo. A touca, duas meias, uma meia calça, saia e um blusão preto por cima da camiseta do pijama. Com as pantufas da minha vó, deixei o ambiente e descii até a cozinha, de onde um cheiro de café passado estava vindo.

No dia anterior, ela me fez ver a estufa e me colocou para colher os tomates-cereja que estavam maduros. Às seis horas da manhã. No outro, comentou sobre conhecer os porcos, mas desistiu da ideia quando percebeu que eu mal conseguia entender o que ela dizia por causa do sono. *Durma mais cedo*, avisou com a voz zangada. Não pude argumentar, o diálogo era inexistente e minha única opção era aceitar. Lá embaixo, com um rádio ligado e tocando notícias locais, encontrei Dona Catharina sentada à mesa, tomando o café da manhã. Havia um lugar preparado para mim, e me aproximei devagar, um *bom dia* escondido em minha voz. Ela colocou os olhos em mim e respondeu no mesmo.

— Arrecém passei o café. — Comentou quando me sentei e servi a bebida quente. Dei um gole pequeno, experimentando o sabor. Melhor do que eu estava acostumada.

— Obrigada.

Ela assentiu e pigarreou, limpando um farelo invisível na toalha de mesa.

— Tu vai ajudar Ana Júlia com as galinhas. Só tome cuidado dessa vez, tá? — Desde o incidente, fui meio que proibida de me aproximar do galinheiro. Não reclamei, a experiência de cair e ser atacada por aves esfomeadas ainda me atormentava, mas eu não me arrependia. Fiz até um amigo inusitado no dia.

— Tudo bem. — Eu bebi mais um gole e me levantei. — Acho que vou ir até lá agora. A Ana Júlia não deve demorar.

— Tem certeza?

Assenti.

— Vou colocar os meus tênis. Até mais!

Não esperei que ela argumentasse. Deixei a casa e me arrependi da pressa quando o vento tocou minhas bochechas com um sopro congelante. No céu, o sol não parecia disposto a aparecer e aquecer a região. De longe, vi Vicente caminhar e trazer dois cavalos com as rédeas e outro homem, o mesmo que estivera no dia da minha chegada, o acompanhava. Ignorei ambos e segui o caminho até o galinheiro, o cântico dos galos preenchendo os meus ouvidos. Abracei o próprio corpo quando parei em frente ao portãozinho. Não por medo, eu estava mais tranquila quanto a elas, mas por ansiedade. E um pouco de frio. As galinhas estavam dispersas, bicando o chão e emitindo o có-có característico. Quando entrei, fechando depressa o portão atrás de mim, não recebi a atenção delas. Mas um soar diferente, mais intenso, me fez olhar para o lado e sorrir.

Quack.

Era o pato — ele vinha desfilando em minha direção. Eu me ajoelhei para alcançá-lo e estendi a mão para tocá-lo.

— Oi, patinho. — Sorri e o senti pressionar a cabeça em minha mão. Um quack baixinho e até dengoso. — Você sentiu a minha falta? — Acabei me sentando sobre o chão, sem me importar com a sujeira. O pato se aproximou mais, erguendo as asas para chamar a minha atenção. Ajeitei as pernas e, para a minha surpresa, ele subiu, se acomodando em meu colo.

Acaricieei as penas e ele fechou os olhinhos, satisfeito.

Mantive o sorriso.

— Quem diria que um patinho iria ser tão dengoso? Será que você tem um nome, patinho?

Como se em resposta, ele ergueu o bico e puxou a minha touca, fazendo com que ela quase cobrisse os meus olhos. Sussurrei um *ei* com encenada frustração, de brincadeira, mas meu peito doeu com uma percepção que me chegou com um gatilho. Meu irmão. As vezes que, rindo carinhosamente, fazia o mesmo para me provocar e depois dizer: você fica muito fofa com isso, Kitcat.

Kitcat foi o apelido que me deu quando pequena.

Ouvi-lo era sempre reconfortante. Porque meu irmão sabia muito mais de mim do que eu mesma. E ele se foi; e, desde então, não consigo me encontrar. Estava sempre perdida, sempre com um peso que aumentava cada dia quando lembrava dele, quando percebia que para minha vó e para os meus pais, seria melhor que Francisco estivesse aqui, e não eu.

Não era a filha que eles mereciam

Não tinha nada de excepcional.

Não faço diferença.

Abracei o pato em busca de consolo. Ele não protestou, emitiu apenas um quack curto, delicado, enquanto lágrimas se acumulavam em meus olhos. *Eu queria ir para casa.*

Mas que casa?

Se não havia ninguém me esperando. Se não havia a sensação de pertencer àquele lugar. Solucei, permitindo que o meu pranto escapasse; o pato, ciente da minha tristeza, ergueu o pescoço e tocou a minha bochecha com o bico, mordiscando devagarinho. Por ironia da vida, ele era o primeiro ao ver o meu choro escondido, o primeiro a saber como a verdadeira Catharina estava, quebrada e cansada.

— Eu não acredito que esse pato fedido e miserável tá de boa no teu colo! — Meu coração disparou com as palavras repentinas de Ana Júlia. Limpei depressa o rosto, torcendo para que ela não houvesse percebido. Respirei fundo, coloquei a máscara de Catherine e olhei na direção dela, que entrava no galinheiro carregando o saco de ração.

O pato também a encarou — e diferente da postura pomposa que estava expressando em meu colo, ele se apumou, desconfiado. Soltei-o e deixei que desse alguns passos em direção ao portão, as asas esticadas ao lado do corpo.

— Ah, não, não, não! — Desespero tomou conta do rosto de Ana Júlia: ela largou a ração no chão e deu um passo para trás. — Sai pra lá, caralho. — Ela olhou para mim. — Por que tu não atacou ela, bicho sem vergonha?!

Foi cômico.

Contive a risada ao vê-la com medo de verdade.

O pato batia as asas e mexia o pescoço para frente e para trás como estivesse tentando mostrar que era uma ameaça.

— Você está com medo do pato, Anaju? — Perguntei ainda sentada, observando a situação enquanto algumas galinhas perambulavam por perto, desinteressadas no que acontecia. Esqueci até mesmo do frio.

Ana Júlia franziu o cenho.

— Ele vai me atacar! O que tu fez pra entrar aí sem perder um membro?!

Dei risada antes de responder.

— Fiz amizade com ele. Como pode ter medo de um patinho tão fofo, Anaju, que decepção.

O rosto dela queimou.

Era tão fácil provocá-la e tão bom ao mesmo tempo.

Fazia com que eu me esquecesse da solidão e da dor que me corrompiam em segredo. Eu sorri, sorri porque queria; e não porque precisava.

— Não acredito! Como é possível que... — Anaju parou e deu dois passos para trás quando o pato fez menção de avançar. — Sai, pato dos infernos. Sai pra lá, eu só quero dar comida pras galinhas!

— Ele não vai te atacar, Anaju, tenta falar um pouco mais baixo, quem sabe ele não te veja uma ameaça? — Sugeri entre uma risada e outra, ainda sentada. Cruzei as pernas e não dei importância para a poeira em minha saia. Queria aproveitar o instante e esquecer de tudo.

Ela fez uma linha reta com os lábios, descrente.

— Patinho, patinho... — Eu chamei e ele olhou para mim, baixando as asas. Anaju respirou mais tranquila, mas ainda desconfiada. — Viu só, um anjinho cheio de penas!

— Um demônio isso, sim, bicho desgraçado — ela se inclinou para pegar a ração enquanto falava —, tu vai ver que ele... — e fez menção de dar um passo.

O pato virou para Ana Júlia novamente.

Um quack quack furioso.

E correu na direção dela.

A garota soltou um *puta merda* e disparou em direção ao portão, esquecendo a ração no caminho e quase tropeçando ao fechar a saída do galinheiro. O pato saltou no cercado, mas não conseguiu passar.

Ficou lá, de prontidão.

Esperando que ela tivesse a ousadia de entrar novamente.

— *My dear god...* — Murmurei com de surpresa e vontade de rir. Era inexplicável. Ana Júlia realmente tinha medo do pato. Uma garota de um metro e oitenta e quatro fugindo de um animalzinho branquinho com menos de sessenta centímetros.

— Como que eu vou dar ração agora?! — Ela berrou alto o suficiente para assustar até mesmo as galinhas. O pato se irritou e avançou contra o portão como se tentasse derrubá-lo.

Anaju se afastou depressa.

Eu me levantei e fui até a entrada, aproximando-me do cercado para poder falar com ela. O pato se aproximou de mim, se enroscando em minhas pernas como um gato preguiçoso.

— Eu dou a ração, Anaju. — Sorri para ela.

Ela manteve o cenho franzido. Era incrível como essa garota passava a maior parte do tempo emburrada.

Talvez fosse o que me fizesse gostar tanto de provocá-la.

— Tu sabe pelo menos?

— 100 gramas para cada galinha, não? — Perguntei e forcei uma vozinha delicada, quase debochada.

— É... — Anaju murmurou com o beijo saliente.

Ela desviou o olhar. Dificilmente mantinha contato visual comigo: sempre estava olhando para outro lugar, para os próprios pés. O detalhe me fazia questionar se eu era intimidadora a esse ponto.

— Mas com uma condição. — Comentei e mordi os lábios, contendo um sorrisinho de ansiedade. Ana Júlia tinha algo que eu queria e, talvez, não fosse ruim trocar por uma de suas tarefas na fazenda.

— Que?! — E tornou a me encarar com incômodo na expressão.

— Me leva naquele lugar de novo? No vale.

— Guria, trabalho até as seis horas da tarde hoje, sem tempo pra passear por aí, sabe.

— Eu te espero. — Sorri e não saberia dizer o porquê ela ficou vermelha, emoldurando uma expressão que tinha um pouco de tudo: surpresa, antecipação, estranheza e até hesitação.

— Vai tá escuro e...

— Bom, boa sorte com o pato. — Eu a interrompi e coloquei a mão na fechadura do galinheiro, fazendo menção de abrir o portão.

Ana Júlia berrou antes que eu o fizesse.

— Tá bom, tá bom! Eu te levo, satisfeita, sua chantagista?

Empinei o nariz com a vitória.

Queria muito rir, mas se eu o fizesse, ela provavelmente teria um surto de nervosismo.

— Eu te encontro às 18:30? Aqui mesmo.

Ela bufou para cima e o ar balançou a franja bem cortada.

— Tá, tá, tá. Agora só dá ração pra essas galinhas e deixa esse pato assassino bem preso aí.

— Patinho! — Eu a corriji. — Ele não tem nome?

— Demônio. Capeta. Desgraça. Maldito. Tu pode escolher entre esses.

Fiz um biquinho frustrado.

— Péssimos e de mal gosto.

— Ele é um *pato*, não precisa de um nome.

— Precisa sim! — E me virei. O pato me seguiu como se eu fosse sua rainha. Adorei a sensação. — Agora, vai fazer o resto do seu trabalho e não se atrase, viu? Vou estar te esperando, Ana Júlia.

Ela bufou mais alto, como um cachorro brabo e rosnando porque era impossibilitado de morder.

Com o pato, então, peguei a ração e fui alimentar as galinhas.

Sem pensamentos ruins, sem decepções, apenas a mais pura sensação de ansiedade pelo que viria mais tarde.

CAPÍTULO 11

Europa é uma música underhyped porque a letra é assustadora de real; e quando diz “presa dentro dessa dor, sem ninguém para te ajudar”, eu só penso nela: a garota que esconde mil dores e que desistiu de tentar.

Ana Júlia

Catharina estava lá quando cheguei no horário marcado. Com a touca. Com as roupas pretas. Com um delineado de gatinho nos olhos. Era engraçado, e muito desesperador, que tivesse o estilo de garota que eu costumava gostar. Mais alternativa. Mas prometi que não me apaixonaria — não depois de tudo que passei com Lara. Eu não queria quebrar a cara de novo, principalmente com alguém que tinha data e hora para desaparecer. Admirava quem tinha relacionamento à distância, porque eu não conseguiria.

Mas desde quando eu estava pensando em relacionamento?

Ela era a neta da minha chefe e nunca nesse mundo daria certo.

Ah, mas e se ela for lésbica ou bi ou beijar garotas também, Ana Júlia?

— Ana Júlia, para de pensar, sua emocionada. Deixa esse estereótipo de lésbica emocionada para os filmes! — Grunhi baixinho antes de me aproximar. Não tinha ninguém para me ouvir. Não queria que falassem por aí que eu conversava sozinha: o que incluía me xingar e me dar conselhos que não seguia.

Estava frio e o sol se escondia no horizonte, sonolento. O dia se despedia, a parte mais bonita dele. De cores alaranjadas e rosadas, de uma luz que se sobressaía em fotos com uma beleza única. Precisava me lembrar disso uma hora e fotografar o horizonte de Santa Conceição durante o crepúsculo.

Quando me viu, Catharina acenou e sorriu. No galinheiro, nenhum sinal do assassino que ela chamava de patinho. Ora patinho. Um bicho enorme, orgulhoso e agressivo daqueles.

— Muito pontual, Anaju. Gosto disso! — Ela olhou ao redor. Não havia ninguém por perto. O expediente do meu pai já havia acabado e Vicente havia saído com Dona Catharina para fazer compras. Até mesmo a empregada que limpava a casa principal já havia ido embora. Era só eu, ela e as galinhas, que observavam através do cercado. — Vamos a pé? Não é perigoso?

— Não foi tu que chegou até lá sozinha na primeira vez?

Ela sorriu com ares de deboche.

— Eu só saí para caminhar e estava escuro. Você acha que eu lembro? Aliás, o que eu

lembro muito bem é...

— Tá. — Interrompi antes que terminasse. Sabia onde queria chegar: minhas lágrimas, o motivo por trás da minha tristeza. Parecia que um mês inteiro havia se passado, mas apenas dias me separavam do meu coração quebrado e da minha amizade arruinada. Desde a sexta-feira passada, Domenica não me procurou e eu não procuraria por ela.

Eu havia vivido tempo demais por migalhas de romance e não estava disposta a passar o mesmo com amizade. Mesmo que doesse e que ela fosse a minha única amiga nesse mundo.

— Vamos logo, não quero que ninguém veja. É melhor aproveitar que a Dona Catharina saiu pra evitar que pense que eu tô te levando pro meio do mato. — Comecei a caminhar, seguindo pela estradinha de terra que nos levaria à entrada da mata e, mais adiante, ao vale.

— O que tem? — Catharina deu passinhos ligeiros para me encontrar.

Senti meu rosto arder.

— Tu sabe o porquê e o que pensam por aí... As pessoas são bem maldosas às vezes... sabe. — As situações de preconceito que passei por causa da minha orientação sexual não me deixavam mentir. Uma cidade pequena. Pessoas conservadoras. Um Estado apegado às tradições com a desculpa de que a família tradicional deve ser mantida.

Família, era até irônico.

Poderia existir uma parte boa, compreensível, mas a grande maioria não estava disposta a aceitar o que era diferente.

Catharina fez um *hmm* pensativo enquanto caminhava. No horizonte, a luz desaparecia devagar à medida que nos aproximávamos das árvores fechadas.

— Posso perguntar?

— O quê?

— Sobre o quê você... gosta. — Era estranho ver Catharina soar sem graça. Justamente ela que parecia sempre tão extrovertida e atrevida.

De repente, também fiquei.

Porque não podia negar que Catharina era linda.

Por favor, Deus, não peço muita coisa pra ti, mas não permita que eu me apaixone por uma garota hétero, eu já sofri demais, obrigada.

— Achei que tinha ficado claro depois de ontem. — Respondi e retomei a caminhada. A garota me seguiu. Não queria olhar diretamente para ela. Seria um caos se eu comesse a gaguejar e suar gelado.

Garotas bonitas me deixavam nervosa.

E com medo.

— Ficou? — Ela perguntou com um sussurro duvidoso.

Respirei fundo.

— Sou lésbica.

O silêncio que se fez depois disso me deixou preocupada — o que era um eufemismo para não dizer que estava a um passo de surtar. Pensei em continuar falando e tentar perguntar sobre ela. Não deu tempo: Catharina se manifestou antes.

— Faz muito tempo que você se descobriu?

— Acho que eu sempre soube, na verdade... — A resposta saiu mais fácil do que eu esperava. Nunca haviam me perguntado tão abertamente e eu nunca havia conversado sobre. Com ninguém. Quando contei para Domenica e Isabella na época da escola, elas apenas aceitaram e falaram *tudo bem*. Não me trataram diferente, mas também não se interessaram em saber mais sobre mim. — Nunca fui de me interessar por garotos na escola como minhas colegas e meu pai disse que eu fazia minhas bonecas se beijarem quando era pequena.

Catharina riu baixinho.

— Então você nunca beijou um garoto?

Respirei fundo.

Estava ficando íntimo demais e isso começava a me preocupar.

— Nunca. — Passei a língua pelos lábios. Minhas mãos estavam geladas e as coloquei no bolso do moletom, onde meu mp3 estava guardado.

— Inusitado, não? Deve ter sido difícil se encaixar... — A voz dela foi diminuindo, se distanciando.

— Muito. — Comentei e dei espaço para que ela passasse por alguns galhos quebrados. Ficava cada vez mais escuro. Eu passei logo em seguida e começamos a subir pequenos degraus feitos na terra. — Ainda mais em uma cidade pequena. Deve ser por isso que tenho poucos amigos. Um total de... dois? Um? Não sei... briguei com eles.

Ela não disse nada e seguimos avançando.

E em um instante qualquer, uma percepção me caiu nos ombros como uma avalanche. Eu estava no meio do mato com uma garota. Uma garota bonita. E o pior: foi sugestão dela, não minha. Meu coração começou a acelerar, inquieto em meu peito, provocando tremores de nervosismo. Mas por quê?, me perguntava. Por que toda essa ansiedade?

Era só trabalho.

Quando chegamos, já era noite. Catharina correu à frente e ficou a um passo de distância da beirada. Abriu os braços e respirou fundo, de olhos fechados. Era estranho imaginar que uma garota da cidade grande escolheria um lugar como esse, perdido no meio do nada. Santa Conceição não tinha muitas atrações, mas eu esperava que ela se interessasse pelo menos pela Macondo ou outra casa de festa. Era o que eu pensava quando a via: uma garota extrovertida e com muitos amigos em sua cidade natal.

Ou talvez eu estivesse precipitada.

E errada.

Odiava pré-julgamentos e estava fazendo o mesmo com ela.

Respirei fundo, tentei ser menos paranoica; mas uma dúzia de perguntas me incomodavam. O choro escondido. O primeiro pego por uma foto. O segundo; no galinheiro. Catharina, na ocasião, tentou esconder as lágrimas e limpar o rosto, ela não queria ser notada, e fiz o meu melhor para não mostrar que havia percebido.

Mas era difícil esquecer.

Pessoas que estavam bem não choravam como ela.

Tinha algo.

Algo que ela escondia muito bem.

— Já foi para lá? — Ela perguntou e cortou as minhas reflexões. Eu me aproximei,

observando o vale lá embaixo.

— Não... e não recomendo, na real. O vale é extenso e fechado, é bem fácil de se perder.

Ela desviou o olhar para mim, mordendo os lábios.

Era muito difícil manter contato.

— Então não sabe o que tem por lá?

Recuei alguns passos e me sentei em uma pedra. Eu mesma havia colocado ali tempos atrás para quando eu vinha aqui tocar violão.

— Antigamente era uma trilha que faziam *trekking*. Mas aí houve um acidente e fecharam o lugar.

— Que acidente? — Catharina se aproximou e se sentou na grama alta. Cruzou as pernas e ajeitou a saia, encolhendo o corpo com o vento gelado.

— Sei que tem uma cachoeira que muita gente costumava ir. Mas um dia uma enxurrada de uma baita chuva veio do nada e formou uma cabeça d'água. Três pessoas morreram, incluindo uma criança de três anos. — Eu era pequena demais para me lembrar, mas o caso repercutiu de modo que todo o lugar foi posto como inapropriado para passeio, principalmente em época de chuva. Como agora. Catharina se encolheu e abraçou as pernas, a ponta de seu nariz estava ficando vermelha por causa do frio; e toda vez que respirava, uma fumaça branca escapava.

— Quem diria que um lugar tão bonito fosse tão perigoso?

Meus dedos ficaram inquietos sobre a pedra.

— Aham... — Comentei e olhei para o vale. A lua se erguia no céu e banhava a paisagem com uma luz prateada. Desejei ter minha câmera. O vento respondeu através de um sussurro. Fiquei arrepiada e percebi que a garota começou a tremer. — Tu não pegou abrigo nenhum? Vai ficar cada vez mais frio.

Ela torceu os lábios.

— Abrigo? Como eu vou pegar um...

— Um casaco! Eu quis dizer um casaco. — Eu me corriji depressa.

— Falta de costume... — Sorriu sem graça.

— Barbaridade de falta de costume, guria. Aí fica pestiada e eu quero ver. — Murmurei carrancuda.

— Pestiada?

— Doente! — A minha resposta a fez rir. — Que coisa séria, guria.

— *Guria!* — Catharina me imitou forçando um sotaque. Saiu péssimo. — O que acha de se sentar ao meu lado? Estou cogitando muito, muito roubar o seu moletom, preciso confessar.

Eu devo ter ficado da cor de um tomate gaúcho.

Fiz uma linha reta com os lábios.

— Agora por que tu esqueceu do casaco, quer o meu?

— Pensei que fosse óbvio, Anaju.

Eu segurei a minha língua para não botar os cachorros nela: falar alto e deixar escapar uma dúzia de palavrões. Esqueci disso e agi por impulso: tirei o meu moletom e joguei na direção dela. Catharina não esperava, estava distraída, e a roupa acertou sua cabeça. Um *ai* seguido de um gritinho saiu dos lábios dela e me arrependi um segundo depois.

Delicada como um coice de cavalo, Ana Júlia.

— Bobona demais. — Ela sussurrou ao pegar a roupa, uma vozinha dengosa e... envergonhada. Talvez porque não esperasse.

Nem eu esperava.

Por que eu dei o meu moletom pra ela?!

POR QUE EU JOGUEI NELA?

O pior foi ver Catharina vestir a peça — que ficou muito maior do que ela. De um jeito... encantador. Onde eu fui me meter, na real?

Ana Júlia, tu vai quebrar a cara de novo porque não aprende nunca.

Ela colocou as mãos no bolso do meu moletom e retirou o meu mp3 e o fone de ouvido.

— Ah, olha o que achei... — A voz de Catharina tremia, e não sabia se era timidez ou frio. Provavelmente frio. Tímida por causa minha? Eu duvidava muito. — Suas músicas?

— É... por quê? — Ela se aproximou de mim durante a pergunta. Era difícil não olhar para ela e minha roupa. Nunca aconteceu antes. Nem com minha ex-namorada. Isabella se dizia feminina demais para usar um moletom. Como se a peça fosse exclusivamente masculina.

Eu conseguia ficar feminina com ele.

Catharina também. Além de linda.

Meu Deus, eu quero morrer.

— Tem a música que você me mostrou no carro?

Meu Deus, eu quero morrer mesmo.

— Tem.

Ela olhou diretamente em meus olhos.

— Vamos ouvir? — Eu não esperava que ela se sentasse ao meu lado na pedra, tão próxima que seu braço tocava o meu. — Dá um pouquinho de espaço, Anaju. A gente precisa estar perto. Toma. — E me entregou o mp3 e um lado do fone, colocando o outro no ouvido.

O cheiro do meu moletom estava se misturando ao dela.

Será que consigo cavar minha própria cova com as mãos?

— Tem certeza? Tipo, não precisa fingir que gosta só...

— Está dizendo que finjo as coisas, Ana Júlia? — O tom de Catharina mudou, mais sério e menos confortável.

Eu poderia simplesmente negar e ouvir a música com ela — negar e aproveitar aquele momento. Mas eu estaria mentindo. Porque era verdade: Catharina fingia sempre estar bem e chorava quando ninguém estava olhando. Poderia ser saudade dos pais, de sua casa, mas era mais intenso. E, de alguma forma, me preocupava. Pessoas que se escondem demais por trás de uma máscara podem ser imprevisíveis. Se eu não aproveitasse a oportunidade, nunca conseguiria perguntar.

— Às vezes, sim.

— Como assim? — Ela tirou o fone.

Ótimo, Ana Júlia, tu acabou com a música e o momento. Não sabe nem trovar uma garota direito, desastre de lésbica.

— Tu tava chorando hoje... de manhã. — Catharina fez menção de falar, mas interrompi e continuei. — Mas escondeu de mim. E tu fez isso também outro dia, eu vi de longe. Sei que não é problema meu, mas... eu só fiquei...

— Com pena?

Senti o peso do rancor na pergunta.

— Claro que não, eu só queria saber. — Ela se levantou e se afastou de mim, cruzando os braços como se estivesse na defensiva. — Eu sei como é esconder um sentimento... mas tá meio que tudo bem falar sobre ele.

Ela estava de costas para mim.

— Foi minha vó, não foi?

— O que tem tua avó?

— Foi ela que pediu para você ficar de olho em mim.

— Sim, mas não tem nada a ver com o que tô dizendo, Catharina. — Me levantei também. O clima havia ficado pesado entre nós. — Se fosse só pelo que tua avó pediu, eu não me importaria em perguntar.

— Sei. — Foi irônico, irritado. Era a primeira vez que eu via Catharina assim, expressando tanta decepção. Eu só não entendia o porquê. Falei a verdade desde o começo.

— Catharina. — Toquei o seu braço para tentar fazer com que ela me encarasse.

Eu não estava esperando a reação seguinte.

— Não toca em mim!

Me afastei depressa, assustada.

— Desculpa... eu não queria... desculpa.

Havia lágrimas nos olhos dela.

— É óbvio que está fazendo isso porque minha vó pediu! Você por acaso sabe por que eu estou aqui? Por que eu vim para cá?

— Não é isso... — Tentei falar e não consegui.

— Porque eu não tenho salvação. Porque eu sou um fardo para os meus pais e até mesmo minha vó se cansou de mim e pediu para alguém me vigiar porque não quer se envolver comigo. — Lágrimas corriam no rosto dela. E não imaginava que iria sentir tanto a tristeza de Catharina. Doía em mim. Queria ter coragem de ajudar, de mostrar a ela como estava precipitada.

Ela limpou os olhos na manga do meu moletom.

— Não acho que seja isso... Ela pediu pra mim porque queria que tu se sentisse menos deslocada.

— Eu já estou me sentindo! — Um soluço escapou de sua boca. — Eu não consigo me encaixar e não encontro nada, nada. Tudo está errado e seria melhor se eu nunca tivesse vindo. Era *bem* melhor se não existisse. Até o seu trabalho seria mais tranquilo, não acha?

— Cara, não, tu...

— Não quero mais te ouvir. — Catharina não esperou.

Ela se virou e correu, retornando à fazenda. Eu quase a segui, mas desisti no último segundo. De nada adiantaria. E poderia ser pior.

Suspirei.

Cansada. Culpada. Chateada.

No mp3, a música tocava e pelo fone eu conseguia ouvir uma parte da letra.

Me diz por que tens tanto medo...

Por quê, eu me perguntei.

Por que tu tem tanto medo, Catharina?

CAPÍTULO 12

Caderno da Catharina

Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir. Você não deveria existir.

~~Não exista.~~

Catharina

O Governo do Rio Grande do Sul emitiu um alerta vermelho para tempestades nas próximas vinte e quatro horas, da região central à serra gaúcha, com vigor até os próximas dois dias.

O alerta tocava no rádio às sete horas da manhã.

Era um costume de minha vó: ela ligava o rádio cedo para ouvir as notícias diárias; enquanto, quieta, tomava o seu café da manhã. Acordei sem o chamado dela. Acordar, no entanto, não era a palavra certa. Eu não havia dormido — passei a noite acordada, uma parte chorando baixinho; outra, olhando para o teto com os pensamentos vazios. Minha expressão estava horrível. Eu precisei de boas camadas de corretivo para disfarçar as minhas olheiras, mas meus olhos cansados denunciavam a exaustão do meu corpo, da minha cabeça.

A discussão com Ana Júlia havia me afetado demais.

Eu não esperava — ou talvez esperasse. Era sempre o que acontecia comigo. Sentiam pena. Pena de uma garota que se quebrou e que preferiu usar os cacos para se ferir mais do que se reconstruir.

Eu não queria a pena dela.

Eu só queria alguém.

Alguém que fizesse como ela.

Alguém que enxergasse Catharina de verdade. Que não se importasse com todas as suas

imperfeições. Que a fizesse se sentir menos solitário do que se sentia. Mas depois de tudo, estava ciente que nunca existiria. Que eu não merecia. Que eu estava fadada à solidão.

Segurei as lágrimas novamente enquanto encarava a xícara de café com leite, intocada. O silêncio na mesa era sufocante. Parecia que eu e minha vó estávamos em realidades diferentes. Sozinhas. Eu me questioneei se, por um acaso eu me levantasse e saísse, ela perceberia.

Por que você não fala comigo?, a pergunta quase escapou.

Tranquei-a em minha garganta.

O que eu fiz para você me tratar com tanta indiferença?, mas outros questionamentos vieram, mais pesados, cobertos de gatilhos e de pensamentos que eu queria me distanciar.

Nomes que iam e vinham.

Você é uma vadiazinha nojenta, Cat.

Você não vale nem morta, devia fazer o mesmo que o seu irmão. Eu tenho uma arma, você só precisa puxar...

— Não! Não! NÃO! — Eu não consegui me controlar. Gritei e cerrei os punhos sobre a mesa. Foi só assim, diante de um surto de pânico, que minha vó decidiu que precisava olhar para mim.

Dona Catharina franziu a testa, assustada e preocupada.

Não deixei que falasse:

— Desculpa... — Sussurrei depressa, a voz embolada e pesada. — Eu não estou me sentindo bem... só isso. — Olhei para os meus dedos que tremiam sobre a mesa. Coloquei-os sobre o colo para que ela não visse o meu estado.

— Tem um porquê?

— Não. — Não dei tempo para a dúvida. — Só estou com saudades de casa... dos meus pais.

— Ou tá sentindo falta de ficar o dia todo trancada em teu quarto?

O tom foi ríspido, autoritário. Senti as faíscas de decepção afetarem sua voz e não consegui não me afetar.

— Não... — As lágrimas embaçavam minha visão. — Eu só quero... voltar para casa. Por favor. Por favor.

Dona Catharina não se comoveu. Ela se ergueu com ares de inquisição e juntou a caneca e os talhares. Seu rosto ficou vermelho de repente, não porque estava sem graça ou envergonhada.

Era irritação.

— Tu não vai. E pronto. Falei pra tua mãe que cuidaria de ti.

— Ignorar e ser fria é cuidar?

Minha vó parou no meio do caminho.

A irritação ganhou uma nova aliada: a decepção.

— Não quero que fale comigo desta forma, Catharina. Se teus pais te ensinaram assim, o problema é deles. Aqui é a minha casa e eu exijo o mínimo de respeito comigo, entendeu?

As lágrimas já escorriam minhas bochechas.

Eu estava acabada, derrotada. Não consegui sequer respondê-la.

— Tu tá o grande o bastante pra saber o que fez de errado, não tem mais idade para ficar de castigo. — Ela largou a louça na pia. — Mas quero que repense tuas atitudes. Principalmente sobre a medicação que tu tá tomando sem consentimento dos teus pais.

Continuei quieta, encolhida.

— Desde quando tu tá tomando tanto remédio pra dormir?

— Não sei...

— Catharina.

— Eu não sei! Não sei! — Perdi o controle novamente e gritei, as lágrimas transbordando o meu rosto. — Não quero falar!

Envergonhada de tudo, e arrependida de cada palavra, me levantei e corri em direção às escadas. Subi até o meu quarto, batendo e trancando a porta. Uma atitude exageradamente infantil; mas eu estava no meu limite, cansada de fingir, de contar mentiras e de ser eu.

Peguei o meu caderno e tentei escrever.

Não saiu nada.

Nem uma letra. Nem uma palavra. Então, escrevi o meu nome e risquei, risquei, risquei até furar a página.

Risquei para desaparecesse e me levasse junto.



O som de um trovão me despertou.

Acordei com o cabeça latejando, um peso infinito em meu corpo. Olhei para o relógio de cabeceira: marcava 5:30 da tarde. Eu havia dormido quase doze horas, desejando que o tempo se estendesse mais e mais. Vinte e quatro horas. Quarenta e oito horas. Setenta e duas horas. Para sempre. Quando percebi, lágrimas deslizavam em meu rosto de um pranto sufocado. Além de tudo, eu me sentia envergonhada pela forma que tratei e gritei com minha vó. *Eu sempre faço tudinho errado.*

Não tenho conserto ou...

Nada, eu funguei.

Queria um abraço do meu irmão — queria um abraço que fosse. Para que eu não me sentisse tão próxima do abismo. Um abismo que eu tinha medo de olhar para baixo... medo e desespero.

Desespero.

Desespero...

Solucei e respirei fundo para controlar os pensamentos intrusivos que me inundavam. Minha cabeça era uma zona de guerra e eu estava no meio, sem encontrar um lado aliado. O som do telefone tocando me trouxe à realidade e eu fiquei ofegante, o ar quase não chegando aos meus pulmões. Eu não queria piorar. Eu não queria voltar para o hospital. Tudo de novo — as

sessões de terapia, as medicações controladas, as cicatrizes.

O telefone insistiu e tive que atendê-lo, arrastando meu corpo pelo quarto e pelo corredor do segundo andar. Ele tocava em um espaço ao lado das escadas, sobre uma mesinha redonda. Minhas mãos tremeram antes de atender, mas me esforcei, sempre tentava me esforçar, e atendi.

A casa toda estava escurecendo cedo.

E lá fora, o vento era fantasmagórico. Vez ou outra, um trovão ecoava no horizonte.

— Alô...? — Sussurrei devagar.

— *Catherine?* — a voz do meu pai fez o meu corpo gelar. Uma semana e meia depois ele finalmente havia ligado. — *Kitcat, que bom que você atendeu. Imagino que esteja bem por aí com sua avó.*

Não.

Eu estou afundando cada vez mais.

— Uhum... — Respondi sem força. Eu não precisava fingir uma expressão tranquila. As lágrimas continuavam lá e ele nunca as veria.

— *Que bom, filha, o pai está trabalhando muito, mas está muito feliz com tudo, a equipe de filmagem é muito profissional e o diretor tem elogiado as minhas atuações.*

— Você é ótimo, pai... — Meu tom era um sussurro quebrado, morto. Como ele não percebia? Como não notava que eu estava mentindo e que não estava bem? Uma faísca de raiva queimou em meu peito. Minha garganta doeu, minhas mãos tremeram. Contive.

Contenha-se, Catharina.

— *Obrigada, Kitcat. Sua avó está bem? Laura mandou perguntar.*

— Sim, pai. — Esperei que pelo menos também perguntasse por mim.

Pergunte por mim, por favor.

— *Ah, fico feliz. Até pensei em visitar sua avó, mas ela é difícil, não tem afeição por mim. Prefiro ficar longe.* — Ele riu e ouvi minha mãe no fundo, dizendo que precisavam ir.

— Entendo... — Rangi os dentes para não morder a língua e não gritar com ele, para não perguntar o porquê eu não era importante.

As lágrimas desceram mais e mais.

Meu rosto estava lavado com elas.

— *Tenho compromisso agora, Kitcat. A gente se fala, tudo bem? Te amo.*

Um te amo frio, vazio.

Não consegui responder ou dar a ele as mesmas palavras. Coloquei o dedo no gancho do telefone e a ligação se encerrou. A voz de meu pai desapareceu, tão rápido quanto havia aparecido. Fiquei parada com o aparelho próximo à orelha, ouvindo o insistente som de chamada encerrada.

Dois minutos.

Menos de dois míseros minutos.

Esse foi o tempo que a ligação durou, o tempo que meu pai reservou para mim depois de dias e mais dias sem ouvir a minha voz. Larguei o telefone e o deixei cair no chão, causando um baque pesado. Uma parte se quebrou. Não dei importância: tudo o que eu sentia era a queimação em meu peito, a ardência em meus olhos.

Por que ele não perguntou de mim?

Por que ela não falou comigo?

Eu me sentia horrível, péssima, um leque de infinitas e intermináveis rejeições. Não faria diferença se...

Eu realmente desaparecesse.

Eles não notariam.

Ninguém se importaria.

E seria...

Seria melhor para eles.

Um trovão varreu o céu e eu me encolhi, deixando o meu choro sair e meus soluços se libertarem.

Desci as escadas às pressas. A casa estava vazia, nenhum sinal de minha vó ou qualquer um de seus empregados. Abri a porta dos fundos, não me importei em fechar, e encarei o horizonte que escurecia mais e mais. Uma tempestade se aproximava, relâmpagos eclodiam no meio das nuvens e o vento quase me carregava.

Me carregue, eu pedi.

Me leve para longe, implorei.

Não fui atendida. Se eu quisesse realmente desaparecer, precisava fazer isso sozinha. Eu desapareceria. Nunca mais iria ferir ninguém. Nunca mais ser ferida. Uma longa lista de nunca que precisava realizar. E havia um lugar, um caminho, para seguir.

O vale que Ana Júlia me mostrou.

O vale que eu queria que fosse uma lembrança boa.

Mas que não se concretizaria. Corri em direção às árvores, ignorando o vento e a ameaça de chuva. *Não tenha medo Catharina*, eu disse a mim mesma.

Não tenha medo.

Eu não olhei para trás.

CAPÍTULO 13

O mais assustador em como a letra de Europa se relaciona com Catharina, é pensar que também tem a ver comigo. Porque, como ela, “também estou presa dentro dessa dor, sem ninguém para me ajudar”.

Ana Júlia

— Fica 79,90, moça.

Oitenta *pila* por dois livros. Estava ficando louca. Louquinha. Mas entreguei o dinheiro à atendente. Um valor que não pretendia e nem podia gastar. Necessidade de última hora.

— É pra presente... — Murmurei com suave timidez antes que ela colocasse em uma sacola qualquer. A mulher sorriu e preparou o pacote, prateado com uma fitinha preta, discreto e nada exagerado. Exagerada era eu comprando DOIS livros de oitenta reais para alguém que não tinha ideia de que gênero gostava. Foi difícil escolher: a atendente tentou me dar recomendações e dizer o quanto certo livro tinha vendido para me convencer a comprar. Resisti à insistência e fiquei quase duas horas na livraria para pegar dois volumes que mais me chamaram a atenção.

A capa do primeiro era horrível, composta por um verde cor-de-vômito com detalhes em degradê cinza. Se não conhecesse a história, nunca cogitaria em comprar. Mas o que importava era o conteúdo e o que ele significava. *O Continente*, da série *O Tempo e o Vento* do escritor gaúcho Erico Veríssimo. Clássico para entender e conhecer a história do Rio Grande do Sul. Pelo menos foi o que ouvi a minha professora de literatura falar na escola. Se eu li? Nunca. Peguei um resumo na internet e passei de ano, o que era o mais importante na época. Não sei se faria diferente hoje e não importava agora.

O segundo livro eu não conhecia, mas era do mesmo autor. *Olhai os lírios no campo*, um nome bonito ainda que a capa amarela com o mesmo degradê não me afeiçoasse. A atendente disse que também era um clássico, mas não foi o motivo para comprar. Apenas o nome. A leveza que ele passava.

Que essa leveza ajudasse Catharina.

Quase dei risada.

Eu estava comprando dois livros para uma garota que eu não sabia nem se beijava outras garotas.

Comprei porque talvez a ajudasse.

Talvez fosse o que ela precisasse.

Quem sabe... não se sentisse tão deslocada se conhecesse um pouco sobre o Estado? Poderia até me perdoar por ter sido tão estúpida e indelicada na noite anterior. Percebi que, por trás do sorriso debochado e da ousadia repentina, Catharina era sensível demais. Eu também era, sabia o que se passava por nossa cabeça quando gatilhos eram disparados. O choro e as palavras dela ainda me amarguravam. Eu a decepcionei e, por algum motivo bobo e emocionado, estava tentando compensar o meu erro com um presente.

Que ela não o jogasse na minha cabeça.

Meu coração bateu ansioso ao imaginar a reação. Mas o que eu mais queria era ver o sorriso sincero no rosto dela. Sem máscara. Sem fingimento.

Porque Catharina era mais que isso.

Por quê?, me perguntei enquanto me dirigia à saída.

Desde quando ver Catharina sorrir era tão importante para mim?

Saí da livraria e fui até minha bicicleta para retornar à fazenda, mas parei no meio do caminho. Porque Domenica estava ao lado dela, de braços cruzados e expressão ansiosa como se estivesse me esperando há bastante tempo. Desde a festa, evitamos contato e uma centelha de remorso ainda me afetava. Ela era a minha melhor amiga, a única na verdade; e questionou o meu jeito de ser naquela noite. Eu ainda estava magoada.

Ela se assustou quando me viu e quando um trovão ecoou longe.

O mundo cairia em breve.

— A gente pode conversar? — Ela perguntou quando me aproximei. Assenti, murmurando um *tá bom* baixinho em seguida. — Eu pago um refri pra gente.

Aceitei porque ela iria pagar.

Porque eu não podia gastar mais nada se não quisesse matar cachorro a grito até o fim do mês. Caminhamos até um dos bancos da Praça da Pedra e nos sentamos lá depois de comprar duas latinhas em uma lanchonete. Ainda ganhei um chocolate e tive quase certeza de que Domenica estava tentando me deixar mansinha. A praça estava pouco movimentada e as pessoas se apressavam para escapar da chuva. Eu precisava fazer o mesmo ou molharia o presente de oitenta reais.

Era cedo, o relógio recém marcava dez horas da manhã, mas o frio já incomodava.

E eu estava sem o meu melhor moletom.

Aquela garota...

— Amiga... — Nica começou quando o silêncio ficou desconfortável. — Não sei nem como falar... sabe? Eu meio que fiz merda e fui uma péssima amiga. Deveria ter pegado sua mão e te ajudado, mas fui uma grande idiota e te questionei, dizendo que tu precisava mudar. — Ela olhou para mim e suspirou, buscando as palavras certas. — Tu não precisa mudar, Anaju. É o teu jeitinho e tá tudo bem.

Passei a língua pelos lábios, nervosa.

— Fiquei bem mal. Eu esperava dos outros, mas não de ti.

— Eu sei e é por isso que tô tentando me desculpar. Tudo bem tu ser apressada, exagerada, o que tu quiser, Anaju, desde que isso não te machuque depois. — Domenica pegou a minha mão. — Desculpa?

Respirei fundo.

Não tinha por que continuar com aquilo. Remorso e mágoa só me afetariam, o que estava tentando evitar desde Lara e todo o resto. Queria me focar no que era bom, mas... com alguns deslizos. Quem nunca errou que atire a primeira pedra.

— É claro que eu te desculpo, Nica. — Um sorriso brotou dos lábios dela. — Não tem por que a gente ficar de mal.

— Tu é perfeita, sabia? — Ela deu uma batidinha no meu nariz. — Eu fui te procurar em casa, mas teu pai disse que tu tinha ido na livraria. — Domenica desviou a atenção para a sacola com o presente. — O que tem aí, dona Anaju? Tu nem gosta de ler.

Era óbvio que eu ficaria vermelha e ela notaria.

— Não me diz que tem *alguém*?

Na verdade, não. Eu só fui e comprei um presente para uma garota que eu magoei mesmo sem saber se ela tem chance de me beijar.

— É complicado. — Respondi com receio. Domenica ergueu uma sobrancelha, desconfiada e colocou as duas mãos na cintura.

— Não me diz que é uma garota hétero?

— Cara, não... na verdade, não sei.

— Ana Júlia Ribeiro! — Sabe quando uma mãe te repreende? Foi assim que ela soou, e eu entendia. Aconteceu antes e eu só quebrei a minha cara.

Tive três experiências com garotas.

As três foram péssimas.

— Calma, deixa eu explicar. Promete que não vai querer me pegar pelo pescoço?

— Amiga, não prometo nada.

Tradução: ela ia me pegar pelo pescoço.

— É a neta de Dona Catharina.

— NÃO.

— Eu sei! — Ergui as mãos para mostrar que eu me rendia. — Eu sei! Mas calma... não tô dizendo que *gosto* dela, a gente só meio que discutiu ontem.

— Ah, tá, aham. — O tom irônico me causou úlceras de nervosismo. Os refrigerantes haviam sido completamente esquecidos. — Discutiram e tu foi comprar um presente pra ela?

— Dois. Digo... cara! É que eu achei que talvez pudesse ser bom pra ela.

— E tu não gosta dela?

— Não. — A minha voz tremeu. Eu não estava mentindo: dizer que gostava de Catharina era muito específico. A verdade era que eu gostava da companhia dela, das provocações e até mesmo da touca de orelhinhas ridícula que ela usava. Eu queria ver Catharina bem, queria que ela sorrisse de verdade. — É complicado... — Sussurrei desanimada.

— Tu sabe que essa garota não é pra ti, não é?

Não respondi. Apenas suspirei e deixei que ela continuasse.

— Mesmo se beijasse garotas, tu tem que pensar que ela não é daqui e tá apenas passando um tempo. Ela vai embora e aí acabou. Não dá nem pra pensar em relacionamento à distância

porque nem celular tu tem e ela mora em outro país, entendeu?

Eu não esperava aquele banho de água fria.

Também não esperava que me incomodasse tanto. Porque as palavras de minha amiga eram reais. Catharina não era daqui, não morava no Rio Grande do Sul, muito menos no Brasil. Iria embora e o meus momentos com ela — a trabalho na fazenda — tinham data e hora para terminar.

O fim do inverno.

Eu murchei e o fato de me sentir tão mal me fez perceber que talvez eu realmente estivesse gostando dela, do meu jeito.

— Não tinha pensado nisso, né?

Apenas neguei.

Domenica segurou minhas mãos entre as dela.

— Não quero que seu coraçãozinho sofra, Anaju. Tu é sensível e já passou por relacionamentos que te fizeram muito mal. Se algo que eu posso te dizer é: não continue. O que quer que esteja acontecendo entre as duas, não dá pra seguir. Vai ser muito pior depois.

— Sim... — Eu não tinha nem como argumentar. Seria como negar que dois mais dois eram quatro.

Alguém buzinou e cortou as palavras seguintes de Domenica. Um carro estava estacionado no meio-fio e me era familiar: do cara que minha amiga saiu naquela noite. Vitor-Vinicius-Vagner, nunca conseguiria me lembrar do nome desse magrão. Fiquei surpresa com o fato: eram raríssimas as vezes que Domenica ficava com alguém por mais de uma noite.

— Tu continua saindo com ele?

Ela sorriu de canto.

— Até eu tô surpresa, mas é um cara legal, tirando a parte que não gosta de ti.

Enruguei o cenho.

— O que eu fiz?

— Tem ciúmes. — Ela riu, mas eu não achei engraçado. Um marmanjo crescido com ciúmes de uma lésbica? Santa paciência. — Acha que tu é afim de mim.

Revirei os olhos com tanta força que eles quase pularam das órbitas.

— Por que homem tem que ser assim?

— Uma hora ele para. — Domenica se inclinou para beijar o meu rosto. — A gente conversa depois? O assunto não terminou, hein. Não esquece do que eu te falei, Anaju, por favor.

— Não vou, vai lá com seu namoradinho.

Nica riu novamente e saiu depressa para entrar no carro.

Fiquei sentada por mais um tempo, sozinha e pensativa.

Tu sabe que essa garota não é pra ti, não é?, as palavras aecoavam em minha cabeça.

Suspirei frustrada e tentei esquecer.

Mas o presente, e os trovões, me fizeram lembrar o tempo todo do assunto no caminho de volta para casa.



Ia cair o mundo, literalmente.

Quando cheguei à fazenda, o vento estava tão forte que as árvores pareciam se inclinar e quase se quebrar. Era um cenário assustador: imagine que tu esteja em um campo aberto e, longe no horizonte, consiga ver os raios brilharem e a chuva se aproximar. Mas eu estava acostumada. As tempestades eram sempre intensas, de granizos grandes como tijolos. Chuvas fortes por aqui se resumiam em goteiras indesejadas, um vale alagado e animais assustados. Por sorte, Vicente e meu pai haviam colocado todos eles na proteção de suas casas para não sofrerem com os relâmpagos, muito menos com os sons dos trovões. Eu não gostava... imagina eles, desprovidos do prazer humano que era *reclamar*.

Dona Catharina não estava em casa — ultimamente ela estava indo com mais frequência à vinícola. Não sabia o porquê; e meu pai havia comentado que era apenas negócios. Guardando a minha bicicleta na proteção do galpão, usado como estoque de ração, me aproximei de João Miguel e Vicente. Eles assistiam a chuva chegar na proteção de uma área coberta em frente à construção de madeira, um rindo para o outro. Vicente era tão tagarela quanto meu pai, o que facilitava a amizade. E era bom para ele. Em casa, era sempre Vicente para cá, Vicente para lá.

Fazia bem para ele e, conseqüentemente, para mim.

Ele merecia.

— Conseguiu fugir da chuva, Anaju? — Vicente perguntou com um sorriso no rosto.

— Ainda bem, é minha única calça limpa.

Ele riu enquanto meu pai parecia concentrado na chuva que se aproximava. Logo falaria alguma curiosidade sobre tempestades. A temperatura caía e uma fria nostalgia começava a me incomodar. Dias assim tendiam a serem depressivos, solitários. Minhas irmãs ficavam em casa e eu tinha o costume de me sentar em algum lugar na fazenda, protegida da chuva. Meu violão me acompanhava para que eu tocasse onde ninguém poderia me ouvir.

— Tô é preocupado com a Dona Catharina Neta, saiu e não voltou ainda. — Vicente cruzou os braços e se escorou na parede. Um novo relâmpago no céu chamou a atenção do meu pai, que comentou algo, mas eu fiquei no: não voltou ainda.

— Como assim? Ela saiu?

— Aham. — Ele assentiu como se não fosse nada.

Outro relâmpago e um estrondo ensurdecedor. Meu pai se agitou, animado, e explicou a Vicente uma curiosidade que não dei importância.

— Mas ela saiu pra onde?

Ele não me ouviu, estava concentrado e animado conversando com João Miguel.

— Vicente! A neta da Dona Catharina foi pra onde, homem?! — Eu estava começando a ficar nervosa. Mentira. Eu estava nervosa.

— Bah, Anajuzinha, ela foi pro vale um pouco antes da chuva começar. Não vi voltar, não.

Meu coração acelerou.

Porque a chuva aumentava.

Porque Catharina foi sozinha em um lugar que era fácil de se perder.

Um trovão ecoou distante e eu soltei um palavrão, a garganta apertada, um pressentimento ruim. Catharina não estava bem — e não era de ontem que eu havia percebido a dor que ela escondia em segredo. Bastou perguntar para que os gatilhos fossem acionados nela na noite passada.

Agora isso.

Nesse tempo...

— Pai, cuida bem desse pacote. — E atirei a sacola com o livro na direção dele. João Miguel pegou assustado, olhando o conteúdo sem entender. — Não abra! — Apenas por precaução. Meu pai e Vicente eram dois curiosos e o embrulho estava bonito demais para ser arruinado.

— O que tu vai...

Não esperei.

Respirei fundo.

Corri.

— Ana!

Vicente me chamando foi a última coisa que ouvi antes de sentir a chuva em minha pele e os trovões em meus ouvidos. Minha única calça limpa? Dane-se. Meus coturnos recém lavados? Para o quinto dos infernos. Nada importava: apenas correr em direção ao vale e encontrar Catharina.

Porque algo me dizia que ela precisava de mim.

E eu precisava dela.



A tempestade se acentuou.

Cada relâmpago no céu era uma batida descompassada em meu coração. Cada trovão, um filho da puta em meus lábios. Meus coturnos estavam ensopados, eu estava ensopada, mas não deixei de correr um só minuto. De rezar — mesmo que eu não me considerasse religiosa. Talvez estivesse pedindo para que o universo me levasse até Catharina e para que tudo ficasse bem. Não queria pensar no pior, mas meus pensamentos eram traiçoeiros; e, devagar, lágrimas foram se misturando à água da chuva. *Que esteja lá, que esteja lá*, pedi em meio ao caos de sons, água despencando, árvores balançando.

Que Catharina estivesse no vale.

Onde nos sentamos. Onde ela usou o meu moletom.

Onde, com a touca de orelhinhas, fez meu coração quebrado e cansado de sentimentos

unilaterais voltasse a bater desconsertado.

Mas o desespero foi a meu anfitrião quando cheguei ao ponto específico e não a encontrei. O céu no horizonte se assemelhava a um show de luzes, iluminando a região que escurecia. *Cadê você, porra!*, no instante seguinte, meu olhar caiu um item familiar jogado ao chão.

Era a touca.

— Meu Deus. — Sussurrei, o som abafado pelos trovões. Peguei o acessório e olhei ao redor, trêmula, desesperada, em pânico. Milhares de pensamentos me encontraram, todos negativos.

Olhei para baixo, para o precipício e as infinitas árvores que se amontoavam. Catharina se aproximou da beirada uma vez, hipnotizada; e o meu chamado a assustou.

Não.

Não pense nisso, Ana Júlia.

Ela está bem.

Segurei firme a touca e interrompi os pensamentos corrosivos. Não era hora de desistir.

Como pode um lugar tão bonito ser tão perigoso?

Catharina havia ponderado um dia, maravilhada com a visão do vale. Falei sobre o trekking e os perigos de se perder. E se ela decidiu ir até lá? Catharina era teimosa, precisava ser teimosa. Ela estava lá, o que era igualmente preocupante. Porque o vale inundava, porque a cachoeira dobrava de tamanho e a força da água levava tudo que estava no caminho. Se eu descesse, estaria em perigo. Mas se eu não descesse, abandonaria a garota à própria sorte.

Mas e se tu não encontrar ela, Ana Júlia?

E se tu errou e ela não estiver lá?

— Não pode ser coincidência... — Eu olhei para a touca em minhas mãos. O pertence de Catharina era um aviso.

De que eu precisava ir.

De que eu precisava me arriscar.

De que eu estava a um passo de cometer uma loucura.

E era uma loucura que eu estava disposta a fazer — por uma garota que eu conhecia tão pouco; uma garota que, cheia de máscaras, perdeu a sua verdadeira identidade.

A garota que eu não ficaria no fim.

Mas que eu não deixaria para trás.

Com a touca em mãos, abaixo de chuva, raios e trovões, desci pelo caminho estreito e escorregadio do vale. Precisei ser cautelosa, controlar o meu nervosismo e a minha ansiedade, ou eu cairia e não salvaria ninguém. A mata ia ficando mais densa à medida que eu avançava; e, em meio ao caos da tempestade, consegui ouvir o som de água em movimento. O córrego. Se continuasse a despencar o mundo, e era provável que continuaria, ele transbordaria. E a água ia levar tudo — o que assustadoramente incluía a mim.

Quando cheguei à terra plana, comecei a correr e tentei evitar me aproximar do córrego. A cachoeira era para trás; e eu esperava, do fundo do meu coração, que Catharina estivesse na direção que eu estava seguindo. E era... desesperador, se não angustiante. Não saber para onde ir, que direção tomar. Apenas largada à sorte, ao acaso, ao universo. Eu tremia inteira, meus olhos

doíam e o frio me castigava como agulhas em minha pele. Ofegava, cansada e com dor. Mas eu precisava continuar. Precisava não desistir.

Precisava de Catharina.

Então, com toda a força que eu tinha em meus pulmões, gritei:

— CATHARINA!

Minha voz era um mero sussurro na tempestade.

Mas era tudo o que eu tinha — e precisava ser o suficiente.

— CATHARINA! — repeti, rouca.

Eu gritava para o universo.

O nome dela.

E ele tinha que me escutar.

CAPÍTULO 14

Caderno da Catharina

*Vou escrever aqui pela última vez hoje.
Mas, no fundo, eu não queria que fosse.
Quando alguém vai chamar o meu nome na tempestade?*

Catharina

Catharina.

Catharina!

O meu nome era como uma canção triste e solitária. As notas não eram suaves, arrastavam-se com dificuldade na melodia. Era um ruído, uma cacofonia. Era melhor que não tocasse, que ninguém ouvisse. Quem se importaria, não é? Quem daria importância ao chamar por uma canção tão vazia? Tão vazia quanto eu — quanto a vida que não me pertencia, mas não queria me largar. A vida que eu tentei abandonar e que, contra o que eu queria, não me abandonou.

Cat, é só uma mentira.

Não acredita do que você escuta.

Catharina!

Pare de mentir a si mesma, Cat.

Catharina!

Você é uma farsa, Cat.

Minhas mãos se firmaram em meus ouvidos.

— Para de me chamar... — Minha voz morria. Só queria que o silêncio viesse e tudo acabasse. Era uma ilusão criada pelo medo. De que alguém me chamava. De que alguém se importava o suficiente para vir até aqui me encontrar.

O medo faz isso: cria ilusões dos seus desejos.

E o meu desejo era ser um dia chamada por alguém — alguém capaz de ver *importância* em alguém tão problemática como eu.

Que ilusão a minha acreditar nisso.

Como alguém que foi descartada pelos pais e ignorada pela avó fosse se tornar importante?

Você é uma puta insignificante, Cat.

Cat.

— *CATHARINA!*

Catharina. Não Cat.

Catharina...

Ergui os olhos devagar, atordoada com a chuva que não cessava. Eu não enxergava nada na escuridão, estava com o rosto lavado de lágrimas e meu corpo mal respondia aos meus desejos. Mas o chamado parecia... tão real. Eu me perguntei se estava delirando. Se morreria em breve e estava ouvindo o que gostaria que fosse verdade.

CATHARINA.

Queria que fosse verdadeiro.

Queria...

Eu o conhecia, a percepção me veio de repente. Eu conhecia o sotaque, a intensidade da voz. Era tão característica e familiar que meu corpo chegou a se recuperar, encontrar um resquício de energia que eu não sabia que tinha.

Meus lábios tremeram ao encarar os arredores.

CATHARINA!

— ...Ana...? — Soprei com dificuldade. Saiu tremido, quase irreconhecível.

Diferente do chamado.

Era a voz de Ana Júlia.

— Ana... — Repeti, apoiando as mãos no chão para tentar me levantar. Caí duas vezes no processo, gritei quando um relâmpago estremeceu a terra nas proximidades e consegui me equilibrar com a ajuda da árvore que estava escorada. — Anaju! — Me esforcei, mas ainda em um sussurro.

Se fosse uma ilusão, que fosse a última antes do abismo me buscar. Porque foi com ela — ainda que eu sempre mantivesse em segredo — que eu experimentei um sentimento que há meses não sentia.

Que eu estava viva.

Que talvez eu pudesse viver.

— ANA! — Gritei em meio as lágrimas, arrastando os meus pés para que avançassem em direção à voz.

Eu desejei ser encontrada por ela. Desejei ver a sua expressão emburrada. Desejei ouvir o seu sotaque forte e a sua voz aparentemente grosseira, mas que, na verdade, escondiam uma doçura tímida.

Que seja você de verdade, Anaju.

Me encontra, por favor.

Eu quero que você me encontre.

E antes que o desespero pelo trovão me derrubasse, a silhueta de alguém em movimento se agitou na escuridão. Tudo aconteceu rápido demais. O meu corpo desmoronando. Alguém me segurando. Um chão macio me recebendo. Escondi meu rosto contra o que aparou a minha queda. E, da proximidade, ouvi um coração acelerado, agitado. Uma mão subiu em minhas

costas e um suspiro se escondeu na tempestade.

— Eu te encontrei... — Sussurrou a voz familiar.

Ana Júlia.

— Eu te encontrei, Catharina. — Ela repetiu, ofegante, para que também acreditasse. Levantei a cabeça para vê-la: estávamos emboladas no meio da chuva, da água, da escuridão.

Lágrimas escorreram por minhas bochechas.

— Você me encontrou... — Murmurei de volta.



Ana Júlia não soltou a minha mão em nenhum momento.

Corremos juntas na tempestade em busca de um refúgio e confiei nela para que nos tirasse de lá. Não falamos mais nada desde o encontro: nos levantamos, ela me ajudou, com dedos trêmulos e gelados, e sussurrou um pedido que significava muito mais do que deveria.

Não solte a minha mão.

Se ela não houvesse começado a correr em seguida, levando-me junto, eu teria respondido para nunca soltar a minha. A chuva era interminável: eu tinha dificuldade para enxergar o caminho que seguíamos. Parecia que estávamos correndo há horas, o frio congelava meus passos e quase me forçava a cair. Se não fosse os dedos de Ana Júlia nos meus, eu já teria desistido de mim, de tudo.

Lá!, ela gritou e me puxou para que avançássemos mais rápido. O caminho ficou íngreme, lamacento e escorregadio. Por pouco não perdi o tênis na subida e, mesmo com a tempestade incessante, eu tentava manter a calma. Porque ela sussurrava o meu nome e me ajudava a passar pelos obstáculos. As árvores ficaram menos densas na superfície acima e eu conseguia ver os campos da região. Casas se escondiam no horizonte e me perguntei se era a nossa única chance de refúgio. Não me parecia a melhor opção.

— O galpão! — Ela apontou para uma estrutura de madeira além de uma cerca que havia caído com a força da chuva ou do vento. Passamos por ela no mesmo momento em que um raio atingiu o campo. Eu gritei com o susto e corri com Ana, alcançando o galpão. Era uma propriedade desconhecida, sabe-se lá o que encontraríamos no interior, mas Anaju não hesitou em empurrar a porta dupla entreaberta. Um cheiro forte veio do interior, acompanhado de um resmungar e uma sequência de trotes. Da entrada, apesar da falta de iluminação, vi dois cavalos em suas baias, inquietos com a chuva forte.

Os raios reluziam pelas frestas da madeira.

Paralisei, o escuro me assustando; mas, ainda segurando minha mão, ouvi o chamado de Anaju.

— Tá tudo bem... — Sussurrou e o tempo quase abafou sua voz trêmula. Ela estava tão assustada quanto eu, mas se esforçava... por nós. — Vem.

Caminhamos galpão adentro. Três baias, além das que os cavalos ocupavam, estavam

vazias, apenas com blocos de palha e sacos de ração. Entramos na última, a chuva sem sinal de parar.

Eu tremia de frio, de tantas sensações, quando Anaju finalmente soltou a minha mão. Uma aflição incomum me preencheu: abracei o meu corpo e a observei pegar um punhado de palha e o ajeitar entre os sacos. Estávamos pingando — com os cabelos grudando na pele, com os lábios tremendo e com as roupas ensopadas. Um relâmpago repentino e eu gritei, assustando não só os cavalos, mas a garota também. Ela me encarou depressa e suspirou.

Então, aproximou-se de mim.

Estremeci quando seus dedos deslizaram por meus ombros.

— Tu precisa ficar calma, entendeu? Vai passar. A gente tá segura.

Não consegui falar nada.

— Descansa. — Anaju me puxou em direção a palha improvisado no chão, me ajudando a sentar. Ela fez o mesmo e ficou ao meu lado, olhando para o alto como se temesse que o vento fosse carregar o telhado.

As mãos dela tremiam em seu colo.

Esforçando-se tanto por mim...

Escondendo o medo para dar espaço ao meu...

Coloquei minha mão sobre a dela, o que a surpreendeu por um segundo; então, como se estivesse agradecida, entrelaçou nossos dedos. Foi o suficiente para uma calma me encontrar. Mas o peso de tudo — do que eu fiz e do que nos colocou na situação que estávamos me sufocava.

Eu precisava falar mesmo que a tempestade quisesse me silenciar.

— Me desculpa... — As lágrimas retornaram. Não consegui encará-la. — Me desculpa... por tudo isso. Se eu não fosse tão inútil e...

— Aconteceu. — Anaju me interrompeu devagar. — O importante é que eu te encontrei e que tá tudo bem, tu sabe que poderia ter sido pior, não é?

Poderia.

Meus lábios tremeram ao constatar isso.

Não foi pior porque eu *não consegui*.

— Fiquei com medo. — Murmurei entre as lágrimas. — Eu fiquei com *muito* medo... — e me senti tão mal, tão cansada; de sempre ter medo de tudo, de compartilhar os meus sentimentos e de pedir ajuda. Porque eu precisava de ajuda, eu precisava de atenção e alguém que sussurrasse *você não é tão terrível como eles disseram*. — Eu errei e fiz tudo errado e me sinto horrível por ser tão fraca e tão...

Anaju me abraçou antes que eu terminasse.

— Tu é muito forte. — Ela sussurrou quase em meu ouvido. — Eu sei que é: porque tu enfrenta tudo em silêncio. Se fosse fraca... não suportaria tanto e se esconderia como faz.

— Desculpa... — Respondi contra seu peito. A proximidade me aqueceu e roubou o frio que as roupas ensopadas traziam. — Eu deveria ter dito a verdade quando você perguntou...

— Deveria. — Eu senti os dedos de Anaju deslizarem por minha nuca e acariciarem os meus cabelos. — Teria sido mais fácil te ajudar, sabe, mas eu entendo. A gente tem medo, não é?

De ser um peso.

A chuva parecia diminuir enquanto conversávamos.

— Sim... — Eu me afastei com cuidado para encará-la. Anaju estava corada, a franja grudada à testa.

Um segundo de silêncio entre nós. Um segundo que foi o suficiente para notá-la desviar o olhar para minha boca.

Meu coração bateu errado.

— Obrigada por me encontrar... — Me peguei sussurrando.

Ela passou a língua pelos lábios.

— Era o que eu queria...

Forcei um sorriso e olhei para baixo.

— Você não ficou com medo?

— Eu seria louca se não tivesse ficado.

O comentário me fez observá-la novamente. Tão perto... e era estranho como, mesmo na condição que estávamos, a vaga presença dela afastava todas as minhas aflições.

E isso me assustava.

Porque eu poderia estar sentindo algo que era só meu — e me apegando a uma idealização que me machucaria quando descobrisse a verdade: que Anaju não nutria o mesmo sentimento que eu.

— Então por que foi me procurar...? — Temi a resposta, temi principalmente o que a pergunta poderia causar nela, sempre tão esquentadinha.

Ana Júlia desviou o olhar por um segundo, se estava nervosa ou ansiosa eu não saberia dizer. Mas quando tornou a me encarar, senti meu coração chegar à garganta, tão acelerado estava.

— Porque eu seria mais louca se te deixasse... — A mão dela apertou a minha. — E eu queria muito te ver... e te fazer... sorrir. De verdade.

As palavras saíram tremidas, quase engasgadas; mas foram certas. Era exatamente o que eu queria ouvir, o que eu precisava sentir.

E não lhe dei uma resposta, muito menos criei outra pergunta.

Fiz uma surpresa.

Inclinei-me em sua direção e a beijei.

CAPÍTULO 15

Queria cantar para ela a letra de Porto Alegre e dizer que “só eu sei de você”.

Ana Júlia

Eu esperava tudo — a tempestade piorar, o teto levantar, os cavalos escapar — menos um beijo.

Um beijo que me fez duvidar que estava acordada. Tudo não passava de um pesadelo, ou sonho?, e eu acordaria na sala de minha casa. Mas o calor dos lábios de Catharina me fez perceber o quão real era o toque de nossas bocas. Foi um gesto cauteloso, tímido; um convite, na verdade. Eu aceitei quando segurei o rosto dela e permiti que nossas línguas se encontrassem. Tudo se desmanchou e só restou ela, nós duas. Mas foi rápido, um trovão nos afastou. E me senti muito idiota quando precisei apoiar minha cabeça em seu ombro porque eu simplesmente não conseguia não ficar sem graça, com vergonha, toda atrapalhada e cheia de pensamentos do tipo: o mundo acabando lá fora e eu aqui querendo saber se ela gostou do beijo.

Catharina riu e foi tão bom ouvir a risada dela. Era um sinal de que estava melhor e de que o pior havia passado.

— Desculpa? — Ela disse em tom de pergunta, erguendo a mão molhada até minhas costas.

— Tu me surpreendeu...

— Fiz errado?

Eu levantei a cabeça e nossos olhos se encontraram. Meu rosto queimou tanto que eu quase me esqueci do frio.

— Não, claro que não. Digo... eu acho que não. Tu acha que foi?

— Eu queria te beijar.

Meu mundo deu voltas e voltas e voltas. *Eu queria te beijar*, ela disse. E não era um delírio de experiência quase morte.

Talvez ela que estivesse delirando.

— Ah. — Expressei e tentei conter os meus sentimentos. Se fosse depender das minhas habilidades amorosas, eu morreria sem ser amada. — Entendi...

Ela desviou o olhar.

— Boba. — E se escorou em mim, se ajeitando na palha que nos pinicava sem parar.

Percebi que estava com lábios quase roxos e tremia sem parar. Apesar de termos escapado da chuva, um problema ainda estava presente: as roupas encharcadas.

Nossos corpos nunca se aqueceriam se ficássemos com elas, e isso poderia nos trazer consequências desagradáveis no dia seguinte. O que significava: tirar as roupas e ficar sem nada. Eu tentei não pensar nisso e observei toda a extensão do galpão.

— Espera aí. — Murmurei e me levantei para procurar algo que pudesse nos ajudar. Roupas velhas seria o ideal, mas tudo que encontrei, ao lado da primeira baia, foi uma coberta de lã furada com cheiro de cavalo. Uma só. Óbvio que só teria uma coberta para nós duas.

Que conveniente, vida.

Retornei a Catharina e mostrei a manta para ela.

— Seguinte: a gente precisa tirar a roupa molhada ou vamos sair daqui amanhã direto pra UTI, entendeu? — Falei tão rápido, cuspindo e enrolando as palavras, que Catharina piscou várias vezes, atordoada. O vento e a chuva lá fora continuavam sem dar trégua.

— O quê?

Eu me odiava por ser tão desajeitada com as palavras.

Principalmente depois do beijo.

O beijo.

— Basicamente a gente tem que ficar sem roupa. Se tu não quiser ficar doente, sabe. Muito doente. — Segurei firme o cobertor xadrez em minhas mãos. — E isso é tudo que temos para nos cobrir.

Ela olhou para o item e piscou, uma sobancelha erguida.

— Você quer que eu fique pelada e que usemos isso para nos aquecer?

Eu ia morrer de vergonha. Por que caralhos tinha que ser assim? Se houvesse um tratamento para pessoas-surtadas-por-causa-de-garotas-bonitas, eu venderia o meu rim para pagar.

— É...

— Tá bom.

A reação dela me *fez cair os butiás do bolso*. Eu esperava algo diferente, um estranhamento, quem sabe, mas quando percebi, Catharina estava de pé, abraçando o corpo por causa do frio.

Como eu conseguia ser tão dramática e exagerada?

— Mas você tem que me prometer algo.

— O que tu quiser. — Respondi depressa, ofegante.

— Não vai olhar para mim... — Percebi certo receio em suas palavras, um medo incomum escondido nas entrelinhas.

— Não vou olhar pra ti. — Assenti de imediato, sem questionar o pedido. Não tinha esse direito e era escolha dela.

Um *obrigada* sussurrado deixou seus lábios e um silêncio se instalou entre nós. A atmosfera ficou estranhamente desconfortável e, me controlando para não criar paranoias ou perguntar se estava tudo bem, eu me virei. Dei privacidade a ela, observando os cavalos inquietos adiante. Ouvi Catharina se mexer e se aproximar de mim para pegar o cobertor; então,

só o som da chuva lá fora. Respirei devagar, procurando me manter calma.

Não percebi quanto tempo se passou quando Catharina sussurrou o meu nome.

Eu me virei com cuidado e a encontrei já sentada na palha, cabisbaixa, com a coberta em seus ombros. De relance, vi a alça de seu sutiã, mas desviei o olhar com medo de causar mais desconforto. Ela havia pendurado o restante das roupas molhadas no cercado de madeira da baia, ficando apenas com as peças íntimas.

— Dá coceira... — Catharina murmurou quando se ajeitou e encostou o corpo no saco de ração que usei para improvisar um travesseiro. — Mas está menos gelado... — antes que eu respondesse, ela se virou na direção oposta, de costas para mim. Entendi que era para fazer o mesmo: dar privacidade enquanto eu retirava as minhas roupas.

E foi terrível, terrível demais, perceber que eu não usava sutiã por baixo da camiseta e do blusão. Eu nunca usava sutiã, na verdade. Deveria ter um ou dois, esportivos, que já não cabiam mais.

Que merda de situação.

Tirei os coturnos primeiro e os deixei próximos do cercado, junto das minhas calças. Minhas pernas tremiam feito vara verde e eu me senti aliviada por Catharina estar virada para o outro lado. Minha calcinha de caveirinhas, tão desgastada quanto meus sapatos, pedia socorro. Eu sempre dizia que precisava comprar novas, mas nunca comprava.

Muito adulta, sim.

Quando tirei as peças da parte superior, um frio me arrepiou inteira. Frio e ansiedade.

Só eu sabia o quanto eu estava desconfortável.

Mas precisava falar:

— Assim, eu vou deitar e virar para o outro lado, tá? Porque, bem, eu não costumo usar sutiã e juro que não tô tentando sugerir nada. Mas é que eu realmente não uso e posso...

— Tudo bem. — Ela me interrompeu com sutileza. Eu estava descarregando palavras e mais palavras em puro desespero, então foi bom ouvir o *tudo bem* na voz dela. Amenizou um pouco o meu nervosismo.

Mentalizando um ‘ela disse que tá tudo bem, Anaju’, me aproximei e peguei a outra extremidade da coberta. Eu tremia e não era só por causa do frio. Parecia que eu nunca tinha deitado com uma garota. Mas tinha — mesmo que a experiência tenha sido péssima e que tenha acontecido uma vez só.

Ainda estava gelado sob a coberta quando me enfiei nela, com cuidado para não tocar em Catharina. Ela continuava de costas e eu fiz o mínimo de contato com o seu corpo. Mas eu não poderia deixar de confessar: os cabelos bagunçados, mesmo ensopados, e a silhueta de sua presença quase me faziam perder o ar. Catharina era linda. Linda demais para mim. Afastando pensamentos que só me colocavam para baixo, eu me ajeitei na cama improvisada, encostando minha cabeça em um dos sacos de ração.

O silêncio permaneceu. A chuva continuou.

Mesmo afastada... eu a ouvia tremer.

Era estranho pensar que há minutos havíamos nos beijado. Com a iniciativa de Catharina. Parecia tudo certo, tudo em seu devido lugar, mas, como se não passasse de um sonho meu, as coisas se desfizeram e ficamos afastadas. Era normal ter mil pensamentos, não? E eu tinha medo

de pensar que poderia ter sido um teste. A situação com Lara havia me traumatizado o bastante. Catharina não faria isso, faria? Meu coração dizia que não, mas a vozinha da autossabotagem sussurrava que sim.

Não chore agora, Ana Júlia, pelo amor de Deus.

Eu não chorei. Eu sequer respirei.

Porque antes que outro pensamento negativo me corrompesse, senti as mãos geladas de Catharina tocarem minhas costas. Eu paralisei, gelei; e quase tive uma síncope quando o corpo dela encostou no meu, sua cabeça contra o meu ombro. Se ela não houvesse falado em seguida, eu teria passado a noite toda em silêncio.

— Você prometeu não se virar. — A voz dela era lenta, estremecida. — Vai cumprir com a sua palavra?

— Sim... — A palavra saiu rouca, ainda em choque. Eu não entendia qual era a intenção dela.

— Tudo bem se eu ficar assim? — Senti os pés de Catharina tocarem nos meus, quase enroscando nossas pernas.

Deixei, mas a minha respiração me denunciava.

— Tá tudo bem... — Respondi antes que sáísse. — Eu juro que tá tudo bem.

Senti a respiração quente em minha pele.

O frio havia acabado misteriosamente — e só havia calor, nós duas.

— Eu não mereço você. — Catharina sussurrou com a voz melancólica; e, então, deslizou o braço por minha cintura. Um abraço. Ela me abraçava pelas costas, o corpo agora colado ao meu.

— Por que tá dizendo isso?

— Você é boa demais, Anaju. Você é boa demais para mim. — Imaginei que lágrimas estivessem se formando em seus olhos. Desejei muito me virar, mas me mantive parada. Em resposta, peguei sua mão e a apertei com carinho entre meus dedos.

— Não é o que eu penso.

— Espero que nunca mude... nunca mude. — Ela se acomodou em mim e eu mantive minha mão sobre a dela.

Nunca mudar.

Era a primeira vez que alguém me dizia isso.

Que alguém me aceitava como eu era, tudo o que eu sempre quis e esperei escutar.

Ela não precisava pedir.

— Nunca vou mudar. — Sussurrei em resposta e, porque meu coração queria e sentia que era possível, levei sua mão até meus lábios e beijei seus dedos. Ouvi Catharina suspirar e, então, ficamos assim. Coladas. Minha mão na dela. A chuva lá fora.

Até o sono vir.

Até que adormecêssemos uma com a outra.



Havia uma trilha de destruição na estrada.

Árvores no chão. Cercas caídas. Postes de luz derrubados.

Foi preciso fazer um contorno pelas terras para conseguirmos chegar a uma estradinha que nos levaria aos campos da fazenda de Dona Catharina. O dia não amanheceu bonito, estava nublado e chovendo, mas nada seria o suficiente para afetar o meu humor. Nem a lama nos coturnos ou as meias molhadas. Não quando minha mão estava entrelaçada a de Catharina.

Acordamos cedo — e de susto. Porque alguém entrou no galpão para ver os cavalos. Por sorte, quem quer que havia sido, olhou apenas as primeiras baias e não cogitou se aproximar das vazias. Seria no mínimo estressante ser encontrada por alguém... estando sem roupas e encolhida na coberta sobre a palha. Não havia sido confortável, mas isso não significava que não havia sido bom. E não me lembro de experimentar uma noite de sono como aquela: com Catharina grudada em mim, com minha mão segurando a dela. A sensação compensou até mesmo a atmosfera desconfortável quando fomos nos vestir, um risinho escapando da outra, seguido de um *bobona* dos lábios dela.

Quando saímos do galpão e alcançamos a estrada, eu fui surpreendida pela iniciativa dela de segurar a minha mão. Meu coração quase saiu pela boca. Traços de timidez marcavam sua expressão, tantos quanto na minha, mas não a soltei e ficamos assim. De mãos dadas. Como namoradas.

E lá estava eu sendo emocionada e exagerada demais.

— Será que minha vó está preocupada... — Catharina ponderou. O cercado que demarcava as terras de Dona Catharina estava um pouco à frente.

— Por que não estaria?

— Eu gritei com ela ontem. — Ela parou para responder. Fiz o mesmo e esperei que continuasse. — Não estava bem, tive uma crise, tenho medo de que ela tenha se decepcionado mais comigo.

— Não acho que ela possa tá decepcionada. Tu tá passando por um momento ruim, não? Já falou com ela sobre...

— Ela nunca fala comigo. — Catharina me interrompeu e olhou para o chão. Os tênis pretos que ela usava tinham ganhado uma grossa camada de barro. — Minha vó é muito distante, não sei como me aproximar dela e conversar.

— Já tentou?

Ela me encarou como se fosse a pergunta mais óbvia do mundo.

— Não muito...

Eu a puxei com cuidado para que seguíssemos caminho.

— Posso te ajudar, se quiser.

Catharina balançou a cabeça em negação.

— Eu preciso pedir ajuda. Acho que ela gostaria que fosse assim.

Assenti e deixei que o silêncio nos envolvesse. Pelo canto dos olhos, vi que Catharina estava distante, provavelmente pensando no que havia dito. Eu só podia concordar — porque ela estava certa. Ela precisava querer ser ajudada, esconder os sentimentos para sempre só a prejudicaria. E se eu pudesse ajudar, faria também o impossível para que Catharina ficasse bem.

Faria tanta coisa por ela.

Por uma garota que conheci há tão pouco tempo e que, nessas horas compartilhadas, significava muito para mim.

Chegava ser irônico de lembrar Domenica falando que nada que era bom acontecia rápido... Eu não podia me esquecer de mostrar a ela que, sim, alguns encontros, às vezes, significavam uma vida inteira.

Uma vez li uma pesquisa que dizia que um homem levava 8,2 segundos para se apaixonar. Não dizia nada sobre mulheres, mas se fizesse um equivalente, e adicionasse o detalhe *lésbica*, esse tempo deveria cair pela metade. Ou seja, uma mulher lésbica se apaixona em 4,1 segundo. E se essa lésbica fosse Ana Júlia Ribeiro, o tempo era de 2 segundos.

Eu levei dois segundos para me apaixonar por Catharina?

Tu é a porra de uma lésbica emocionada, Anaju.

Os pensamentos me fizeram rir sozinha, o que trouxe o olhar de Catharina para mim. Estávamos descendo em direção à casa da avó dela, de mãos dadas; e, adiante, vi meu pai e Vicente carregando sacos de entulho. Uma árvore tinha tombado próxima ao galinheiro e, ao que tudo indicava, não havia energia elétrica na fazenda.

Quando nos viram, os dois vieram ao nosso encontro, preocupados. Era compreensível.

— Ana Júlia, filha, onde tu tava? — Meu pai foi o primeiro a perguntar.

— Juzinha do céu, o susto que tu deu na gente correndo daquele jeito ontem no meio da chuva... — Vicente comentou, tão nervoso quanto meu pai; então, colocou os olhos em Catharina. — Guria! A tua avó tá doida atrás de ti, pegou cedo o carro e foi procurar por ti. Nunca a vi Dona Catharina tão nervosa.

A garota não escondeu a surpresa. Não esperava — e depois do que me falou no caminho, fiquei preocupada com o que a avó dela diria.

— Faz muito tempo que ela saiu? — Perguntei. Minha mão ainda estava entrelaçada a de Catharina, mas os dois não pareceram notar. Ou se notaram, não se importaram.

— Saiu cedinho, o sol não tinha nem nascido. — Vicente que respondeu. — A cidade tá um caos, muita casa destelhada e árvore caída. Muita gente sem luz também, juzinha. O temporal foi forte. Mas que bom saber que as duas tão bem. — Ele olhou para as nossas roupas como se houvesse percebido só agora o estado de tudo: barro, sujeira e cansaço. — Tão bem, né?

— Tu passou a noite na chuva? — Meu pai se aproximou e tocou o meu blusão úmido.

— Pai, é uma longa história. — Eu me virei para Catharina, que estava cabisbaixa, estranhamente silenciosa. — Tá tudo bem?

Ela assentiu.

— Eu preciso tomar banho... — Sussurrou e me encarou, lágrimas se escondiam em seus olhos. — Vai estar aqui quando minha vó chegar?

— Claro, vou em casa, tomo um banho e vou correndo te encontrar, prometo.

A expressão de Catharina se suavizou.

Um frio repentino atravessou meu corpo quando soltei a mão dela.

— Eu sei. Você sempre me encontra. — E com um sorriso, ela se despediu de mim.

CAPÍTULO 16

Caderno da Catharina

Pensei que nunca mais fosse escrever aqui... e me pergunto se realmente preciso. Eu preciso?

Você precisa, Catharina?

O que você quer, Catharina?

Queria que ela soubesse o quanto perco o ar quando chama o meu nome.

Catharina

Eu estava sentada sozinha na sala.

Estava escuro: a energia não havia retornado e precisei esquentar água e me lavar superficialmente. Fiz uma trança de cada lado em meu cabelo e coloquei uma presilha de ossinho nas duas. Tentei ficar no mínimo apresentável: limpei a maquiagem, vesti uma saia com meia-calça e coloquei o moletom de Ana Júlia por cima de blusa de mangá comprida. O cheiro dela estava lá, me acalmava. Eu queria que ela chegasse logo porque tinha medo de encarar minha vó sozinha. Só de imaginar a decepção em seu olhar, lágrimas surgiam. Logo eu, que sempre consegui esconder o choro tão bem, que sempre mascarei a minha tristeza em sorrisos e risadas falsas.

Eu não conseguia mais.

Percebi ontem — quando fugi para a tempestade.

Eu não podia mais esconder o quão a beira do abismo estava ou acabaria sendo irreversível.

Se não fosse por Ana Júlia...

Anaju, o nome soprou em minha boca quando ouvi um barulho na porta dos fundos. Eu me levantei depressa para me certificar de que era ela, mas ao chegar na cozinha, me deparei com o semblante de minha vó.

Eu nunca saberia descrever o que vi na expressão dela.

Havia tanto. Uma dor irreparável. Minha garganta trancou e fiquei estática, sem saber o que falar e sem conseguir me mover. Apenas ouvi o seu sussurro tremido: *Graças a Deus*; e, então, seus braços me acolheram em um abraço tão aquecido, tão confortável, que foi impossível não chorar.

Me desfiz em lágrimas — no que há tempos estava preso dentro de mim, me sufocando dia após dia.

A última vez que chorei dessa forma foi no enterro do meu irmão.

Porque eu sabia que ficaria sozinha.

Porque fiquei sem alguém que segurasse a minha mão.

Até hoje.

Atrás de minha vó, parada na porta, Ana Júlia observava tudo com os olhos marejados. E na presença dela, que me pegou pelos dedos e não me soltou em meio à tempestade; e da minha vó, que me abraçava como se eu fosse desaparecer, percebi que não estava mais sozinha.

E não sucumbiria mais para os meus medos.



Minha vó serviu o chá de camomila para mim antes de se sentar.

Depois de libertar o meu choro, ela esperou que eu me acalmasse e disse que me faria uma bebida quente. Ana Júlia disse que esperaria por mim lá fora e nos deu privacidade para conversarmos. Meu nariz ainda estava entupido das lágrimas e meus olhos, vermelhos. Mas, no fundo, meu coração respirava mais leve. Sentamo-nos na cozinha, minha vó acendeu o fogão à lenha para aquecer o ambiente e duas velas para nos iluminar na ausência da energia. O dia ainda estava nublado, cinzento e gelado; o pior, porém, havia passado. E ficaria tudo bem, como garantiu Anaju ao se despedir com um sussurro.

Peguei a xícara e bebi um gole do chá fumegante, permitindo que aquecesse o meu corpo trêmulo. Minha vó fez o mesmo — um longo gole, seguido de um suspiro pesado.

— Queria pedir desculpas, Catharina. — Ela começou e encarou o líquido da caneca. — Agi errado no começo... fui dura demais e não lhe dei espaço para que pudesse se expressar. Achei que, dessa forma, tu me procurarias para pedir ajuda. Porque eu não queria forçar uma aproximação contigo, não depois de anos sendo negligente e distante.

Forcei um sorriso — mas a tristeza o fez parecer choroso.

— Está tudo bem, vó...

— Não. Não tenha medo de dizer que tu estás magoada comigo porque vou entender. Sou velha, Catharina, mas não sou ingênua; tu tens uma mania que o Francisco fazia com frequência. E se eu tivesse percebido isso antes... — Minha vó suspirou, os dedos inquietos sobre a mesa. O nome do meu irmão em sua boca fez lágrimas surgirem em mim. Eu não ouvia há tanto tempo que achava ter esquecido como pronunciá-lo. — Eu quero que confie em mim para te ajudar. Não pedi para teus pais te mandar para cá para tentar de corrigir. Depressão não é um erro, muito menos uma brincadeira. É uma doença séria e que precisa de cuidado e atenção. Tu precisas disso, não? De atenção, um olhar mais atento. Coisa que teus pais não sabem fazer.

Senti um nó em minha garganta.

Um peso que fez o choro de outrora retornar e lavar o meu rosto.

Funguei e o contive quando minha vó se levantou para me abraçar, puxando a cadeira para ficar em minha frente. Ela segurou minhas mãos: as suas eram tão pequenas quanto as minhas, mas carregavam mais cicatrizes, dores que o tempo lhe trouxera.

— Quero começar de novo.

— Não vou precisar mais acordar cedo e alimentar as galinhas?

Minha vó fez uma linha reta com os lábios.

— Descartado. Acordar cedo e dormir cedo é um hábito saudável.

Foi o que imaginei — mas não achei ruim. Tinha algo nas manhãs geladas que aprendi a gostar. O cheiro do campo, do café recém passado, do orvalho partindo... e Ana Júlia. Eu não me importava mais em acordar cedo se pudesse ficar com ela, alimentando as galinhas e a salvando do pato. Ele a odiava de verdade.

— Mas algo precisa mudar. — Minha vó continuou com o meu silêncio. — Tu nunca fazes o teu desjejum. Quero tua companhia de manhã. Posso fazer algo que tu gostas ou pegar em alguma padaria. Mas quero que as manhãs sejam assim, tu fazendo teu desjejum e me contando mais sobre ti. Quero saber quem é Catharina Delmore Sant’Anna de verdade.

Sant’Anna era o sobrenome da parte de minha mãe e que eu nunca usava. Constava em minha certidão, mas nunca usávamos. Ouvi-lo soava até estranho... um sentimento que eu queria mudar.

Que podia mudar: porque minha vó não estava mais sendo uma estranha para mim. Na verdade, sua voz e suas palavras soavam muito mais confortáveis e reais que as promessas vazias dos meus pais.

Havia um interesse sincero.

— Entende o que quero dizer, Catharina?

— Sim... e desculpa o que eu falei ontem e... a forma como agi.

Ela balançou a cabeça em negação.

— Não tem o que se desculpar. Tu achas que é a primeira que faz isso? Teu irmão tinha os episódios dele... é normal, às vezes não sabemos como externalizar um sentimento e agimos sem pensar.

Olhei para baixo por um momento.

Falar sobre Francisco sempre foi tão difícil... era por isso que eu preferia escrever sobre o meu irmão, traças as palavras que minha boca não tinha coragem de sussurrar. Mas não queria que fosse para sempre.

Ele merecia ser citado.

Ser lembrado.

Porque quando não existia mais nada e ninguém, a memória do meu irmão que amenizou a minha dor.

— Você pensa nele... com frequência?

Minha vó piscou devagar, distante. Era doloroso para mim quando para ela.

— Sempre.

Forcei um sorriso.

— Eu também.

— Mas também penso em ti, Catharina. — Vovó apertou os meus dedos com carinho. — Não vou lamentar o tempo perdido, foi um erro meu e de teus pais, mas quero que saiba que estou contigo, minha neta.

As lágrimas correram por minhas bochechas.

— Obrigada, vó... — Sussurrei e afastei minhas mãos das dela apenas para enxugar minhas lágrimas na manga do moletom.

Era a primeira vez que ela me chamava assim.

E foi também a primeira vez que a vi expressar um sorriso, mesmo ligeiro, contido.

— Fico feliz. — Ela se levantou e caminhou até a janela, o sol surgia preguiçoso entre as nuvens cinzentas. Bebi outro gole do chá e minha vó prosseguiu: — O tempo vai abrir... que bom. — Murmurou como se estivesse sem graça, tentando puxar outro assunto. Não a culpei, tínhamos as nossas feridas e estávamos aprendendo a viver com elas. — Ana Júlia tá sentada lá fora.

Larguei a xícara sobre a mesa.

— Sozinha?

Minha vó assentiu.

— Aproveita o sol, Catharina. Depois de uma tempestade, só ele pode nos aquecer... — Ela sussurrou sem olhar para mim. Entendi o que queria dizer e recebi sorrindo o carinho de suas palavras.

— Te vejo no... jantar? — Perguntei ao me levantar.

Ela enfim retribuiu o meu olhar.

— Claro, até o jantar.

Sem ouvir sua resposta, corri para os fundos da casa.

O coração acelerado, ansioso.

Só faltava Ana Júlia para fazer o meu dia terminar bem.

CAPÍTULO 17

“Prometa não chorar e não se arrepender” é o que digo todo os dias para mim. “Não chorar”, diz a letra da música. Mas no fundo eu acho que vou.

Ana Júlia

Eu estava sentada em uma área verde e silenciosa da fazenda. Comigo, meu violão e algumas notas aleatórias. Peguei ele e a toalha de piquenique que Melissa tinha para observar o sol que surgia depois da chuva. Precisava respirar. Os acontecimentos das últimas horas haviam me deixado atordoada; e, às vezes, o beijo entre Catharina e eu parecia mentira. Deveria ter pedido para alguém me beliscar. Mas *não*... preferi pegar o violão, tocar para mim e chamar a garota de *minha garota* como só uma lésbica emocionada faria. A verdade era que eu não sabia dizer o que estava rolando entre a gente.

O que me corroía demais.

Eu estava com o livro que comprei para ela. Minha intenção era encontrar Catharina mais tarde e entregar o presente. Seria a desculpa para tentar conversar e entender tudo e... nós duas.

A ansiedade quase me devorava e tocar era a única coisa que me acalmava.

Meus dedos deslizaram pelas cordas do violão e dedilhei as primeiras notas de *Porto Alegre* da Fresno. Era uma música suave, uma letra dramática que combinava comigo. Como todas as outras canções.

Um vento soprou entre meus cabelos e senti um arrepio de inspiração.

Repeti a nota e sussurrei as primeiras palavras da letra:

— *Faz frio em Porto Alegre toda noite e de longe não posso te ver...*

— Você toca?

Bam.

Eu quase dei um soco no violão com o susto.

Tive que engolir meu coração de volta quando Catharina se aproximou e se sentou, perto, bem perto, de mim.

— Sua voz é linda... — Ela continuou e eu não consegui manter o contato de nossos olhos por muito tempo.

Não esperava a presença dela, muitos menos que me visse tocar.

— Exagero teu.

— Tão *grumpy*, não é? Quando você vai aceitar um elogio meu, Ana Júlia?

Franzi o cenho.

— Quando parar de me chamar assim.

Ela riu, as bochechas vermelhas; em seus olhos, percebi resquícios de lágrimas passadas. Queria poder livrar Catharina de toda as angústias que sentia, mas tinha medo de exagerar, passar do limite, como sempre me falaram.

— O que é isso? — Ela apontou para o embrulho que estava perto dos meus pés. Gelei. Eu não podia fugir para sempre.

Larguei o violão, peguei o pacote e o observei, tentando encontrar o que dizer.

— É uma bobagem... — Comentei e mordi os lábios. — Não deve ser como as coisas que tu tá acostumada... mas... eu achei que podia te ajudar. Sério, não é nada demais, é uma besteira que...

Ela arrancou o presente das minhas mãos.

— Por que você está desmerecendo tanto o pobre do presente? — Ela fingiu irritação, mas não conseguiu manter. Desmanchou a expressão para dar espaço a um sorriso discreto, tímido. — *Bobona*... — Estremeci com o sussurro, mas não me manifestei e deixei que ela abrisse o embrulho.

A expressão que ela fez quando retirou os livros me fez querer sair correndo.

Ela não parecia ter gostado.

Fiquei nervosa e tentei argumentar:

— É... é... um clássico gaúcho, ele... ele... fala da história do Rio Grande do Sul... e... — Minhas mãos suavam e eu só queria morrer. — É que tu comentou naquele dia... que não sabia que livro comprar e... não se sentia encaixada e... e... ah... eu só pensei que um livro sobre o Estado pudesse te ajudar. E o outro...

Que argumento de merda o meu.

— Dá pra...

Trocar, eu iria dizer, qualquer coisa para que a situação mudasse, mas a reação repentina de Catharina me interrompeu: ela abraçou os livros e respirou fundo.

— Você prestou atenção. — Ela sussurrou.

— Desculpa? — Eu disse devagar, sem entender.

Não esperava o abraço repentino.

Não esperava nada além de ser acertada com os livros na cabeça. Mas não. Catharina se lançou em minha direção e me derrubou, ficando sobre mim, os braços envoltos do meu pescoço. O cheiro dela impregnado em meu moletom.

Por favor, coração, não para de bater.

— Eu amei, Anaju! Amei, amei, amei. — E para completar a surpresa, ela depositou um beijo em meus lábios, um toque apenas, como um cumprimento, aquecendo o meu rosto e o dela.

Iluminada pelo sol tímido, os cabelos de Catharina brilhavam e acentuavam suas sardas.

O seu sorriso...

Eu nunca quis ver tanto alguém feliz como eu queria ver ela.

— Que bom... — Foi o que consegui responder.

— Você é perfeita, sabia? — Ela comentou acima de mim, os olhos nos meus. Minha boca estremeceu, minha voz quase morreu.

— Ilusão sua.

Catharina fez um biquinho.

— Ilusão nenhuma. É a mais pura verdade, está bem? Acredite se quiser, *grumpygirl*. — Então, ela se afastou e se sentou novamente. Eu fiz o mesmo, me concentrando no sol que nos iluminava.

Senti Catharina se escorar em meu ombro. Respirei fundo, não entrei em pânico. Porque, mesmo com o coração a mil, eu precisava aproveitar o momento.

Ele era real.

Eu não precisava mais me beliscar para acreditar.

— Conversou com a tua avó? — Tentei puxar assunto. Talvez conseguisse perguntar um pouco mais sobre ela e suas preferências. Apesar de ter me beijado, eu não sabia ainda o que ela era.

Não que fizesse diferença, mas... a curiosidade estava me matando.

— Uhum, foi ótimo. Está tudo dando certo.

— Que bom... — Passei a língua pelos lábios. — Catharina.

Ela continuou escorada.

— Posso te perguntar uma coisa boba?

— O quê?

— Tu já... já... tinha beijado outras garotas?

Não houve uma resposta de imediato. Fiquei nervosa. Não deveria ter perguntado, não tinha por quê.

Mas o desvio de Catharina me deixou preocupada.

— Eu queria que você tocasse aquela música para mim...

Desconversou.

Decidi que era melhor não insistir — e estava tudo bem. Sem pensamentos surtados. Sem noias. Porque eu acreditava que, se precisasse contar, Catharina me contaria quando se sentisse bem.

— *Milonga?*

— É a que você me mostrou no carro?

— Sim, é a minha música favorita.

— Então esse é o nome... — A garota esboçou um sorriso delicado. — Você sabe tocar *Milonga*, Anaju?

— Sei...

Mas nunca toquei para ninguém, eu diria.

Só que não estava mais assustada: a presença de Catharina criava um sentimento incomum de tranquilidade. Com ela escorada em mim, com o seu cheiro impregnando o vento ao nosso redor, as notas desejavam sair. Principalmente quando o pedido tinha um significado especial

para mim.

Foi a música que apresentei a ela no carro.

A música que tive medo de perguntar a sua opinião.

A música que ela se lembrou e pediu.

Peguei o violão e o ajeitei em meu colo, os dedos trêmulos sobre as cordas. *Respire fundo, Anaju. Respire.* Vai dar tudo certo, repeti como um incentivo a mim mesma. Daria certo. Eu. Catharina. Esse inverno.

Então, dedilhei as primeiras notas.

— *Vamos falar de solidão... na sua casa nunca mais entrei...*

Deixei que a música me encontrasse e que, entre acordes e melodias, também encontrasse Catharina.

Que ficasse entre nós.

Porque como diz a letra,

Tudo que posso oferecer a Catharina são as palavras do plágio de uma bela melodia.

CAPÍTULO 18

Caderno da Catharina

*Acho que estou vivendo um sonho.
Tenho medo de cair e de acordar.
Quero que continue.
Eu quero continuar.
Mas quanto tempo durará o inverno?*

Catharina

Acordar às 6h30 da manhã era fácil; difícil foi ter que vestir outra roupa e não o moletom de Ana Júlia. Devolvi a ela quando nos despedimos após o momento de música e beijos há alguns dias. Na semana que passou, dormi com a lembrança de sua voz e com a música tocando em meu *iPod*. Ela havia me recomendado outras e comentou que todas tinham letras lindas, mas me apaguei a esta; e fiz do som, uma lembrança significativa. Apesar dos muitos desencontros, porque Ana Júlia se ocupou com trabalhos extras de fotografia, ela sempre ia me ver no fim do dia, muitas vezes cansada, mas ia. Batia à porta dos fundos da casa minha vó e eu corria para atendê-la, dando a desculpa de que Anaju ia me ensinar a tocar violão. Uma mentira com um fragmento de verdade: porque ela tentou, eu que não consegui; e, ao invés de me decepcionar com minha falta de talento, eu preferia me sentar atrás do estábulo na companhia dela para ouvir música com um fone de ouvido compartilhado ou para experimentar beijos com gosto de segredo.

A parte ruim era o tempo e a temperatura.

Não ficávamos muito porque ela dormia cedo e porque, depois de um dia de trabalho, precisava de descanso. E o clima na cidade à noite era tão frio que nossas palavras se mesclavam a fumaça que saía de nossa respiração. Mas os beijos nos aqueciam, não eram gelados como o inverno; e tinham uma doçura que eu nunca experimentei. Sem pressa. Sem cobrança.

Nunca me senti tão *eu* em toda a minha vida.

Sem Cat ou Catherine.

Por isso, decidi que não podia mais esconder os beijos que Ana Júlia e eu compartilhávamos. Não disse nada a ela — mesmo desejando vê-la surtar de nervosismo, bobo e exagerado. Eu gostava de suas reações e adorava ver como ela tentava me observar em segredo.

Se Ana Júlia soubesse que eu a percebia muito antes...

Minha vó terminou de servir o meu café com leite e agradei, sentada à mesa. Sempre tomávamos o café da manhã juntas; e era confortável e aquecedor ouvi-la perguntar sobre mim, às vezes fazendo comparações com meu irmão. *Vocês são parecidos. Francisco também tinha essa mania de não gostar da nata do leite.* E isso fez a lembrança do meu irmão ser menos dolorida. Lembrar-me dele quase não me causava lágrimas, mas um sorriso.

Porque, de alguma forma, ele continuava presente.

— Vi que tu estavas lendo ontem antes de dormir. — Minha vó comentou ao me passar uma fatia de bolo de milho que ela mesma fez. — Não sabia que tu tinhas o hábito...

— Nem eu. — Sorri em resposta. — Mas sempre quis ter... Anaju me incentivou com o presente.

Dona Catharina pendeu a cabeça para o lado, a sobancelha erguida em uma silenciosa análise.

— Estás se dando bem com ela?

Observei a fumaça do meu café para tentar não parecer nervosa.

— Uhum... obrigada por contratá-la para me ajudar.

— Achei que fosse bom, as duas são jovens parecidas. Pelo menos, acredito que sejam. Mas vejo que ela se preocupa contigo, tenho um débito enorme com ela desde que te buscou naquela chuva...

Minhas mãos tremeram em meu colo.

Precisava ser agora. Umedeci os lábios, assentindo devagar às palavras de minha vó.

— Sim... — Observei-a de canto: ela estava passando manteiga em uma fatia do bolo. Não parecia sequer desconfiada. — Vó... você... você se importaria se eu fosse diferente?

— Diferente? — Minha vó piscou em confusão.

— Diferente. — Repeti como se fosse simples. — Do que você espera de mim.

— Eu só espero a tua felicidade, Catharina. — A resposta de minha vó veio mais rápida do que eu esperava. — E a tua honestidade, mais nada.

Queria que tivesse entrado em minha vida há muito tempo, que nos aproximássemos antes de tudo que aconteceu comigo no passado. Porque agora eu entendia o meu irmão... Francisco amava a avó porque, por trás de uma fachada indiferente, às vezes rígida, ela se importava.

Dona Catharina o ouviu quando meus pais não estavam aqui para ouvi-lo.

Com a percepção, mesmo amedrontada, tive a certeza de que minha vó me escutaria, me entenderia e me apoiaria com todas as minhas imperfeições.

— Eu gosto de Ana Júlia, vó. — As palavras resvalaram de minha boca. Não consegui olhar para ela. — Não como uma amiga... vó. Mais do que isso. E eu, de verdade, queria contar isso para você o quanto antes porque é algo que tem me feito... muito bem nos últimos dias.

— Eu sei, Catharina.

A afirmação me fez erguer o olhar depressa.

— Eu vi e percebi há alguns dias. — Ela cortou um pedaço de bolo de milho e colocou em um pratinho para me alcançar. Aceitei em silêncio. — Os jovens de hoje acham que os velhos não percebem, né... — E foi acolhedor ver o sorriso de canto que minha vó expressou. — Tenho

o costume de me sentar na estufa e ficar com as flores... é um trabalho que me conforta. Teu vô cuidava delas com muito amor. De lá, eu consigo ter uma boa visão dos fundos da fazenda; e, às vezes, quando tenho dificuldade para dormir, fico lá a noite. As duas gostam de se sentar por aí, não é?

Eu senti minhas bochechas esquentarem.

— Vó...

— Coma o bolo, Catharina. — Ela apontou para a fatia que me dera. Assenti e mordisquei, estava morno, com um gosto agridoce. Eu não sabia como continuar a conversa, como perguntar sobre a situação. Deixei que o silêncio falasse por mim e desse espaço para ela continuar. — Gostou? Acordei cedo para fazer.

— Sim. — Sussurrei confusa.

— Está feliz com isso?

— Com o bolo?

— Sim ou não?

Apertei os lábios, nervosa.

— Sim, vó.

Ela relaxou na cadeira, os ombros menos tensos. Então, deixou que seu olhar caísse no bolo. Mas não estava prestando atenção nele de verdade. Nadava em pensamentos.

— É o suficiente para mim, Catharina. Que estejas feliz. Com bolo. Com as pessoas que tu gostas. Com tudo o que te faz bem. — Desviou a atenção para mim, afeição em seu rosto sempre tão duro. — É o que importa: você feliz. Então, não, não faz diferença para mim de quem ou o que tu gostas.

Lágrimas se acumulavam em meus olhos, de novo.

Dessa vez — como das últimas —, não era tristeza. Emoção: de sentir algo tão especial que te faz perguntar se você realmente merece.

— Obrigada, vó. Obrigada...

Ela olhou para o bolo em meu prato.

— Agora termine a tua fatia. As galinhas devem estar com fome e Ana Júlia, te esperando.

Eu sorri, uma risada tímida escapando de minha boca.

Você merece, Catharina.

Eu merecia.

CAPÍTULO 19

1997 do Hateen vai ser a música que vou levar daqui a dez anos. Porque, “o dia tem que continuar, fosse com ou sem você”.

Ana Júlia

Terminei de colocar o último saco de ração no estoque.

Mesmo com o frio, uma linha de suor deslizava em minha testa; e perdi as contas de quantos retirei do caminhão. Era dia de abastecimento e meu pai estava ausente por causa de uma gripe. Vicente o visitou mais cedo e levou uma sopa preparada por ele, o que achei muito fofo. Criei até uma *fanfic* em minha cabeça, escondendo uma risadinha quando sai de casa depois do meio-dia. Nunca se sabe, não é? Era quase três horas da tarde quando terminei. O tempo havia ficado um pouco deprimido, com nuvens cinzentas e um vento gelado; e meus pés dentro dos coturnos não esquentavam nem com as duas meias que eu usava.

Merda de inverno gaúcho.

De renguear cusco, como Vicente dizia.

Quando saí do galpão, me deparei com Catharina me esperando e eu a cumprimentei com um sorriso sem jeito. Nos vimos pela manhã, como sempre para alimentar as galinhas, mas com meu pai doente, não tive tempo para ficar com ela. Trabalhei em dobro, o que me fez encarar o relógio com frequência desejando que as horas passassem. Queria só descansar em uma cama quentinha — no meu sofá quentinho, na verdade. Cama era só uma ilusão. Entre esses pensamentos, um deles perturbou o meu estado de espírito. Mesmo eu sabendo que estava errada. Ver a garota só me fez lembrar de uma pergunta passada e ignorada.

Tu já beijou outras garotas?

Eu questionei há alguns dias e não recebi sequer um *por que a curiosidade?*.

Não podia ser normal... podia?

Sem overthinking, Anaju, tá tudo bem, esquece isso.

— Tenho uma missão muito, muito importante para você, minha solicita acompanhante. — Catharina se manifestou primeiro, inclinando-se na minha direção, seus cachos dançando no vento. Estava de saia e meia-calça, como sempre; o que me fazia querer perguntar se ela realmente não sentia frio nas pernas. As minhas estavam geladas por baixo da calça de moletom. A única parte aparentemente quente era o blusão, a jaqueta e o cachecol listrado que usava, tudo em união com a abençoada touca de orelhinhas.

Como alguém pode ficar tão linda com uma touca dessas?

— O que é?

— Você me levar para comprar roupas de *frio*, como disse minha vó. — Ela sorriu e olhou para o meu moletom. Como que quisesse pegar.

— Alguém com bom senso, graças a Deus. — Eu aponte para as pernas dela. — Sabe qual a temperatura? Nove graus! Suas pernas não viraram blocos de gelo ainda, guria?

— Anaju, Anaju... — Catharina se aproximou e colocou um dedo em meu peito. Ficar vermelha era involuntário. — Nunca ouviu falar que o estilo vem em primeiro lugar?

— Conforto. — Argumentei e ela torceu os lábios, desaprovando. Então, olhou para minhas roupas. O casual: coturnos e um conjunto de moletom preto. Embaixo, apenas a gola da camiseta vermelha de flanela estava visível.

— Você fala isso porque fica linda e estilosa em qualquer roupa.

Mais vermelha.

Revirei os olhos para disfarçar.

— Conta outra. — Peguei as chaves do carro que ela me estendeu. Passei por Catharina e segui caminhando. — Agora vamos, o comércio fecha cedo nesse frio e eu só queria ficar debaixo das cobertas.

Ouvi Catharina correr para me encontrar.

— Quando você vai me convidar para ficar nas cobertas com você? Um filme com pipoca seria ótimo.

Senti um frio na barriga — uma sensação boa e que, ao mesmo tempo, me dava ansiedade.

Como se tu já não houvesse dormido sem roupas perto dela, Anaju.

— Não sei... — Foi o que consegui responder antes de entrar no carro para desconversar.

Porque agora duas coisas me incomodavam.

O silêncio para a minha pergunta. Pensar o que Catharina diria ao saber que minha experiência com cobertas, garotas e coisas mais intensas se resumia a um namorinho de ilusão com Isabella.

Sem dizer mais nada, seguimos caminho para o centro da cidade. No som do carro, Catharina colocou uma sequência de músicas de My Chemical Romance, cantarolando as letras e me perguntando se eu conhecia. Se uma pessoa emo não conhecer *MCR*, algo está errado. Quem nunca cantou *Helena* e chorou com o clipe? Porque eu já.

Estacionei ao lado de uma das principais lojas de departamento da cidade — e duvidei que Catharina gostasse de alguma peça. Não era o estilo dela, muito menos o meu, mas a avó disse que o estabelecimento poderia ser uma opção. Lá dentro, entre araras de roupa e senhoras que conversavam enquanto escolhiam, fiquei observando a garota perambular pelos corredores. Ela ganhava os olhares alheios com facilidade, ignorando como se estivesse sozinha no ambiente.

— Nada? — Perguntei em um momento: Catharina estava parada em a frente um manequim com roupas de gosto duvidoso.

— Você compra suas roupas aqui?

— Não... faz tempo que não compro roupa, na verdade. Vou em brechós na maioria das vezes ou quando tenho chance de ir à cidade vizinha, o que é quase nunca basicamente.

Catharina torceu os lábios e olhou para o meu moletom.

— Comprou em um brechó também?

— Em Bento Gonçalves, é onde fica a vinícola de Dona Catharina. — Coloquei uma mecha de cabelo para trás, nervosa, quando a vi suspirar. — Quer que eu te leve em um brechó?

— Pode ser. — A resposta não me passou confiança, mas apenas assenti, me encaminhando para a saída da loja. Bastou eu me virar para que a garota me surpreendesse ao segurar minha mão.

Catharina tinha iniciativa, diferente de mim que merecia um prêmio de *pior-pessoa-para-tomar-iniciativa*; e, apesar do coração palpitando, me senti bem com o gesto dela. Sorri de canto para ela que me devolveu um olhar atrevido e brincalhão: porque sabia o efeito que tinha em mim.

— Anaju?

Eu me arrepiei como um gato assustado.

Domenica estava entrando na loja com o namorado-de-nome-não-importante. Minha amiga olhou para mim e Catharina como se fôssemos assombrações. O garoto com ela, no entanto, não tinha uma expressão amigável, encarava nós duas como se tivesse algo contra nós.

— Como assim tu não me apresentou a tua...

— Essa é Catharina. — Não deixei que ela terminasse. — Catharina, essa é a Domenica, basicamente minha melhor amiga.

Não soltamos a mão uma da outra.

— Prazer. — A garota sorriu para Nica, que fez o mesmo.

— Que fofas. Adorei te conhecer! Tu é a neta da Dona Catharina, não é? Tá gostando da cidade? — Para mim que a conhecia há anos, era fácil reconhecer quando Domenica estava sendo forçada. Era uma dessas situações, o que me deixou mais preocupada. Ela provavelmente encheria o meu ouvido de reclamações depois.

— Uhum, é mais fria do que imaginei. — Catharina comentou e soou desconfortável, entendi o porquê quando percebi que o namorado da minha amiga a encarava sem parar.

Franzi o cenho e segurei firme a mão dela.

— Tá tudo bem? — Perguntei a ele.

— Acho que já te vi em algum lugar. — Ele comentou diretamente para Catharina.

— Deve estar me confundindo. — A voz da garota saiu tremida. Ela puxou a minha mão, dando a entender que queria ir embora.

— Não mesmo, tenho certeza. Teu rosto não me é estranho e...

— Não. — Ela o interrompeu depressa e olhou para mim. — Vamos embora, por favor.

Catharina soltou a minha mão e se afastou, não se despediu ou pediu licença. Apenas saiu. Fiquei completamente perdida e irritada. Com o cara. Domenica perguntou se estava tudo bem, mas eu ignorei e olhei para o namorado dela.

Queria ter dito algo a ele. Chamado de escroto ou enfiado a mão na sua boca.

Mas decidi não perder o meu tempo e fui atrás de Catharina, que já me esperava ao lado do carro.

— Eu quero ir para casa. — Ela não me esperou falar. Estava toda encolhida, abraçada no próprio corpo.

— Aconteceu alguma coisa?

Ela negou com a cabeça.

— Só me leva para casa, por favor, Anaju. Eu não quero falar sobre isso.

Não questioneei — respeitei o desejo de Catharina e a levei para casa.

O silêncio do carro foi tão assustador quanto a reação dela.

E eu não sabia o porquê.

CAPÍTULO 20

Caderno da Catharina

Estou com medo.

Estou com medo de olhar para trás.

Estou com medo de acordar desse sonho.

Estou com tanto medo...

Catharina

Catharina, tu tá me ouvindo?

Sobressaltei com o chamado de minha vó, fingindo um sorriso para que ela não percebesse o que eu sentia de verdade. Insegura. Desconfortável. Desde o olhar do desconhecido, que disse saber quem sou, até o meu desencontro com Anaju, eu me segurava para não desabar. Quando voltamos no fim da tarde, a garota tentou falar comigo, tentou entender o que eu escondia, mas não consegui olhar para ela e pedi, sussurrando um por favor, que me deixasse sozinha. Ana Júlia não insistiu, aceitou e disse que estaria ao meu lado no que eu precisasse. *Para tudo*, ela deixou implícito... mas se soubesse a verdade, não ficaria.

Sentiria nojo de mim.

Nojo como eu sentia todas as vezes que me olhava no espelho e lembrava do passado.

Você é uma vagabunda, Cat.

Nem seus pais se importaram em te buscar, acha que alguém vai sentir sua falta se estivesse morta? Cat, Cat, Cat... se não fosse por mim você estaria por aí, jogada num beco, comendo lixo e vendendo o próprio corpo pra sobreviver. Você devia agradecer e...

— Catharina? — A insistência do chamado de minha vó me fez perceber que lágrimas desciam por minhas bochechas. Eu estava tremendo, tentando expulsar as vozes que me eram tão assustadoras quanto olhar para trás e ver o meu passado. — Catharina, o que houve? Vem cá, senta aqui. — Ela me puxou em um banco que a atendente lhe cedeu. Minha respiração estava atrapalhada, eu não conseguia respirar direito.

— Quer que eu pegue um copo de água, senhora Sant'anna? — A moça perguntou e foi às pressas quando minha vó assentiu. Estávamos em uma loja sofisticada, com roupas de marca e um cheiro enjoativo de um algum perfume importado. Era de uma amiga da minha vó e ficava no

cento da cidade, um lugar que poderíamos ter ido ontem se eu não houvesse me sentido mal e pedido para Anaju me levar para casa.

Minha vó segurou minhas mãos.

As dela, estavam quentes e carinhosas. Eu era um bloco de gelo.

— O que houve?

— Não é nada... — Minha voz trêmula denunciou a mentira. Eu não me sentia bem desde ontem, mas aceitei vir com ela em uma tentativa de dispersar os meus pensamentos e esquecer as sombras que me perseguiam.

Não deu certo.

Elas estavam perto demais.

— Aqui, senhorita. — A atendente me entregou o copo de água e minha vó agradeceu por mim. Bebi com calma enquanto as duas conversavam como se já se conhecessem.

Eu não deveria ter vindo.

Não deveria ter saído do quarto.

Era injusto que isso me perseguisse do outro lado do mundo e não me deixasse viver sem medo.

Se minha vó soubesse...

Se Ana Júlia descobrisse...

Ela nunca mais iria querer me ver.

Sem conseguir controlar, as lágrimas tímidas se tornaram um choro que chamou a atenção das duas mulheres. Minha vó colocou a mão em meu ombro, tentou me acalmar, mas o medo tomava conta de mim. Medo de perder as poucas pessoas que estavam ao meu lado. Medo de que sentissem desprezo por mim. Medo de que conhecessem Cat e Catherine e me abandonassem.

A entrada de clientes piorou o meu estado — porque eles olharam para mim e cochicharam. Era como se soubessem de tudo e estivessem me julgando como todos fizeram ano passado.

Quando meu celular foi inundado de mensagens de ódio.

Quando ameaças invadiram minhas redes.

Quando meus pais precisaram sair de Toronto e ir para Vancouver por causa disso.

Ouvi minha vó dizer que voltaria mais tarde para ver as roupas que separou e pegou meu braço para me ajudar. Eu fui arfando até o carro, Vicente nos esperava e correu para abrir a porta do banco de trás. Ele tentou perguntar se eu estava bem, foi fofo e simpático, mas não consegui responder. Fazia tempo que uma crise não me afetava, a constante terapia ajudou, cobriu o ferimento. A cicatriz, no entanto, permaneceu. Como uma bomba relógio, programada para explodir. Era por isso que nunca me aproximei de alguém.

Não mereciam o fardo.

Eu não merecia ninguém.

Não merecia Ana Júlia — tentei viver a ilusão de que daria certo, mas percebi o erro dessa tentativa.

Você sempre faz tudo errado, Catharina...

Foi pensando nisso, chorando baixinho, que seguimos de volta à fazenda. Minha vó

somente segurou a minha mão e me senti melhor por não ser questionada.

Porque eu não saberia responder.

Mas uma hora, quando eu menos esperasse, diriam por mim.

E seria o fim.



Minha vó me entregou o chá fumegante de camomila.

Eu estava na cama, escorada nas almofadas e coberta por tecidos quentinhos e fofos. Ela havia comprado recentemente quando reclamei que passava frio e que os antigos tinham um cheiro forte de mofo. Com a nossa relação progredindo, Dona Catharina também colocou um aquecedor ao lado da cama e, à noite, eu sempre encontrava uma bolsa de água quente entre as cobertas. Não foi um pedido meu, mas fiquei feliz com o cuidado silencioso que ela oferecia. Apesar de falar pouco, e expressar seriedade a maior parte do tempo, percebi que minha vó estava sempre me observando. Passou a fazer sempre bolo de milho depois que falei que gostava e a colocar açúcar no café, porque comentei que não gostava da bebida amarga.

Se soubesse a verdade, continuaria cuidando de mim?

A pergunta era como agulhas em minha pele. Eu sabia a sensação. Experimentei no passado.

Não vai acontecer de novo.

Não vai se repetir.

Respirei fundo e minha vó se sentou na beirada da cama.

— Tu podes conversar comigo, Catharina, sabe disso.

Você iria me odiar.

Minha mãe me odeia.

Meu pai finge que gosta de mim.

— Foi só uma decaída, vó. Eu estou bem.

A expressão dela estava inundada de descrença. Queria me esconder debaixo das cobertas e não encarar mais o mundo.

Minha vó suspirou.

— Tu sabes que tua mãe me contou tudo sobre ti, não é?

Senti minha visão ficar turva e um enjoo subir a minha garganta.

— O quê?

— Sobre tu teres desaparecido quando teu irmão morreu, sobre ter vivido nas ruas de Toronto, bêbada e drogada, sobre como só descobriram o teu paradeiro quando alguém ligou para eles e avisou que tu estavas em um hospital, internada. — Ouvir sobre o passado foi como

sentir as dores em meu corpo novamente, me rasgando por dentro. Coloquei o chá na mesinha ao lado da cama e cobri o meu rosto, envergonhada demais para encará-la. — Eu sei tudo o que tu passaste, *minha menina*. — O toque repentino em meus cabelos e a doçura empregada no chamado me entorpeceram. Levantei devagar a cabeça, olhos inundados. — Deveria ter feito algo antes...

— Eu sou horrível...

— Não. — Ela acariciou a minha cabeça. — Tu és forte, Catharina. Não pense isso quando tu sobreviveste aos teus próprios medos.

— Mas eles ainda estão aqui, vó...

— Então continue enfrentando eles. Mas se lembre, Catharina, antes tu lutavas sozinha. Hoje, não. Eu tô aqui, entendeu?

— Eu não tenho conserto... você vai se cansar como meu pai e minha mãe... eu não quero ser um...

— Eu tenho quase 70 anos, Catharina. Tu achas que se fosse para me cansar, já não teria acontecido?

Eu estava começando a me acalmar quando o celular dela tocou. Ela atendeu de prontidão e prestei atenção no que dizia:

Sim, Vicente, eu tô ocupada agora, mas pode falar. O quê? Como assim tão falando dela? Quem disse isso?

Comecei a ficar nervosa.

Eu não estava com um bom pressentimento. O rapaz que me reconheceu... não podia ser uma coincidência.

Minha vó olhou para mim de repente.

Comecei a tremer.

Tá, entendi. Liga para a minha advogada que eu vou resolver isso e descobrir quem foi. Eu falo com ela.

— Vó...? — Perguntei assim que ela desligou o celular. O silêncio dela me desesperou. Eu sabia o que era. A expressão de Dona Catharina dizia tudo. — Vó? — Repeti, a voz rouca.

Ela respirou fundo e olhou para mim.

— Quero que me escute bem, Catharina, entendeu? Quero que respire e fique tranquila que tudo vai ficar bem.

— Vó... o que aconteceu...

— Algumas fotos suas...

Foi o estopim.

Eu gritei: coloquei as mãos na cabeça e comecei a gritar. *Eu sabia. Eu sabia. Eu sabia. Eu sabia.* Fiquei repetindo enquanto minha vó pedia para eu me acalmar. Mas não conseguia: eu só queria sumir, desaparecer, morrer. Fui idiota ao pensar que o passado teria ficado no Canadá, ao pensar que, se eu não olhasse para trás, não o encontraria e ele sumiria. Mas não — estava lá e a

minha vida sempre seria aquela. Marcada pelo que me permiti fazer.

Porque queria me encaixar.

Queria ser como as outras garotas que beijavam garotos. Não queria ser a piada deles como outras pessoas eram. Queria fazer parte do círculo.

Mesmo que a ideia me assustasse e me consumisse...

Aceitei uma relação que me adoeceu, quase me matou. *Ele* dizia ser amor. Eu nunca imaginei que o amor doesse tanto.

A ponto de odiá-lo.

Minha vó me abraçou e acariciou os meus cabelos, deixando-me chorar. Eu arranquei tudo de dentro de mim até perder a voz.

Porque agora a dor era diferente — não apenas por ter a vida exposta *de novo*, mas porque eu sabia o que aquilo significava.

Que Ana Júlia não cantaria mais para mim.

Que não esperaria por mim no fim do dia.

Que não me beijaria atrás da casa — quando ninguém estava olhando.

— Eu tô contigo, Catharina, pode chorar. Vai ficar tudo bem, a vó promete. — Retribuí o seu abraço. Precisava. De conforto. De afeição. Mas era tão difícil encontrar calma com um milhão de pensamentos me sabotando.

— Me desculpa. Não era eu. Não era! — Funguei contra ela. — Ele me obrigou... ele...

— Shh... — Minha vó me interrompeu devagar. — Passou, não precisa falar. Passou. Não precisa me falar nada, Catharina. Mas não vai ficar assim, entendeu?

E se fosse ele?

E se ele estivesse aqui?

Não.

Não, ele estava preso. Não pode mais te fazer mal.

— Todo mundo viu...? — Sussurrei com medo da resposta.

— Pelo que Vicente comentou, postaram o vídeo em uma tal de *blogger*, com as fotos também. E se espalhou. Quem falou para ele foi a irmã de Ana Júlia, a Melissa. Que o vídeo estava já entre os grupos da escola dela... Com o seu nome... e o endereço da fazenda.

A irmã de Ana Júlia.

O que significava que *ela* já sabia — e já me odiava. Uma dor me sufocou e as lágrimas insistiram, ainda que silenciosas. Imaginei a decepção que ela deveria estar sentindo, o nojo. Ana Júlia havia perguntado se eu beijei outras garotas antes dela e simplesmente ignorei.

Porque antes dela nunca houve outra.

Ela foi a primeira garota que beijei...

A primeira garota que me apaixonei de verdade.

Que não fingi. Que me fez sentir o que estava em mim há tanto tempo e que eu tinha medo de tocar.

De que eu gostava de garotas.

Somente garotas.

Mas me obriguei a ficar com um garoto porque achei que era o certo — que minhas percepções estavam erradas e eu precisava ser como as garotas que me cercavam.

Me machuquei tanto por me forçar a ser quem eu não era.

Cat, a garota hétero impulsiva que não tinha medo de nada. Nunca Catharina, que gostava de garotas e se sentia bem perto delas.

— Ela nunca mais vai querer falar comigo... — Solucei em meio ao choro. — Anaju vai sentir raiva e nojo de mim... eu sou horrível e não...

— É o que tu achas?

— Eu menti para ela, vó...

E doía tanto imaginar que não seria como antes. Que eu não a veria resmungar enquanto me esperava para alimentar as galinhas. Que não a veria corar. Que não ouviria até mesmo sua voz alta e grave — que no fundo eu adorava escutar.

— Se tem algo que aprendi nessa vida, Catharina, é que... se alguém realmente nos ama, vai buscar a verdade conosco, não com os outros. As pessoas são más, Catharina, muito más, mentem e destroem os outros a troco de nada. Apenas por pura diversão. Como esse rapaz fez contigo. Mas sempre terá alguém, minha menina, que acreditará em ti acima de tudo, que não deixará ser influenciada pelo ódio dos outros.

Eu me afastei um pouco do abraço.

— Se ela não quiser falar comigo?

— Então ela não gosta de ti de verdade.

Baixei o olhar, lágrimas acumuladas em meu queixo, e desejei tanto, *tanto*, acreditar nas palavras de minha vó.

Que Anaju não me julgaria.

Que tentaria entender.

Mas eu não...

A porta do quarto foi aberta com um baque — assustando a mim e a minha vó. Poderia ter sido o vento. Poderia ter sido qualquer coisa. Eu acreditaria em tudo... menos no que meus olhos viam.

Ofegante.

Uma mão apoiada no batente.

Um pedido de desculpas tentando sair da boca.

Ela.

Na porta do meu quarto estava Ana Júlia.

CAPÍTULO 21

Nunca pensei que usaria NX Zero para expressar o que sinto, mas “se não agora, depois; por ela, eu posso esperar.”

Ana Júlia

Eu nunca pensei que pudesse correr tanto.

Duas situações me mostraram ao contrário — as duas por causa da mesma garota.

As motivações eram diferentes. Antes, eu corri porque precisava encontrar Catharina na tempestade. Agora, porque queria ver a garota que em tão pouco tempo ganhou tanto significado. Mesmo que milhares de pensamentos me invadissem e sussurrassem o que eu não queria ouvir.

Anaju, tu não vai acreditar...

Eu não acreditei quando Melissa veio me contar e me mostrar o celular. Desatenta, olhei para a tela antes que minha irmã terminasse de falar. E meu mundo girou, meu corpo gelou. Desviei o olhar na hora, ouvindo meu coração martelar em meus ouvidos. Cheguei a ficar tonta, desnorteadada, tentando entender o que Melissa berrava para mim. Mas tudo o que conseguia pensar era no que vi na fração de segundos. Catharina. A foto. A exposição. E o porquê aquilo estava fazendo com a minha irmã.

Alguém postou fotos da sua namorada em um blog e compartilhou o link entre várias pessoas. Estava também na sala de informática da nossa escola, colocaram como plano de fundo em todos os computadores. A diretora ficou furiosa e agora tão procurando quem foi. Acham que foi um aluno de lá.

Cada nova explicação me deixava mais atordoada.

Como. Quando. Por quê.

De relance, vi mensagens pipocarem no celular de Melissa. Xingamentos e risadas como se fosse engraçado.

Escreviam coisas terríveis sobre a-neta-vagabunda-da-velha-catharina. Em um impulso de raiva, arranquei o celular da minha irmã e a repreendi por estar compartilhando fotos íntimas de alguém. Ela se explicou, disse que não concordava e começou a chorar quando tentou falar para as amigas que não mandassem para outras pessoas porque era de alguém especial e que não merecia.

Ninguém merecia.

Tentei respirar. Tentei me recuperar. Pedi desculpas à Melissa e ela me abraçou dizendo que se sentia muito mal pelo que viu falarem de Catharina e de sua avó. Acreditei nela. Minha

irmã tinha os defeitos dela, mas sabia o que era certo e errado — sempre a alertei de situações assim.

Quando ela perguntou o que eu pretendia fazer, fiquei em pânico.

Porque não sabia. Pensei em Catharina, se sabia ou não do acontecimento; se a mudança de humor no dia anterior tinha ligação com as fotos.

Não era fácil.

Porque eu não conseguia esquecer da imagem — não conseguia não me sentir mal, pesada, acabada.

Mas não podia julgar a garota sem ouvir dela antes.

Não podia... simplesmente deixar de lado.

Esquecer que ela existia.

Eu só consegui berrar que voltaria em breve para minha irmã e disparei em direção à casa de Dona Catharina.

E agora eu estava lá — ofegante, apoiando minha mão à porta para recuperar o fôlego e tentando levantar o olhar para encarar Catharina, encolhida na cama. A avó expressou um *meu Deus* enquanto se levantava, assustada ou surpresa com a minha presença. Ela se aproximou de mim o suficiente para que eu pudesse ver com clareza a expressão que escondia. Não era tristeza ou decepção. *Mas raiva*. Dona Catharina não estava feliz com a situação e carregava uma promessa de vingança com quem quer que houvesse espalhado as fotos de sua neta.

— O que tu veio fazer aqui, Ana Júlia? — A pergunta me causou um arrepio, resisti, recompondo a minha postura.

Olhei por cima do ombro da senhora.

Catharina havia desviado o olhar e chorava baixinho na cama.

Meu peito doeu.

— A senhora permite que eu converse com tua neta?

Ela fez uma linha reta com os lábios.

— Espero não me arrepender, Ana Júlia, *espero não me arrepender*. — as palavras guardavam uma ameaça. Eu entendia o porquê. Ela estava tentando proteger Catharina de qualquer julgamento.

Como se eu fosse capaz disso...

Não era a minha intenção. Eu só queria conversar e entender. Quem sabe desmanchar a confusão em minha cabeça.

Ela mandou as fotos recentemente?

Mandou para um garoto?

Mandou quando estava comigo?

Queria que meus pensamentos parassem de me torturar.

— Obrigada. — Sussurrei com a voz trêmula enquanto Dona Catharina dava espaço para que eu passasse. Ela olhou para a neta uma última vez antes de fechar a porta do quarto e nos deixar a sós.

Como agir?

O que falar?

Senti que precisava agir — que não era o papel dela dar início aquilo, como sempre fez. Catharina era quem tinha iniciativa, não eu; e, talvez, naquele momento, precisasse ser eu. Só que não havia palavras que pudessem quebrar o silêncio que nos separava. A não ser que...

Eu não precisasse dizer nada.

Tentei ignorar as batidas erradas do meu coração quando decidi me aproximar da cama. Eu me sentei na beirada, mãos inquietas em meu colo. Com cautela, me inclinei em direção à Catharina e a envolvi em um abraço. Tinha receio que me afastasse; mas a reação dela, que se agarrou a mim como se sua vida dependesse disso, me fez apertar os braços e intensificar o gesto.

Então, ela chorou e eu senti vontade de chorar também.

Era estranho ver como éramos frágeis — e como podíamos quebrar com tanta facilidade. Catharina e eu fomos quebradas, iludidas pelo que um dia chamamos de amor. E devagar tínhamos juntado os nossos pedaços, uma ajudando a outra; sem perceber que alguns cacos dela se uniam aos meus.

Uma música soou em meus pensamentos.

A letra expressava o que em palavras eu não sabia e conseguia dizer — e que talvez Catharina precisasse ouvir.

Era em inglês. A lembrança da primeira vez que usei o idioma com ela se acendeu, a pronúncia errada e as letras trocadas por causa do nervosismo. Eu era *boa*, mas a insegurança sempre foi a minha inimiga mais forte.

Até eu ouvir Catharina dizer:

Sua voz é linda.

Firmei meus braços ao redor dela, que continuava chorando baixinho, sem coragem de olhar para mim.

Respirei fundo.

Sem o violão, só me restava improvisar.

Mas se fosse por ela, eu poderia tentar, sempre tentaria.

— *I wanted you to know...* — Minha voz era um sussurro, suave e aveludada; um tom difícil de acertar para alguém acostumada ao grave. — *I love the way you laugh...*

Meus dedos deslizaram em seus cabelos.

— *I want to hold you high and steal your pain away.*

Era a música do Seether, *Broken*, em que a vocalista do Evanscence canta em conjunto. Fazia parte da minha adolescência: lembro de cantar no chuveiro, em frente ao espelho, imaginando que um dia alguém me ouviria.

Nunca ninguém ouviu.

Até hoje.

— *The worst is over now...* — E continuei. Cada sílaba cantada, eu percebia uma mudança na garota.

O choro parou.

Ouvi apenas algumas fungadas preguiçosas, não parei. Eu me esforcei para manter o ritmo

da minha voz e seguir a letra que conhecia tão bem. Esperava que ela entendesse e que visse, como na letra, que o meu desejo era a segurar e roubar toda a dor que sentia.

Para que ficasse bem.

— Ana... — Antes que eu prosseguisse no último refrão, ouvi Catharina me chamar. — Me desculpa... desculpa por...

— Não tem por quê.

Catharina se afastou devagar e desejei que não houvesse o feito.

— Você deve estar me odiando, com nojo de mim.

— Nunca. — A negação fez a garota erguer a cabeça. Nossos olhos se encontraram... tanta dor escondida nela. — Como eu poderia te odiar... — Senti a voz tremer.

— Você viu, não?

Assenti e Catharina suspirou, apertando os dedos nas cobertas. Senti que ela queria me contar, não sabia como ou não tinha coragem de tocar as palavras que gostaria de dizer. Eu não queria cobrar a verdade, mas desejei muito que ela me contasse. Era egoísmo meu, uma insegurança fria que me impulsionava a questionamentos.

Mas eu não tinha o direito.

Não poderia obrigar Catharina a falar.

Para que soubesse de meus sentimentos — ainda que eu estremecesse de medo por dentro — coloquei minha mão sobre a dela, tão gelada. Ela as observou por segundos, mordendo os lábios para engolir o que quer que a estivesse amedrontando. Então, olhou para mim.

E contou tudo.

Tudo o que tentou esconder desde o primeiro dia que a vi.

As fotos foram tiradas pelo ex-namorado dela no final de 2008 — ouvir isso fez meu coração doer tanto. Era horrível como nossos pensamentos nos faziam ver o que menos desejamos, pensar no que mais repudiamos. Resisti, ouvindo sem interrupções. Deixei que ela contasse o que precisava contar. Catharina não disse o nome dele, achei melhor que não dissesse, mas contou o que viveu na época da relação. O irmão dela havia falecido há menos de uma semana quando decidiu fugir de casa. Estava sozinha e os pais viajavam para promover um filme que o pai estrelaria. Tudo o que Catharina carregou na fuga foi a jaqueta e o *iPod* do irmão e cinquenta dólares. Não pegou nem documentos e foi de carona para uma cidade a mais de quinhentos quilômetros de distância.

Eu não aguentava mais ficar sozinha em casa e meu irmão era tudo que eu tinha, Catharina afirmou. Foi nas ruas de Toronto que conheceu o ex, que mergulhou em drogas para se esquecer da dor. Ela não tinha interesse nele, mas o homem, dez anos mais velho, se dizia apaixonado. Ele a fez conhecer os amigos, o bar que comandava e as noites que não tinham fim. Catharina disse que se forçou a aceitar aquilo porque, como as garotas que estavam no meio, ela queria se encaixar e fazer parte de um lugar. Mas cada passo em direção ao disfarce, mais longe ela ficava da saída.

Observei Catharina contar com a voz arrastada.

Cada nova sílaba a deixava pior.

Cada novo detalhe, eu me sentia pior.

Por que eu estava fazendo ela falar o que queria esquecer?

Me senti mal, culpada, horrível. O passado não era importante e se a machucava tanto, não precisava ser lembrado. Eu queria o presente, o agora. Eu queria a Catharina que eu conheci em um dia nublado, a Catharina que caiu na lama e se levantou, a dignidade intacta, me desafiando.

Ela importava.

Não o ontem.

— Catharina. — Eu me inclinei na direção dela e segurei o seu rosto, o que a silenciou. Meu polegar deslizou nas lágrimas da bochecha corada, de sardinhas tão lindas, enquanto meus olhos se focavam nos dela. — Não importa. Não precisa. Passou... e vai ficar tudo bem. Não quero que tu reviva isso pra se machucar, deixa o passado lá, onde não vai ser encontrado.

Ela fungou e assentiu devagar.

— Quando entendi o porquê me sentia tão mal com o que eu estava vivendo forçada, percebi que não era eu. Era Cat tentando se encaixar, com medo de dizer que gostava de garotas e só garotas... — Sussurrou e me forcei para esboçar um sorriso. Precisava acreditar que tudo ficaria bem entre nós. — E quando eu te beijei... só confirmei o que sentia. Você foi a primeira garota que beijei, Anaju. A primeira que ajudou a me descobrir e ser finalmente quem sempre fui. Catharina. Só Catharina.

Deixei que minha boca tocasse sua bochecha em um beijo delicado, rápido, afetuoso. Catharina fechou os olhos, estremeceu; e senti como se fosse derreter se ficasse perto dela.

Não era uma má ideia.

— Você não vai me ver diferente agora?

Ela olhou para mim com tanta insegurança que era possível tocar.

— Nunca.

Foi um alívio ver o sorriso que se fez nos lábios da garota. Da minha garota favorita...

— É impossível não te amar... — Pensei alto demais. A afirmação fez Catharina cobrir a boca, desmanchando o sorriso, antes de começar a chorar de novo. Fiquei nervosa, fiz menção de pedir desculpa, dizer que era besteira minha, que não precisava se importar, mas a risada entre as lágrimas me parou.

A garota ria e chorava ao mesmo tempo.

— Eu queria dizer isso, mas pensei que você fosse achar exagero meu...

— Meu Deus... — Fiquei calma, quase com uma risada. Era uma perfeita ironia o nosso momento. — Sabe, é comum. Dizem por aí que lésbicas falam que se amam em uma semana e já pensam em se casar na próxima.

— Casar?

Merda, Anaju, rápido demais, rápido demais!

— Foi só um comentário...

Catharina limpou o rosto na manga de sua blusa.

— Eu não mereço você...

— Merece sim, guria. — Franzi o cenho. Não gostava de como ela pensava tão pouco de si mesma.

Meu coração disparou quando Catharina veio em minha direção, colocando os braços ao redor do meu pescoço e me pegando desprevenida. Mesmo com a lembrança das lágrimas, olhos

inchados e nariz avermelhado, sua expressão havia ganhado um brilho sincero.

Como eu sempre queria ver.

— Também amo você, Ana Júlia, Anaju, minha emburradinha.

Senti meu rosto esquentar.

— *Grumpygirl*. — Ela continuou. — Canta para mim de novo?

Sorri devagar.

— Vou pensar no seu caso... — Eu me inclinei para que nossas bocas se tocassem.

Lá fora, o frio seguia rumo ao seu fim.

Mas com Catharina, percebi que o inverno dos beijos que antes experimentei ficaram no passado. Porque os beijos dela eram tudo, menos gelados.



Quem foi?

A pergunta me incomodou a noite toda. Deitada no sofá da sala, com a luz da cozinha ligada porque o escuro gatilhava a minha ansiedade, fiquei pensando nas possibilidades e não cheguei a nenhuma conclusão. Porque não tinha sentido. As fotos de Catharina, abafadas, simplesmente surgiram na cidade — e nos computadores da escola que estudei e minhas irmãs também estudavam. Quando me despedi de Catharina, a avó dela me esperava na cozinha e pediu para conversar comigo por um instante. Comentou sobre o ocorrido e disse que o caso havia sido fechado no começo de 2009 quando prenderam o cara depois de espalhar as fotos em um site gringo que teve milhares de acesso. Não só por isso, mas pelo cárcere e tudo mais. A mídia abafou o caso porque o pai de Catharina era uma celebridade e os agentes dele fizeram de tudo para não prejudicar sua carreira. Com isso, a garota simplesmente sumiu do mapa e não se falou mais sobre o vazamento. Dona Catharina disse que a neta havia sido internada em um hospital psiquiátrico e ficou lá quase seis meses. Depois, ficou no apartamento dos pais pelo resto do ano até conseguir sair por conta própria.

O que sempre gerava um desespero nos pais dela — que não sabiam o que fazer para ajudar a filha.

Não sabiam... Dona Catharina soou irônica ao falar isso e percebi o rancor escondido em sua expressão. Eles não quiseram, foi o que deu a entender. Fingiam se importar. Em um momento, a senhora chegou a olhar para um porta-retrato que estava em cima da geladeira. Era ela, mais jovem, mais sorridente, e um rapaz que tinha a minha idade. Francisco, irmão de Catharina e neto dela.

Imaginei que ela temesse que o mesmo acontecesse a garota depois desse vazamento. Eu queria dizer que estava disposta a ajudar, mas minhas palavras foram interrompidas por um agradecimento. Dona Catharina olhou para mim, suspirou, e murmurou um obrigada cheio de significado. Não disse mais nada, não era de se expressar, mas estava implícito o quanto aquele simples obrigada carregava. No fundo, ela era apenas uma avó como qualquer outra, preocupada

com a neta e ainda ferida pela perda do neto.

Remoendo os acontecimentos, adormeci perto das três horas da manhã com a decisão de procurar a única pessoa que poderia me ajudar nisso. Por isso, quando acordei, usei o telefone de casa para ligar para Domenica. Ela atendeu na segunda chamada, era oito horas da manhã, mas eu sabia que minha amiga acordava tão cedo quanto eu, para cuidar da criação da família. Marquei com ela de nos encontrarmos no centro comercial da cidade antes do meio-dia.

Só não esperava que, quando eu chegasse lá, Domenica estaria com o seu namorado. Não gostava dele; e, pelo modo que me encarava, ele também não estava contente com a minha presença. Tudo bem que eu tinha vinte e um anos, mas já me achava velha demais para dar importância para um homem de cara feia. Ouvi comentários no caminho, velhas fofocando sobre a neta-estrangeira-e-assanhada de Dona Catharina. Nem toda senhorinha fofa era, de fato, fofa; e elas irradiavam tanto preconceito que era impossível suportar. Mas tem que obedecer aos mais velhos, elas falam.

Sim, porque tudo bem serem preconceituosos. O importante era respeitar os mais velhos. Claro. Contém ironia.

Eu cumprimentei minha amiga ao me sentar à mesa. Ela estava dividindo um chocolate quente com o namorado e sorriu abertamente para mim. Não consegui retribuir. Minha cabeça estava cheia demais. Fazia frio lá fora e o clima era uma exemplificação perfeita do meu humor. Feio. Cinzento. Rabugento. Apesar de odiar a estação, não podia negar que ela sabia me representar bem. Tirando a parte fria, obviamente.

— A Catharina tá bem? Eu soube do que aconteceu... tá todo mundo falando, amigos e conhecidos e até estanhos. — Domenica comentou após um gole da bebida quente. Ao lado, o namorado mexia no celular, o semblante entediado. Queria poder perguntar por que ela o trouxe, mas não era hora para briguinhas desnecessárias.

— Mais ou menos. — Passei a língua pelos lábios ao me lembrar da garota na noite passada. Queria poder esquecer tudo. — Eu tô tentando descobrir como isso aconteceu, sabe? Mas não tem ninguém que eu conheça que possa ter feito isso.

— Não faço ideia, amiga. A Catharina está aqui há poucas semanas e fica sempre na fazenda... é difícil criar inimizade com alguém. — Ela ajeitou os óculos e mexeu o chocolate com a colher.

— Sim, o pior foi a parte da nossa escola, sabe? Catharina nunca foi para lá, não tem como... é sem sentido. — Eu suspirei frustrada, minha perna inquieta debaixo da mesa.

— Como tu tá com ela?

Ergui uma sobrancelha.

— Como eu tô com ela?

— É, Anaju. As duas tão ficando? — A pergunta fez o namorado de Domenica estalar a língua em uma quase risada. Não entendi o porquê, mas não gostei do gesto.

— É compli... — Complicado, eu diria. Não terminei. Complicado seria se os meus sentimentos fossem unilaterais como antes eram. O que não era verdade: porque Catharina retribuía tanto quanto eu. *Amo você*, ela me disse na noite passada. E era o suficiente para entender que o que tínhamos podia ser tudo, menos complicado. — Sim. A gente tá junto.

O sorriso de Domenica expressou dois sentimentos com a minha resposta. Preocupação era um deles.

— Tu tá gostando bastante dela, não é?

— Demais.

— Mas lembra do que eu falei? Sobre o depois? Tudo bem que tu tem que se preocupar com o presente, mas pense como vai estar a Anaju do futuro quando a Catharina voltar para o país dela.

Ela sempre trazia o assunto à superfície — um banho de água fria em meus sentimentos. Não queria pensar nisso, por mais que a verdade me assustasse, eu tentava distanciar qualquer pensamento sobre o dia que Catharina precisaria partir.

— Eu vou ficar bem. — Respondi para afastar das reflexões.

— Anaju... — Minha amiga sussurrou em um tom melancólico. — Eu te conheço desde que a gente tinha dez anos. Tu é sensível e se apegas fácil... lembra o que te disse um dia? Nada que vem rápido demais dura. E o teu relacionamento com ela foi assim, de repente, e não vai durar.

Engoli um caroço que sufocava a minha garganta.

Odiava o pessimismo nas palavras de Domenica — não importasse o quanto se preocupasse com o meu bem.

Não foi ela que me disse para aproveitar?

Eu estava aproveitando, vivendo e não estava pensando no futuro como sempre fazia. Tudo bem que, quando ela partisse, meu coração partiria também, mas eu não queria desistir, eu não queria me afastar.

Eu só queria continuar com a garota dos meus sonhos pelo tempo que me fosse permitido ficar.

Limpei uma lágrima que ousou escorrer por minha bochecha, minha amiga viu, murmurou o meu nome, mas me mantive sólida. Eu não iria desmoronar e precisava de força agora — para ajudar Catharina e descobrir quem espalhou as fotos dela. O *depois* ficaria para a Ana Júlia do futuro se preocupar.

Espero que eu possa me perdoar por isso.

— Se não tem como me ajudar a achar o culpado, eu vou indo. Não quero me atrasar e ainda tenho que trabalhar. — Eu me levantei da cadeira. Domenica me acompanhou com o olhar triste, preocupado.

— Já pensou em ir à escola e falar com Dona Inês? — Ela sugeriu de repente, fazendo meu coração disparar.

A escola.

Era óbvio.

— Que horas são? — Perguntei nervosa. Eu tinha que voltar para a fazenda e trabalhar, talvez não desse tempo.

— 11:37, amiga.

Tinha que voltar para o trabalho às 12:30. Não ia dar tempo, mas se fosse por uma boa causa, Dona Catharina não se importaria.

Eu esperava que não.

— Vou lá, então. Muito obrigada, Nica.

— Tu merece, Anaju. — Ela sorriu.

Tinha tudo para ser um encontro tranquilo e uma despedida também tranquila. Mas o namorado da minha amiga resolveu que seria uma boa ideia abrir a boca. Teria sido melhor se tivesse ficado quieto.

Tudo isso por causa de uma vagabunda que todo mundo já viu pelada.

Sabe quando teu sangue ferve e borbulha?

O meu entrou em erupção.

Ele achou que eu não tinha ouvido, ficou concentrado no celular e atirado na cadeira como se estivesse na própria casa.

A Ana Júlia do passado teria ignorado a ofensa, teria fingido que não ouviu e simplesmente ido embora. Mas a Ana Júlia do presente, não. Ela estava apaixonada, tentando resolver um problema, irritada com quem fez a sua garota chorar.

E eu era maior que ele.

Vinicius-Vitor-machinho-escroto, qualquer que fosse o nome dele, não esperava que eu fosse até ele, que estava sentado e desprevenido.

E enfiasse um soco na sua cara.

A cadeira dele caiu para trás, o que provocou um gritinho na minha amiga, seguido de uma risada. Domenica ria por trás das mãos, em um misto de susto e surpresa, como se aprovasse minha atitude. Talvez até ela pensasse que o namorado fosse escroto.

Ele cuspiu um palavrão, jogado no chão e embolado na cadeira. Uma multidão olhou para nós, comentários como *que horror, que eles estão fazendo*, que não me dei ao trabalho de olhar. Meu coração estava disparado; minha respiração, ofegante; meu rosto, vermelho.

— Chame a minha garota de vagabunda mais uma vez e eu te bato de novo. — Apesar da ameaça, minha voz tremia e minhas mãos suavam. Se Domenica não fosse testemunha, ela nunca acreditaria se eu contasse.

Não sou a favor da violência.

Mas algumas pessoas, às vezes, pedem para ser agredidas.

— Tô indo. — Avisei minha amiga e ela sorriu, pegando a bolsa que estava pendurada na cadeira. O namorado dela havia sentado no chão, a mão na boca, sem conseguir olhar para cima. Envergonhado, eu imaginei, de ter apanhado para uma garota.

— Eu vou contigo, Anaju.

— Ah. — Pisquei várias vezes. Uma senhora se aproximou para ajudar o rapaz a se levantar, olhando feio para mim. Ignorei. — Sério?

Domenica olhou de relance para o namorado.

Ex-namorado?

— Não vale a pena. — Ela se aproximou de mim e, para minha surpresa, segurou a minha mão. — Vamos lá, *emuxinha*, descobrir quem fez mal para a garota dos seus sonhos.

Revirei os olhos para esconder o sorriso.

Tínhamos infinitas diferenças, Domenica e eu, mas no fundo, ela sempre seria a minha única e melhor amiga.

CAPÍTULO 22

Caderno da Catharina

A vida é passageira.

Nada é para sempre.

O inverno.

Nós duas.

Nós duas?

Mas como livro que ela me deu diz,

A vida começa todos os dias.

Catharina

Dei o último petisco para o pato e fechei o livro em meu colo. Estava sentada na varanda da casa, uma visão privilegiada das terras da fazenda. Um tímido sol tentava lutar contra as nuvens pesadas, mas o tempo estava fechado demais para que vencesse. Choveria em breve. Eu havia desistido de tentar entender o clima aqui no Sul, as mudanças eram tão repentinas que eu sequer conseguia acompanhá-las. A temperatura caiu no começo da tarde e, enquanto lia, o pato se aconchegava na almofada ao meu lado, reservada para ele. Era uma companhia inusitada e minha vó se surpreendeu quando contei que gostava de me perseguir por aí — o que lhe rendeu a ideia de um possível nome e de uma gravata-borboleta. Elegante, sem dúvida. Sentiria falta disso quando o inverno acabasse...

De tanta coisa.

Coloquei a mão sobre o livro e suspirei.

A vida começa todo dia, repeti em pensamentos.

Passos lentos me fizeram olhar para trás. Minha vó se aproximava com uma xícara em mãos. Sorri para ela, que me entregou a bebida quente e olhou para sua fazenda com uma expressão distante.

— Ana Júlia não veio trabalhar. — Ela comentou de repente. Bebi o chá e o coloquei de lado. O pato continuou em seu lugar, adormecido. — Ela nunca chegou atrasada.

— Perguntou ao pai dela? — Eu não havia me encontrado com ela pela manhã para alimentar as galinhas. Por causa de tudo que aconteceu, minha vó sugeriu que eu ficasse na cama

um pouco mais. Não foi ruim, mas eu não podia dizer que não estranhei. Estava acostumada a vê-la cedo com seu mau humor tão bobo.

— Disse que saiu cedo e não voltou.

Mordi os lábios.

Depois da noite passada, Anaju havia conquistado ainda mais espaço em meu coração — como se fosse possível. A voz dela ainda estava em minha cabeça, a música sussurrada em meus ouvidos para me acalmar, seu toque tão, tão carinhoso. *Ela parecia uma mentira*, a minha doce e emburrada mentira.

— Como tu tá, Catharina?

Olhei para minha vó com a pergunta repentina. Ela se vestia diferente do que costumava, sem os vestidos e os casaquinhos de lã. Usava uma calça e uma blusa de gola alta. Estava até com um batom discreto. Parecia pronta para sair em algum lugar importante.

— Não sei... — Sussurrei a verdade.

Entorpecida, eu diria. A vontade de chorar às vezes me encontrava, tentava me derrubar, mas eu resistia a ela com a leitura. Nunca pensei que livros pudessem despertar em mim tanta tranquilidade. Imaginei que o fato de terem sido um presente influenciasse nisso. Era a sensação de ser notada, de não estar mais sozinha... e as páginas me passavam esse sentimento.

De que Anaju estava sempre por perto.

— Mas vou ficar bem... — Continuei e me forcei a sorrir.

— Desde a visita de Ana Júlia ontem, tu pareces melhor...

O meu sorriso se tornou tímido.

— Sim... — Lembrei-me do beijo, das palavras sussurradas e do conforto que a presença da garota causava em mim. — Ela... me faz feliz.

Felicidade é a certeza de que a nossa vida não está se passando inutilmente, recordei do livro.

Muito acontecera...

O vago pensamento sobre as fotos quase me fazia cair, mas o que ela me disse espantava todos os medos e inseguranças.

Você não é mais aquela, Catharina.

Não é mais você.

Você está bem... não está?

— Já pensou no depois?

Senti meu corpo fraquejar.

Para me acalmar, coloquei a mão sobre o pato, afofando suas penas. Ele se remexeu, mas não acordou.

— Não...

— Tudo bem. — Minha vó não insistiu. — Eu vou resolver uns assuntos no centro da cidade e depois vou para Bento, vou passar a noite lá. Deixei avisado a Vicente e João Miguel para que, quando Ana Júlia chegar, fique contigo. Tu podes levar ele lá para dentro, se quiser. — Ela apontou para o pato. — Estarei de volta amanhã cedo, tudo bem?

— O que você vai fazer, vó?

— O que devia ter feito há muito tempo... — Eu não esperava que ela colocasse a mão em meu cabelo em um carinho desajeitado, meio sem graça, mas tão caloroso. — Vai ficar aqui?

Um trovão soou longe.

Encolhi os ombros.

— Vou subir para o meu quarto, tudo bem? Já tive a minha dose de chuvas fortes o suficiente.

Um sorriso discreto surgiu no rosto de minha vó.

— Então leve o pato contigo... o pato. — Ela repetiu e o encarou por instantes. — Não deu um nome a ele?

— Eu?

— Eu que não vou dar. — Dona Catharina desceu os degraus da varanda. — Vai ficar bem? Eu posso esperar a Ana Júlia chegar e...

Outro trovão nos assustou.

— Não... é melhor ir antes. Não é bom pegar a chuva na estrada. — Comentei ao me levantar. — Fique bem, vovó.

Gostava de ver a expressão dela, sempre tão dura, suave.

— Tu também, minha neta.

Com a saída dela, peguei meus pertences e o pato antes de correr para o meu quarto. Não gostava de ficar sozinha, não com a chuva se aproximando lá fora; então, coloquei os fones de ouvido enquanto a ave se ajeitava em minha cama, como um gatinho preguiçoso.

No *iPod*, o nome da música surgiu.

Milonga.

Com ela no repetir, eu me deitei e retornei à leitura.

Para me esquecer da chuva.

Para me esquecer da solidão.

E de que uma hora eu precisaria partir.



SAI PRA LÁ, DEMÔNIO!

Uma tentativa de sussurro malsucedido me despertou mais tarde para me apresentar a cena tragicômica de Anaju e o meu pato. Ele estava na porta do quarto, emitindo os seus quack raivosos, enquanto ela tentava entrar. Foi bom vê-los, os pensamentos ruins se afastavam e eu podia sorrir de verdade. Precisei me levantar e correr para ajudar a garota, ou o pato realmente a atacaria. Eu o peguei no colo, suportando o peso, e ele se aquietou comigo — ainda que olhasse torto e desconfiado para Anaju.

Ela parecia cansada e estava molhada como se houvesse tentado escapar da chuva. Não era

noite ainda, mas a tarde se despedia, uma escuridão incomum e gelada lá fora. Os vidros estavam abafados e eu sentia na ponta dos pés que a temperatura dizia para que eu voltasse para a cama.

— Salvei você, princesa. O dragão está derrotado.

Anaju revirou os olhos.

— Isso é pior que um dragão e eu não vou ficar aqui se esse bicho amaldiçoado tiver por perto. — Murmurou e desviou o olhar do meu, estava com o rosto cansado como se precisasse de uma longa noite de sono. — Recebi a mensagem da sua avó... desculpa o atraso. Tinha coisa pra fazer que eu não fiz mais cedo.

— Estava ocupada? — Passei por ela na porta e coloquei o pato no corredor, dando espaço para que entrasse no quarto e fechasse a porta.

— Um pouco.

— Com o quê? — Insisti quando me sentei na cama.

— Tava só tentando... descobrir quem fez isso tudo contigo. — Apesar da resposta, ainda parecia que Anaju tinha mais a dizer. E não disse. — Eu ia tomar banho em casa, mas... a chuva tava pra piorar e eu não sei que fim deu meu guarda-chuva, aí corri até aqui.

O que explicava as roupas molhadas. Mas o mais importante era o que Ana Júlia estava fazendo. Encontrar um culpado. Fazer algo por mim. Se ela soubesse o quanto fazia sem ao menos perceber. Expresei um sorriso discreto e não tirei os olhos dela, apesar de não olhar para mim.

— Eu não quero pensar nisso. Tentar esquecer. Está tudo bem que não encontre um culpado. Eu só preciso esquecer e saber que não estou sozinha.

Anaju finalmente me encarou.

— Tu não tá... nunca.

— Obrigada. — Sussurrei e olhei para suas roupas. — Trouxe roupa extra? Pode tomar banho aqui.

— Sim... tá na minha mochila.

— Está com fome, *Ana Júlia*?

Ela torceu os lábios com o nome. Mas se ela quisesse que eu a chamasse de Anaju, teria que pelo menos olhar para mim quando estivesse falando. Garota envergonhada e emburrada demais.

— Um pouco.

Eu me aproximei dela — o suficiente para ficar na ponta dos pés e tocar a ponta de seu nariz com o dedo.

Ela quase ficou roxa.

Bobona.

— Vou esquentar a água para fazer chá e podemos fazer um lanche.

— Pode ser. — E mesmo assim, ela desviou o rosto de novo.

Queria saber o que a incomodava.

— Pode ir, vou te salvar do pato no caminho.

— Sim, não quero ter que lutar pela minha vida quando tudo o que eu quero é comer e dormir.

Respondi com uma risada, mas no fundo eu me perguntava o que estava a incomodando a ponto de parecer tão desconfortável. Encontraria um momento para questionar e ela não me escaparia.

CAPÍTULO 23

Um minuto para o fim do mundo foi feita para mim porque eu também estou contanto o relógio para trás e tentando adiar o fim... tentando esconder o medo de perder a garota que amo quando me sinto assim.

Ana Júlia

Meu reflexo no espelho era a definição perfeita de: emburrada-que-quer-continuar-emburrada. Eu terminei o meu banho e me vesti no banheiro, tentando manter a calma. Tinha tanta coisa na minha cabeça que se eu não explodisse até o dia seguinte, nunca mais explodiria. Era o vazamento — que a ida na escola com Domenica, a interrogação com Dona Inês e a inspeção nos computadores não resultaram em nada —; as palavras da minha amiga, a partida de Catharina em breve e, como cereja no bolo, passar a noite com a garota a pedido de sua avó. Não era ruim, mas também não era bom. Porque eu era como uma anta e ao invés de me portar como uma pessoa normal e *apaixonada*, virava um bicho do mato que nunca teve contato com um humano.

Respirei fundo e tentei ser positiva — mesmo que no fundo eu só pensasse em situações negativas. Quando eu e Domenica voltávamos da escola, ela retomou a conversa sobre Catharina e o quanto isso me afetaria no futuro. Para minha amiga, eu estava tapando o sol com a peneira. Mas não foi ela que disse que eu precisava aproveitar e não pensar no amanhã?

Mas tu não é assim, já conversamos sobre isso e eu aceitei o teu jeito. Tu tá aproveitando do teu jeito: que é se apaixonando de verdade e não beijando alguém porque estava com vontade e depois vai esquecer o nome dela, como eu. Tu não vai esquecer. Tu tá apaixonada ou não estaria faltando o trabalho pra tentar encontrar uma forma de deixar essa garota melhor.

Perdi as contas de quantos baldes de água fria Domenica me dava sempre que conversávamos. E apesar de estar dizendo que não me importava, que eu estava aproveitando e não pensando em um relacionamento sério, um futuro juntas, uma casa com cinco gatos, a minha mentira era visível.

Eu sofreria.

Eu já estava sofrendo.

Vai tá aqui quando eu precisar de ombro pra chorar? Por um bom tempo, se não pro resto da minha vida, eu perguntei a ela mais cedo. Domenica havia rido e me chamado de idiota.

Emo dramática. Sempre vai poder chorar no meu ombro, mas não vou prometer não te xingar.

Fechado.

Tentei ser otimista na conversa com ela. No fundo, estava enganando os meus sentimentos. Queria chorar como uma guriazinha mimada que não fazia nada para mudar e só esperava as coisas acontecerem.

As batidas repentinas na porta quase me fizeram soltar um palavrão.

— Anaju, o chá está pronto. — Catharina comentou do outro lado. — Eu trouxe tudo para o meu quarto, é mais quentinho que a cozinha.

— Já vou. — Respondi depressa e a ouvi se afastar.

De novo, encarei o espelho.

Por que tu é assim, Ana Júlia Ribeiro?

Com um suspiro frustrado — e emburrado —, deixei o banheiro e fui até o quarto de Catharina. A luz estava apagada e apenas um abajur e as luzinhas na guarda da cama afastavam o escuro. Na mesinha de estudo, que não era usada para isso, duas xícaras de chá estavam acompanhadas de torradinhas e fatias de bolo de milho. Tudo organizadinho e bonitinho que dava pena de bagunçar. Catharina estava na cama, sentada sobre as cobertas com um dos livros que dei a ela em mãos.

— Já vai dormir? — Perguntei quando peguei o chá.

Ela se ajeitou na cama.

Óbvio que estaria de saia e uma meia 7/8 — era como o uniforme dela do mesmo modo que o moletom era para mim. Com o aquecedor ligado, Catharina usava apenas uma camiseta de mangas compridas com a estampa de My Chemical Romance. Era duas vezes o tamanho dela, o que me fez imaginar se também pertencia ao seu irmão.

— São 19h, Ana Júlia.

Ela insistia no nome.

— Mas já que perguntou, onde você vai dormir?

Não vou ficar vermelha, não vou agir como uma neandertal.

— Na sala. — Respondi com uma naturalidade forçada. — Tô acostumada a dormir no sofá.

Catharina ergueu uma sobrancelha.

— Não é muito confortável.

— Minhas costas já se acostumaram. — Bebi um pouco do chá. Era de hortelã, direto da estufa de Dona Catharina. — Mas que diferença faz?

— Dorme aqui comigo.

Por pouco o chá não queimou a minha língua.

— Por favor. — Ela insistiu com minha reação exagerada. — Você está estranha... a gente pode deitar e conversar, se quiser. Eu não sei o que fiz, mas sei que está escondendo algo.

A voz de Catharina exalava seriedade e mágoa. Entendia o que estava sentindo: porque eu sentia o mesmo. Queria muito ficar com ela, mas mesmo que me forçasse a isso, meu coração ainda ficava ferido.

Larguei a xícara sobre a mesa e suspirei.

— É coisa boba... o mais importante é que tu fique bem depois de tudo que aconteceu. —

Respondi e não olhei para ela.

A garota se aproximou e segurou minha mão, meu peito disparando e minha respiração tropeçando.

— Você me fez ficar bem, Anaju. — Senti a puxada delicada para que eu me virasse na direção dela. Aceitei e meus olhos encontraram os de Catharina, tão preocupados que eu me sentia mal por nutrir esse sentimento nela. — Está frio... vem cá. Acho que ficar debaixo das cobertas pode nos ajudar.

Assenti com esforço.

Não era ansiedade ou nervosismo dessa vez — mas contenção. Eu estava me contendo tanto... tudo que eu queria era abraçar Catharina e nunca mais soltar. Mas até mesmo o abraço não seria para sempre.

Não existe nada para sempre, Ana Júlia.

O para sempre, como diz aquela música, sempre acaba.

Eu me sentei na cama e Catharina ocupou o outro lado, se cobrindo depressa como se precisasse de calor. Ela ia comentar alguma coisa quando a luz piscou e desligou, provocando um *eu não acredito* desanimado nela. Havia faltado energia. Nada como uma chuva forte para colocar Santa Conceição na escuridão. O aquecedor se apagou, o que significava um quarto gelado em pouco tempo.

A coincidência era uma grande filha da puta, com todo o perdão da palavra.

— Daqui a pouco volta. — Comentei para acalmar a garota. Não foi o suficiente. Catharina mordeu os lábios e puxou as cobertas.

— E se não voltar?

— A gente dorme.

— Vai ter que dormir aqui.

Eu bufei.

— Não me diga que tu tem medo de dormir no escuro?

Catharina deu um sorrisinho travesso.

— Não, — ela passou a língua pelos lábios como se as próximas palavras fossem um deleite. — Mas você tem medo de dormir lá fora se eu soltar o pato.

Um deleite para ela.

— Eu não acredito que tu faria isso.

— Eu faria pi-or. — A encenação na palavra fez o meu rosto esquentar em um misto de raiva e meu-deus-que-ódio-que-eu-amo-essa-garota. Emburrada e contrariada, afastei as cobertas para que conseguisse me deitar e me cobri de novo. O sorriso vitorioso da garota me fez bufar tão alto quanto um búfalo. — Pronto, caiu um pedaço?

— Tu só tem essa carinha de boazinha, não é? Porque desde o dia que tu me zombou por causa do idioma, percebi que tu tinha um gênio difícil. — Resmunguei, provocando uma risada nela.

Eu estava reclamando, sim; mas ouvir Catharina rir era a melhor coisa daquele momento.

— Não posso deixar de te parabenizar pela tentativa.

— Pelo menos não caí na lama. — Rebatí, o que desfez o meu ar ranzinza de mentira. Eu

também ri, uma sensação boa aquecendo meu coração. Se eu pudesse voltar ao dia que nos conhecemos... eu faria tudo de novo.

Eu a salvaria na tempestade quantas vezes fossem necessárias.

Mesmo que soubesse do fim.

De que não ficaríamos juntas.

De que...

— Tu vai embora em breve, não é? — A pergunta pulou da minha boca. Eu não conseguia mais segurar e ignorar. A sensação quente se desfez, trazendo o frio daquela noite. Catharina se ajeitou em seu lugar, virando em minha direção. Eu estava deitada de lado, o braço apoiando a cabeça.

— É por isso que você está assim?

Não era mais hora de me esconder.

— Óbvio. Eu me apaixonei por ti, eu disse que te amo, e é horrível saber que tu vai embora quando esse inverno terminar. Desculpa, mas só consigo pensar nisso... eu estava tentando não pensar, mas eu não sou assim.

A mão de Catharina encontrou a minha debaixo das cobertas.

Tão quente e macia.

— A vida é passageira, Ana Júlia.

Não era a resposta que eu esperava — muito menos a que eu queria.

— Mas nós não precisamos ser. — Respondi e controlei a vontade de chorar que apertou em minha garganta.

Catharina olhava direto para mim. Mesmo no escuro, eu conseguia ter um vislumbre de seu rosto, de sua expressão.

Ela não disse nada.

Meu peito queimou.

— Por que então falou que me ama? — Insisti.

— Não é porque a vida é passageira que eu não vou sincera com os meus sentimentos. Sim, eu amo você, Ana Júlia, amo você, Anaju; mas eu ainda preciso melhorar, me recuperar. Eu não posso ficar para sempre aqui achando que a minha vida é um conto de fadas no interior. Não posso depender dos outros para sempre.

— Catharina. — Eu apertei a mão dela. — Dependendo de mim. Eu tô aqui, eu tô sempre aqui e o que eu mais quero é te ajudar. Eu também te amo e eu quero continuar contigo... Tua vida não vai ser um conto de fadas, nunca. Tu pode falar com tua avó, dizer que quero ficar e tentar recomeçar aqui. Não precisa voltar. *Por favor*, não volta.

Lágrimas já preenchiam meus olhos. Não consegui segurar — eu estava me declarando para ela, abrindo feridas que nunca foram cicatrizadas.

Catharina era a garota que eu, Ana Júlia, esperava.

Que precisava. Que ficou sonhando em encontrar em outros lugares, outras pessoas.

Eu queria ela.

Mais ninguém.

— Desculpe... — ela sussurrou.

Mas, talvez, Ana Júlia não fosse a garota certa para Catharina.

Foi impossível não desmoronar.

O *desculpe* dela era a resposta que eu mais temia: que nada poderia ser feito, que nada mudaria.

E tudo terminaria.

Por instinto, coloquei a mão no rosto para tentar limpar as lágrimas que escaparam, mas outras vieram, ligeiras; e, em segundos, me peguei chorando e soluçando como em todas as vezes que meu coração foi quebrado. Era pior agora. Porque eu realmente a amava. Domenica dizia que nada podia acontecer tão rápido, nada que valia a pena vinha depressa. Era uma grande mentira. Porque enquanto eu levei meses para achar que gostava de Lara e Isabella, que nunca retribuíram os meus sentimentos, foram preciso apenas algumas semanas, dias gelados e beijos que não tinham gosto de inverno para me apaixonar por Catharina.

— Ana... — Ela se arrastou na cama e se aproximou de mim, nossas pernas se tocando entre as cobertas. Dedos tocaram o meu rosto e afastaram a mão em que eu tentava me esconder. — Ana...

Eu não conseguia olhar para ela.

— Não precisa ser assim... por que sofrer se podemos aproveitar o que ainda resta? — Catharina se inclinou contra mim e, com delicadeza, beijou a minha testa. Depois, entre um sussurro que não distingi, desceu os lábios até minha bochecha, tocando minhas lágrimas. — Não quero que seja difícil assim...

Ela que estava deixando tudo difícil.

Era ela.

E eu não podia mudar as escolhas de Catharina — por mais que nunca concordasse com elas. Mas podia mudar as minhas; e, naquele momento, com a chuva lá fora, com nossos corpos tão próximos, eu tinha duas.

Sofrer agora e terminar com tudo.

Aproveitar o tempo com ela e sofrer amanhã.

Que eu pudesse me perdoar mais tarde — porque eu não escolheria a primeira opção, não terminaria com tudo.

Então, sem hesitar, me ajeitei na cama e a abracei debaixo das cobertas, querendo sentir Catharina perto de mim. Ela se enroscou como um bichinho preguiça. Um sutil, e triste, sorriso surgiu em sua boca. A mesma boca que escolhi beijar em seguida. Não havia frio ou o inverno nela — Catharina era verão, a minha favorita melodia. Talvez houvesse um motivo para que *Milonga* fosse também a sua nova música favorita. Porque falava sobre nós. Sobre me perguntar por que ela tinha tanto medo. Sobre o meu desejo de pegar Catharina pelos dedos e dançar enquanto o sol demora.

Entre os beijos, minha respiração ficou pesada, entrelaçada a dela. Mas eu não queria parar; e percebi que ela também não quando desceu a mão até a barra do meu moletom. Uma ansiedade incomum me inundou: não era ruim, não era como quando Isabella e eu tivemos nossa primeira e única experiência. Era boa, uma ansiedade de quem quer continuar e alcançar o resultado.

Minha mão segurou a dela enquanto nos beijávamos.

— Catharina... — Murmurei, quase rouca. — Eu não sou boa nisso e...

— Por que acha que eu sou? — Ela respondeu no mesmo tom.

— Nunca esteve com outra garota?

Ela sorriu e foi só então que percebi que lágrimas também se escondiam em seus olhos.

— Você foi a primeira garota que eu beijei. — Ela se inclinou para deslizar os lábios em meu pescoço. Deixei um suspiro reprimido escapar. — A primeira garota que me apaixonei... — E subiu com a boca até meu queixo. — A primeira garota que me permitiu ser quem eu sou de verdade. Você sempre será a primeira em tudo na minha vida, Anaju.

Sua testa tocou a minha.

— Sempre. — Catharina repetiu como se fosse necessário.

Sempre, pensei em segredo.

Guardei aquelas palavras com carinho — e desejei que um dia ela pudesse entender o quanto significou para mim —; então, enquanto o mundo se desfazia em chuva lá fora, esquecíamos dele.

Porque só havia nós duas. Uma primeira experiência. E um para sempre.

Senti a mão de Catharina deslizar em minha barriga e provocar uma onda de calafrios. Eram dedos quentes e delicados; que, desde que os peguei quando a encontrei na tempestade, me fizeram imaginar como seria a sensação em meu rosto. Não usava nada por baixo do moletom, e foi involuntário o suspiro que escapou entre o beijo quando a senti se aproximar dos meus seios. Como eu não estava entrando em colapso era um mistério. Ou talvez não. Talvez fosse simplesmente isso: a presença de Catharina. E era assustador como conseguia provocar em mim uma tranquilidade que eu nunca havia experimentado. Me sentia bem, confortável e disposta a tudo.

Meu coração deu um salto quando nossas bocas se separaram e a garota, sem um aviso, se moveu na cama. Catharina se sentou sobre mim com as pernas entre a minha cintura. A saia que ela usava subiu com o movimento, deixando parte da coxa exposta onde a meia 7/8 não chegava. Arfei, nervosa e ansiosa. Eu era a pessoa mais quadrada nesse mundo: porque não imaginava nada assim, não a ponto de provocar tantas sensações. Boas sensações.

Trocamos olhares — meu rosto queimando, meu peito doendo.

— Anaju... — Ela sussurrou quando abraçou o próprio corpo, a camiseta larga de mangas compridas quase escondendo suas mãos. — Quero ser sincera com você.

Passei a língua pelos lábios e assenti devagar.

— Sobre o meu corpo... — Catharina desviou os olhos por um segundo, mas respirou fundo para se recompor e conseguir me encarar. — Ele tem... lembranças que não gosto e que fazem parte de quem eu era, ou achava ser. São do meu passado. Não quero esconder isso de você... não quero mais ter medo de quem eu sou porque eu enfrentei muito, e ainda vou enfrentar, para chegar aqui.

Minha mão subiu até uma de suas pernas, involuntária. Era mais como um gesto de que ela podia confiar em mim. Ela respirou fundo, nervosa; e vi o quanto estava se esforçando para dar aquele passo.

Apertei meus dedos em sua pele.

— Eu confio em ti. — Respondi com a voz baixa e o coração acelerado. — Confio demais. Acredita nisso. E confie em ti também.

Um sorriso delicado surgiu nos lábios rosados e pequenos.

— Onde você estava esse tempo todo, Anaju?

— Aqui. — Minha mão subiu até o rosto dela. — Esperando o momento que tu apareceria em minha vida e mudaria tudo, tudo.

Como eu amava ver Catharina sorrir.

Que eu me lembrasse dela sempre assim. Sorrindo de felicidade, com confiança, sabendo que estava finalmente sendo ela.

Não esperava que Catharina retirasse a camiseta instantes depois, revelando as formas do seu corpo que, embora na luz fraca da noite, eu achava tão lindo... de pele pálida, de curvas pequenas e frágeis. Não, me corriji ao olhar com mais cuidado. Era tudo, menos frágil; as cicatrizes nos braços e na barriga de Catharina mostravam o quão forte ela era por ter resistido a tudo, por ter tentado, mesmo que fraquejasse e caísse no caminho.

Catharina sempre se levantou.

E por mais que dissesse que a minha mão na dela durante a tempestade a tenha ajudado, eu não podia não admirar cada passo dela.

Ela foi o meu verão quando o inverno era gelado demais para suportar.

— Eu amo tanto você... — Sussurrei no escuro e roubei uma risada tímida de sua boca. Ela abraçou o próprio corpo, enfrentando o frio que tentava se apoderar do quarto. Eu me sentei na cama com ela em meu colo, envolvendo os meus braços nela. Minha respiração oscilava, de tantos sentimentos misturados, quando deslizei os dedos para o fecho do seu sutiã preto, tão pequeno que parecia folgado nela.

Quando tirei, com um pouco de dificuldade porque era péssima nisso, rendendo uma risada dela, coloquei de lado e mordi os lábios com a visão de seus seios. Eram pequenos e lindos... e lá estava eu pensando que cabiam perfeitamente em minha mão. Quando me imaginaria com pensamentos assim? Era irônico, mas bom; e eu gostava como eles se pareciam. Nunca entendi por que as garotas na escola reclamavam ou sonhavam com silicone porque não tinham peitos grandes. Diziam brincando que tinham inveja de mim que, além de alta, tinha seios de um tamanho que chamava a atenção.

Se soubessem que peitos pequenos também tinha o seu charme.

Que era sempre o suficiente.

— Então... — Catharina sussurrou em meu colo, minhas mãos ainda ao redor de seu corpo. Nossos rostos estavam tão próximos que eu sentia a respiração dela nas bochechas. — Está nervosa?

— Tu não tem noção do quanto... — Eu coloquei um cacho do cabelo ruivo para trás. Ela se encolheu contra mim e riu baixinho. — Quero que o tempo pare.

— Ele nunca para.

— Então não podemos parar...

Catharina me beijou antes que eu terminasse. Talvez eu precisasse mesmo calar a boca e deixar que nossos corpos falassem. Porque o tempo não pararia e bastaria aproveitar enquanto ainda fosse possível.

Com delicadeza, ela se inclinou sobre mim e me fez deitar na cama; e no ato, continuamos entre beijos. Tirei o moletom com a ajuda dela e trocamos sorrisos quando fiquei exposta da cintura para cima. Talvez tenha sido um impulso que me fez erguer a mão para colocar em meu rosto. Catharina a segurou: pegou meu braço pelo pulso e o empurrou acima da minha cabeça. Senti um arrepio em minha barriga, uma sensação confortável e intensa ao mesmo tempo. Nossos olhos se encontraram por segundos... até o instante em que, de um suspiro baixinho, ela desceu o corpo contra o meu e beijou o meu pescoço.

Era inexplicável pensar e entender tudo que se passava em mim.

Como meu corpo parecia outro quando os beijos de Catharina foram descendo... descendo até alcançarem o meu seio. Mordi os lábios por instinto, e usei o braço livre para segurar as costas da garota. Não suspirar foi impossível. Não segurar sua pele com força também. Me peguei permitindo arfar e sentir o que aquele breve instante me passava, o quanto minha pele respondia ao toque dela. Não sei descrever o que me fez agir momentos depois, se a excitação ou a simples vontade de experimentar o que eu podia dar a ela. Um pouco dos dois, de tudo. Então, sussurrei o seu nome quando, cuidadosa, me ajeitei na cama e me sentei, me aproximando dela enquanto nossos lábios se encontravam mais uma vez.

Fiquei por cima de Catharina dessa vez e fiz questão beijar cada parte sua: a clavícula, os ombros, o peito, os seios e a barriga. Senti como ela se arrepiou, como encolheu o corpo e se permitiu suspirar de verdade. Seus dedos se arrastaram sobre as cobertas, segurando firmemente.

Meu coração acelerou ao ver a reação de Catharina.

Ao ver como cada movimento a deixava mais linda.

— Ei... — Sussurrei após um beijo em sua barriga, sobre a cicatriz que um dia escondeu.
— Tá tudo bem?

Ela ergueu a cabeça de leve para me observar.

Um sorriso. Tudo o que eu queria.

— Como não estaria...? — O rosto de Catharina estava corado como o meu. Eu sentia as bochechas queimarem.

Queria que queimassem.

— Eu... queria tentar... uma coisa. — Apesar de toda a intimidade, a vergonha era parte da minha personalidade. Poderíamos estar sem as roupas de cima, mas continuávamos com as de baixo.

Catharina escorou a cabeça nas cobertas e levou um dedo ao lábio.

— O quê? — Perguntou devagar.

Não era hora para hesitação ou medo. Eu queria. Só bastava saber se estava tudo bem para ela. Então, mesmo que as palavras me escapassem, coloquei uma mão sobre a meia 7/8 e deslizei os dedos para cima. Em suas coxas. Meu coração estava batendo tão alto que ela poderia estar ouvindo.

Um sorriso de canto surgiu nela.

— Me mostre como você faz...

Não havia um *como fazer*, e sim um *querer fazer*. Porque eu queria ver o que Catharina podia sentir, o que deveria sentir e nunca sentiu. Como eu. Nós duas. E em resposta, subi meus dedos por baixo de sua saia. Foi desejo — com nervosismo — que me incentivou a me inclinar

contra a parte interna da coxa, onde a meia terminava, e depositar uma linha de beijos. Foram devagar, como se eu precisasse sentir o gosto e a vibração de cada toque. Do meu corpo e o de Catharina. Senti sua pele estremecer, a resposta deixava seus lábios em suspiros baixinhos, arfares contidos. Queria que ela se soltasse... que pudesse se expressar como queria.

Levantei meu corpo e fui até sua barriga, beijando e descendo um pouco mais. A saia precisou sair e tudo o que restou foram as meias e a roupa íntima. Eu estava à beira de uma explosão, de tantas sensações em meu corpo. Mas não pensei em ceder. Não queria parar. Repeti os beijos e retornei à parte interna de sua coxa, ouvindo como Catharina ofegava apenas com o toque.

Se soubesse o que viria a seguir...

Quase não acreditava que era eu. Eu. Mas era. E nada — nada mesmo — me faria recuar. Porque era como deveria ser.

Bom. Certo.

Desde que houvesse aquele sentimento curioso e misterioso — muitas vezes traiçoeiro — que chamamos de amor.

E eu a amava.

E sem dizer nada, só suspirar e arfar, eu sabia que Catharina também sentia o mesmo.



A primeira coisa que vi ao acordar foi Catharina olhando para mim. Estava de bruços na cama, a cabeça apoiada aos braços. *Bom dia*, seus lábios sussurraram com delicadeza, meio sonolenta, o cabelo bagunçado. Tão linda. Respondi e me virei na direção dela, experimentando o momento que talvez não se repetiria. Nada daquilo. Tudo parecia um sonho — a noite passada, as nossas palavras, o que trocamos e sentimos. *Quando em minha vida imaginaria que viveria um instante assim?* Em que seria entendida e retribuída? Que as minhas limitações não seriam vistas como uma desculpa e, sim, como um todo em quem eu era.

O conforto que Catharina me proporcionava era tão intenso que não me senti nervosa ou temerosa quando me aproximei dela. A garota se virou, de modo que eu pudesse abraçar o seu corpo por trás e me encaixasse nela. Apoiei a minha cabeça em seu ombro e seus braços tocaram os meus, aquecendo cada parte minha.

— A gente tem mesmo que levantar? — Murmurei com um desânimo preguiçoso.

Catharina riu baixinho.

— Você deixaria as galinhas passarem fome?

— Olha quem fala... — Não parecia a garota que ficou com medo das galinhas, me fez perder um saco de ração e caiu por cima de mim no primeiro dia que alimentamos elas. Parecia ter acontecido há tanto tempo... mas era questão de dias, semanas.

Ela se ajeitou e senti um beijo em meus dedos.

— Ana...

— Hm? — Eu realmente não queria me levantar: queria ficar com ela, ficar abraçada a ela.

— Posso perguntar uma coisa? Tudo bem se não quiser responder.

— Pode, eu acho.

Tentei não me afetar ou ficar nervosa antes da hora.

— Você e a sua *ex-namorada* nunca dormiram juntas?

Ah.

— Desculpa se... — Ela tentou se afastar de mim e se virar. Não deixei, segurei mais forte e escondi o meu rosto em seu pescoço.

— Tudo bem, não tem problema. — Sussurrei contra a pele dela. Catharina se arrepiou e não se mexeu. — É que depende o que tu tá querendo dizer. Se a gente dormiu juntas no sentido só de dormir? Bom, não. Mas se estiver falando em *transar*, bem, sim. Uma vez só. Não foi... bom.

— Por quê? — Dessa vez, deixei que Catharina se virasse para mim, ainda que mantivesse a proximidade. Estávamos grudadas debaixo da coberta.

Mordi os lábios por um segundo.

— Eu só não tinha vontade. — Catharina ergueu a mão para acariciar a minha bochecha enquanto eu contava. — Não tinha essa necessidade. Não tenho, na verdade. Mas ela queria muito e eu meio que aceitei porque... a gente se submete a certas situações porque temos medo da rejeição. Só que não adiantou, não deu certo; e eu fiquei desconfortável o tempo todo. Me senti errada, sabe? Todas as pessoas *transavam*... por que eu não conseguia sentir o mesmo? Só fui entender sobre minha assexualidade depois e fiquei tranquila, mas é difícil alguém levar a sério. Eles te apagam o tempo todo e dizem que não fez certo, que não encontrei a pessoa certa e tantas palavras que sempre te fazem mal.

— Foi diferente ontem?

Eu assenti sem hesitar e sem precisar pensar.

— Eu queria. — Respondi em seguida. — Sentir vontade não quer dizer que tenho que cancelar minha carteirinha. — Catharina riu com o comentário. — Envolve... muita coisa, sabe. O que eu sinto por ti. O momento. Mas... não quer dizer que eu *precise* sempre disso. É meio que ao contrário. Tu me entende?

— Claro, boba. — Ela colocou uma mecha do meu cabelo para trás da minha orelha.

— Mesmo? Não acha meio que uma desculpa?

Diga que não. Diga que não.

— Por que eu acharia que é uma desculpa?

— Porque é o que geralmente acontece— Ai! — A garota literalmente deu um penteleco no meu nariz. — O que eu fiz?!

— Para você parar de achar que penso assim. — Então, ela se inclinou e depositou um beijo no lugar que havia acertado. — Você é perfeita do que jeito que é. Lembra quando eu disse para você nunca mudar?

Eu me lembrava.

Quando nos escondemos da chuva e deitamos juntas para nos aquecer.

— Vou continuar repetindo: nunca mude.

— Nunca vou mudar. — Afirmei e ganhei um sorriso como recompensa.



Levantar e deixar Catharina foi a batalha mais difícil da minha vida.

Eu não estava exagerando. Quando me vesti, pedi que ela ficasse deitada que eu faria o trabalho sozinha. Precisava passar em casa ainda e ver se estava tudo bem com minhas irmãs e meu pai. Ela protestou um pouquinho, mas a ideia de ficar nas cobertas e aproveitar enquanto a avó não chegava conseguiu fazer com que mudasse de ideia. Quem não mudaria? Estava fazendo exatamente dois graus às sete horas da manhã. Até respirar doía.

Dona Catharina não apareceu cedo e muito menos quando bateu onze horas. Foi meu pai que me avisou enquanto eu terminava de arrumar as rações no galpão. Segundo ele, os assuntos em Bento Gonçalves eram importantes e levariam mais tempo do que o previsto. Não estranhei ou me importei, mas o que veio em seguida quase me fez derrubar um saco de dez quilos no meu pé.

— A sua namoradinha Isabella tá lá em casa esperando por ti.

Foram dois ataques cardíacos diferentes.

A sua namoradinha, porque ele sempre esquecia que Isabella e eu havíamos terminado HÁ MESES.

Esperando lá em casa.

Lá em casa.

O que aquela guria estava fazendo na minha casa?

Tudo o que consegui fazer foi: jogar a ração no chão e correr para o lugar indicado. Eu estava com uma impressão ruim, ansiosa; e saber da notícia pelo meu pai apenas gatilhou esse pensamento.

Quando me aproximei e entrei em casa, me deparei com Isabella sentada no sofá da sala enquanto Verônica e Vitória saltitavam ao redor como duas bobas da corte. Isabella era a rainha má.

— O que tu veio fazer aqui? — Sem bom dia ou boa tarde. Não estava com cabeça nem para ouvir a voz dela.

— Mana, tu e ela ainda namoram? — Vê perguntou como se também tivesse se esquecido.

Eu queria morrer.

— Meninas, vão brincar lá fora.

— Mas tá frio! — Vitória resmungou com o gato fedido delas no colo.

— Vão lá fora e prometo que levo as duas pra passear amanhã.

Passear era a palavra coringa com elas.

As duas foram sem reclamar com o gato de arrasto, deixando Isabella e eu sozinhas em casa. O que era tão ruim quanto. A garota estava diferente desde a última vez que a vi. As

mechas brancas haviam desaparecido e agora as pontas dos seus cabelos estavam com um tom rosado. Parecido com o de Catharina. Não era uma coincidência... não mesmo. Isabella me encarou e se levantou, se aproximando. Eu recuei dois passos. Era desconfortável para mim ficar perto dela.

— Tá com medo de mim? — Ela percebeu e perguntou.

— Óbvio que não. Eu tô é querendo saber o que tu veio fazer aqui.

Ela olhou para os lados, impaciente.

— Quero conversar.

— Conversar o quê? Todas as últimas vezes que eu te vi, tu me falou alguma merda pra me ofender.

Isabella revirou os olhos.

— Até parece que tu não me conhece, Juju. — Eu odiava o jeito que ela me chamava. Foi assim o nosso relacionamento todo e o nome me dava gatilhos que preferia me distanciar. — Ou tu esqueceu? Foi só aquela garota gringa aparecer, não?

— Catharina não tem nada a ver com isso.

— A *Catharina*. — Ela repetiu em deboche. — Nome de velha. O que ela tem, hein? Não bastou aquelas fotos que vazaram pra ti ver que ela não vale o prato que come? A guria é uma vadia, uma riquinha mimada que tá se divertindo contigo. E vai fazer igual a italiana lá, dar um pé na sua bunda e trocar por um cara.

Eu estava vermelha.

Sentia os meus dentes tremerem.

— Igual tu fez?

— Ah, Juju...

— Não me chama assim. — Eu a interrompi me contendo. — Qual o teu problema com a Catharina? Ela nem lembra que tu existe. E, sabe, e daí? — Murmurei da boca para fora. Se eu realmente levasse em consideração a parte do '*se divertindo contigo*', entraria em um lugar que eu não queria visitar. — E daí que ela tá se divertindo? A vida é minha, eu escolho o que eu faço dela.

Ela deu uma risadinha sarcástica.

— O que ela fez pra ti defender ela mesmo depois de ver que ela é uma vagabunda?

— *Cara*, chega! — Eu levantei minha voz. Minha paciência já estava escorrendo pelo ralo. — Por que tu tá aqui e fazendo esse showzinho? A gente terminou, tu terminou comigo. Por que ainda fica me incomodando?

— Porque tu ainda gosta de mim! — Isabella berrou.

Tive que parar um instante para assimilar tudo.

Gostar de mim.

— ...que?

— Tá na sua cara que tu ainda gosta de mim! — Ela continuou e eu queria saber que roteiro Isabella havia lido para chegar àquela conclusão. — Desde que a gente terminou, tu tenta me encontrar em outra, não é? Não bastou quebrar a cara com a italiana, agora tu pega outra? Lara não foi o suficiente pra ti ver que só vai existir eu nessa tua vida?

— Cara...

Eu simplesmente não conseguia falar nada.

Não tinha o que dizer.

Ela estava literalmente surtada.

— As fotos não foram o suficiente? O que mais eu vou ter que fazer pra ti desencanar dessa outra gringa?

Espera.

— O que tu disse? Foi tu que vazou as fotos da Catharina?

— Ah, pobrezinha! Teve as fotos íntimas vazadas! — Isabella encenou uma falsa tristeza. Eu não consegui nem me ofender: porque estava puta, de queixo caído. Não estava acreditando no que ouvia. — Se ela não queria, por que tirou as fotos, hein? Culpa dela que tão por aí na internet. E essa guria tem dinheiro, o caso foi abafado em 2009 por causa dos pais dela. Nada que não possam pagar de novo para...

— Isabella! — Eu ia enlouquecer se continuasse ouvindo as barbaridades. — Isabella, pelo amor de Deus! Tu tem noção do que tu fez? Do que isso poderia ter causado?

— Tá com pena da pobrezinha?

— Não é pena, porra! — Quando eu usava palavrões, era porque o limite havia acabado. A paciência também. — É ter noção! Empatia! Como tu ia se sentir se simplesmente vazassem o teu passado por aí? Isso é sério! Tem gente que se mata por causa disso, entendeu? Não é brincadeira! Não é algo que se faça porque tu tá simplesmente com ciúmes!

— Eu não tô com ciúme! — Foi o argumento dela depois de tudo o que eu falei. Que não estava com ciúmes, não que foi erro ou estava arrependida.

Isabella sempre pensou só nela.

— Cala boca! Tu é simplesmente ridícula e baixa, um ser humano desprezível. Some da minha frente! Sai da minha casa! — Eu gritei de verdade. Não aguentava mais. Não tinha cabimento ou explicação para o que Isabella fez e para o que estava fazendo.

— Vai ser assim?! — Ela disparou no mesmo tom.

— Sai daqui, Isabella! Desaparece!

Os lábios dela tremeram de raiva.

Era óbvio que ela teria a última palavra como sempre.

— Espero que essa garota pise em ti, quebre o teu coração e faça tu se sentir um lixo que não merece o amor de ninguém! Ridícula! — E gritou antes de sair, batendo a porta da minha casa sem nenhuma consideração.

Fiquei parada, ofegante.

Lágrimas nasciam em meus olhos.

Não era hora de se importar com isso. Então, limpando o rosto, esperei alguns minutos para ter certeza de que ela havia desaparecido e corri para a casa de Dona Catharina.

Eu precisava contar o que havia acontecido.

Não resolveria o desespero de Catharina, mas com certeza — saber que poderia fazer algo contra a pessoa que vazou — a tranquilizaria.

Era um caminho.

E se isso fosse o suficiente para ver a garota dos meus sonhos sorrir, estaria bem.

Mas quando cheguei à casa — estranhando o carro preto e caro estacionado próximo —, o mundo deu uma volta e me derrubou. Porque me deparei com a última coisa que esperava ver.

Um homem e uma mulher. Ele ruivo; ela, loira. Os traços. Os olhos. A presença.

Eram os pais de Catharina.

CAPÍTULO 24

Caderno da Catharina

*O que fazer quando seus sentimentos se confundem tanto?
Espero que no futuro eu possa escrever aqui essa resposta.*

Catharina

Terminei de arrumar a gravatinha do pato e ele agradeceu com um grasnado carinhoso. Era engraçado como andava para lá e para cá atrás de mim pela casa, reclamando quando eu entrava em algum lugar sem ele. Na ausência de Ana Júlia, deixei que o pato me fizesse companhia no café da manhã e estranhei a ausência da minha vó. Havia me acostumado com a presença dela do outro lado da mesa, me empurrando um pedaço de bolo. Gestos simples que estavam fazendo muita diferença no meu dia a dia. Quando terminei, levei meu companheiro para ficar com as galinhas, que ele não gostou e ficou tentando me chamar com seu quack-quack do outro lado da cerca. Eu o buscaria mais tarde.

Quando voltei, esquentei a água para o chá e me sentei na cozinha para terminar minha leitura. Pensei em ficar na varanda, mas o frio não era convidativo; e minha vó tinha um fogão a lenha que Ana Júlia fez questão de acender antes de sair. Brincou que, como eu nunca tinha visto um, a chance de colocar fogo na casa tentando acendê-lo era preocupante. O pensamento me fez rir sozinha e, no silêncio da manhã, me peguei pensando na noite anterior.

Em nós duas.

Nunca em minha vida eu havia me sentido tão bem.

Tão eu — a Catharina que Cat e Catherine tentaram esconder ao se forçarem a viver uma farsa para se encaixar. Mas não conseguiram por muito tempo. Alguém a encontrou e a fizeram entender que...

Estava tudo bem.

Ficaria tudo bem.

Senti uma necessidade repentina de encontrar Anaju. Nós nos despedimos há pouco e a saudade já era grande. Queria vê-la emburrada e perto de mim, reclamando com o rosto vermelho como se houvesse ficado tempo demais no sol.

Um barulho na porta dos fundos me chamou a atenção e me virei depressa, imaginando que fosse ela. Teria sido bom demais se fosse, mas não. Era o inexplicável: entrando na casa

como se estivesse em um lugar assombrando, Laura apareceu.

Minha mãe e meu pai.

Ela não esperou por um cumprimento ao me ver. Correu em minha direção e me envolveu em um abraço como se não nos víssemos há anos. Ela me apertou tanto que começou a machucar, mas não a afastei. Porque minha mãe estava chorando: um pranto contido, sufocado, guardado há tanto tempo. Entre as lágrimas, pedidos envergonhados de desculpa. Meu pai parou ao nosso lado e nos abraçou também, como se pudesse nos proteger em seus braços.

Eu não conseguia reagir — estava atônita e confusa.

Quando minha mãe se afastou, ela ficou à minha frente, o rosto ensopado, encarando-me com tantas palavras para dizer que não sabia por onde começar. O semblante dela estava cansado, de quem está há dias afogada em lágrimas. Sem maquiagem, como sempre usava; o cabelo, preso precariamente em uma cola baixa, desarrumada. Laura parecia ter envelhecido cinco anos desde que nos despedimos no aeroporto. Meu pai estava melhor, mas seu olhar era de exaustão e preocupação.

— Por que vocês vieram?

— Era o melhor a se fazer. — Meu pai respondeu ao se afastar. Minha mãe o acompanhou, encolhida e deprimida. — Desculpe pela ausência, Kitcat. Devíamos ter estado ao seu lado...

— Mas não estiveram. — Aquela talvez tenha sido a primeira verdade que eu dizia a eles em muitos anos. A resposta os surpreendeu. — O que fez vocês mudarem isso de repente?

Andrew olhou para minha mãe como se estivesse pedindo ajuda.

— Sua avó ligou... — Laura sussurrou cabisbaixa.

Não foram vocês que mudaram, pensei sozinha. A frustração logo me contaminou. Meus pais não vieram porque estavam preocupados, mas envergonhados. Não queriam que os jornais internacionais de fofoca — e as redes sociais — fossem infestadas com a notícia de que Andrew Delmore, um dos mais bem pagos atores de Hollywood atualmente, havia abandonado a filha. A morte do meu irmão já havia rendido comentários negativos o suficiente para ele.

A frustração deu espaço à decepção.

— Sei que erramos com você, meu amor... — Meu pai segurou minha mão e me convidou para me sentar à mesa. Laura continuou de pé, e notei que observava a imagem do meu irmão no porta-retrato sobre a geladeira. Não tínhamos nenhuma foto de Francisco em casa. Ela pediu que a empregada sumisse com todas. — Mas vamos recomeçar, tentar de novo. Você é a nossa filha, Catharina, a minha menina; e quero estar aqui por você.

Olhei para ele de relance e virei o rosto.

Ainda parecia errado, mecânico.

— Por que não me ligaram? Por que esperaram tanto?

— Não ligaram porque não quiseram. — A voz de minha vó entrou na cozinha como uma tempestade invernal. — Porque oportunidade não faltava. Como não faltou todos esses anos. Eu tentei fazer contato por muito tempo, mas tu não quiseste, não é, Laura? Menti que quem não ligava era eu quando tudo o que fazias era ignorar minhas chamadas mesmo que Francisco pedisse para não fazer.

Meu coração parou por um segundo.

De imediato, encarei minha mãe esperando que dissesse algo, que alegasse a mentira nas

palavras da minha vó. A reação de Laura foi contrária: ela apenas se encolheu mais, como se fosse possível, e baixou a cabeça.

Incapaz de responder.

Porque era verdade. Olhei para o meu pai em busca de explicação. Ele respirou fundo, exausto.

— Pai? — Insisti.

Nada.

— Mãe?

Nada.

— Por que não fala para ela, Laura? — Minha vó cruzou os braços e esperou.

Vi minha mãe suspirar, vencida.

— Desculpe, Catharina. *Desculpe*. — Ela repetiu sem querer me olhar. Sem coragem. Envergonhada.

Meus olhos se encheram de lágrimas rapidamente.

— Você mentiu para mim todos esses anos? Me fez achar que a vovó não gostava de mim...? Por quê? — Minhas palavras se arrastaram, morrendo como minha voz. Senti o gosto do choro silencioso, da sensação de ser traída e enganada por meus próprios pais. Olhei para Andrew, que havia se calado. — Por quê? Por que me deixaram pensar que eu não valia a pena?

— Eu sei que errei! — Minha mãe se exaltou. — Fui egoísta. E tive medo: fiquei com medo de que você ficasse igual ao seu irmão. Francisco era meu filho e eu não conseguia me aproximar dele. Era sempre sua avó, ele só falava nela; e eu comecei a pensar que você faria o mesmo... Vocês dois eram muito próximos... — Ela cobriu o rosto como se tentasse se esconder. Meu pai se aproximou e colocou uma mão em seu ombro. — Eu nunca fui uma boa mãe. Nunca soube lidar com os sentimentos dos dois, não pude ajudar Francisco e não consegui ajudar você, Catharina.

— Tu podia, Laura. — Minha vó a repreendeu. — Mas estava ocupada demais com teu casamento, com a fama do teu marido e os eventos que participavam, que nunca olhou com mais atenção para os teus filhos.

— Eu estava tentando! — Ela rebateu e tirou as mãos do rosto. Ao lado, meu pai pedia que Laura se acalmasse. Não era o suficiente. — Sempre tentei e...

— Então por que minha neta conseguiu desaparecer por meses, ficar nas ruas e vocês dois só notaram duas semanas depois quando chegaram de viagem?! — Dona Catharina disparou. Ela estava com o rosto vermelho, irritada; e toda a atmosfera de discussão estava me sufocando. — Meu neto não havia nem esfriado no caixão dele e...

Não era o que eu queria.

Não era vê-los brigar e se afastar ainda mais...

Minha cabeça doía e eu não conseguia processar tudo que ouvia. Era demais. As mentiras da minha mãe. As acusações de minha vó. A passividade do meu pai. Todos tinham culpa e nós, meu irmão e eu, fomos os mais afetados por isso.

Não precisava ser assim.

— Chega! Parem! — Gritei e não tive medo de libertar minhas lágrimas. — Por que vocês não se entendem logo e tentam ficar bem?! Ninguém está certo e todos têm culpa! Mas só...

parem. — Minha voz morreu, tornou-se um mero sussurro. — Parem com isso.

Eles se silenciaram quando me manifestei entre o choro.

No silêncio, quase sufoquei.

Mas a repentina entrada de Ana Júlia no ambiente fez toda a resistência que me restava desaparecer. Nossos olhares se encontraram por instantes — ela estava respirando com dificuldade, ansiosa e confusa — e senti a pergunta não-dita no ar. *O que está acontecendo?*, mas não respondi.

Não queria que ela me visse assim.

Sem saída, fiz o que uma garota assustada de vinte anos faria: sai correndo e subi para o meu quarto, tendo a certeza de que ninguém me encontraria.

Porque eu não queria ser encontrada.

CAPÍTULO 25

Polo recebe muitas críticas, mas eu acho que a música fala muito. E a parte que o Esteban Tavares canta: “não, eu não vou desistir assim” fala muito sobre mim. Não vou desistir. Não quero desistir. Não assim.

Ana Júlia

Eu queria muito ter ido atrás de Catharina.

Queria ter abraçado ela e tirado a dor que se escondia em seus olhos. Queria ter segurado o seu rosto e ter dito que tudo ficaria bem no fim. Não consegui — e acreditei que não seria prudente quando os pais dela estavam lá e me encaravam como se questionassem quem eu era ou porque eu havia entrado como um cavalo desgovernado sem nem pedir licença. O que eu diria? *Oi, sou a namorada da sua filha. Pelo menos enquanto não levarem ela embora.* Definitivamente não. Até porque... o que nós tínhamos? Ficantes? Eu odiava essa palavra e o que ela significava, mas namorada era como se eu pulasse dez casas, quebrando todas as regras, para alcançar o ponto de chegada.

— Esta é Ana Júlia, uma das empregadas na fazenda e quem tomou conta de Catharina nas últimas semanas. — Dona Catharina me apresentou antes que o silêncio me comesse viva. A mulher sussurrou em inglês para que o marido entendesse. Então, o olhar deles caiu em mim. Me senti julgada. Os dois eram sofisticados, com roupas de marca e a cara de quem tem dinheiro para tudo. E eu ali, coturnos sujos de barro, a camiseta desbotada com a estampa de um álbum do CPM 22 descascando e, por baixo, outra camiseta de mangas compridas, listrada. Se não enxergassem o *pobre* escrito em minha testa, notariam em minhas roupas que pediam socorro de tão velhas.

A mãe de Catharina estava claramente me observando dos pés a cabeça.

Ótima hora para desaparecer.

O pai dela, no entanto, se levantou e se aproximou de mim; o rosto que estampava vários filmes de comédia romântica heterossexual ruim. Que Catharina não ficasse decepcionada comigo, mas os filmes em que Andrew Delmore atuava eram piores dos que passavam na *Sessão da Tarde*.

— *Nice to meet you, miss Ribeiro.* — Ele estendeu a mão para mim.

Tremi de nervosismo e não consegui responder, apenas aceitei o cumprimento e forcei um sorriso cordial. A mãe de Catharina não se importou em se levantar para me conhecer e não me senti ofendida.

Eu já não gostava deles desde que descobri que levariam Catharina embora.

— Precisamos descansar. A viagem foi longa. — A mulher comentou e respirou fundo, agoniada. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar. — Podemos ficar por aqui? Não tivemos tempo de buscar um hotel na cidade.

Dona Catharina não pareceu satisfeita.

— Tu sabe que quarto usar. — Ela comentou com a voz ríspida. Eu teria ficado envergonhada se a visse falar comigo da mesma forma.

— Obrigada. — A mãe de Catharina se levantou e chamou o marido, que me devolveu um sorriso ao se afastar. Ambos seguiram pelo corredor e subiram para o segundo andar, desaparecendo do ambiente.

Conseguí respirar com calma. Mas ainda estava tensa e frustrada.

Porque a presença deles era a última coisa que eu queria. O inverno não havia acabado. Restava um mês inteiro. Seria injusto se decidissem que era hora de levar Catharina.

O sufoco me subiu a garganta e não controlei as palavras que pularam da minha boca.

— Ela vai embora?

A mulher mais velha me observou por instantes antes de responder. A ideia da partida também não parecia cair em seus agrados.

— Eles são os pais dela.

— Entendi. — Minha voz vacilou e tive que fechar os punhos para controlar a repentina vontade de chorar. Não era hora. Tinha algo mais importante do que meus sentimentos agora: o bem-estar da garota que eu amava. — Dona Catharina. — Eu a chamei e recebi um olhar desinteressado, quase irritado. — Tu chegaste a falar com alguém sobre o vazamento das fotos?

— Por quê?

Receptiva como um coice de égua.

— Eu sei quem foi.

A expressão dela mudou como em um passe de mágica. Então, contei sobre o encontro com Isabella e a confissão dela. Não deixei nenhum detalhe de fora. A garota provavelmente teria que lidar com um processo; e, se fosse no passado, eu nunca teria cogitado contar a verdade. Muitas vezes, menti na escola para proteger Isabella de suspensões ou reuniões com a coordenação. Fiz isso porque, além de gostar dela, acreditava que era apenas uma brincadeira de mal gosto.

Mas não existem brincadeiras assim.

Não quando o que tu faz pode colocar a vida de outra pessoa em risco.

— Obrigada por isso, Ana Júlia. Vou entrar em contato com os advogados e fazer o possível para resolver isso tudo. — Dona Catharina comentou quando terminei de contar.

— Espero que consiga... — Murmurei.

Mas era evidente que eu estava encenando estar bem.

Porque até uma senhora de setenta anos percebeu.

— Ana Júlia. — Ela me chamou e levantei o olhar para encontrar o dela. — Tu sabes que tenho uma dívida contigo, não?

— Ah, eu não fiz...

Fui interrompida.

— Tu fizeste muito mais do que pedi. Tu não só ajudaste a minha neta com a adaptação nesta cidade como também viu o que eu e os pais dela não conseguimos ver. Por isso, não importa o que acontecer, saiba que tu sempre terás minha gratidão. És responsável e tem um coração enorme. Teu pai deve se orgulhar de ti.

Eu já estava chorando no meio da fala de Dona Catharina. Apertei os lábios e me esforcei para engolir o choro que estava segurando desde que cheguei. Mas não foi possível; e logo, as lágrimas deslizaram em meu rosto.

Não percebi quando ela se aproximou para me abraçar.

Mas o gesto só me fez desmoronar mais.

Como também me deu coragem.

— Eu amo a tua neta... — Sussurrei entre o abraço.

— Eu sei. — Ela respondeu ao se afastar e segurar os meus ombros. — Nós a amamos.

Não lembro de ter visto Dona Catharina sorrir um dia.

E me surpreendeu que sorrisse — mesmo que sua expressão fosse melancólica.

— Vai pra casa e descansa. Deixe que o tempo faça o resto.

Eu assenti e limpei o rosto.

E uma música me veio quando deixei a cozinha e senti o frio da estação. *Deixa o Tempo*. Porque como dizia a letra, eu precisava deixar que o tempo cicatrizasse. Ele trouxe Catharina até aqui e era só o tempo que podia fazer tudo mudar.



Eu estava abraçada no meu violão.

Se me descrevessem agora, diriam que eu era o perfeito retrato do sofrimento. Cabisbaixa. Emburrada. Deprimida. E tantos outros adjetivos que eram existiam para pessoas-que-sofrem-por-amor. A casa estava silenciosa; e era estranho não ouvir os berros de Melissa e as risadas das gêmeas. As três foram para a casa de Vicente, ele e meu pai fariam um jantar a base de sopa e pinhão. Era um costume deles que, com o tempo, se tornou tradição; e em todas as sextas à noite, eles se reuniam. Eu às vezes comparecia, mas não estava com disposição ultimamente.

Até porque todas as minhas sextas-feiras haviam se tornado de Catharina.

Como as segundas, as terças, as quartas...

Todos os meus dias.

E eu não conseguia imaginar a antiga rotina quando ela fosse embora. Estava acostumada a acordar cedo e ver a garota com sua saia rodada e suas meias fininhas me esperando para alimentar as galinhas. Eu dizia que ela iria congelar. Catharina ria e respondia o de sempre. O moleto. Foram tantas vezes que, quando saía de casa, colocava uma roupa extra para não passar frio porque sabia que entregaria o meu moleto.

Para que no fim do dia Catharina me devolvesse com a chance de sentir o seu perfume, adocicado demais, no tecido. Até do aroma eu havia aprendido a gostar. Era ridículo como fazemos *impossíveis* quando estamos apaixonados.

Impossíveis que eu faria todos os dias se pudesse ter Catharina para sempre.

Lésbica emocionada como sempre, dei uma risada triste; e, no fim, as lágrimas encheram meus olhos. Lésbica emocionada e chorona, murmurei e olhei para o meu violão. Era noite já — e eu passei o fim da manhã e a tarde inteira no sofá, tentando colocar os meus pensamentos em ordem. Não vi Catharina. E ela não veio me ver. Não que isso me magoasse, mas...

Doía.

Porque eu sabia que era o fim.

— Anaju? — Estava tão alheia à realidade que não percebi meu pai entrar. Estranhei. Primeiro porque ele devia estar com Vicente e as meninas; segundo porque João Miguel nunca me chamava de Anaju.

— Oi, pai. Desculpa, não vi tu entrar. Aconteceu alguma coisa?

Ele seguiu até a cozinha e procurou algo nas gavetas dos armários.

— Não, filha, eu só percebi que não estava com o remedinho da Melissa, ela tava com bastante cólica hoje e comprei extras. — Ele pegou uma cartela de comprimidos e colocou no bolso da jaqueta. — Vai ficar em casa mesmo?

— Aham. — Desviei o olhar e me encolhi.

Acreditei que ele não entenderia o meu sofrimento e sairia como sempre fez. E estava tudo bem. Eu só não esperava que meu pai se sentasse ao meu lado no sofá e colocasse uma mão em meu ombro.

— Tá bem, minha filha?

A pergunta não foi vazia — eu senti a preocupação dele como só eu via nos pequenos cuidados diários.

— Não... — Fui sincera e minha voz fraquejou.

— Vem cá. — Ele abriu os braços para me receber em um raro abraço; e, sem hesitar, coloquei o violão de lado para aceitar o gesto. Mesmo que eu fosse mais alta, tivesse o dobro da idade das minhas irmãs, eu me sentia muito pequena perto dele. No fundo, eu sempre fui a garota que cresceu rápido demais para cuidar da família e que morria de medo de ser abandonada. — O que aconteceu?

A mesma garota que sempre era abandonada.

E seria de novo.

Mordi os lábios para conter o choro.

— Tu ficou triste quando a minha mãe foi embora?

— Por quê, filha?

— Tentou fazer com que ela ficasse?

A resposta do meu pai demorou. Cheguei a pensar que havia errado ao tocar no assunto que para ele era tão delicado. Estava prestes a me afastar e pedir desculpas quando, de um suspiro, João Miguel respondeu:

— Não... não tentei.

— Por que não?

— Eu não amava a sua mãe como acreditava amar. E nem ela. Não tinha por que mudar ou insistir que ficasse. — Eu me afastei devagar para observar o seu rosto. — E estava tudo bem. Mesmo sem tua mãe, eu fiquei com a melhor parte. — Não deixei de expressar um sorriso tímido.

— Se tu a amasse, teria sido diferente?

Ele desviou o olhar, pensativo e distante.

— Claro. Por quê não? Se eu amasse tua mãe, faria o que estivesse em meu alcance... mas é uma escolha, Ana Júlia. É uma escolha da pessoa e o que a gente pode fazer é tentar. Mas se a pessoa não quiser, e não te amar, não importa o quanto tu se esforce.

Eu assenti e fiquei com as palavras na cabeça. Meu pai não amava minha mãe, ambos não nutriam nada um pelo outro. Não fazia diferença se ficariam juntos ou não. Não fazia diferença para ela se as três filhas iriam sentir a sua falta. Imagino que nem deva se lembrar de nós agora.

Mas era diferente comigo, com Catharina.

Faria diferença.

Precisava fazer.

Ela disse que a vida era passageira, mas no fundo, talvez, ela também pensasse como eu.

Que o nosso encontro não precisava ser passageiro.

Eu só precisava ter certeza disso.

— Obrigada, pai. — Respondi com um sorriso forçado, ainda que traços de esperança se escondessem nele.

Ele deu um tapinha no alto da minha cabeça e se levantou, dizendo que traria um pouco de comida para mim. Agradei e lembrei de dizer que o amava, que não me importava com as suas peculiaridades porque eu também tinha as minhas: ser uma emocionada e emotiva demais.

Depois que ele saiu, decidi caminhar lá fora para pensar no que fazer. Peguei o violão. Quem sabe uma música me ajudasse a tomar uma decisão. Ir até Catharina era uma opção, mas não conseguiria conversar com ela com os pais por perto; e, sinceramente, não parecia um bom momento para falar dos meus sentimentos e dos dela enquanto outros problemas eram mais importantes.

— Mas nossos sentimentos não são importantes? — Murmurei sozinha enquanto caminhava, torcendo os lábios para tentar diminuir minha inquietação. — Teu tempo tá acabando, Anaju, pensa em alguma coisa pelo menos uma vez na...

Quack.

Eu parei de imediato.

Adiante, preso no galinheiro, estava o pato. Estava lá provavelmente porque ele seguia Catharina em todos os cantos e não gostava que se aproximassem dela — o que era um problema quando tinha visitas em casa.

Eu não tinha nenhum afeto por essa criatura raivosa e vingativa.

Mas ele poderia me ajudar.

A tentativa me renderia algumas cicatrizes, uma quase-morte e algum membro amputado — estava sendo irônica e dramática —, mas se fosse pela garota dos meus sonhos... eu estava

disposta a correr esse risco.

Como tantos outros que corri por causa dela.

Tudo que eu precisaria era de um papel, uma caneta e uma música para nos aproximar.

Tudo interligado por um pato.

Um pato que, se desse certo, eu podia aprender a gostar.

Ou não.

CAPÍTULO 26

Caderno da Catharina

Não preciso esperar o futuro para escrever uma resposta aqui.

Posso fazer isso agora.

Mas não vou escrever.

Não mais.

Ana Júlia me mostrou uma música que diz sobre cansar de escrever e isso faz tanto sentido para mim.

Porque agora, finalmente,

Eu

tenho

coragem

de

falar.

Você é corajosa, Catharina.

E um dia terei tanta coragem que vou mostrar cada letra aqui escrita para ela, para a garota que significa tanto para mim.

Catharina

Bicadinhas na porta me despertaram em algum momento da noite. Eu havia dormido o dia todo depois de tanto chorar. Minha cabeça doía. Meu corpo inteiro reclamava. Apenas uma consequência de todo o estresse que foi a minha manhã com a chegada dos meus pais e a discussão com minha vó. Tudo que ouvi estava entalado, sufocando a minha respiração. Tantas mentiras. Tantos desentendimentos. Tudo pela dificuldade de minha mãe em entender os filhos. Mas eu não conseguia sentir raiva, deveria, mas não conseguia. Todos esses anos pensando que ela me odiava quando, na verdade, ela não sabia se aproximar. Ainda assim, não era um motivo para me afastar forçadamente de minha vó e me fazer acreditar que ela não me ligava, não queria saber de mim, porque eu não valia a pena.

As batidas na porta continuaram e não encontrei forças para me levantar e abrir. Estava

enrolada nas cobertas, agarrada nos livros que me eram tão preciosos, tentando organizar a minha cabeça. Um quack emburrado soou quando alguém abriu a porta, revelando o semblante irritado da minha vó. Ela resmungou com o pato, algo sobre colocá-lo na panela, mas deixou o mal humor de lado ao me ver. Fechou a porta e se aproximou da cama, observando a ave saltar entre os cobertores, o rabinho balançando animado. Ele se enfiou nos tecidos e se ajeitou ao meu lado, grasnando como se reclamasse da presença da minha vó.

Eu o abracei com cuidado e um aperto no peito quase me arrancou algumas lágrimas. Segurei-as com esforço.

— Não vai jantar? Teus pais já levantaram e tão lá embaixo. — Dona Catharina comentou e se sentou na ponta da cama, ignorando as ameaças do pato. Bastaria o olhar dela, e sua ameaça silenciosa de cozinhá-lo, para que ele se acalmasse.

Assenti devagar.

— Daqui a pouco... — Mordi os lábios ao me lembrar da chegada de Anaju. Não tive coragem de ficar e falar com ela. Estava tão atordoada e cansada que corri para o quarto como uma garotinha assustada. — A Ana... — Fiz menção de perguntar.

— Eu pedi que ela fosse para casa. — Minha vó descansou as mãos no colo, a preocupação em seu rosto era palpável. — Ela descobriu algo importante sobre o vazamento e... queria vir te tranquilizar, dizer que tudo vai dar certo.

Tudo sempre dava certo com ela, pensei em silêncio e me senti pior por ter a ignorado aquela hora. Às vezes, eu me perguntava se realmente merecia o amor e a dedicação que a garota tinha por mim.

No passado, diria que não.

Que eu não merecia.

Que não valia a pena.

Mas o tempo com ela — mesmo que tão curto — me fez aprender que eu podia também merecer ser amada. Que eu valia a pena.

Você merece alguém como ela, Catharina.

— Ela perguntou se teus pais vão te levar embora.

Não respondi.

Apenas me lembrei dela.

Da nossa noite.

— Eles vão? — Mas minha vó insistiu como se também estivesse ansiosa pela minha resposta.

As lágrimas vieram sem pedir licença.

— O que eu faço... — Sussurrei.

Não era culpa minha. Eu não sabia o que fazer. Era uma garota de vinte anos assustada com o futuro. Eu não queria ser um peso para ninguém — para os meus pais, para Anaju ou para minha vó.

Eu só queria viver.

Mas o que eu viveria se voltasse com eles?

— O que tu queres fazer, Catharina? — Ela rebateu. — Não foi tu que reclamaste que

sempre querem escolher por ti? Tua vida. Teu tratamento. Todos os passos que seguiu até hoje. Quando tu vais falar o que realmente quer sem medo?

Eu limpei as lágrimas, envergonhada, mas sem coragem de responder.

Ela continuou depois de um suspiro.

— Não te culpo, pra falar a verdade. Não sou diferente de ti, minha neta. Sempre vivi o que os outros queriam. Teu vô sempre se orgulhou muito da vinícola, mesmo que não tivesse importância pra mim. Eu gostava daqui. Dessa casa. De cuidar da estufa. — A voz dela chegou a estremecer por um instante. Mas ela se recompôs depressa. — Teu irmão sabia disso e sempre dizia que eu precisava vender a vinícola e descansar, ficar aqui. E tive medo de fazer algo que queria porque precisava cuidar das coisas do teu avô. Então, perdi o meu neto e não consegui mostrar a ele que podia fazer algo por mim. Eu me arrependo todos os dias, Catharina. Todos os dias.

Ela limpou o rosto depressa.

— Nunca mais. — E respirou fundo. — Iniciei o processo de venda da vinícola. Por isso passei o dia e a noite lá... precisava resolver isso tudo. Não comentei com tua mãe ainda, mas ela logo será informada porque uma parte será dela. — Vovó ajeitou o cabelo para disfarçar o quanto estava nervosa. Era péssima em esconder. — Só quero dizer que... faça o que tu tenha vontade, Catharina. A tua avó vai te apoiar e vai continuar aqui nessa casa velha. Quando quiser me visitar, eu vou estar te esperando... — Eu não esperava vê-la sorrir discretamente no fim.

Não consegui evitar e, afastando o pato, me levantei para abraçar minha vó, que retribuiu com a mesma intensidade.

Diziam que o inverno no sul do Rio Grande do Sul era gelado. Mas aquele lugar, perdido entre os vales, que no começo odiei ficar, não lembrava nada da estação. Era acolhedor e quentinho. E todo ambiente, não importava quão frio fosse, quão longe estivesse, poderia ser como o verão se as pessoas certas estivessem lá para te abraçar. Como minha vó. Como Ana Júlia. Como meu fiel patinho.

— Obrigada, vovó. — Sussurrei.

Ela assentiu e se afastou.

— Eu que agradeço... pela chance.

— Ora. — Limpei as lágrimas e sorri. — Como se fosse preciso agradecer.

Minha vó se levantou da cama e se ajeitou, dando tapinhas no vestido.

— Tô lá embaixo te esperando...

Assentindo, eu me despedi dela e recebi bicadinhas delicadas no braço. O pato estava tentando chamar a minha atenção, a gravata torta em seu pescoço. Imaginei que tivesse desarrumado quando se enfiou nas cobertas.

Fui arrumar, mas vi que algo estava enfiado entre o laço.

Não era sujeira. Era um papel.

Retirei-o com cuidado, entre os grasnados birrentos, e percebi que era *algo* dobrado... uma mensagem.

Meu coração se acelerou.

Eu o abri depressa e me deparei com a letra de Ana Júlia.

As palavras atropelavam uma às outras no bilhete, como se ela houvesse escrito correndo.

As lágrimas que antes haviam secado tornaram a aparecer, insistentes a cada verso lido e borrado pelas gotas que caíam sobre ele.

O inverno não terminou.

Nós não precisamos terminar.

E tantas outras palavras que, no fim, entre um choro contido, fizeram um sorriso ganhar o meu rosto.

Boba, sussurrei e abracei o pato.

Bobona demais.

Ana Júlia estava certa: o inverno não podia terminar.

Com a coragem que eu não sabia que tinha, guardei o bilhete, coloquei os meus tênis e sai às pressas do meu quarto.

O que você quer, Catharina?

Eu queria viver.

Quando cheguei à cozinha, deparei-me com meus pais sentados à mesa, conversando em inglês. Minha vó estava próxima a porta dos fundos, entreaberta; como se observasse lá fora em busca de alguém. Não me viram chegar, mas os passos desajeitados do pato que me seguia, e seus quack-quacks eufóricos, fizeram com que a atenção dos três caíssem em mim.

Meu pai se levantou para me encontrar e tentou sussurrar o meu nome.

Interrompi-o com minha fala.

— Eu estou bem. — Respondi como se pudesse ler a preocupação escondida na expressão de Andrew. Olhei de relance para a minha mãe, que parecia incerta do que dizer. — Eu realmente estou bem.

— Desculpe por mais cedo, filha... eu... — Andrew começou e se perdeu nas próprias palavras. — Não queremos mais errar com você... — Então olhou para Laura como se buscasse apoio. Ela assentiu e se aproximou. Era estranho vê-la tão frágil. Era irônico pensar que a suposta rigidez que sempre acreditei ser uma consequência do desgosto por mim era apenas uma máscara.

Uma máscara como as minhas — que por tanto tempo esconderam quem eu era realmente.

— Vamos recomeçar. Sem nada para atrapalhar. Vou dar uma pausa em minha carreira e cuidaremos de você. Queremos te ajudar e ser os pais que você merece... e o que quiser, você pode pedir. Eu e sua mãe estamos aqui, sempre vamos estar.

Baixei a cabeça e assenti.

— Eu sei...

Minha vó se manteve quieta, observando de longe.

Entre meus dedos, o bilhete de Ana Júlia se escondia. *Tu sabe onde vou estar. Sempre. Te esperando.*

Eu sei, repeti em pensamentos e olhei diretamente para meu pai.

— Vocês conheceram a Ana Júlia? — Decidi perguntar.

— Ah, sim. — Andrew respondeu e coçou a barba recém feita. — Uma garota muito

simpática. Ela é sua amiga?

Minha amiga...

— Ela me ajudou muito... — Sussurrei e apertei o bilhete em minha mão. Senti o olhar de minha vó cair em mim, o segredo desejando sair. Era como se dissesse novamente: o que você quer, Catharina? — Anaju é muito mais que a minha amiga.

Seja Catharina.

Você é Catharina e você precisa dizer o que sempre teve medo.

— Eu a amo. E foi a insistência dela... — Pensei em seu sotaque durante a pausa. Pensei em todas as nuances que aquela garota do interior tinha. A expressão emburrada, a exagerada timidez e a coragem de correr uma tempestade maior do que ela. — que me deu forças para continuar.

— Filha... — Minha mãe tentou falar, não parei.

— Eu amo a Ana Júlia e eu quero que ouçam de mim o que eu preciso dizer: sou lésbica e gosto de garotas. E pela primeira vez na minha vida, eu não estou com medo dos meus sentimentos.

Pelo canto dos olhos, o sorriso discreto de minha vó me incentivou.

Eu não esperei pela resposta dos meus pais.

Não me importei em ouvi-los ou em saber se aceitavam ou não.

Eu me aceitava e era o suficiente.

Então, sem pedir licença ao correr, fui ao lugar que sabia que a encontraria.

O vale da nossa tempestade.

Do nosso começo.

Do nosso fim.

CAPÍTULO 27

Lucas Silveira ao escrever Milonga deixou claro a parte do: “vou te esquecer”. A única que não concordo ele. Porque eu não vou. Eu nunca vou te esquecer.

Ana Júlia

*Eu não quero lembrar que eu vou acordar...
Sabendo que meus olhos não vão te encontrar...*

A música preenchia o vale. Era a segunda vez que eu a tocava, a segunda vez que minha voz desaparecia escuridão abaixo. Estava frio, era ainda o inverno; mas a temperatura anunciava o fim próximo daqueles dias. A estação no Rio Grande do Sul sempre era uma incógnita. Havia momentos em que o clima quase congelava e era preciso, contra vontade porque apertava os dedinhos do pé, usar três meias para se esquentar. Então, vinte e quatro horas depois, uma reviravolta colocava o tempo ao avesso. Calor. Abafamento. Um sol de rachar. As mesmas horas passavam e o frio anterior retornava como se nós tivéssemos uma prova do que era ter verão e inverno ao mesmo tempo.

Nenhuma garganta sobrevivia; e era comum, em meados do fim de julho, ver pessoas reclamando de nariz entupido, de voz rouca, do conhecido efeito cebola — de tirar as camadas de roupas ao longo do dia porque a temperatura começava na casa dos dois graus e, num piscar de olhos, chegava aos trinta. Só quem não era do Sul não entendia... e, às vezes, até os sulistas ficavam confusos com as mudanças abruptas. Inverno. Verão. Frio. Calor.

Meus dedos deslizaram nas cordas.

Era inverno, mas sentia como se fosse verão quando estava perto dela.

Estava frio, mas o calor era o que nos rodeava em momentos que, uma perto da outra, desejávamos que o tempo nunca passasse.

*Não, eu não quero lembrar...
Vou te esquecer... vou te esquecer.
Por que você insiste em dizer que ainda existe vida...*

A música terminou e o silêncio do vale permaneceu.
Nunca vou te esquecer.

Abracei o violão antes de tocar pela terceira vez a mesma música. Na verdade, eu não sabia o porquê estava tocando. Se era a sensação aquecida que ela me passava, do que ela me ajudou a experimentar, ou se era uma ilusão boba de uma garota que se apaixonou demais por algo que não teria no futuro. Eu havia sido idiota demais, emocionada como sempre.

Era óbvio que não ia dar certo.

Mas não podia me lamentar: porque eu me joguei aqui, eu caminhei até aqui e escolhi esse fim sabendo o quanto iria me machucar.

Uma súbita vontade de chorar no colo da minha amiga me atingiu. Domenica avisou, me alertou.

Tu vai sofrer.

— Talvez seja assim, não? — Murmurei sozinha e coloquei o violão de lado. — Talvez...

Fosse para ser assim.

E se no começo eu soubesse como terminaria faria tudo de novo.

Catharina estava certa em dizer que a vida era passageira. Porque ela, de fato, era. Mas algumas coisas passageiras valem uma vida toda.

E ela valia.

Eu me esforcei para sorrir quando queria chorar. E pensei em voltar, seguir a minha vida, sem pensar que amanhã, quem sabe, ela fosse embora.

Ana Júlia, Ana Júlia... repeti em pensamentos. Tu não tem jeito, sabia?

Eu me levantei de onde estava sentada. Antes que pudesse me virar, um peso se chocou com as minhas costas. Um peso com braços e um cheiro tão familiar. Que eu estava esperando. Que eu precisava. Foi como se meu corpo inteiro houvesse congelado. E não era por causa do frio. Eu me virei centímetros, o suficiente para olhar de canto.

A touca de orelhinhas.

Os cabelos ruivos e rosados.

Eu ia morrer.

A Ana Júlia do passado ficaria parada e sem o que fazer — como um bichinho do mato. Mas a do presente era outra, estava apaixonada; e a garota que ganhou o seu coração, antes sempre quebrado e assustado, estava bem ali. Não hesitei e me virei: abracei Catharina como se estivéssemos nos despedindo. Talvez fosse uma despedida. Ela retribuiu, uma risada abafada contra meu peito. Por impulso, ou porque eu queria realmente, coloquei tudo para fora.

Palavras que eu nunca diria se não fosse por ela.

— Eu entendo o que tu disse sobre a vida ser passageira e... — Ela tentou me interromper, mas não deixei. Fiz um shiii baixinho e continuei. — E tá tudo, tudo bem. Mas antes de ir, eu queria te dizer só uma coisa. — Minhas mãos subiram ao seu rosto, segurando com cuidado. Queria me lembrar dos olhos verdes dela para sempre. — Se voltar um dia pra visitar a tua avó... eu vou tá aqui, no mesmo lugar, vou tá sempre no mesmo lugar esperando por ti. Com aquele pato maluco e endiabrado. Me ouviu bem? Sempre. Sim, Catharina, a vida é passageira, muitas coisas são, mas pra mim, o nosso encontro nunca vai ser.

Não pedi licença para tocar os seus lábios nos meus. Como era bom poder sentir um beijo como o dela. Sem frio. Sem gosto de inverno. Ela retribuiu com a mesma intensidade, segurando o meu moletom entre os dedos. Quando nos separamos, ela descansou o rosto em meu peito e

deixou um suspiro subir através da noite gelada. Não soltei o seu corpo. Tive medo de que desaparecesse.

— Anaju... — Ela me chamou sem se mexer.

Um hum preguiçoso escapou de minha boca.

— Eu amo você.

Firmei os meus braços ao seu redor.

O tamanho de Catharina em comparação ao meu parecia uma coincidência.

Ela se encaixava tão bem em mim que eu poderia me manter abraçada nela por horas e mais horas.

Ou talvez eu estivesse só sendo a velha Ana Júlia emocionada.

— Eu também te amo.

Catharina se afastou devagar para a minha frustração, o suficiente para poder me encarar. A ponta de seu nariz estava vermelha.

Vermelha e fofa.

— Você me ajudou tanto... Você me ajudou a ver o que eu não conseguia por medo... medo de rejeição, medo de ser um estorvo. Mas ainda eu tenho muito o que mudar, muito o que aprender. Eu vou ainda cair... e sentir medo muitas outras vezes. Ainda tenho medo de ir ao centro da cidade por causa das fotos. Tenho medo de tempestades. E tenho, muito medo de você mudar.

Estalei a língua.

— Eu fiz uma promessa, não fiz? Tu me obrigou, sabe. — Revirei os olhos em encenação apenas para ouvir Catharina rir.

— Então se eu cair... você vai me ajudar a levantar.

— Sempre.

Catharina se afastou de mim por completo, separando o calor entre os nossos corpos. Eu queria protestar e ser a garota emburrada que ela tanto se referia.

Ela olhou para o vale por um instante — quase rodopiando como se estivesse experimentando a noite, o frio, o momento. Então, se virou para mim e sorriu, tão encantadora com aquelas ridículas — e fofas — orelhinhas.

— Me diga, *minha* Ana Júlia, — meu coração bateu errado no minha, talvez eu fosse morrer. — Eu vou cobrar amanhã, depois de amanhã, todos os dias.

Eu já estava morta, na verdade.

— Porque eu vou ficar com você, com a vovó e com o meu pato.

Morta.

Morta demais.

Ela percebeu o que causou em mim: a completa reação de me-belisca-para-ver-se-não-estou-sonhando-ou-me-beija-para-eu-morrer-feliz. Catharina riu de novo. Riu com tanta honestidade, sem máscara alguma, que era impossível não sorrir. Como eu amava aquela garota.

Ela estendeu a mão em minha direção.

— O que você está esperando, Anaju?

O que eu estava esperando?

Eu não sabia. Ou soubesse e estivesse incapacitada de responder. Porque o *eu vou ficar* ainda ecoava em mim.

— *Vai me pegar pelos dedos para dançar enquanto o sol demora?*

Era isso que eu estava esperando. A certeza. A realidade. De que eu não estava sonhando e de que a Catharina estava diante de mim. Para ficar.

As lágrimas foram involuntárias em meus olhos.

Talvez um conto de fadas lésbico não fosse tão impossível assim.

Com um sorriso, dei um passo à frente e a peguei pelos dedos, unindo nossas mãos e aproximando nossos corpos novamente.

— *Até a luz do sol se acabar.*

Um conto de fadas lésbico com as músicas da Fresno.

Aquela era uma boa história para contar.

EPÍLOGO

Catharina

O abraço do meu pai foi caloroso.

Ele se demorou no gesto, um sussurro embargado no *eu te amo, minha garotinha* que veio a seguir. A manhã estava gelada e uma fina camada de geada no campo. Apesar do horário, sete horas em ponto, não se ouviu reclamações sobre o tempo ou o cansaço. Os cinco dias na fazenda foram o suficiente para que meus pais entendessem que não havia espaço para o que minha vó chamava de *corpo mole*. Os problemas poderiam estar se resolvendo, mas os animais continuavam com fome e as tarefas nas terras não esperavam. E estava quase no meu horário de alimentar as galinhas com Anaju.

A garota estava um pouco atrás, próxima à minha mãe, que parecia trocar uma palavra ou outra com ela. As malas estavam já no carro e não havia muito o que fazer além da despedida. O voo de Andrew e Laura estava marcado para o início da tarde e precisariam enfrentar a estrada até chegar ao aeroporto na capital.

— Vou ligar todos os dias.

Ele não ligaria. As coisas estavam mudando, mas alguns hábitos levariam anos. Nada se muda da noite para o dia. E estava tudo bem, eu não me importava tanto. Era diferente agora: tinha companhia e não me sentia mais sozinha.

— Eu vou ficar bem. — Reforcei quando nos afastamos. Não havia sido difícil conversar sobre a minha decisão com os meus pais. Anaju esteve comigo e não soltou a minha mão quando falei que queria ficar com minha vó muito mais que o inverno e o verão. Apesar dos protestos de minha mãe, meu pai entendeu o meu lado e me apoiou, dizendo que tomaria conta de Laura para que não se afetasse tanto com a minha falta. Minha vó não precisou certificá-lo que tudo ficaria bem, o olhar dela bastava; e, na indiferença típica, vi o quanto Dona Catharina esbanjava alívio.

Meu pai assentiu e olhou para Ana Júlia, que não percebeu estar sendo vigiada.

— Ela vai cuidar de você?

Olhei para a minha namorada de relance.

— Ela sempre cuidou de mim.

Namorada era uma função nova entre Anaju e eu. Cinco dias antes, quando retornávamos para a casa da minha vó, eu perguntei como poderia me referir a ela para meus pais. Foi um questionamento ingênuo... sequer tinha segundas intenções. Mas a garota olhou para mim e indagou: ‘namorada?’. A audácia foi surpresa até para ela que tentou desconversar em seguida.

Mas somos namoradas?, me lembro de ter perguntado.

Somos?, ela repetiu porque tinha vergonha demais para dar o primeiro passo.

Somos ou não?, insisti.

Ana Júlia havia chutado uma pedrinha que estava no caminho.

Tu pode me pedir em namoro pra testar.

A tentativa dela havia sido ótima e me lembro de ter rido com um fragmento de indignação.

Você namora comigo, Ana Júlia?

Ela riu também e respondeu com a pior encenação de seriedade possível. Anaju sempre foi péssima atuando.

Tu ainda pergunta?! É claro que sim!

Então, a partir daquele dia, estávamos namorando. Apesar de que apenas meu núcleo familiar, e o dela, sabiam disso. Era o suficiente. Ainda não estava pronta para encarar a cidade e as pessoas depois das fotos que vazaram; e levaria tempo até eu conseguir visitar o centro novamente, mas eu não estava preocupada. Gostava daqui, desse lugar.

Tudo o que eu precisava estava bem ao meu lado.

— Catharina. — A voz da minha mãe me pegou desprevenida. Eu me virei para ela, e recebi um abraço em seguida. O súbito gesto me deixou sem reação por segundos, mas me esforcei para abraçá-la de volta. — Eu realmente sinto muito. Eu queria que...

— Mãe. — Tranquilei-a e sorri. — Está tudo bem. Eu ficar não quer dizer que não quero mais contato com vocês. Pensa como... um recomeço. Sempre vou ser a sua filha e... você é a minha mãe. Podemos recomeçar, sem mentiras dessa vez.

Ela assentiu devagar.

— Terá que nos visitar também...

— Se Anaju não tiver medo de avião. — Tentei aliviar a atmosfera, mas Laura era séria demais para isso. Ao invés de rir, aproximou-se e depositou um beijo em minha testa. O gesto me surpreendeu.

— Quero apenas o seu bem... e que seja feliz.

— Eu sei.

Com isso, a despedida terminou. Minha vó decidiu ficar dentro de casa, já havia conversado com meus pais e preferiu o seu fogão a lenha ao invés da geada congelante do exterior. Quando eles entraram no carro, Anaju segurou a minha mão e me trouxe contra seu corpo, permitindo que eu soluçasse baixinho. Estava tudo bem, ficaríamos bem, mas ainda doía vê-los partir.

— Tá tudo bem? — Ela perguntou quando o carro partiu.

Assenti e me agarrarei a ela.

— Vai ficar.

Um *quack* emburrado soou atrás de nós.

Anaju revirou os olhos e bufou alto demais.

— Esse bicho dos infernos vai ficar seguindo a gente o tempo todo?!

Fiz um biquinho magoado.

— Não chama ele assim.

— Vou chamar como? Até hoje esse filhote de demônio não tem nome. A própria dona dele não consegue se decidir!

Eu fiquei na ponta dos pés se segurei as bochechas de Ana Júlia.

— Mas é difícil! São tantos nomes que eu posso escolher...

Ela fez uma linha reta com os lábios.

— Sim, claro. Porque *Capitão Rodrigo Cambará, Pedro Missioneiro* e... qual era o outro mesmo?

— *Eugênio Fontes!*

— Pelo amor de Deus! De onde tu tirou essas aberrações?! — Ela ergueu os braços como se realmente estivesse desacreditada. Eu já havia me afastado. — É um pato, guria. Só precisa de duas sílabas. Sei lá, chama ele só de pato e pronto.

— Dos livros que você me deu, ora! — Coloquei as duas mãos na cintura.

— Péssima escolha. — Anaju olhou para o pato. — Ela quer chamar você de *Capitão Pedro Cambará Fontes*, sabe? Isso é praticamente dizer que te odeia em outras palavras.

— Ana!

— Pato, pronto. Batizado.

— Ana! — Eu repeti e me agarrei a ela novamente. — Você não perde o costume, não é, minha emburradinha?

Ela riu. E percebi que por trás da risada, e das birras, havia um traço de timidez. O rosto dela estava começando a ficar vermelho.

Nunca mudava.

— Minha... — Anaju sussurrou e colocou, sem jeito, uma mecha de cabelo para trás da orelha.

— Minha. — Repeti e fiquei na ponta dos pés para me aproximar de seu rosto.

— Sua. — Ela respondeu.

E me beijou.

E no frio, no fim da estação,

Nenhum dos nossos beijos tinha gosto de inverno.

AGRADECIMENTOS

Essa para mim sempre foi a melhor parte em escrever um livro: agradecer as pessoas que estiveram comigo em todo esse processo e que me apoiaram mesmo quando eu não confiava mais em mim.

A história da Anaju e da Catharina começou há muito tempo: exatamente no começo de 2021. E eu infelizmente precisei dar uma pausa na escrita porque em Agosto do mesmo ano, perdi a minha vó, Selma Fernanda, que, sim, foi a minha maior inspiração para escrever a Dona Catharina. Ela tinha o jeitinho ranzinza dela, meio calada quanto aos seus sentimentos comigo, mas que sempre fez de tudo por mim e pelos netos. Vó, você não está aqui hoje, mas o meu primeiro agradecimento é teu. Obrigada por tudo, nunca vou te esquecer e me lembro de você todo os dias. Sempre será minha eterna, Fê.

Também é impossível não agradecer a minha mãe. Porque, no fundo, como eu, ela sabe o quão difícil é uma perda como essa e ela foi o meu ombro por muito tempo e ainda é. Amo você, mamãe. Não chora, a Fê está bem agora e feliz pela gente.

Esse próximo agradecimento também é especial, de alguém que entrou em minha vida tão de repente e se tornou tudo que um dia eu sonhava em ter. Obrigada, Gabriela Carniel, mais conhecida como 'meu amor': os agradecimentos não são só para você como também dediquei este livro a você. Nossa vida está só começando e eu sou muito feliz por te ter ao meu lado, me apoiando em tudo. Você é a minha Anaju e se eu cair, eu sei que vai me levantar.

Não posso deixar de agradecer os amigos que sempre me apoiaram, me ouvindo reclamar de frustrações e do cansaço: Leonardo Bez (estou com saudade de jogar com você e sair correndo no meio dos bichos!) e Eduardo Andrade (e estou com muita saudade de suas betagens e nossas discussões no discord). Obrigada por cada palavrinha de incentivo.

Por fim, queria agradecer a cada um que me acompanhou e me apoiou até aqui: as meninas do Best Seller, as parceiras e cada leitor que está sempre lá.

Obrigada por tudo.

Com amor,
Yasmim Mahmud Kader
20/11/2022



SOBRE A AUTORA

Yasmim Mahmud Kader cresceu com fanfics de caráter duvidoso (mas que adora até hoje) e com jogos de vídeo games que a incentivaram a escrever histórias secretas em seu caderno. Apaixonada por Literatura, formou-se em **Letras** e fez **Mestrado e Doutorado em Estudos Literários** na Universidade Federal de Santa Maria ao mesmo tempo que escreveu sete livros. Hoje, com 31 anos, conta histórias de mulheres que amam outras mulheres, todos com um toque de sua essência: músicas emo da Fresno, pelos de gatos emburrados e lésbicas felizes. Atualmente, Yasmim mora em Santa Cruz do Sul, no interior do RS, com sua mulher e cinco gatos muito temperamentais.

Seu próximo livro é **Não é só de amor que eu sei falar**, previsto para 2023.

Instagram: [@yayasuminu](https://www.instagram.com/yayasuminu)

Twitter: [@yayasuminu](https://twitter.com/yayasuminu)

Tiktok: [@yayasuminu](https://www.tiktok.com/@yayasuminu)

^[1] Referência à música *Grave Acidente* da Fresno, lançada em 2021 no álbum *Vou ter que me virar*.